

Este livro põe à disposição do leitor os elementos essenciais da programação em código máquina e desfaz a falsa ideia de que esta linguagem não é para todos.

O código máquina é uma linguagem de computador, exactamente como é o BASIC. Quem conhece instruções de BASIC compreenderá facilmente as instruções do código máquina e poderá vir a construir os seus programas de forma muito avançada até atingir a incrível velocidade desta linguagem de alta resolução.

Não estamos perante uma obra para ler e arrumar na estante. A sua leitura será sempre compensadora e demonstrará que o Spectrum não serve só para vencer invasores espaciais. Vale a pena saber dominá-lo a fundo!

Todos os programas deste livro foram verificados e testados pelo Gabinete Verbo de Informática.



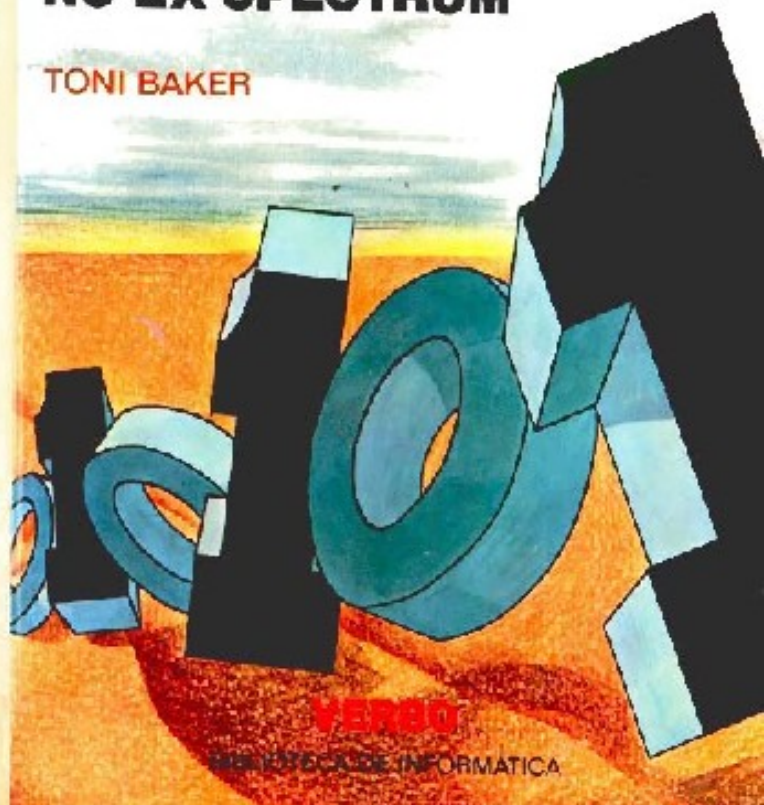
BIBLIOTECA VERBO DE INFORMÁTICA

3  
O DOMÍNIO DO CÓDIGO MÁQUINA T. BAKER  
verbo

# O DOMÍNIO DO CÓDIGO MÁQUINA

## NO ZX SPECTRUM

TONI BAKER



TONI BAKER

# **O Domínio do Código Máquina no ZX Spectrum**

**Verbo**

Título original: *Mastering Machine Code On your ZX Spectrum*

©Copyright by Toni Baker, para o texto,  
e Cathy Lowe, para as ilustrações, 1984  
Tradução de Maria da Luz Martins  
Revisão técnica de Miguel Martins  
Capa de Luís Anglin  
Direitos reservados para a Língua Portuguesa  
EDITORIAL VERBO, Lisboa/São Paulo  
N.º Ed. 1595  
Composto por Fotocompográfica  
Impresso por Empresa Litográfica do Sul  
em Abril de 1985  
Depósito Legal n.º 7932/85

# ÍNDICE

<b>Capítulo 1: Introdução</b>	9
<b>Capítulo 2: Introdução ao hexadecimal e ao código máquina</b>	11
NUMERAÇÃO HEXADECIMAL	13
CRASH	15
COMO EVITAR FALHAS	15
<b>Capítulo 3: Aritmética simples</b>	17
A INSTRUÇÃO LD	19
TRANSFERÊNCIA DE UMA VARIÁVEL A OUTRA	21
SOMA DE CONSTANTES	26
E POR FIM (NO QUE RESPEITA A SOMAS)	27
SUBTRACÇÃO	28
<b>Capítulo 4: PEEK e POKE e mais algumas coisas sobre LOAD</b>	33
UMA LIÇÃO SOBRE PEEK	33
POKE EM CÓDIGO MÁQUINA	37
COMO CARREGAR BLOCOS	40
REPETIÇÕES	41
<b>Capítulo 5: Empilhando e saltando</b>	43
A PILHA (STACK)	43
PUSH	45
POP	47
ALTERAR SP	47
CALL	52
<b>Capítulo 6: «Bits» e «bytes»</b>	55
A PILHA	55
INSTRUÇÕES SOBRE «BITS»	57
ROTAÇÕES	59
SET E RESET	62

Capítulo 7: Impressão no «écran»	54	Capítulo 18: Aritmética em vírgula flutuante	257
IMPRESSÃO DE UM TABULEIRO DE DAMAS	54	COMO UTILIZAR OS NÚMEROS DE VÍRGULA	
SUB-ROTINAS COM DADOS	55	FLUTUANTE APROPRIADAMENTE	262
A ORGANIZAÇÃO DO «ECRAN»	56	EMPREGO DA MEMÓRIA DO CALCULADOR	268
		NÚMEROS ALEATÓRIOS	270
Capítulo 8: Um dicionário de código máquina	82		
REGISTOS EM CÓDIGO MÁQUINA	82	Apêndices	276
O CONJUNTO COMPLETO DAS INSTRUÇÕES	84		
Capítulo 9: Mais lugares onde guardar código máquina	98		
UTILIZANDO REM	99		
USO DA ÁREA DE MEMÓRIA DESTINADA AO PROGRAMA	102		
PASSAGEM DE PARÂMETROS PARA ROTINAS			
EM CÓDIGO MÁQUINA	104		
Capítulo 10: Um programa auxiliar	107		
Capítulo 11: Exploração do teclado	141		
GRAFFITI	150		
Capítulo 12: Damas — primeira parte	153		
Capítulo 13: Um toque de cultura	173		
DESENHOS	177		
LIFE	180		
Capítulo 14: Damas — segunda parte	187		
Capítulo 15: Jogos gráficos	199		
ESPIRAIS	199		
BREAKOUT	204		
Capítulo 16: Damas — terceira parte	216		
Capítulo 17: Desassembling a ROM	227		
DESASSEMBLAR	232		
SUB-ROTINA ZERO — SPLIT	240		
SUB-ROTINA UM — LITERAL	242		
SUB-ROTINA DOIS — LIST-G	242		
SUB-ROTINA TRÊS — LIST-H	242		
SUB-ROTINA QUATRO — SELECT-G	243		
SUB-ROTINA CINCO — SELECT-H	243		
SUB-ROTINA SEIS — SKIP	243		
SUB-ROTINA SETE — KSKIP	243		
O PROGRAMA COMO UM TODO	243		



## Introdução

Este livro é dirigido a todos aqueles que têm conhecimentos razoáveis de BASIC, mas cujo conhecimento de código máquina é nulo. Começando pelas primeiras noções em programação BASIC, introduziremos gradualmente o conceito de uma sub-rotina em código máquina e desenvolvê-la-emos no decurso do livro, até atingirmos programas completos unicamente em código máquina. Em pouco tempo o leitor verá aumentada a compreensão do código máquina, e dentro em breve começará a escrever os seus próprios programas e rotinas.

A linguagem máquina não é mais que uma segunda linguagem do computador, muito parecida até com o BASIC. Começaremos por aprender as instruções mais simples, familiarizando-nos e chegando a elas por meio de programas BASIC.

Em breve trataremos da escrita de cadeias (*strings*), o que leva ao uso da sub-rotina PRINT na ROM. Mostraremos a rotina pela «impressão» de um tabuleiro de damas, que usaremos mais adiante.

Explicaremos o código máquina equivalente à função INKEYS e usaremos a técnica de «leitura» (*scanning*) do teclado para escrever um programa que simula uma máquina de escrever, imprimindo caracteres que são versões aumentadas dos caracteres normais.

Usaremos a mesma técnica de *scanning* do teclado para produzir notas musicais de uma maneira surpreendente. A máquina produzirá duas oitavas, com que se poderá tocar, a partir do teclado, uma grande variedade de músicas simples.

O computador gerará muitas imagens variadas e fascinantes no programa LIFE, desafiando a habilidade para os jogos gráficos, tais como *spirals* e *breakout*. Também se inclui um programa de jogo de damas com várias características interessantes. Cada programa é explicado minuciosamente para se compreender o porquê de cada instrução.

O estudo pormenorizado da listagem destes programas ensina muito sobre código máquina, mas é claro que o essencial da aprendizagem virá da experimentação. Escreva o leitor os seus

## GLOSSÁRIO DE ABREVIATURAS

capit.	— capítulo	p.	— para
cm.	— comprimento	pr.	— próximo
cód.	— código	prim.	— primeiro
comp.	— computador	quad.	— quadrado
cont.	— contador	rest.	— restaura
coord.	— coordenada	segn.	— segundo
cr.	— carácter	seq.	— sequência
desl.	— deslocamento	sist.	— sistema
dig.	— dígitos	sup.	— superior
dir.	— direcção	tab.	— tabuleiro
endr.	— endereço	tés.	— todos
estr.	— estrutura	últ.	— último
gráfs.	— gráficos	unds.	— unidades
ints.	— interrupções	vns.	— variáveis
máq.	— máquina	vel.	— velocidade
marc.	— marcador	vf.	— verifica
mov.	— movimento	vir.	— verificar
nec.	— necessário		

próprios programas — ou adapte os nossos (que foram feitos com essa intenção); alguns, na realidade, foram deliberadamente escritos de uma maneira susceptível de melhoramento com esse mesmo propósito (no entanto, todos eles funcionarão satisfatoriamente tal como estão).

Para tirar o melhor partido deste livro é aconselhável estudá-lo do princípio ao fim e deve-se tentar alterar ou melhorar um programa quando isso for pedido. Não é difícil, uma vez que o livro progride muito lentamente, mas exige algum esforço mental. Os dois últimos capítulos são bastante ambiciosos. Apresentamos um programa através do qual a ROM pode ser «desassemblada» e dá-se a explicação das sub-rotinas aritméticas — e explicamos mesmo funções complexas como SIN e COS.

Os apêndices do final, muito condensados, são usados como fonte de referência através do livro. Em geral, encontrar-se-á qualquer informação necessária nestes apêndices ou no capítulo 8, que é uma espécie de dicionário de código máquina.

O verdadeiro primeiro capítulo começa na página seguinte, com uma introdução ao uso de «hexadecimal».

## Introdução ao hexadecimal e ao código máquina

O ZX Spectrum está ligado e pronto a funcionar e aquela pequena mensagem de *copyright* ou aquele K a piscar está à nossa frente à espera que introduzamos qualquer coisa. Que fazer em seguida?

O primeiro trabalho é preparar a máquina de maneira que aceite código máquina em vez de BASIC. Isto não é difícil mas, infelizmente, quando Sinclair idealizou a sua máquina, esqueceu-se de incluir um botão que dissesse «Mude para código máquina»; portanto, a maneira de o fazermos terá de ser através de um programa BASIC.

Antes de mais, temos de arranjar lugar na memória do computador onde possamos guardar o código máquina. Para isso, vamos escrever:

```
16K: CLEAR 28671
48K: CLEAR 61439
```

O efeito é bastante claro. A figura 2.1 é uma espécie de diagrama «antes e depois», mostrando o que se passa na parte superior da memória do Spectrum. (Talvez se deva comparar esta figura com o diagrama da página 165 do manual de instrução do Spectrum.) A área a partir do endereço 32600 (16 K) ou 65368 (48 K) até ao endereço 32767 (16 K) ou 65535 (48 K) é toda ela usada pelo computador, mas a área abaixo, quer dizer, à esquerda, no diagrama, está toda livre até à zona da máquina usada pelo BASIC. Podemos mudar este endereço usando CLEAR, que move toda a informação usada pelo BASIC de maneira que o último endereço susceptível de ser usado pelo BASIC é o número a seguir à palavra CLEAR. Nos exemplos acima dados, CLEAR 28671 faria de 28671 o último endereço utilizável por BASIC, por isso 28672 (o endereço seguinte) seria o primeiro endereço não usado pelo BASIC — e portanto livre para ser utilizado por nós para guardar código máquina. Se tivéssemos introduzido CLEAR 29999, poderíamos usar os endereços 30000 e seguintes.

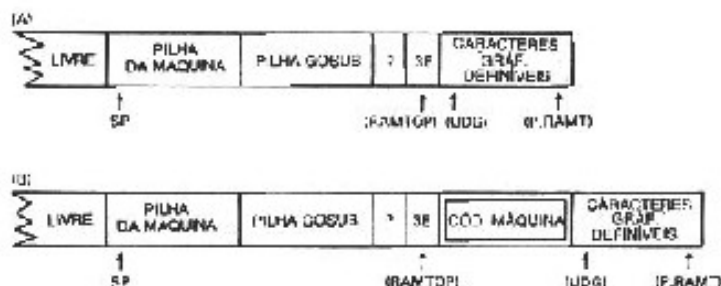


Figura 2.1

Podemos começar. Introduzamos o seguinte programa BASIC:

```

10 LET X = 28672 ou 61440 conforme se trate de 16 K ou de 48 K
20 LET A$ = ""
30 IF A$ = "" THEN INPUT A$
40 LET Y = CODE A$(1) - 48: IF Y > 9 THEN LET Y = Y - 7
50 LET Z = CODE A$(2) - 48: IF Z > 9 THEN LET Z = Z - 7
60 POKE X, 16 * Y + Z
70 LET X = X + 1
80 LET A$ = A$(3 TO 1)
90 GO TO 30
  
```

Compreende-se como o programa funciona? Ou pelo menos o que é que ele faz? Em resumo, ele aceita um programa em código máquina e guarda-o no endereço 28672/61440 e seguintes. Para sair do programa é preciso introduzir EDIT (*shift* 1) para apagar as aspas e então STOP (*shift* A) (sem aspas), antes de introduzir ENTER. Isto pára o programa, com a indicação II STOP em INPUT. Repare-se que, apesar de permitir introduzir código máquina, este programa não tentará corré-lo.

Explicaremos agora o que é código máquina. O código máquina, ou linguagem máquina, como é também conhecido, é uma outra linguagem de computador muito semelhante ao BASIC mas a um

nível muito baixo, o que quer dizer que certas instruções ligeiramente complicadas (tais como FOR-NEXT, por exemplo) nem sequer existem. No entanto este motivo leva também a que seja uma língua muito fácil de aprender. Tal como o BASIC, consiste num conjunto de instruções, cada qual ordenando ao computador a realização de uma tarefa diferente e bastante específica. Uma dessas instruções, a RET, é mais ou menos equivalente ao RETURN do BASIC.

No entanto, ao contrário do BASIC, o computador não sabe ler as instruções se elas estiverem em «inglês». Não se pode correr o programa BASIC anterior e introduzir RET porque o Spectrum não o compreende. Para facilitar o trabalho à sobrecarregada máquina, cada instrução em linguagem máquina tem o seu próprio código numérico e estes códigos são directamente compreendidos. Por exemplo, o código para RET é 201. Todos os códigos se encontram entre zero e 255 e é muito mais conveniente escrever estes códigos num sistema chamado hexadecimal.

## NUMERAÇÃO HEXADECIMAL

Em resumo, hexadecimal, ou hex, para encurtar, é um sistema de numeração que usa dezasseis símbolos em vez de dez. Os primeiros dez são os mesmos a que estamos habituados. São eles:

0, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9.

Mas há mais seis símbolos que representam os números dez a quinze e que são:

A, B, C, D, E, F.

As coisas começam a complicar-se quando queremos representar números maiores que quinze, porque, acredite-se ou não, dezasseis escreve-se 10! Pior ainda, dezassete é 11 e dezoito, 12. Assim se continua até vinte e cinco, que se escreve 19, e quando chegamos a vinte e seis começamos a utilizar os novos símbolos mais uma vez: vinte e seis escreve-se 1A e assim por diante.

No final do livro encontra-se uma tabela, o Apêndice 1. O primeiro conjunto de números é uma tabela completa de todos os

números de zero a duzentos e cinquenta e cinco. Destina-se a ajudar a compreender o sistema hexadecimal de numeração. Deve-se tentar usar a tabela o menos possível, mas não nos preocupemos se a princípio for necessário recorrer a ela a todo o momento, pois a habituação ao sistema não demorará.

Os símbolos do lado esquerdo no sentido descendente são o primeiro dígito hexadecimal; os símbolos na horizontal na parte de cima são o segundo. Claro que os zeros situados à esquerda podem ser omitidos, se aparecerem, mas é em geral mais conveniente representar os códigos hex com dois dígitos em vez de um só (por exemplo, escrever 07 em vez de 7).

Se houver confusão sobre se um número está ou não escrito em hex, deve-se torná-lo claro, escrevendo um pequeno "h" (para hex) ou um "d" (para decimal) à direita do número. Assim 19d quer dizer dezanove, enquanto 19h é na realidade vinte e cinco. Na maior parte dos casos, no entanto, não haverá confusão. Números como CD, por exemplo, não podem ser decimais; por isso não há necessidade de escrever CDh (CDd não faz sentido). Contrariamente, por convenção, os números hex são geralmente escritos com um número par de dígitos, de maneira que 118 (que tem um número ímpar de dígitos) quer dizer 118d. 118h seria escrito 0118.

Conhecer os fundamentos da numeração em hex é essencial no que respeita ao código máquina, e por isso será natural voltar a consultar esta secção ou recorrer à tabela do Apêndice 1 — é para isso que ela serve.

Outra nota: 19h diz-se «um nove» ou «um nove hex». Nunca se deve dizer «dezanove» ou «dezanove hex».

Existem algumas diferenças fundamentais entre código máquina e BASIC. Uma delas é a dos números de linha.

Como se sabe, cada linha de programa BASIC deve ser precedida por um número de linha, de maneira que o computador possa saber em que ordem o executará. Se não tiver sido digitado qualquer número de linha, o computador interpretará a instrução como um comando e executá-la imediatamente.

Em código máquina não existem números de linha. O Spectrum não permitirá usar instruções em código máquina como comandos; têm de fazer parte de um programa. As instruções serão executadas pela ordem em que foram guardadas na memória. Por exemplo, se o

computador tiver acabado de executar a instrução guardada no endereço 30000, ele irá seguidamente executar a que estiver guardada no endereço 30001. E continuará assim até receber instruções que lhe indiquem para proceder de outra maneira.

Ao contrário do BASIC, ele não fará STOP quando chegar ao fim do programa. Não lhe reconhecendo o fim, de cada vez que encontrar um número diferente de zero tratá-lo-á como um código para alguma instrução e tentará executá-la. Daqui resultará em geral aquilo a que chamamos *crash*.

Note-se que mesmo o zero é código de uma instrução, a instrução NOP.

## CRAASH

*Crash*, que em português se pode traduzir por «falha» ou «quebra», é o que acontece quando o *Sinclair* insiste em executar qualquer coisa que não devia ou qualquer coisa que não podia fazer. Mesmo um pequeno erro no código pode confundir a máquina. Quando a máquina entra em quebra, o teclado geralmente deixa de funcionar. Uma vez executará NEW, outras o *screen* «congelará», por vezes ficará branco, mas, mais ainda: poderá aparecer no *screen* «um quadro qualquer em estilo moderno». Se isto acontecer logo saberá tudo a esse respeito.

É vulgar tentar sair desse estado de coisas usando a tecla de BREAK; mas ver-se-á então que a tecla não funciona. De facto, em geral, nenhuma das teclas funcionará. A principal razão por que não gostamos das quebras é que a única maneira de voltar ao normal é desligar a alimentação do computador. Ao voltar-se a ligar, perdeu-se todo o programa e será necessário introduzi-lo outra vez. É esta a dificuldade de usar código máquina; se um programa BASIC contiver um erro, ele simplesmente não funcionará, mas se um programa em código máquina contiver um erro, muito possivelmente entrará em quebra.

## COMO EVITAR AS FALHAS

A única maneira de evitar a falha (ou quebra) é ter a certeza de que os programas não contêm erros. Já dissemos que a execução

não parará automaticamente no fim do programa; assim, ele precisará que lho digam com uma instrução específica; essa instrução é RET (RETurn ao BASIC).

Este capítulo tratou da maneira de reservar espaço para programas em código máquina e ofereceu também um programa para carregá-lo. Mas não ensinou como utilizar este programa, nem como fazer correr programas em código máquina, uma vez carregados. Foram apresentados os fundamentos da numeração hex assim como a noção de quebra (*crash*).

Uma vez compreendido este capítulo, pode-se passar ao capítulo três para a primeira lição de programação em código máquina.

## CAPÍTULO TRÊS

# Aritmética simples

Ágora altura de voltar ao programa que no último capítulo fizemos introduzir. A não ser que se tenha feito algum disparate, como desligar a máquina (nesse caso será necessário escrevê-lo outra vez), o programa ainda está na memória. Deve-se guardá-lo em *cassette* com o nome «HEXLD» (SAVE «HEXLD»). Digite-se CLEAR 28671 (16 K) ou CLEAR 61439 (48 K), se ainda não foi feito, e corra-se o programa (RUN).

O programa fica agora à espera de receber uma cadeia (*string*) - um tipo especial de cadeia. O que ele espera receber é um número hexadecimal. Sempre que se queira introduzir uma instrução em linguagem máquina, terá de se conhecer o respectivo código numérico e em hexadecimal.

O código para RET é, como já dissemos, 201. O que é isto em hexadecimal? Dividindo-o por dezasseis, obtém-se doze, resto nove. O código hexadecimal de doze é C e o de nove é 9. No Apêndice 1, vê-se-á que 201 se escreve C9 em hexadecimal. Será coincidência?

Ao introduzir «C9», indica-se ao computador que a primeira instrução do programa em linguagem máquina é RET. Interrompe-se o programa, apagando as aspas e introduzindo STOP. O programa em linguagem máquina está completo. Contém apenas uma instrução: RET. Isto escreve-se usualmente:

C9

RET

Para nos lembrarmos que o código hex para RET é C9. Por vezes, às instruções em linguagem máquina chama-se *opcodes* (códigos de operação) para as distinguir dos correspondentes códigos hexadecimais, *hexcodes*. A máquina usa códigos hexadecimais, pois não reconhece os *opcodes*.

Pelo contrário, nós, os homens, usamos os *opcodes*, uma vez que nos seria difícil pensar utilizando *hexcodes*.

Olhando para o *écran*, vê-se a mensagem H STOP em INPUT. A

máquina volta ao modo de comando e está à espera de uma instrução. Suponhamos que queremos correr o programa em código máquina que acabamos de introduzir. Podemos fazê-lo, quer a partir de um programa, quer a partir de um comando directo, como vamos fazer. Uma vez que o programa foi carregado no endereço 28672 (16 K) ou 61440 (48 K) o comando será:

```
16K: PRINT USR 28672
48K: PRINT USR 61440
```

O computador escreverá no *screen* 28672 ou 61440. Na realidade bem poderia ter escrito apenas PRINT 28672 ou PRINT 61440. Mas pense-se no que aconteceu. Deu-se um número ao computador, o número a seguir à palavra USR. O computador, a partir daí, executou um programa em código máquina com a única instrução RET, isto é, não fez nada. Como não fez nada, não surpreende que o número que se lhe deu chegue ao fim sem ter sido modificado e tenha assim sido escrito inalterado (pelo BASIC, uma vez que lhe mandamos escrever qualquer coisa). Mas não se desanime com este exercício. Já se usou a instrução USR e decerto se compreendeu por que motivo ela fez aquilo que fez. Correu-se um programa em código máquina, embora simples, sem ter perdido o controlo (*crash*) e sabendo como ele funciona. Experimente-se outras maneiras de usar USR mas com o mesmo número a seguir. Por exemplo: LET X=USR 61440 ou PRINT PEEK USR 61440, etc.

Antes de podermos continuar a aprender mais instruções, vamos parar um pouco e explorar o conceito de registo. Um registo é semelhante a uma variável, já que tem um nome — geralmente uma letra do alfabeto — e pode guardar números da mesma forma que as variáveis BASIC. A grande diferença é que os registos só podem guardar números entre 00 e FF (ou, em decimal, entre 0 e 255).

Há sete registos facilmente utilizáveis. Os seus nomes são: A, B, C, D, E, H e L. Note-se que como o número maior que qualquer deles pode guardar é FF, na realidade um registo só pode guardar números de dois dígitos hexadecimais. Isto é bastante mais fácil de lembrar do que «um número entre 0 e 255».

Para permitir maior flexibilidade, usam-se alguns dos registos aos pares. B e C, por exemplo, podem ser usados como um par. Neste caso referimos o par como BC e tratamo-lo como um todo

único. Uma vez que B guarda dois dígitos hexadecimais e C também guarda dois dígitos, BC como par guardará quatro dígitos hexadecimais. Se B contém 4A e C contém 23h, então diremos que BC contém 4A23.

Podemos também fazer o mesmo em decimal, mas isto é muito mais difícil, e por esse motivo preferimos representar tudo em hexadecimal. Vamos usar exactamente os mesmos números. Se B contém 74d e C contém 35d, então diremos que BC contém 18979. Repare-se que em decimal não podemos fazer facilmente os cálculos de cabeça; não se trata apenas de justapor os dígitos como fizemos em hex; não podemos combinar 74d e 35d e obter 7435d; infelizmente isso não funciona, já que o resultado está errado. Em decimal precisamos de uma calculadora (um *Spectrum* geralmente serve) para calcular 256 vezes o primeiro número mais o segundo número; isto é,  $256 \times 74 + 35 = 18979$ . Não é muito difícil de compreender. Quando se começa a usar código máquina, contar em hexadecimal simplifica muito as coisas.

Há três pares de registos possíveis: são eles BC, DE e HL.

## A INSTRUÇÃO LD

Considera-se a instrução BASIC LET A=42. Em linguagem máquina atribuímos valores às nossas variáveis (registos) usando a instrução LD. Podemos, por exemplo, escrever LD A,2A. Repare-se que não existe sinal de igual, ao contrário do BASIC. Em vez disso, utilizamos uma vírgula para separar o A do número. O resultado desta expressão é precisamente aquele que se poderia esperar, o valor anterior de A é substituído por um novo valor (neste caso 2A — decimal 42).

Cada instrução LD diferente tem um código diferente. Por exemplo, o código para LD A é 3E. Isto quer dizer que a instrução LD A,2A pode ser escrita em hexadecimal como 3E2A. Note-se que esta instrução tem o comprimento de dois bytes (um byte são dois dígitos hex) enquanto que RET ocupava um byte (o byte 69). A instrução BASIC LET A=42 ocupa onze bytes, mais quatro para o número de linha ou mais um para os dois pontos, se não for a primeira instrução de linha. Portanto o código máquina representa uma redução de espaço significativa.



Os restantes códigos são os seguintes:

LD A, 3E	
LD B, 06	LD BC, 01
LD C, 0E	
LD D, 16	LD DE, 11
LD E, 1E	
LD H, 26	LD HL, 21
LD I, 2E	

Usando o programa «HEXLD», faça o leitor entrar o seguinte programa introduzindo os símbolos da coluna da esquerda. (Os símbolos da coluna da direita são apenas para uso dos humanos — o computador não os reconhece.) Introduza "0600", a seguir "0E2A", depois "C9" e então faça *break*.

0600	LD B, 00
0E2A	LD C, 2A
C9	RET

O programa irá carregar B com zero e C com 2A, pelo que BC ficará com o valor 002A. Em decimal, BC conterá  $256 \times 0 + 42$ . Agora, digitando PRINT USR 28672 (16 K) ou PRINT USR 61440 (48 K), que valor se obterá? A resposta é -42. Esperar-se-ia por isto? Passemos agora a outra coisa: introduzamos este programa:

1600	LD D, 00
1E2A	LD E, 2A
C9	RET

Agora, ao escrever PRINT USR 28672 ou 61440, acontece algo diferente.

Eis o que se passa quando o computador encontra a frase «USR qualquer coisa» em qualquer linha BASIC: primeiro, o número «qualquer coisa» é guardado no par de registros BC. (O número na linha BASIC estará em decimal, mas pode-se passá-lo para hex, querendo.) Então o controle passará para o endereço «qualquer coisa» e será executado qualquer código máquina que aí esteja. Ao encontrar a instrução RET o controle voltará ao BASIC, que se lembrará do número que retomou em BC. É perfeitamente possível, então, ter uma linha como LET A = USR 20000 + USR 30000 que correrá dois programas em código máquina, primeiro o que se

encontra em 20000 e depois o que se encontra em 30000. A variável A será atribuído um valor igual à soma de duas quantidades diferentes: o valor retornado em BC pelo primeiro programa mais o valor retornado em BC pelo segundo programa. Note-se que o valor final de DE e HL (e mesmo de A) não será guardado. Por falta de melhor palavra diremos que eles foram «esquecidos».

Diremos ainda que HL simboliza HIGH/LOW (alto/baixo). Quando HL é tratado como um par, chama-se o H «parte alta» e o L «parte baixa». BC e DE também têm partes altas e baixas: a primeira letra é a parte alta e a segunda letra é a parte baixa.

Já sabemos que quarenta e dois em hex com quatro dígitos é 002A. Que representará o seguinte programa?

01002A	Lembre-se que 21 significa LD BC, ...
C9	RET

Talvez seja surpreendente descobrir que ao fazer PRINT USR 61440 se obtém na realidade 10752 e não 42. Ao correr agora este programa:

012A00	Vejam-se que 00 e 2A foram trocados.
C9	RET

obtem-se quarenta e dois. O 00 e o 2A precisam de ser trocados de maneira a estarem na «ordem errada». Apesar de isto ser bastante estranho, é na realidade usual em código máquina. Em todas as instruções que trabalham com números de quatro dígitos, trocam-se os dois bytes de maneira que a parte baixa apareça em primeiro lugar e a parte alta em segundo. Esta é, de facto, a maneira pela qual os números são guardados pelo BASIC nas variáveis de sistema que têm o comprimento de dois bytes. Na instrução LD HL, o primeiro byte é sempre 21h, o segundo é o novo valor de L e o terceiro byte é o novo valor de H. Note-se que esta instrução tem sempre o comprimento de três bytes.

## TRANSFERÊNCIA DE UMA VARIÁVEL A OUTRA

Se estivéssemos constrangidos em BASIC a usar apenas instruções LET da forma LET A = a um número, estaríamos um pouco

limitados. Precisamos de mais flexibilidade. Por exemplo, qualquer coisa como LET A=B seria muito útil. Bem, nós podemos certamente fazer isso em código máquina. Os códigos são apresentados na figura 3.1

LD	A	B	C	D	E	H	L
A	7F	78	79	7A	7B	7C	7D
B	47	40	41	42	43	44	45
C	4F	48	49	4A	4B	4C	4D
D	57	50	51	52	53	54	55
E	5F	58	59	5A	5B	5C	5D
H	67	60	61	62	63	64	65
L	6F	68	69	6A	6B	6D	6E

Figura 3.1

Nesta tabela lemos os registos da coluna da esquerda em primeiro lugar e os registos da coluna horizontal superior em segundo, de maneira que o código para LD A,D é 7A. Repare-se que cada um destes registos tem o comprimento de apenas um *byte*. Compare-se isto com a instrução equivalente em BASIC LET A=D, que ocupa quatro *bytes* e mais quaisquer necessários para o número de linhas, dois pontos e/ou fim de linha (ENTER com *carriage return*).

E agora alguma aritmética simples. Se algum dos leitores pensou já com um certo avanço, possivelmente perguntará como se somarão e subtrairão registos em código máquina. Afinal, se LD A,B ocupa apenas um *byte*, como poderemos encontrar equivalentes para LET A=B+C?

De facto, utilizamos uma instrução totalmente diferente. A instrução é ADD. Um exemplo útil seria ADD HL,DE, que tem como efeito LET HL=HL+DE. O conteúdo do par de registos HL é somado ao conteúdo do par de registos DE e o resultado desta operação é guardado em HL, substituindo o seu valor anterior.

Na verdade podemos fazer aritmética em hex no papel. Vejamos como estas somas funcionam. Tal como em decimal, somamos

primeiro as unidades, mas somente quando o resultado ultrapassar quinze é que se diz «e vai um».

1234	1234	5678	89AB
+ 1234	+ 5678	+ 9ABC	+ 9630
2468	68AC	F134	11FDB

No primeiro exemplo não existem surpresas. No segundo temos  $4+8=C$  e  $3+7=A$ . No terceiro exemplo precisamos ter em conta o que vai (*carry*):  $8+C=14h$ ; isto quer dizer 4 e vai 1.  $7+B+1$  é  $13h$ , ou 3 e vai 1.  $6+A+1$  é  $11h$  e vai 1.  $5+9+1$  é F e não vai nada. Se se compreendeu isto, o quarto exemplo não trará preocupações, mas repare-se num problema: 11FDB é demasiado grande para ser guardado em dois registos, porque tem demasiados dígitos. Supondo que tentamos executar ADD HL,DE, sendo HL inicialmente 89AB e DE 9630, que irá acontecer?

Antes de nos debruçarmos sobre isso, vamos demonstrá-lo com um exemplo mais fácil. Introduza o leitor, e faça correr, este programa e tente descobrir o resultado antes de o ver.

```

3EFF      LD A,FF (em decimal 255)
0601      LD B,01
80        ADD A,B (note-se que FF+01=100 em hex)
0600      LD B,00
4F        LD C,A
C9        RET

```

Recordemos que só o valor final de BC volta ao BASIC, de maneira que as últimas instruções apenas transferem a resposta que calculámos de A para BC, pois não fazem parte do cálculo. Vejamos o que o programa faz: tenta somar um a duzentos e cinquenta e cinco, mas tenta fazê-lo num registo que só pode guardar números até 255 e não mais. O que irá acontecer? Corre-se o programa e logo se vê (basta escrever PRINT USR 28672 ou PRINT USR 61440).

Obter-se-á zero como resposta.  $FF+01$  é de facto  $100h$  mas somente os dois últimos dígitos são guardados em A.

Para responder à nossa pergunta anterior,  $89AB+9630h$  podem

somar realmente 11FDB, mas se tentarmos calcular esta soma em HL apenas restarão os últimos quatro dígitos: 1FDB.

Há somente dois registos aos quais podemos adicionar valores: são eles A e HL. Não se pode, por exemplo, fazer ADD B,C! Repare-se também que a A podem ser adicionados registos simples e que apenas registos duplos podem ser adicionados a HL.

As possíveis instruções são, pois, as que se encontram na lista abaixo. São também dados os seus códigos hex.

ADD HL,BC 09	ADD A,A 87
ADD HL,DE 19	ADD A,B 80
ADD HL,HL 29	ADD A,C 81
	ADD A,D 82
	ADD A,E 83
	ADD A,H 84
	ADD A,L 85

Uma vez que temos estado preocupados com o que acontece quando a resposta é demasiado grande, gostaríamos de apresentar um novo tipo de «variável» em código máquina — um *flag*. Enquanto que um registo pode guardar números entre 00 e FF, um *flag* é ainda mais restrito, uma vez pode apenas guardar um dos dois valores possíveis, ou zero ou um.

Um desses *flags* é chamado *carry*. Tem uma função muito especial. Sempre que se executa uma instrução ADD atribui-se um valor a *carry*. O seu novo valor é sempre «o terceiro dígito» de uma soma de dois dígitos ou o «quinto dígito» de uma soma de quatro dígitos. Se retrocedermos até aos quatro exemplos de somas em hex veremos que acontecerá o seguinte:

1234 + 1234 = 2468	CARRY = 0, HL = 2468
1234 + 5678 = 68AC	CARRY = 0, HL = 68AC
5678 + 9ABC = F134	CARRY = 0, HL = F134
89AB + 9630 = 11FDB	CARRY = 1, HL = 1FDB

Vê-se, pois, que *carry* se torna 0 sempre que a soma não tem complicações, mas torna-se 1 sempre que a resposta seja demasiado grande para caber no registo indicado.

Duas palavras especiais acompanham os *flags*. *Set* quer dizer «vale um» e *reset* «vale zero». Assim um *flag* pode ser *set* ou *set* a

um, ou *reset* ou ainda *reset* a zero. É comum ouvir-se dizer «*set* a zero» ou «*reset* a um», etc. Estas expressões não devem ser usadas porque na realidade não fazem sentido.

Há uma outra instrução que podemos usar em vez de ADD. É a instrução ADC, que significa «ADD» com *carry*.

Funciona assim: se a máquina encontra a instrução ADC A,B, tomará o conteúdo do registo B e somá-lo-á ao conteúdo do registo A e então somará ao resultado o valor anterior de *carry*. O resultado desta soma ficará em A e o *carry* será *set* ou *reset* conforme for necessário (dependendo, é claro, de o resultado ser maior que FF).

Assim, ADD A,B realmente significa  
 LET A = os últimos dois dígitos de A+B  
 LET CARRY = 0 se A + B ≤ FF  
 1 se A + B > FF

Enquanto ADC A, B significa  
 LET A = os dois últimos dígitos A + B + CARRY  
 LET CARRY = 0 se A + B + CARRY ≤ FF  
 1 se A + B + CARRY > FF

Estudem-se os programas a seguir. Se o valor final do registo A não for importante, estes programas serão equivalentes (quer dizer que ambos fazem a mesma coisa). Porquê?

O primeiro programa é:

118533	LD DE,3385h
21C77B	LD HL,7BC7
19	ADD HL,DE
44	LD B,H
4D	LD C,L
C9	RET

O segundo é:

118533	LD DE,3385h
21C77B	LD HL,7BC7
7D	LD A,L
83	ADD A,E
6F	LD L,A

7C	LD A,H
8A	ADC A,D
67	LD H,A
44	LD B,H
4D	LD C,L
C9	RET

O efeito de ambos os programas é o mesmo. Daqui se podem depreender duas coisas. Primeiro, a instrução LD não afecta ou altera de qualquer maneira o valor de *carry*, porque se o fizesse as suas instruções entre ADD A,E e ADC A,D iriam estragar tudo. Em segundo, a instrução ADD HL,DE é muito mais curta (e também muito mais clara) do que se se andar às voltas somando os *bytes* separadamente. E nunca devemos esquecer de alterar a ordem dos dois *bytes* nas instruções LD pares de registos.

Se correremos ambos os programas verificaremos que fazem o mesmo. Que aconteceria se ADC A,D, do segundo programa, fosse substituído por ADD A,D?

Compreendida a diferença entre ADD e ADC, vamos continuar a estudar outras maneiras de somar. Primeiro, no entanto, aqui estão os códigos para ADC:

ADC HL,BC ED4A	ADC A,A 8F
ADC HL,DE ED5A	ADC A,B 8B
ADC HL,HI ED6A	ADC A,C 8B
	ADC A,D 8A
	ADC A,E 8B
	ADC A,H 8C
	ADC A,L 8D

Repare-se que os códigos para ADC HL, têm todos o comprimento de dois *bytes* em vez de um só. O primeiro *byte* é sempre ED e o segundo *byte* depende daquilo que se estiver a somar. Não se pense no entanto que ED tem o significado de ADC HL, uma vez que ED pode significar muitas outras coisas, dependendo sempre daquilo que o seguir.

#### SOMA DE CONSTANTES

Podemos também empregar ADD e ADC para somar constantes numéricas ao registo A (mas não a HL). Um exemplo pode ser

ADD A,3 que, como é natural, soma três ao valor actual de A. Atribui também a *carry* o valor um ou zero, dependendo do resultado ultrapassar ou não FF. (Lembremo-nos que FF é o número 255 em decimal.)

O código para ADD A é C6 e o código para ADC A é CE. ADD A,3 escreve-se pois em vez como C603. Quando se somam constantes são sempre necessários dois *bytes*. Se adicionássemos 003A a HL, poderia ser assim:

113A00	LD DE,003A
19	ADD HL,DE

Mas este método tem a desvantagem de utilizar o registo DE, apagando o seu valor anterior. Outra maneira de se conseguir a mesma coisa, mas desta vez destruindo apenas o valor do registo A:

7D	LD A,L
C63A	ADD A,3A
6F	LD L,A
7C	LD A,H
CE00	ADC A,00
67	LD H,A

Aqui usou-se a instrução ADC A,0 para somar qualquer *carry* proveniente da adição de 3A a L.

#### E POR FIM (NO QUE RESPEITA A SOMAS)...

Há ainda uma última maneira pela qual podemos somar constantes a um registo: utilizando a instrução INC. INC A significa somar um ao conteúdo do registo A. INC D significa somar um ao registo D. INC HL significa somar um ao valor de HL e assim por diante.

No entanto, ao contrário de qualquer das instruções para somas que aprendemos até agora, INC é única pelo facto de não alterar o valor de *carry*. Se *carry* era zero antes de uma instrução INC, continuará zero. Se *carry* era um antes de uma instrução INC, continuará um. Esta regra aplica-se mesmo se INC «incrementa» por assim dizer A de FF a 00. Isto é pois uma diferença fundamental entre ADD A, 01 e INC A. Os códigos INC são:

INC BC 23	INC A 3C
INC DE 13	INC B 34
INC HL 23	INC C 0C
	INC D 14
	INC E 1C
	INC H 24
	INC L 2C

Lembre-mos de que a diferença entre ADD A,01 e INC A é que ADD A,01 atribuirá um valor novo a *carry*, mas INC A deixá-lo-á sem alterações. INC é abreviatura de «incrementar».

O valor de *carry* pode ser alterado directamente sem que nenhum dos outros registos seja alterado. Há uma instrução chamada SCF (que quer dizer *Set Carry Flag*) que tem por função atribuir a *carry* o valor um. Não muda o valor de nenhum dos registos. Pode também fazer *carry* igual a zero, com um pouco de engenho, utilizando a instrução ADD A,0 (é um ponto a meditar). Por fim há uma outra maneira de mudar o valor de *carry*. Uma instrução chamada CCF (ou *Complement Carry Flag*) é utilizada para mudar o valor de *carry*, seja de zero para um ou de um para zero, sem mudar os registos. Os códigos para estas instruções são:

37	SCF	"LET CARRY=1"
C000	ADD A,0	"LET CARRY=0"
3F	CCF	"LET CARRY=1-CARRY"

## SUBTRACÇÃO

Em linguagem máquina existem códigos para subtracção tal como para a adição. A instrução tem o nome de SUB, que é abreviatura de SUBtrair. (isto é brincadeira!) No entanto, o único registo do qual se pode subtrair qualquer coisa é A — não se pode subtrair de HL. Por isso a instrução SUB A,B escreve-se geralmente, apenas, SUB B. O A é subentendido, presume-se que já lá se encontra. Exatamente como com ADD, existe também uma instrução chamada SBC, que significa SuBtrair com Carry. SBC, no entanto, pode ser utilizada em HL, e assim o A tem de ser escrito. (Confuso, não?)

Isto funciona assim: SUB B tomará o valor do registo B e subtrai-lo-á ao valor de A. Se o valor inicial de A for maior ou igual ao de B, a subtracção será efectuada como se poderia esperar e o *flag carry* será *reset*. Isto é, tornar-se-á igual a zero. Se A, no entanto, contém um valor inicial menor que o de B, pressupõe-se que A representa um número que é 0100 (hex) maior que o valor actual de A — neste caso o *carry* será *set*. Isto é, tornar-se-á um. Assim, se A contém 03 e B contém 05, a operação que será executada não é 03 - 05 (que seria negativa) mas 103-05, ou FE com *flag carry set*.

As instruções permitidas são:

SUB A	97
SUB B	90
SUB C	91
SUB D	92
SUB E	93
SUB H	94
SUB L	95
SUB número	De seguida desse número

Note-se que não existem instruções para subtrair pares de registos.

Subtrair com Carry (SBC), por outro lado, pode trabalhar com pares de registos, mas apenas com o par de registos HL.

SBC A,C por exemplo, subtrairá primeiro o valor de C do valor de A e em seguida o valor inicial de *carry* deste resultado. *Carry* será então redefinido da mesma forma que para SUB. Os códigos para SBC são:

SBC HL,BC ED42	SBC A,A 9F
SBC HL,DE ED62	SBC A,B 98
SBC HL,HI ED62	SBC A,C 99
	SBC A,D 9A
	SBC A,E 9B
	SBC A,H 9C
	SBC A,L 9D
	SBC A, número DE seguida desse número

DEC é a abreviatura de *Decrement* (decremento). É, como já se deve ter percebido, o oposto de INC. Tem por função reduzir qualquer registo de uma unidade sem alterar o *flag carry*, de maneira que DEC DE tem o efeito LET DE-DE-1.

E agora um pequeno exercício: uma das duas seguintes rotinas irá subtrair DE de HL e obterá uma resposta sempre correcta — a outra não será tão exacta. Qual delas será a correcta, qual a errada e porquê?

A primeira rotina é:

```
C600      ADD A,0
D602      SUB 2
ED52      SBC HL,DE
```

A segunda rotina é:

```
C600      ADD A,0
3D        DEC A
3D        DEC A
ED52      SBC HL,DE
```

De facto, o primeiro exemplo está errado. A instrução SBC HL,DE subtrairá tanto DE como o *flag carry* e por isso temos de nos certificar que este *flag* é zero. É para isto que a instrução ADD A,0 serve. No entanto, depois disto feito, o programa do primeiro exemplo irá alterar o *carry* outra vez através da instrução SUB 2. É descurada a hipótese de que se se subtrair dois de A podem surgir problemas de excesso; assim, se A iguala 01 ou 00, SUB não só mudará A para FF ou FE como também mudará o *carry* de zero para um, de maneira que o efeito de SBC HL,DE seria deixar em HL o valor de HL-DE-1 e não HL-DE. No segundo exemplo, a instrução DEC A é usada duas vezes. DEC não irá mudar o *carry*, de modo que ele terá ainda zero quando chegar à instrução SBC HL,DE e a subtração decorrerá então correctamente.

Temos, pois, que INC e DEC não alteram o valor do *flag carry* — mas as outras instruções aritméticas fazem-no. As outras instruções já estudadas, RET e LD, não alteram o valor de *carry*.

```
DEC BC 0B      DEC A 3D
DEC DE 1B      DEC B 05
DEC HL 2B      DEC C 0D
               DEC D 1E
               DEC E 1D
               DEC H 2E
               DEC L 2D
```

Neste capítulo estudámos a maneira de carregar programas em código máquina e de como corrigi-los. Explicámos o uso das instruções RET e LD e apresentámos as instruções aritméticas ADD, ADC, SUB, SBC, juntamente com INC e DEC. Explicámos a função do *flag carry* e mencionámos as instruções SCF (*Set Carry Flag*) e CCF (*Complement Carry Flag*).

Não é preciso lembrar os códigos hex que o computador usa — nem mesmo os peritos se preocupam com isso. Todos os códigos se encontram num apêndice no final do livro. Só é necessário saber os nomes que lhes estão atribuídos — as *operands* e aquilo que eles fazem.

Antes de passar ao capítulo quatro, o interessado deve tentar fazer alguns dos exercícios seguintes. Se parecer difícil apenas será necessário fazê-los calmamente e pensar com clareza.

Introduza o leitor o seguinte programa em linguagem máquina usando HEXLD (terá de procurar os diversos códigos necessários):

```
LD BC,0
LD HL,0
ADD HL,BC
LD B,H
LD C,L
RET
```

Convidando agora o programa, que resposta se obtém? Se for zero, está bem! Mas se tal não acontecer é porque se cometeu algum erro fundamental. LD BC e LD HL são instruções de três bytes — isto quer dizer, por exemplo, que LD HL,0 é 210000 e não apenas 2100. Que instruções recebeu realmente o computador para que desse a resposta obtida? Tenta-se de novo, até obter zero.

Se se apagar HEXLD fazendo NEW o programa em código



máquina permanecerá na memória. Isto resulta de o código máquina ser guardado numa parte da memória à qual o BASIC não tem acesso. Vejamos o seguinte programa:

```
10 INPUT A
20 INPUT B
30 POKE 61441, A - 256 * INT (A / 256) (usa-se 28673 com o 16 K)
40 POKE 61442, INT (A / 256) (usa-se 28674 com o 16 K)
50 POKE 61444, B - 256 * INT (B / 256) (ou 28676)
60 POKE 61445, INT (B / 256) (ou 28677)
70 PRINT A, B
80 PRINT USR 61440 (ou 28672)
90 PRINT
100 GOTO 10
```

Este programa BASIC substituirá o segundo, terceiro, quinto e sexto bytes do programa de código máquina. Isto quer dizer que o valor que introduzir para a variável A será depositado na memória a seguir a LD BC e o valor que introduzir para B será colocado na memória a seguir à instrução LD HL. Deve-se correr o programa e usar outros valores para ver o que acontece, experimentando sair dos limites 0 a 65535.

Seria vantajoso escrever agora um programa semelhante em BASIC que, uma vez combinado com uma versão ligeiramente modificada do nosso programa em código máquina, escrevesse no ecrã uma tabela de valores de A e B e o resultado da subtração A menos B em cada um dos casos. Deveria atribuir-se a A e B todos os valores de 0 a 10, inclusive.

Escreva-se também uma rotina em código máquina que retorne um se BC for maior ou igual a DE e zero se for menor. Como se poderá testar isto? (Damos uma pista — o exercício anterior desta página.)

## CAPÍTULO QUATRO

# PEEK e POKE e mais algumas coisas sobre LOAD

Para aqueles que pensaram que sete registos talvez não fossem suficientes, é bom saber que dispomos em linguagem máquina de instruções equivalentes a PEEK e POKE e podemos assim utilizar todos os endereços da RAM. (RAM significa *Random Access Memory* — memória de acesso aleatório, e é a parte da memória que podemos alterar — os endereços a partir de 16384.) Quando temos algum número que precisamos de guardar, permanentemente ou não, podemos guardá-lo em qualquer endereço da RAM (qualquer sítio serve). E quando precisamos dele bastará ir buscá-lo àquele endereço.

## UMA LIÇÃO SOBRE «PEEK»

Quem alguma vez já viu linguagem máquina escrita, talvez se tenha perguntado porque é que aparecem parêntesis com frequência. Qual é, por exemplo, a diferença entre LD HL, 5C65 e LD HL, (5C65)? Os parêntesis não estão lá apenas para efeitos decorativos; têm um significado! Os parêntesis, quando cercam um número ou um par de registos, referem-se ao conteúdo do endereço entre parêntesis; assim:

	LD HL, 5C65	significa	LET HL = 23653
»	LD HL, (5C65)	significa	LET HL = PEEK 23653 = 256 * PEEK 23654

Para maior clareza, 23653 é o equivalente decimal de 5C65.

O segundo exemplo pode ter causado confusão. O único endereço entre parêntesis é 23652; por isso, como é que aí vemos 23654? O que aconteceu foi uma espécie de efeito secundário. H e L contém, cada um, um byte; assim HL, juntos contém dois bytes. O endereço 23653 apenas tem um byte; logo um outro terá de vir de qualquer lado. Na prática, este outro byte vem-nos do endereço

seguinte, neste caso, 23654. O efeito real da instrução LD HL,(5C65) é LET L=PEEK 23653, seguida por LET H=PEEK 23654.

Há uma instrução inversa, que é:

LD (5C65),HL

Isto é o mesmo que fazer POKE. O resultado da instrução é:

POKE 23653,HL-256\*INT (HL/256)  
POKE 23654,INT (HL/256)

Ou então se se pensa em H e L separadamente:

POKE 23653,L  
POKE 23654,H

Em BASIC este par de instruções usa-se com muita frequência. Vamos dar um exemplo: admitamos que se escreveu um programa BASIC e se quer saber qual o seu tamanho. Pode-se saber qual o número de bytes que o programa ocupa, escrevendo a expressão PRINT (PEEK 23627+256\*PEEK 23628) - (PEEK 23635+256\*23636). Um programa muito simples em código máquina para calcular este valor será:

LD B,535C	LD DE,(23635d)
2A4B5C	LD HL,(23627d)
C600	ADD A,0
ED52	SBC HL,DE
44	LD B,H
4D	LD C,L
CS	RET

A instrução ADD A,0 é utilizada para pôr o carry a zero, de maneira que a instrução SBC imediata dará sempre uma resposta correcta. Como a instrução SUB HL DL,DE não existe, se quisermos subtrair DE de HL teremos de usar SBC. No entanto, esta instrução não fará a subtração correctamente a não ser que carry seja igual a zero.

Repara-se como o código para LD HL,(23627d) é composto. O primeiro byte é 2A. Agora, apesar de ser natural isso não nos ocorrer, a última vez que usámos uma instrução LD HL o código foi 21h. A diferença está nos parêntesis! As instruções LD que usam parêntesis têm um código hex completamente diferente. Os próximos dois bytes são 4B e 5C, isto é, o número 23627 em hexadecimal. Se dividirmos 23627 por 256, obtemos noventa e dois (hex 5C) resto setenta e cinco (hex 4B). No código hex, estes bytes foram trocados para obtermos 4B5C em vez de 5C4B. É preciso lembrar sempre de fazer isto em código máquina.

Se se guarda este programa em código máquina acima de RAMTOP (usando CLEAR, como foi descrito anteriormente), poderá fazer-se LOAD de qualquer programa BASIC e por fim saber qual o seu comprimento escrevendo o comando, já familiar, PRINT USR 61440 (ou 28672). 23627 terá sempre o endereço do primeiro byte a seguir ao fim do programa BASIC — é essa a sua função. É uma das variáveis de sistema que a ROM usa para ajudar a saber o que está a fazer. Da mesma maneira 23635 guardará sempre o endereço no qual o programa começa. Deve-se verificar isto, lendo o que o manual do Spectrum, na página 174, diz acerca das variáveis de sistema VARS e PROG, e comparar com o diagrama da página 165. Se se alterar qualquer destes valores, seja por meio de POKE ou de LD, a máquina ficará baralhada, apesar de tal por vezes ser vantajoso, como veremos mais tarde.

É necessário compreender como o programa acima mencionado funciona e também porque precisamos de cada uma das linhas. A instrução mais importante ainda é a que aprendemos primeiro — RET. Se qualquer das outras instruções faltar, obteremos uma resposta errada, mas pelo menos obteremos uma resposta. Sem RET, o programa entrará em quebra. Nem todos os registos podem ser carregados directamente a partir da memória. As instruções que podemos utilizar, juntamente com os seus códigos e um resumo daquilo que fazem, são aqui indicados:

3A	LD A,(pq)	IFT A = PEEK pq
ED4B	LD B,C,(pq)	LET C = PEEK pq
		LET B = PEEK (pq - 1)
ED5B	LD DE,(pq)	LET E = PEEK pq
		LET D = PEEK (pq + 1)

2A	LD HL,(pq)	LETL = PEEK pq LETH = PEEK (pq + 1)
E fazendo POKE.		
32	LD (pq),A	POKE pq,A
ED43	LD (pq),BC	POKE pq,C
		POKE pq + 1,B
ED53	LD (pq),DE	POKE pq,E
		POKE pq + 1,D
22	LD (pq),HL	POKE pq,L
		POKE pq + 1,H

Como se vê, só o registo A permite a leitura ou escrita directa de ou para qualquer posição na memória, todos os outros registos têm de ser usados aos pares. Geralmente, esta é uma característica muito útil mas por vezes deseja-se ler um só registo (normalmente a escolha será L) sem alterar o valor de A. Na verdade, não há uma maneira de se resolver isto, mas podem ler-se ambas as partes do par de registos como descrevemos acima e depois repor o necessário registo simplesmente a zero.

Suponhamos que queremos saber em que posição do ecrã se encontra PRINT. O manual de instruções informa que PEEK 23689 dará exactamente o que se quer saber (claro, menos 244). A dificuldade é fazer LD em BC, porque o número que queremos tem só um byte, não está guardado nem em 23688 ou 23689. Uma maneira de o conseguir é:

ED1B895C	LD BC,(23689d)
0600	LD B,00
C9	RET

Como se vê, a primeira instrução carrega o conteúdo de 23689 no registo C, como pretendemos, mas também (e isto como efeito secundário) carrega o conteúdo de 23690 no registo B. Assim, o registo B deve ser tornado igual a zero de maneira que BC contenha o mesmo valor de C só por si antes de voltarmos ao BASIC; de outro modo o número escrito ao fim praticamente não terá sentido.

Também se obtém PEEK 23689 em BC por meio do registo A, uma vez que esse registo pode ser carregado directamente. Mas isto não oferece vantagens, uma vez que teremos de fazer B igual a zero da mesma maneira:

3A895C	LD A,(23689d)
0600	LD B,00
4F	LD C,A
C9	HLT

Para se verificar que a segunda instrução é necessária, é convenientemente omiti-la. O que estará mal? Se o valor de B não for mudado, o valor de BC estará errado (na quantidade  $256d \cdot B$ ).

Ambos os programas acima mencionados, da maneira como estão escritos, terão o mesmo efeito, dão a primeira coordenada da posição PRINT actual menos vinte e quatro. Isto é, dizem o número de quadrados abaixo da posição PRINT, incluindo todas as linhas da parte inferior do ecrã.

Para experiência, introduza-se um dos programas acima mencionados e a seguir este programa BASIC:

```
10 FOR I=0 TO 20
30 PRINT USR 61440      (ou 28672 para quem usa 16 K)
50 NEXT I
```

Ao correr o programa, deve-se tentar compreender porque é que ele faz aquilo que faz. Agora insiram-se mais estas linhas:

```
20 FOR J=0 TO 3
30 PRINT TAB (8*J);USR 61440 (isto substitui a anterior linha 30)
40 NEXT J
```

e corra-se outra vez para ver o que acontece. É interessante, não?

## POKE EM CÓDIGO MÁQUINA

Fazer POKE é igualmente fácil. Para colocar a linha 50 de qualquer programa BASIC no cima do ecrã, na próxima listagem automática, nós podemos fazer POKE 23660,50 e depois POKE 23661,0

(o que só funcionará se a linha corrente, isto quer dizer, a linha com o cursor «maior que», estiver no *écran* quando a linha 50 estiver no cimo do *écran*).

Em código máquina:

```
213200 LD HL,0032      (0032h = 50d)
226C5C LD (5C6C),HL   (5C6B = 23660d)
C9 RET
```

Mudando o cursor para qualquer linha maior que cinquenta, nota-se que, pela primeira vez, não importa qual o número que é retornado ao BASIC pela rotina de código máquina no registo BC porque o objectivo deste exercício é fazer um POKE duplo. Uma vez que não nos interessa como é que BC acaba, não faz sentido fazer PRINT; assim, PRINT USR não é necessário. Mais vale usar RANDOMIZE USR. Repare-se que, ao fazê-lo, a linha 50 se desloca da mesma forma para o topo do *écran* (é essa a função do código máquina) mas nenhum número aparecerá escrito, obviamente, uma vez que não se usou PRINT. Assim, o que é que acontece ao número «lembrado» pela rotina, isto é, o número que ficou em BC quando se alcança RET? Encontra-se a resposta lendo as páginas 73 e 74 do manual do *Spectrum*, que se referem a RANDOMIZE — o número torna-se o novo valor da variável do sistema SEED. Isto não deve causar preocupação. Só precisamos de saber que PRINT USR e RANDOMIZE USR farão ambos correr um programa em código máquina, mas que PRINT escreverá o valor final de BC e RANDOMIZE não.

Agora veja-se o código hex de LD (5C6C),HL. O primeiro byte é 22h. Este é o código hex para LD (pq),HL, onde pq representa um endereço arbitrário. O resto do código é 6C5C que é o número 23660d em hexadecimal (com., é claro, os primeiros e último bytes trocados). Assim, apesar de nós, humanos, escrevermos o nosso *opcode* com o (5C6C) primeiro e o HL depois, o código máquina exige que a instrução venha primeiro, mesmo se HL estiver no fim do *opcode*.

Existem outras instruções PEEK e POKE, mas estas referem nomes de outros registos. São eles:

```
0A LD A,(BC)      LET A = PEEK BC
1A LD A,(DE)      LET A = PEEK DE
```

```
7E LD A,(HL)      LET A = PEEK HL
48 LD B,(HL)      LET B = PEEK HL
4E LD C,(HL)      LET C = PEEK HL
56 LD D,(HL)      LET D = PEEK HL
5E LD E,(HL)      LET E = PEEK HL
66 LD H,(HL)      LET H = PEEK HL
6E LD L,(HL)      LET L = PEEK HL

02 LD (BC),A      POKE BC,A
12 LD (DE),A      POKE DE,A
77 LD (HL),A      POKE HL,A
70 LD (HL),B      POKE HL,B
71 LD (HL),C      POKE HL,C
72 LD (HL),D      POKE HL,D
73 LD (HL),E      POKE HL,E
74 LD (HL),H      POKE HL,H
75 LD (HL),L      POKE HL,L
```

Se se estudam os códigos das instruções que têm «(HL)», vê-se que formam um padrão regular. Agora, colocando todos estes códigos numa tabela de todas as instruções LD do tipo LD A,B, vê-se uma regularidade ainda mais espantosa. Observe-se a figura 4.1.

LD	B	C	D	E	H	L	(HL)	A
B	40	41	42	43	44	45	46	47
C	48	49	4A	4B	4C	4D	4E	4F
D	50	51	52	53	54	55	56	57
E	58	59	5A	5B	5C	5D	5E	5F
H	60	61	62	63	64	65	66	67
L	68	69	6A	6B	6C	6D	6E	6F
(HL)	70	71	72	73	74	75	—	77
A	78	79	7A	7B	7C	7D	7E	7F

Figura 4.1

Essa tabela leva a pensar que deveria existir uma instrução LD (HL),(HL) com código 76. Na verdade essa instrução não existe! O código 76 representa uma instrução completamente diferente, que se chama HALT, mas trataremos disso depois.

Porque é que qualquer registo entre parêntesis é um par de registos em vez de um só? Porque é que qualquer registo fora de parêntesis é um registo simples e não um par? Se HL contivesse 5C8F, qual seria a diferença entre LD B,(HL) e LD BC,(5C8F)? Qual é o verdadeiro efeito de cada um deles? Tente o leitor escrever uma rotina em código máquina para atribuir a HL o valor de PEEK 23693 apenas, utilizando só uma das instruções LD,(HL).

Já vimos todas as instruções LD básicas que operam nos registos A, B, C, D, E, H e L. Vamos agora ver algumas das outras maneiras de carregar estes registos.

## COMO CARREGAR BLOCOS

Carregar blocos significa carregar grandes zonas da memória de uma só vez. Por exemplo, se houvesse uma rotina em código máquina no endereço 30000 e quiséssemos mudá-la para o endereço 20000, desde que tivéssemos paciência poderíamos fazer qualquer coisa como isto:

11204E	LD DE,20000d
213075	LD HL,30000d
7F	LD A,(HL)
12	LD (DE),A
23	INC HL
13	INC DE
7F	LD A,(HL)
12	LD (DE),A
23	INC HL
13	INC DE

...  
E assim por diante.

Encurtaria um pouco as coisas conhecer a instrução LDI, que significa *Load* com Incremento. Esta é uma instrução muito especial, que executa quatro coisas de uma só vez. Primeiro,

transfere o conteúdo do endereço contido em HL para o endereço contido em DE; depois incrementa tanto HL como DE; e por fim decrementa BC. O valor do registo A não é alterado. Em resumo:

EDA8	LDI	POKEDE,PEEKHL
		LETHL = HL + 1
		LETDE = DE + 1
		LETBC = BC - 1

O programa acima dado poderia ser totalmente reescrito:

11204E	LD DE,20000d
213075	LD HL,30000d
EDA8	LDI
EDA8	LDI
EDA8	LDI

...  
E assim por diante.

Não existe uma lista de operandos depois do *opcode* LDI porque a instrução fará sempre *load* de (HL) a (DE). Não se deve escrever LDI (DE),(HL) porque é totalmente inútil: não se pode usar LDI para carregar qualquer outra combinação. Fazer *load* a partir de (HL) para (BC), por exemplo, não pode ser realizado numa só operação.

Existe ainda uma instrução chamada LDD (*Load* com Decremento) que tem o mesmo efeito que LDI excepto que DE e HL são decrementados em vez de incrementados. BC é decrementado como antes. Nenhuma destas instruções altera o valor do *flag carry* (como acontece com todas as instruções do tipo LD). O código para LDD é EDA8.

## REPETIÇÕES

Mesmo dispondo de LDI e LDD, seria um trabalho maçador mudar qualquer coisa de, digamos, 30000 para 20000 se essa coisa tivesse cerca de cinquenta *bytes* de comprimento. E se tivéssemos 100 *bytes* certamente desistiríamos, desesperados. Felizmente tanto LDI

como LDD têm variantes com a facilidade de permitir repetições. Se escrevêssemos LDIR em vez de só LDI (com o R representando repetição), a instrução LDI seria executada continuamente e só pararia quando BC fosse zero. Assim, se a rotina que quiséssemos transferir tivesse 100 *bytes* de comprimento, poderíamos mudá-la utilizando a rotina:

```

D16400      LD BC,100h
11204E      LD DE,20000h
213076      LD HL,30000h
EDB8        LDIR

```

Quando a máquina alcança a instrução LDIR, BC terá o valor de 100. Após a execução de LDI uma primeira vez, o primeiro *byte* terá sido transferido, DE incrementado para 20001h, HL será aumentado para 30001h e BC diminuído para noventa e nove. Depois da repetição de LDI o segundo *byte* será transferido e BC conterá noventa e oito. Após a centésima execução de LDI, toda a rotina terá sido transferida e BC conterá o valor de zero, o que quer dizer que o programa continua com a próxima instrução. Se esta rotina fosse o programa completo, então a próxima instrução seria, é claro, RET.

As quatro instruções LDI, LDD, LDIR e LDDR fazem cada uma delas coisas ligeiramente diferentes. É conveniente conhecer bem a diferença entre cada uma delas. Têm também códigos diferentes, começando por ED.

São elas:

```

EDA0      LDI
EDA8      LDD
EDB0      LDIR
EDB8      LDDR

```

## Empilhando e saltando

### A PILHA (STACK)

Existe uma zona de RAM reservada a diversas informações que servem para ajudar a máquina a saber o que está a fazer. Funciona da seguinte maneira:

A palavra «*stack*» (pilha) foi tirada directamente do dicionário. O seu sentido é esse mesmo. Imagine-se uma pilha de caixas de cartão. Cada caixa é, na realidade uma posição de memória; assim cada uma delas tem um endereço, mas se quisermos saber o que se encontra dentro de cada caixa de cartão, a única em que se pode espreitar facilmente é a que se encontra por cima. Se quiséssemos tirar alguma das caixas do meio da pilha, todas as que estivessem acima dessa cairiam. Do mesmo modo, para colocar uma nova caixa, o único sítio onde é possível fazê-lo facilmente é o topo da pilha.

As posições da memória da pilha funcionam da mesma maneira. Podem-se colocar coisas por cima, mas só por cima; e podem-se também tirar coisas de cima. Existem duas palavras próprias para associar ao trabalho com a pilha, uma que quer dizer «empilhar um novo número no topo» e outra que significa «retirar um número do topo»; a primeira palavra é PUSH 9ABC e PUSH 8000h, por exemplo, o primeiro número que se pode retirar da pilha com POP é 8000h, uma vez que é o número que se encontra, nesse momento, no cimo da pilha (porque foi o último número que foi aí «empilhado»); o segundo número que se pode retirar com POP é 9ABC e o terceiro é cinco.

No *Spectrum*, a pilha está guardada numa parte muito elevada da memória de endereços, de maneira que haja poucas hipóteses do programa BASIC «colidir» com ela à medida que tanto uma quanto o outro são aumentados. A pilha é na verdade muito peculiar, uma vez que está invertida. A parte inferior da pilha está perto do topo da memória disponível e o topo da pilha está abaixo desse limite. Acontece que assim é mais eficiente. Não se trata de uma conspiração para deliberadamente confundir toda a raça humana de modo que o mundo seja dominado pelos computadores ZX, mesmo



que por vezes o pareça. Por isso, lembre-se, a pilha ou *pilha da máquina*, como por vezes é chamada, é como uma pilha de caixas de cartão empilhadas no chão de uma loja, excepto que, num audacioso desafio às leis de Newton, esta pilha se encontrar «presa no tecto» e aumenta para baixo! O topo, a única parte a que temos acesso, está mais abaixo que a base.

A pilha é tão importante para o computador que há à parte um registo especial para guardar a posição do topo da pilha (a parte com o endereço mais baixo — aquele a que temos acesso). Esse registo chama-se SP, que significa *stack pointer* (ponteiro da pilha). Na realidade, trata-se de um par de registos, uma vez que guarda dois bytes, mas, ao contrário de outros pares de registos (BC, DE e HL), não podemos separar as duas metades: elas formam um todo único.

Eis como as instruções PUSH e POP funcionam. Faremos a exemplificação em hex porque nos parece ser a maneira mais fácil. Suponhamos que HL contém o valor ABCD. Isto quer dizer que H contém AB e L CD. A instrução PUSH HL irá guardar o número ABCD em duas posições no topo da pilha, começando por «empilhar» a parte alta (AB) e depois a parte baixa (CD). O valor de SP será diminuído em duas unidades por serem acrescentados mais dois bytes à pilha e a posição do topo será deslocada (para baixo) dois endereços.

Infelizmente não é possível fazer PUSH de endereços simples. Só se pode utilizar PUSH com pares de registos, de forma que BC pode ser «empilhado» mas B só por si não. Repare-se que PUSH BC não altera, de maneira alguma, o valor de BC, apenas o copia na pilha. Isto é, claro está, válido para todas as instruções PUSH.

A sequência de instruções BASIC apresentadas a seguir irá realizar as mesmas acções que PUSH.

```
PUSHHL      LETSP=SP-2
              POKESP+1,H
              POKESP,L
```

POP é óbvio, funciona de maneira inversa. POP HL irá antes de mais tirar L da pilha e depois H. SP será aumentado em duas unidades por terem sido retirados dois bytes do topo da pilha.

POP HL

```
LET L=PEEK SP
LET H=PEEK (SP-1)
LET SP=SP+2
```

Verifique-se, utilizando as equivalentes BASIC dadas, que PUSH HL seguido de POP DE é a mesma coisa que LD D,H seguido de LD E,L.

## PUSH

Estes são os códigos para a instrução PUSH. Um deles exigirá alguma explicação.

F5	PUSH AF
C5	PUSH BC
D5	PUSH DE
E5	PUSH HL

O par de registos AF, que normalmente não pode ser utilizado como tal, é constituído pelos registos simples A e F, do mesmo modo que BC é composto por B e C. A é o registo que já conhecemos através do livro mas F é algo completamente diferente. O F significa *flags*. Para compreender o significado de F, temos de observar não em hex, mas em binário. F pode, por exemplo, ter um valor de 41h, que em binário é 01000001. Cada um dos dígitos é ou zero ou um e cada um dos diferentes dígitos tem um significado diferente, pois todos eles são *flags* diferentes. Já vimos um desses *flags*, o *flag carry*, que é guardado no dígito binário mais à direita de F. Não vamos preocupar-nos mais neste momento com F, uma vez que o veremos mais tarde em pormenor. Entretanto é bom perceber porque é que esta curta rotina fará o *flag carry set* (sem utilizar SCF). Não importa se não se conseguir agora, isto é apenas para nos obrigar a raciocinar.

OE91	LD C,01
C5	PUSH BC
F1	POP AF

## POP

Os códigos para as instruções POP são muito semelhantes aos usados para PUSH. São eles:

F1	POP AF
C1	POP BC
D1	POP DE
E1	POP HL

Um dos usos mais frequentes de PUSH AF e POP AF é apenas fazer PUSH e POP do valor de A. O facto de F ser também «empilhado» não interessa. PUSH AF irá guardar na pilha o valor de A até precisarmos dele de novo e nessa altura podemos recuperá-lo usando POP AF. Isto será útil se tivermos de usar o registo A para fazer cálculos de algum tipo que não possam ser feitos noutro registo e precisarmos do valor de A mais tarde no programa.

Por exemplo, para somar vinte e cinco ao valor de B sem alterar o valor de A (ou de qualquer outro registo):

F5	PUSH AF
78	LD A,B
C619	ADD A,19h [-25d]
47	LD B,A
11	POP AF

Por que motivo somente B será alterado e mais nenhum outro registo? (Nem mesmo o *flag carry*!) Será bom compreender o que a rotina acima mencionada faz exactamente, antes de prosseguir a leitura.

## ALTERAR SP

SP é utilizável de maneira muito semelhante a BC e DE. Podemos somá-lo e subtrai-lo e também carregá-lo. Os códigos hex são:

F9	LD SP,HL
317777	LD SP,mn

ED7B7777	LD SP,(pq)
ED737777	LD (pq),SP
38	ADD HL, SP
ED7A	ADC HL,SP
ED72	SBC HL,SP
33	INC SP
3B	DEC SP

Isto é muito poderoso e muito útil. Se queremos trocar os valores de D e E sem alterar mais nada, recorreremos à rotina seguinte:

D6	PUSH DE
D6	PUSH DE
33	INC SP
D1	POP DE
33	INC SP

O INC SP final é necessário para restaurar o *stack pointer* no seu valor original. Se não o fizermos, quase de certeza entrará em quebra.

SP não é o único registo especializado de que dispomos. Existe um outro registo de dois bytes, chamado PC, *Program Counter* (contador de programa ou apontador de instrução). A sua função é lembrar-nos em que posição do programa é que nos encontramos. De cada vez que o *Spectrum* executa uma instrução começa por ver o registo PC. Se PC contiver F004, por exemplo, o computador executará a instrução da posição F004 e irá incrementar o valor de PC com o número de bytes dessa instrução, de maneira a apontar para a próxima instrução da sequência. Por exemplo, se F004 contivesse a instrução LD A,B esta instrução seria executada e PC seria incrementado para 1005. Se a instrução em F005 fosse LD B,2, uma vez executada, PC aumentaria no valor de dois, já que LD B,2 tem o comprimento de dois bytes. PC seria então F007 no começo da próxima instrução.

A alteração do valor de PC tem um efeito semelhante ao de GO TO em BASIC. A única diferença está no facto de que o código de máquina não usa números de linha. A instrução em linguagem máquina para alterar o valor de PC é JP, que quer dizer, obviamente, *Jump* (salto). JP F000 significa GO TO endereço F000 e continua a executar o código máquina a partir daí. Claro que o

efeito desta instrução realmente é carregar o número F000 em PC (mas sem o incrementar ao fim da instrução) de maneira que a máquina considere F000 como o próximo endereço do programa. No entanto é mais fácil para nós pensarmos em termos de uma instrução semelhante a GO TO porque já nos habituámos a ela.

É preciso cuidado com JP. Se se fizer um *loop* (ciclo) infinito em código máquina fica-se perdido. Não se poderá sair dele a não ser desligando a máquina. Um exemplo de um ciclo infinito será:

77	F000	LD (HL),A
23	F001	INC HL
C300F0	F002	JP F000

Escrevemos os endereços na coluna do meio, o que não é costume fazer-se. As linhas importantes são marcadas com *labels* (etiquetas), palavras que nos indicam o que fazem essas linhas. Estas etiquetas não aparecem em hex; de facto, só as escrevemos para uso próprio. Se, por exemplo, chamássemos START à primeira linha, escreveríamos assim o nosso programa:

77	START	LD (HL),A
23		INC HL
C300F0		JP START

Existe uma outra instrução (semelhante à JP): JR, ou seja *Jump Relative* (salto relativo), que significa saltar um número dado de *bytes*. É, de certa maneira, melhor que JP porque tem só dois *bytes* de comprimento em vez de três e também porque uma rotina completa pode ser carregada noutra posição de memória e executada sem precisarmos de mudar os destinos de todos os JP. JR não tem efeito algum e a próxima instrução na sequência será executada. No entanto JR1 fará com que a próxima instrução (partindo do princípio de que é uma instrução de um só byte) não seja executada. Para saltar sobre instruções de dois bytes ou duas instruções de um só byte, será necessário usar JR2.

Também é possível «saltar para trás» utilizando JR, uma vez que existe uma convenção que diz que qualquer número hex entre 80 e FF será tomado como negativo (na verdade 256d menos o número que representaria normalmente). Para facilitar as coisas inclui-se

uma tabela de números hexadecimais entre 80 e FF e os números decimais negativos que os representam. Esta tabela é a segunda do Apêndice 1, do fim deste livro. Compare-se com a tabela anterior. Observe-se que o número, digamos, menos cinco, está representado por FB e, assim, é possível utilizar a instrução JR-5, mas repare-se que por causa desta convenção não podemos fazer JR 129d, por exemplo, porque 129d em hex é 81, ou seja -127d, que corresponde nesse caso a um salto para trás. Portanto, a região a que estamos limitados vai de -128d a 127d em torno do valor de PC.

JR0, como já foi dito, não faz absolutamente nada. A execução do programa continua na próxima instrução. É importante lembrar que os saltos negativos são contados a partir do valor de PC, isto é, da instrução seguinte. JR0 significa: execute a partir do endereço da próxima instrução mais zero. JR1 significa: execute a partir do endereço da próxima instrução mais um. Em consequência, se tivéssemos JR-2 teríamos de contar dois *bytes* para trás partindo do endereço da próxima instrução. Vemos que dois *bytes* atrás nos levam exactamente à instrução que acabamos de executar, a instrução JR-2. JR-2 é portanto um ciclo infinito e não recomendado para ser usado num programa.

O programa de *loop* infinito acima mencionado pode ser agora reescrito com menos um *byte*, utilizando JR em vez de JP.

77	START	LD (HL),A
23		INC HL
18FC		JR START

Repare-se que escrevemos «JR START» em vez de «JR -4»: o programa torna-se muito mais fácil de seguir, já que só precisamos de olhar para a etiqueta START para saber onde é que JR nos leva, em vez de termos de contar os *bytes*.

JR e JP são praticamente inúteis quando não forem utilizados com condições, da mesma maneira que GO TO em BASIC seria inútil se não existissem as instruções IF-THEN GO TO. Necessitamos de uma espécie de *jump* condicional de modo que possamos dizer que, se (IF) certa condição se cumprir, então (THEN) salte para um novo endereço. Sem esta hipótese, JP e JR só podem ser utilizados para criar ciclos infinitos. Apesar de o código máquina não ser flexível como o BASIC, permite-nos o uso de quatro condições para JR e oito para JP. São estas (para JR):

18aa	JR a	Salto relativo de e bytes.
20uu	JR NZ,e	IF o último resultado calculado for diferente de zero THEN salto relativo de e bytes.
28ee	JR Z,e	IF o último resultado é zero THEN salto relativo de e bytes.
30ee	JR NC,e	IF CARRY=0 THEN salto relativo de e bytes.
38ee	JR C,e	IF CARRY=1 THEN salto relativo de e bytes.

E para JP:

C3qppp	JP pq	Salto p. o endereço pq.
C2qppp	JP NZ,pq	IF o último resultado calculado for diferente de zero THEN saltar para o endereço pq.
CAcqpq	JP Z,pq	IF o último resultado for zero THEN saltar p. o endereço pq.
D2qcpq	JP NC,pq	IF CARRY=0 THEN saltar p. o endereço pq.
DAqppp	JP C,pq	IF CARRY=1 THEN saltar para o endereço pq.
E2qppp	JP PQ,pq	Ver abaixo
EAqppp	JP PE,pq	Ver abaixo
F2qppp	JP P,pq	IF o último resultado calculado for positivo (Plus) THEN saltar para o endereço pq.
FAqppp	JP M,pq	IF o último resultado calculado for negativo (Minus) THEN saltar para o endereço pq.

Agora, apesar de estarmos muito longe, por exemplo, de IF AS="OLA" THEN PRINT "ADEUS" a que estamos habituados, em breve se verá que até mesmo esta tarefa «difícil» pode ser executada em código máquina. Primeiro, no entanto, explicaremos duas das instruções na lista anterior — JP PQ e JP PE. Falando claramente, JP PQ significa IF PV=0 THEN salta (*jump*) para o endereço pq. Mas o que é exatamente PV?

Resposta: PV é um outro *flag*, exactamente como *carry*. Como este, também só pode guardar um dos valores, um ou zero. P significa paridade, mas explicaremos isso mais tarde. O V significa *overflow* (excesso). Este uso é fácil de explicar.

JP PQ pode ser entendido como JP NV (salte se não *overflow*).

JP PE pode ser entendido como JP V (salte se *overflow*).

Em rigor, não se deve escrever JP NV ou JP V porque não está convencionalizado, mas a verdade é que é uma ajuda para a nossa memória. A tendência é para escrever JP NV ou JP V nos programas — não importa, realmente, o respeitar ou não as convenções desde que se saiba o sentido do que se está a fazer (NV=PQ e V=PE).

Voltemos agora ao significado de *overflow*. Se considerarmos os números de 80 a FF como negativos e os números de 00 a 7F como positivos (como vimos anteriormente neste capítulo), poderão suceder coisas muito estranhas, em aritmética, se quisermos ultrapassar esses limites.

Por exemplo, 41h (positivo) mais 41h (positivo) é igual a 82h (negativo)?

Este género de erros é chamado *overflow* (excesso) e assim JP V salta se ocorrem erros destes e JP NV salta se tal não acontecer. Em resumo, um *overflow* acontece quando o resultado de uma operação aritmética, operando sobre números positivos ou negativos segundo a convenção indicada (também chamada de 2.º complemento) der uma resposta com sinal errado.

Repetindo mais uma vez: JP NV é uma maneira (não *standard*) de escrever JP PQ e JP V um modo de escrever JP PE. Assim NV=PQ e V=PE. É sempre indispensável lembrarmo-nos disto.

Todas estas coisas variadas, se se combinam devidamente com outras instruções, são suficientes para cobrir qualquer situação concebível. Na verdade, só é precisa mais uma instrução para tornar

JP e JR tão fortes quanto IF-THEN GO TO — essa instrução é CP ou *Compare*.

CP compara o registro A com qualquer outro registro ou constante numérica. Por exemplo, podemos ter CP B (compare A com B) ou CP L (compare A com L) ou CP 3E (compare A com o número 3E). O efeito da instrução será entendido como LET DUMMY=A-B em BASIC.

Por outras palavras, executa-se uma subtração, mas o resultado dessa subtração é «esquecido» e o valor de A nunca muda. Os *flags*, no entanto, mudam e dizem-nos o necessário sobre o resultado. Se A contém 05 e B 06, então depois de uma instrução CP B, a instrução JP NZ executará um salto (uma vez que 05-06 é não zero), JP C também (já que 05 é menor que 06), JP NV também (não há *overflow*, uma vez que o resultado de 05-06=FF ou seja, -1, que é negativo e portanto com o sinal correcto) e JP M funcionará (uma vez que FF é negativo). Embora a subtração seja executada, devemos salientar que o resultado é posto de parte e o valor de A não se altera.

CP permite-nos fazer algumas coisas úteis:

IF A=B THEN GO TO ...	CP B / JR Z ...
IF A<B THEN GO TO ...	CP B / JR C ...
(Só funciona se supusermos que todos os números são positivos.)	
IF A<B THEN GO TO ...	CP B / JP M ...

## CALL

Mesmo em código máquina podemos ter sub-rotinas. O equivalente em código máquina para GO SUB é CALL. Escrevemos CALL pq para significar GO SUB, a sub-rotina que começa no endereço pq. A instrução equivalente a RETURN é RET. Parece familiar... RET tem um duplo propósito — no fim de uma sub-rotina significa «retorne dessa sub-rotina»; se não houver sub-rotina para fazer retorno, significará «retorne ao BASIC». CALL e RET podem ser testados como vemos abaixo:

CDqpp	CALL pq	C9	RET
C4qpp	CALL NZ,pq	C0	RET NZ
CCqpp	CALL Z,pq	C8	RET Z
D4qpp	CALL NC,pq	D0	RET NC
DCqpp	CALL C,pq	D8	RET C
E4qpp	CALL PO,pq	E0	RET PO
	"CALL NV,pq"		"RET NV"
ECqpp	CALL PE,pq	E8	RET PE
	"CALL V,pq"		"RET V"
F4qpp	CALL P,pq	F0	RET P
FCqpp	CALL M,pq	F8	RET M

Como se adivinha facilmente, instruções como RET Z, etc., também se utilizam para condicionar o retorno ao BASIC, isto é, RET Z é igual a IF zero THEN RETURN ao BASIC.

Em BASIC não há pilha, por isso não temos de nos preocupar com ela. Em código máquina, no entanto, existe pilha e temos de nos preocupar. Existem duas instruções que, além do PUSH e POP, alteram a pilha! São elas CALL e RET!

CALL pq é equivalente a PUSH PC, o endereço da instrução seguinte, seguido de JP pq.

RET é equivalente a POP PC, provocando um salto para o endereço que estava no topo da pilha.

É importante compreender por que motivo isto leva CALL e RET a agirem como o fazem. A respeito destas instruções devemos ter cuidado com alguns problemas.

O valor de SP não deve ser alterado durante uma sub-rotina, uma vez que tanto CALL como RET dependem da pilha. Pode-se fazer PUSH de tantos itens quantos se quiser durante uma sub-rotina, desde que se faça um número igual de POPs antes de retornar. É útil conhecer um truque hábil para alterar o endereço de retorno de uma sub-rotina. Digamos que queremos mudar o endereço de retorno para E000:

E1	POP HL
210000	LD HL,E000
E5	PUSH HL

A primeira instrução retira o endereço de retorno original da pilha. A segunda e terceira instruções substituem-no por um

endereço de retorno alternativo. Quando, mais tarde, se alcança uma instrução RET, o controle retornará ao endereço B000. Outro truque útil a saber é como ter a certeza de que as sub-rotinas terminam sempre com a pilha «equilibrada». Uma maneira de o fazer é guardar o valor do *stack pointer* no princípio da rotina e restaurá-lo no fim. Um bom lugar para guardar este valor é a variável de sistema SPARE no endereço 5C80. Vejamos como fazer.

No princípio de uma sub-rotina:

```
ED73B05C          LD (5C80), SP
```

A sub-rotina pode ter então mais PUSH que POP ou vice-versa e deverá acabar por:

```
ED7BB05C          LD SP, (5C80)
CB                RET
```

Este método não impede no entanto a possibilidade de alteração do endereço de retorno, como o leitor poderá facilmente verificar.

## EXERCÍCIOS

Para o leitor se certificar de que compreendeu o uso da pilha e das instruções condicionais, escreva um programa que coloque na pilha cada um dos números entre um e cinquenta (decimal) usando PUSH AF e então tente retornar a BASIC sem suscitar quebra. Sugestão: CP 32h (compare com cinquenta decimal) é uma instrução muito útil neste caso.

É preciso conhecer os diversos códigos para CP. São eles:

UF	CP A
BB	CP B
B9	CP C
BA	CP D
BB	CP E
BC	CP H
BD	CP I
BE	CP (HL)
FErn	CP n

## CAPÍTULO SEIS

# «Bytes» e «bits»

## A PILHA

Uma das coisas boas do mundo dos computadores é que utiliza um ótimo vocabulário, PEEK, POKE, PUSH, POP, etc. Outra dessas palavras é *bit*, *Bi* quer dizer *Binary Digit* (dígito binário). Um *bit* só se compreende em binário, de modo que vamos trabalhar um pouco em binário.

Vamos partir do princípio que o leitor já compreende o hexadecimal, ainda que não esteja familiarizado com ele. (Na realidade é muito fácil, números de dois dígitos são cerca de  $1\frac{1}{2}$  vez aquilo que parecem, números de três dígitos cerca de  $2\frac{1}{2}$  e números de quatro dígitos são mais ou menos quatro vezes aquilo que parecem.) Assim todos os números que aparecerem neste capítulo serão ou binários ou hexadecimais. Binários e hexadecimais estão intimamente relacionados. De facto, binário é o mesmo que hex, mas de maneira diferente!

Há uma tabela de conversão. As colunas da esquerda contêm dígitos hex e a coluna da direita mostra grupos de quatro dígitos binários.

0	0000
1	0001
2	0010
3	0011
4	0100
5	0101
6	0110
7	0111
8	1000
9	1001
A	1010
B	1011
C	1100
D	1101
E	1110
F	1111



Todos os dígitos hex simples estão incluídos nesta lista e também, mas isto é menos óbvio, todos os grupos possíveis de quatro *bits* (um dígito binário é ou zero ou um). É impossível imaginar algum conjunto de quatro zeros ou uns que não se encontre na lista. Para transformar um número hex em binário só temos de converter um dígito de cada vez utilizando esta tabela. Por exemplo, o número 2A torna-se em binário 00101010 uma vez que 2 corresponde a 0010 e A corresponde a 1010 — 0010 e 1010 colocam-se lado a lado e na ordem correcta (o 2 vem em primeiro lugar, e em seguida o A — assim, 2A).

Do mesmo modo, números de quatro dígitos hexadecimais podem ser convertidos em binário por meio desta simples regra: E60A torna-se 1110 0110 0000 1010. (Escrevemos com espaços para facilitar a leitura, mas também poderia ter sido escrito 111001100001010 ou 111001100001010 — os espaços destinam-se aos nossos olhos, não têm outro significado.)

Para reconverter um número de binário a hex por meio de uma regra que funcione é essencial que o número binário em questão tenha um número de dígitos múltiplo de quatro. Se não for este o caso, a primeira coisa a fazer é dar-lhe um número de dígitos múltiplo de quatro. Isto faz-se precedendo-o de zeros. Assim, por exemplo, 101 passa a 0101 e 101010 passa a 00101010 e ainda 111000110001 passa a 0001 1100 0110 0001. (Colocamos espaços no último exemplo para torná-lo mais claro.) Tendo dividido o número em grupos de quatro dígitos, iremos procurar os dígitos na tabela acima dada ou na tabela do Apêndice I, no fim do livro, um grupo de cada vez, do primeiro ao último; 0001 1100 0110 0001 torna-se 1C61. Se convertesse 1C61 outra vez em binário, obteríamos 0001 1100 0110 0001.

Não é necessário estar sempre a olhar para a tabela. Acaba por se aprender de cor, com o tempo, pois é bastante curta. Mas uma maneira melhor é compreender o que tudo isto significa. Em decimal estávamos habituados a trabalhar em colunas (pelo menos antes do aparecimento das calculadoras) — unidades, dezenas, centenas, milhares, etc. Em hex também temos colunas: de unidades, de dezasseis, de duzentos e cinquenta e seis, de quatro mil e noventa e seis e assim por diante. Assim, quando escrevemos 12BC na realidade queremos dizer o número  $4096*1 + 256*2 + 16*11 + 1*12$  (decimal).

Veja-se como a coluna progride: cada número é dezasseis vezes maior que o anterior. Em binário também temos colunas, mas aqui as colunas são unidades, dois, quatro, oito, dezasseis, trinta e dois, sessenta e quatro e cento e vinte e oito, cada coluna é o dobro da anterior: assim 00101010 significa na verdade (em decimal)  $128*0 + 64*0 + 32*1 + 16*0 + 8*1 + 4*0 + 2*1 + 1*0$ , ou quarenta e dois, ou em hex  $80*0 + 40*0 + 20*1 + 10*0 + 08*1 + 04*0 + 02*1 + 01*0$  ou 2A. Repare-se como a soma se torna muito mais fácil se for feita em hex em vez de em decimal.

Agora, os *bits* — qual o interesse deles? Há evidentemente um motivo para nos ocuparmos deles, pois certamente que têm algum uso. Podemos manipular registos em *bits*, em código máquina, utilizando diversas instruções.

## INSTRUÇÕES SOBRE «BITS»

A primeira dasas instruções sobre as quais nos debruçaremos é CPL, a abreviatura de ComPLEMENTO. Escreve-se apenas CPL, sem referências a quaisquer variáveis. Tem por efeito mudar o valor de A mudando cada um dos *bits* de A. Se algum *bit* for inicialmente zero, então CPL mudá-lo-á para um, e se um *bit* for um, CPL mudá-lo-á para zero. Note-se que esta instrução opera com o registo A. Para o tornar mais claro, e supondo que A contém um valor de 00111001, CPL muda-o para 11000110 — todos os zeros se tornam uns e todos os uns se tornam zeros. Em hex, A mudou de 39 para C6. Veja o leitor se consegue demonstrar que o efeito de CPL pode ser obtido em hex subtraindo cada dígito de F ( $F - 3 = C$ ,  $F - 9 = 6$ , assim CPL muda 39 para C6).

A instrução seguinte a nível de *bit* que iremos ver é AND. AND escreve-se sempre com um nome de registo ou constante numérica a seguir — exemplo, AND R ou AND 3F. Como CPL, esta instrução actua apenas sobre o valor do registo A. O seu efeito é o de alterar A, mas por comparação *bit* por *bit* com o valor de um outro registo ou constante numérica. A regra é: se (IF) um dado *bit* de A é um e (AND) o *bit* correspondente do número no qual o está a comparar é um, então (THEN) esse *bit* de A permanece um, senão esse *bit* de A tornar-se-á zero. Para tornar isto mais claro, calculemos o valor de

AND B, supondo que A contém o valor 11000101 e B 01010110. A deve ser convertido um *bit* de cada vez. 1 AND 0 é 0, 1 AND 1 é 1, 0 AND 0 é 0, 0 AND 1 é 0. Assim obtemos a resposta final de 01000100 e é este o novo valor de A. Lembremos a regra: o um só aparece quando um *bit* de A é um e o *bit* correspondente de B também.

Claro que AND B não é a única possibilidade; podemos usar AND C ou AND 37h; existem muitas possibilidades. Como exercício veja o leitor se consegue ver o que AND A faz, independentemente do valor inicial de A.

Uma outra instrução muito semelhante é OR. OR, tal como AND, é escrito com o nome de um registo ou de uma constante numérica a seguir à palavra OR e o seu efeito é mudar o valor do registo A comparando-o *bit* por *bit* com o valor do que esteja escrito depois de OR. A regra é um pouco diferente, mas igualmente fácil de lembrar: se um *bit* de A for um, ou (OR) o *bit* correspondente do número a que o está a comparar for um, então esse *bit* de A torna-se um, em caso contrário esse *bit* de A permanecerá zero. Para melhor compreensão desta regra, estudemos o exemplo dado a seguir:

11000101	11000101	11000101
CPL	AND	OR
	01010110	01010110
igual	igual	igual
00111010	01000100	11010111

Assim 0 OR 0 é 0, 0 OR 1 é 1, 1 OR 0 é 1 e 1 OR 1 é 1. Lembremos as regras: só aparece o um se o *bit* de A for um ou (OR) o *bit* correspondente em comparação for um.

O *flag carry* tem também o seu lugar nisto tudo. A instrução CPL muda o valor de A, mas sem alterar o valor de nenhum dos *flags*. Para começar, o valor do *flag* zero irá depender do valor final de A ser ou não zero. É este *flag* que é testado em instruções com JR Z ou RFT NZ. Uma outra característica muito útil de AND e OR é que o *flag carry* será sempre *reset*. Isto é, depois de uma instrução AND ou OR, *carry* será sempre igual a zero. Isto quer dizer que a instrução AND A pode ser utilizada em vez de ADD A,0 para posicionar o *flag carry* a zero sem alterar nenhum dos registos.

Vejamos agora mais uma instrução do género de AND e OR. Esta

instrução tem o nome de XOR (*exclusive OR* — ou exclusivo). Tal como AND e OR, XOR escreve-se com um nome de registo ou constante numérica a seguir à palavra XOR e a sua função é alterar A comparando-o *bit* por *bit* com o registo ou número dado. Aqui a regra é a seguinte: se um dado *bit* de A for um ou o *bit* correspondente do número a que o está a comparar for um, mas não ambos, então esse *bit* de A torna-se um, caso contrário torna-se zero. Para usar o nosso exemplo:

11000101	11000101	11000101	11000101
CPL	AND	OR	XOR
	01010110	01010110	01010110
igual	igual	igual	igual
00111010	01000100	11010111	10010011

Aqui temos 0 XOR 0 é 0, 0 XOR 1 é 1, 1 XOR 0 é 1 e 1 XOR 1 é 0. É mais fácil lembrar esta regra da seguinte forma: só aparece o um se, e apenas se, o *bit* de A for diferente do *bit* correspondente de comparação.

Temos em seguida dois exercícios, só de verificação; não são críticos. O primeiro é verificar que o efeito de XOR FF em A é o mesmo de CPL e o segundo é verificar que o efeito de XOR A em A é o mesmo de LD A,0.

Tal como AND e OR, XOR também posiciona o *flag* zero segundo o valor final de A e faz o *carry* igual a zero.

## ROTAÇÕES

O grupo de instruções que iremos ver a seguir é de um tipo bastante diferente. São as instruções *shift* e *rotate*, que operam sobre qualquer registo na posição de memória e não apenas sobre A.

Consideremos a primeira instrução: RL (que significa *rotate left* — rode à esquerda). Podemos escrever RL A, RL B, etc., mas não podemos escrever RL 3F. É necessário ter o nome de um registo depois de RL e não uma constante numérica. RL muda todos os *bits* do registo em questão uma posição para a esquerda. O que inicialmente o *bit* mais à esquerda passa para o *carry* e o valor inicial do *carry* passa para o *bit* mais à direita; assim, se partirmos de princípio que o *carry* vale zero e A contém 11000101, a seguir a

uma instrução RL A, o *carry* será 1 e A irá conter 10001010. Veja se consegue compreender porque é que RL A tem o mesmo efeito que ADC A,A. Observe-se que RL B, RL C, etc., não podem ser simuladas em termos de ADC.

A instrução seguinte é RR (*rotate right*, ou seja, rode à direita). RR move todos os *bis* do registo em questão uma posição para a direita. O que foi anteriormente o *bit* mais à direita passa para o *carry* e o valor anterior do *carry* passa para o *bit* mais à esquerda. Se *carry* = 0 e A 11000101, então RR A mudará as coisas de maneira que *carry* = 1 e A 01100010. Tente o leitor entender porque é que RR C repetido oito vezes é o mesmo que RLC uma só vez.

A seguir temos umas instruções semelhantes, RLC e RRC, que significam respectivamente «rode à esquerda sem BASIC» e «rode à direita sem *carry*». Tal como anteriormente, cada *bit* do registo em questão é movido uma posição para a esquerda ou para a direita, mas aqui o *bit* que desaparece de um lado reaparece do outro; assim, por exemplo, se A contiver 11000101, RLC A irá mudar A para 10001011 — o valor inicial de *carry* é irrelevante. O seu valor final será o do *bit* que muda de extremidade. Neste caso, um.

Esperamos que tenha ficado clara a diferença entre RL e RR e entre RLC e RRC. RL e RR têm ciclos de nove *bis*, enquanto que RLC e RRC têm ciclos de oito *bis*. RL D repetido oito vezes deixará também D inalterado. RL, RR, RLC e RRC mudarão todos os outros *flags* além do *carry* de acordo com o valor final da operação.

Por falar em *flags*, é agora a altura de voltarmos a explorar aquele estranho *flag* PV, que significa *Parity/Overflow*; o seu uso para detectar excessos já nós vimos, mas, sempre que utilizamos uma das instruções a nível de *bit* já referidas, PV torna-se um ou zero, de acordo com uma regra diferente. Sempre que o resultado de uma das instruções referidas tiver um número par de «uns», dizemos que a paridade é par, e, sempre que o resultado tiver um número ímpar de «uns», dizemos que a paridade é ímpar. Instruções como JP PO (*jump se a paridade for ímpar*) ou RET PE (*retorne se a paridade for par*), por exemplo, reflectirão este número par ou ímpar.

Se pretendemos utilizar RL, RR, RLC ou RRC no registo A (em mais nenhum dos outros), há uma maneira mais curta de o fazer.

Quatro instruções — muito fáceis de aprender: RLA em vez de RL A, RRA em vez de RR A, RLCA em vez de RLC A e ROCA em vez de RCC A. O facto de faltarem os espaços é muito importante. RLA (etc.) executa a operação desejada mas sem alterar os *flags* à excepção do *carry*. Recordemos que só se pode usar estas instruções com o registo A — não podemos escrever RLE, temos de escrever RL E. O espaço tem significado.

Em seguida iremos ver as instruções *shift*, que são muito semelhantes às instruções *rotate*. Estas instruções estão ligadas à multiplicação e divisão por dois. A primeira delas é SLA, que multiplica por dois. SLA é a abreviatura de *Shift Left Arithmetic* (desloque à esquerda aritmeticamente) e deve ser escrita com o nome de um registo a seguir à palavra SLA. Em binário, o que acontece na realidade é que cada *bit* do registo é movido uma posição para a esquerda, o *bit* que anteriormente se encontrava mais à esquerda muda para o *carry* e o *bit* mais à direita torna-se zero. Compreende-se porque é que SLA A faz a mesma coisa que ADD A,A? (Note-se que não existe notação «curta» para esta instrução: SLAA, por exemplo, não é permitido.) O efeito de SLA em qualquer registo é multiplicar o valor desse registo por dois e esta é, talvez, a melhor maneira de nos lembrarmos. Um exemplo:

```
11000101
SLA
igual
10001010
```

A seguir temos SRA ou *Shift Right Arithmetic* (desloque à direita aritmeticamente), cuja função é dividir por dois. Para esta instrução os números entre 00 e 7F são considerados negativos. (Veja-se a tabela 2 do Apêndice 1.) Por outras palavras, supondo que D contém um valor de FE (menos dois), a seguir a uma instrução SRA, D conterá FF (menos um). Em binário, esta instrução desloca todos os *bis* uma posição para a direita, indo o *bit* que anteriormente se encontrava mais à direita para o *carry* e o *bit* mais à esquerda permanecendo sem alterações. Assim o *bit* mais à esquerda é sempre igual ao segundo *bit* mais à esquerda, depois de uma instrução SRA. Vamos demonstrar isto mais uma vez por meio de exemplos:

11000101	11000101
SLA	SRA
igual	igual
10001010	11100010

Por fim temos mais uma instrução *shift*, chamada SRL (*Shift Right Logical* — desloque à direita logicamente). Mais uma vez, a sua função é dividir por dois, mas, com esta instrução, todos os números, mesmo os que se encontram entre 80 e FF, são considerados positivos. (Veja-se a tabela 1 do Apêndice 1.) Por outras palavras, se D contém 1E, este não é considerado como menos dois, mas sim como duzentos e cinquenta e quatro. Depois de uma instrução SRL D, D passará a conter 7F ou seja, cento e vinte e sete e não FF. Em binário, SRL move cada *bit* uma posição para a direita, indo o *bit* inicialmente mais à direita para o *carry*, e tornando-se zero o *bit* mais à esquerda. Por exemplo:

11000101	11000101	11000101
SLA	SRA	SRL
igual	igual	igual
10001010	11100010	01100010

## SET E RESET

Quando escrito em binário, um *byte* tem oito *bits* de comprimento. Cada um destes *bits* está numerado. O *bit* mais à esquerda é chamado *bit* número sete e o *bit* mais à direita é chamado zero. Os *bits* do meio são numerados da esquerda para a direita segundo uma ordem descendente, como se poderia esperar.

Em código máquina, podemos operar com os *bits* individuais dos registos. Disponemos das instruções SET e RES (abreviatura de *reset*). Por exemplo, SET 7,H tornará um o *bit* número sete do registo H. *Set*, recordemos, significa mudar para um. RES 5,D irá tornar zero o *bit* número cinco do registo D. *Reset*, é claro, quer dizer mudar para zero. Note-se que só podemos operar sobre *bits* específicos dos registos. Não podemos, por exemplo, dizer RES B,C — antes da vírgula só podemos colocar constantes numéricas (entre 0 e 7) e depois da vírgula só nomes de registo. No entanto em

muitos casos podemos escrever «(HL)», isto é, a posição de memória de endereço contido em HL, como se fosse um registo e, assim, AND (HL), OR (HL), XOR (HL), RL (HL), RR (HL), RLC (HL), RRC (HL), SLA (HL), SRA (HL), SRL (HL), SET 3,(HL) e RES 3,(HL) funcionarão.

Também podemos testar *bits* individuais. Existe uma instrução chamada BIT que opera da maneira que a seguir indicamos.

BIT 4,B (por exemplo) irá testar o *bit* número quatro do registo B. O valor de B não é alterado, mas o *flag* zero irá reflectir o resultado do teste. O *bit* número quatro de B é zero ou não zero e, assim, instruções como JR Z ou CALL NZ funcionarão como seria de esperar depois de uma instrução BIT. Claro que qualquer registo e também (HL), e não apenas B, pode ser testado e qualquer outro *bit*, não apenas o *bit* quatro, pode também ser testado.

Como já decerto se observou, neste capítulo não demos os códigos hex de nenhuma das instruções antes dadas. Teremos de procurá-los no Apêndice 4, no fim do livro. Todas as instruções de código máquina são aí apresentadas juntamente com os respectivos códigos hexadecimais. A nossa descrição de binário está completa. Agora, depois de tanta teoria, chegou a altura de utilizarmos tudo o que aprendemos, fazendo qualquer coisa útil.

## Impressão no «écran»

### IMPRESSÃO DE UM TABULEIRO DE DAMAS

Para escrevermos um programa tão extenso como o de um jogo de damas precisamos de um programa BASIC bastante potente para o podermos carregar. Segue-se uma versão de HEXLD — chamada HEXLD 2 — que apresenta melhoramentos em relação ao anterior. Um desses melhoramentos é a possibilidade de introduzir cadeias de caracteres, tais como «ser ou não ser», depois incorporados no código máquina, um carácter de cada vez. Para o conseguir, ao correr o programa é necessário introduzir: ser ou não ser: (*to be or not to be*) — isto é, o texto deve estar entre dois pontos (o que é muito importante).

Eis a listagem de HEXLD 2:

```

10 INPUT "ESCREVER PARA";A$
20 PRINT "ESCREVER PARA";A$
30 GO SUB 200
40 PRINT
50 LET A$ = ""
60 IF A$ = "" THEN INPUT A$:PRINT A$
70 IF CODE A$ = 58 THEN GO TO 300
80 LET Y = CODE A$ - 48: IF Y > 9 THEN LET Y = Y - 7
90 LET Z = CODE A$(2) - 48: IF Z > 9 THEN LET Z = Z - 7
100 POKE X, 16 * Y + Z
110 LET X = X + 1
120 LET A$ = A$(3 TO)
130 GO TO 60
200 LET X = 0
210 FOR I = 1 TO 4
220 LET Y = CODE A$ - 48: IF Y > 9 THEN LET Y = Y - 7
230 LET X = 16 * X + Y
240 LET A$ = A$(2 TO)
250 NEXT I

```

```

260 RETURN
300 LET A$ = A$(2 TO)
310 POKE X, CODE A$
320 IF CODE A$ = 226 THEN POKE X, 13
330 LET A$ = A$(2 TO)
340 LET X = X + 1
350 IF CODE A$ < > 58 THEN GO TO 310
360 LET A$ = A$(2 TO)
370 GO TO 60

```

Este programa é basicamente o mesmo que HEXLD excepto por duas características. Primeira: é necessário introduzir o endereço do início (em hexadecimal) a partir do qual o código máquina será carregado, e segundo, é permitido introduzir cadeias de dados, utilizando os seus próprios códigos em vez de códigos hex — essa é a função da rotina que começa na linha 300. Para introduzir texto é necessário apenas colocar dois pontos de cada lado. Para introduzir o carácter ENTER como parte do texto é preciso introduzir em seu lugar STOP (*symbol shift A*). Para sair do programa, apagam-se as aspas usando EDIT e depois introduz-se STOP (sem aspas).

### SUB-ROTINAS COM DADOS

Vamos ver algumas formas de uso. Uma das sub-rotinas mais úteis talvez seja a que escreve no écran uma cadeia de caracteres. Existe uma instrução em código máquina chamada RST 10 (que significa CALL 0010), que, no *Spectrum*, tem o efeito de escrever um só carácter. Experimente-se este programa, carregando-o no endereço 7000h.

```

3E2A  START  LD A, ""
D7      RST 10
18FB    JR START

```

Para podermos ver o programa correr, juntam-se as seguintes linhas de BASIC a HEXLD 2:



```

700 INPUT "ENDEREÇO DE EXECUÇÃO",A$
710 GO SUB 200
720 RANDOMIZE USR X

```

e depois fazemos RUN 700 e introduzimos "7000". Repare-se na maneira como USR foi aqui utilizado — não com um número mas, sim, com uma variável, X. O endereço que USR chama é introduzido em hex na linha 700. Notou-se qualquer coisa estranha ao correr o código máquina? Experimente-se agora esse programa em código máquina, um pouco diferente:

AF		XOR A	(Mais simples que LDA A,0)
329C5C		LD IVFLAG,A	
3E2A	LOOP	LD A,""	
D7		RST 10	
18FB		JR LOOP	

Repare-se que a diferença está em que a variável de sistema IVFLAG (endereço 5C3C) é principalmente carregada com zero antes de ser executado o resto do programa. Quando correr, vê-se o *écran* encher-se de asteriscos, e muito depressa (muito mais depressa do que PRINT "\*" / GO TO 1). A instrução RST 10, no *Spectrum*, imprime o carácter cujo código estiver no registo A na posição corrente de impressão no *écran*.

O que queremos é uma sub-rotina que escreva qualquer mensagem, desde «sim» até «oh, que linda manhã», em amarelo e vermelho a piscar. Suponhamos que tal sub-rotina existe e se chama S\_\_PRINT (*string print*). Queríamos de usar uma instrução do género CALL S\_\_PRINT com os dados PAPER amarelo, INK vermelha, FLASH activado e com a frase «oh, que linda manhã». (As palavras em itálico representam os caracteres de controle que se obtêm premindo ambos os shifts 6', ambos os shifts/caps shift 2', ambos os shift/caps shift 9'. Eis como empregar a rotina:

```

CD1111 CALL S__PRINT
48658C66 DEFM Hello
00 DEFB 00

```

Aqui, DEFM significa DEFina uma Mensagem. Na verdade não se trata de uma instrução em código máquina mas de uma indicação

para especificar dados dentro de um programa. Procurando na tabela de códigos de caracteres (Apêndice 5, do fim do livro, ou na página 183 do manual do *Spectrum*) vê-se que 4B é o código hexadecimal para «H», 65 para «e», 6C para «l» e 6F para «o». DEFB refere-se também a dados — significa DEFina um Byte. DEFB 00 é, portanto, uma outra maneira de escrever RET. No exemplo acima dado, utilizamos o byte 00 para indicar o fim da cadeia — o fim dos dados a usar por S\_\_PRINT.

Temos de nos certificar, no entanto, de que a parte de dados nunca é executada, uma vez que estes bytes não fazem sentido em código máquina. Vejamos como escrever uma sub-rotina como S\_\_PRINT e que ao mesmo tempo faça com que essa zona nunca seja executada (neste caso, a palavra «Hello» e o byte 00).

Já dissemos antes que CALL funciona fazendo PUSH do endereço de retorno e em seguida salta para o endereço requerido. RET funciona de maneira inversa — faz POP do valor no topo da pilha e depois salta para ele. Assim, se «Hello» vier imediatamente a seguir a uma instrução CALL, o endereço no topo da pilha (durante o decurso da sub-rotina) será o endereço do primeiro carácter da zona de dados — neste caso o «H» —, endereço esse que obtemos no registo HL com a simples instrução POP HL. Se então incrementarmos HL de uma unidade e fizermos PUSH HL, o efeito do próximo RETorno será um salto para o próximo endereço na linha — o «e». Podemos detectar o fim da zona de dados, procurando o byte 00 (que não ocorre dentro do texto). Estudemos esta sub-rotina.

E1	S__PRINT	POP HL
7F		LD A,(HL)
23		INC HL
E6		PUSH HL
A7		AND A
C8		RET Z
D7		RST 10
18F7		JR S__PRINT

As primeiras quatro linhas têm por fim obter o carácter guardado no endereço de retorno corrente, incrementar este endereço e tornar a guardá-lo na pilha. As duas linhas seguintes provocarão o retorno da sub-rotina se o byte encontrado for 00. Note-se que nesse caso



AND A irá comparar A com 00. Se examinarmos a rotina com atenção veremos que a instrução RET (na verdade RST Z ou RETerno ao Zero, mas o efeito é exactamente o mesmo) irá retornar ao *byte* a seguir a 00 e não a 00 mesmo. Por fim, se 00 ainda não foi alcançado, a instrução RST 10 será executada e o carácter que se encontra no registo A aparecerá no *écran*. A rotina toda será então repetida o número de vezes necessário, até se encontrar o indicador de fim de mensagem — o *byte* 00.

Introduzamos o programa HEXLD 2 para poder carregar código máquina. Corramos-lo, introduzindo 7000 para endereço de início, e introduzindo seguidamente tudo o que se encontra na coluna da esquerda:

E1	S PRINT	POP HL
7E		LD A, (HL)
23		INC HL
E5		PUSH HL
A7		AND A
C8		RET Z
D7		RST 10
18F7		JR S__PRINT
AF	START	XOR A
323C5C		LD (TVFLAG), A
CD0070		CALL S__PRINT
	<i>fundo amarelo cor vermelha</i>	<i>flash activo Oh, mas que linda manhã</i>
		DEFM <i>mensagem</i>
00		DEFB 00
C9		RET

Agora veja-se a utilidade da rotina BASIC em HEXLD 2, que começa na linha 300. Imagine-se como seria aborrecido ter de escrever 11061002120140682C20... etc., em vez de *fundo amarelo, tona vermelha, flash activo, oh, que linda manhã*. O efeito é exactamente o mesmo. Agora, com RUN 700 para fazer correr o código máquina, introduz-se "7009" como endereço de início. Este é o endereço da etiqueta START do programa acima apresentado.

Se observarmos a linha 320 de HEXLD 2 notaremos que, de cada vez que introduzirmos a palavra «STOP» (*symbol shift A*) no texto, ela será imediatamente substituída por um carácter ENTER. Isto sucede apenas por uma questão de conveniência. Podemos

introduzir um carácter *enter*, se quisermos, apagando as aspas e escrevendo CHR\$ 13, mas é muito mais simples e prático escrever apenas *symbol shift A*. É claro que se precisarmos da palavra «STOP» bastará escrever «S», «T», «O», «P», por extenso.

Agora, vamos precisar de criar um carácter gráfico definível. Introduzamos como um comando directo:

```
FOR I=0 TO 7: INPUT X:POKE USR "A"+I,X:NEXT I
```

e a seguir

```
0
60
126
126
126
126
60
0
```

Desta forma definimos o gráfico A como uma peça de damas. O programa em código máquina que se segue constitui a primeira parte do jogo de damas (DRAUGHTS). É a rotina que nos permite desenhar o tabuleiro. Na coluna da direita, o símbolo u é utilizado para representar o carácter gráfico A. Devemos escrevê-lo a partir do endereço 7002h.

E1	S__PRINT	POP HL
7E		LD A, (HL)
23		INC HL
E5		PUSH HL
A7		AND A
C8		RET Z
D7		RST 10
18F7		JR S__PRINT
AF	START	XOR A
323C5C		LD (TVFLAG), A
CD0070		CALL S__PRINT

```

2031323334353637380D
312090209020902090310D
329020902090209020320D
332090209020902090330D
349020902090209020340D
352090209020902090350D
369020902090209020360D
372090209020902090370D
389020902090209020380D
203132333435363738
00
09

```

```

DEFM 1 1 2 3 4 5 6 7 8
DEFM 1 @ @ @ @ @ 1
DEFM 2 @ @ @ @ @ 2
DEFM 3 @ @ @ @ @ 3
DEFM 4 @ @ @ @ @ 4
DEFM 5 @ @ @ @ @ 5
DEFM 6 @ @ @ @ @ 6
DEFM 7 @ @ @ @ @ 7
DEFM 8 @ @ @ @ @ 8
DEFFM 1 2 3 4 5 6 7 8
DEFB 00 (Fim dos dados)
RET (Retorno ao BASIC)

```

Se fizermos agora RUN 700 e introduzirmos «700» como endereço inicial (o endereço da instrução XOR A) vê-se aparecer, no *écran*, instantaneamente, um tabuleiro de damas. Talvez de momento não se pareça muito com um tabuleiro de damas (mas tarde corrigiremos isso); mas pelo menos está tudo no seu lugar.

Há ainda uma coisa que precisamos completar — por enquanto não podemos fazer SAVE (gravação) do código máquina que esteja guardado na parte superior da memória. Acrescentem-se a HEXLD 2 as linhas seguintes:

```

400 INPUT "SAVE 7000 ATÉ";A$
410 GO SUB 200
420 SAVE "HEXLD 2" LINE 500
430 SAVE "GRAPHIC A" CODE USR "A",8
440 SAVE "M/CODE" CODE 28672,X-28671
450 VERIFY ""
460 VERIFY "" CODE
470 VERIFY "" CODE
480 STOP
500 LOAD "" CODE USR "A",8
510 LOAD "" CODE
520 STOP

```

Para gravar o código máquina escreve-se RUN 400. Aparecerá a mensagem usual «Start tape then press any key» três vezes de seguida. Será feito automaticamente um VERIFY do programa e do

código máquina (portanto é preciso rebobinar a fita e passá-la outra vez). Como se vê, o carácter «peça das damas» é também guardado em fita pela linha 430. Nunca se deverá gravar utilizando SAVE «HEXLD 2» como é costume — é bom criar o hábito de escrever RUN 400. A verificação automática é muito útil porque não corremos o perigo de a esquecer.

## A ORGANIZAÇÃO DO «ÉCRAN»

Vamos mudar um pouco de assunto. Vamos explorar o *écran* por uns momentos, guardando o programa (para o que se escreve RUN 400).

Agora, só para vermos o que acontece, peço ao leitor que escreva, como um comando directo, o seguinte:

```
FOR I=16384 TO 23295:POKE I,41:NEXT I:PAUSE 0
```

Não é um resultado curioso? Não só pelo facto de estarmos a fazer POKE no *display file* — a zona de memória onde se guarda a imagem — mas, sim, pela ordem estranha em que as coisas aconteçam. Este é o mapa da memória do *Spectrum* — a princípio parece mais confuso que o necessário. Assim, penso que é conveniente examinar a organização do *écran* mais de perto para podermos compreender melhor as coisas. Repare-se na figura 7.1: dá-nos o endereço da posição de impressão para qualquer ponto do *écran* e também o endereço do *byte* de atributos correspondente. Por exemplo, considere-se o ponto cujas coordenadas PRINT AT são 5,4. De acordo com o diagrama, os primeiros dois dígitos do endereço desta posição são 40. O terceiro dígito é A (uma vez que a fila número cinco é a sexta fila no sentido descendente) e o quarto dígito é 4. Isto dá-nos o endereço 404A.

Experimente-se correr este programa em código máquina:

```

21A440 LD HL,40A4
36FF LD (HL),FF
C9 RET

```

Agora, confirmemos que a pequena linha que apareceu no *écran* se encontra, de facto, nas coordenadas 5,4.

PRIMEIRO DÍGITO —  
TERCEIRO DÍGITO —  
QUARTO DÍGITO —

ENDR. DO BYTE DE ATRIBUTOS: PRIMS. DOIS DÍGITS.  
OS DOIS DÍGITOS FINAIS  
COMO PARA POSIÇÃO DE PRIM.

A partir do diagrama vê-se que o endereço do *byte* de atributos para essa posição é 58A1. Vejamos o seguinte programa em código máquina:

RET

Seria agora muito vantajoso fazer uma pequena experiência. Carregue e corra o leitor este programa em código máquina. Veja se adivinha o que ele faz antes que o expliquem.

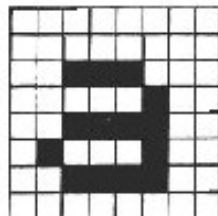
RET

(Note-ser. INC H. 722  
INC HL)

```

00 0 0 0 0 0 0 0 0
00 0 0 0 0 0 0 0 0
38 0 0 1 1 1 0 0 0
04 0 0 0 0 0 1 0 0
3C 0 0 1 1 1 1 0 0
44 0 1 0 0 0 1 0 0
3C 0 0 1 1 1 1 0 0
00 0 0 0 0 0 0 0 0

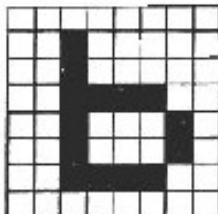
```



```

00 0 0 0 0 0 0 0 0
20 0 0 1 0 0 0 0 0
20 0 0 1 0 0 0 0 0
3C 0 0 1 1 1 1 0 0
22 0 0 1 0 0 0 1 0
22 0 0 1 0 0 0 1 0
3C 0 0 1 1 1 1 0 0
00 0 0 0 0 0 0 0 0

```



```

00 0 0 0 0 0 0 0 0
00 0 0 0 0 0 0 0 0
1C 0 0 0 1 1 1 0 0
20 0 0 1 0 0 0 0 0
20 0 0 1 0 0 0 0 0
20 0 0 1 0 0 0 0 0
1C 0 0 0 1 1 1 0 0
00 0 0 0 0 0 0 0 0

```

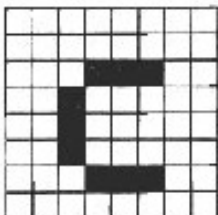


Figura 7.2

Se introduzir o programa correctamente, ao correr-lo a letra «a» será escrita no *écran* na posição 5,4, mas sem mudar as cores nessa posição. Repare na instrução INC H. Esta é a razão pela qual a ordenação dos bytes no *écran* é como nos aparece. Se a posição de impressão para um quadrado tem como endereço o valor de HL, os

oito bytes representando a «expansão em pixels» de um carácter devem ser guardados nos endereços HL, HL + 0100, HL + 0200, HL + 0300, HL + 0400, HL + 0500, HL + 0600 e HL + 0700.

A instrução INC H, na realidade, faz o mesmo que ADD HL,0100, uma vez que nunca ocorre *overflow*.

Imagine-se agora que em vez do mapa de memória do *écran* ser assim, os endereços consecutivos correspondiam às linhas sucessivas de pixels, do canto superior esquerdo ao inferior direito na ordem supostamente lógica. Se assim acontecesse, os oito bytes de cada carácter teriam de ser guardados nos endereços HL, HL + 0020, HL + 0040, HL + 0060, HL + 0080, HL + 00A0, HL + 00C0 e HL + 00E0. Uma vez que a instrução ADD HL,0020 não existe, a única maneira de apontar HL para a posição da próxima linha de pixels será fazendo PUSH DE/DI,0020/ADD HL,DE/POP DE. Isto é muito mais aborrecido que fazer simplesmente INC H. A única razão pela qual podemos fazer INC H é pela maneira inteligente como o *écran* está construído. (Parabéns a Clive por esta facilidade.)

No entanto, com toda esta expertise, nós ainda temos problemas pelo facto de a divisão do *écran* em segmentos (veja-se a figura 7.2) nos criar dificuldades ao passar de um segmento para outro. Por exemplo, se o endereço de um quadrado em particular for HL, o endereço do próximo quadrado no *écran* é usualmente HL + 0001. Se HL contém 40FF, no entanto, a próxima posição de impressão terá o endereço 4800 — e não 4100 (que é o da segunda fila de pixels do primeiro quadrado do *écran*). Supondo que HL contém o endereço da posição corrente de impressão, a seguinte rotina irá alterá-lo de forma a afastá-lo sempre para a posição seguinte:

```

CB1C RR H
CB1C RR H
CB1C RR H
23 INC HL
CB14 RL H
CB14 RL H
CB14 RL H

```

Mais ainda, a sequência de instruções RR H/RR H/ RR H/LD BC,0020/ADD HL,BC/RL H/RL H/RL H deixará em HL, em qualquer caso, o endereço do próximo quadrado inferior.

Consideremos agora o byte de atributos. A cada quadrado do tabuleiro corresponde um único byte de atributos (em vez dos oito bytes no *display file* principal). Este byte guarda toda a informação necessária sobre as cores desse quadrado. Encontramos este byte de duas maneiras. Suponhamos que a cor do fundo para o nosso quadrado é P e que a cor da tinta é I. Vamos definir ainda mais duas variáveis: FL, que será um se o quadrado piscar ou zero se o quadrado não piscar; e BR, que será um se o quadrado for brilhante ou zero se o quadrado for normal. O byte dos atributos requerido é então  $80 * FL + 40 * BR + 8 * P + I$ .

No entanto isto não nos dá uma visão muito clara sobre a constituição do byte dos atributos. A melhor maneira é examinar este byte em binário.

É assim:

FL BR P2 P1 P0 I2 I1 I0

P2, P1 e P0 representam a cor do fundo (em binário) e I2, I1 e I0 representam a cor da tinta (em binário). Repare-se que uma vez que as cores possíveis de fundo e tinta são apenas 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6 ou 7, só precisamos de três bits. Para melhor compreensão, devem escrever-se os números de zero a sete em binário e comparar os cinco bits mais à esquerda.

Utilizando este conhecimento dos atributos, apresentamos uma rotina, curta, que contrasta a cor da tinta com a do fundo. Partimos do princípio de que o A contém o byte de atributos.

CB6F	BIT 5,A	
2803	JR Z	
E6F8	AND F8	Fazer cor preta
C9	RET	
FE07	OR 07	Fazer cor branca
C9	RET	

O bit número cinco de A é, na verdade, o bit número dois da cor do fundo, será zero apenas quando o fundo for preto, azul, vermelho ou magenta (isto é, escuro). Será um se a cor do fundo for verde, cyan, amarelo ou branco (isto é, claro). Vê-se, pois, como a

rotina acima dada decide se a cor de tinta deve ser preta ou branca e como é feita a mudança de cor em cada caso.

E agora alguns truques. Eis uma sub-rotina cuja finalidade é apontar HL para um novo quadrado no *display file* e DE para o byte correspondente na zona dos atributos. É necessário que HL já esteja apontando para a primeira fila de pixels de um quadrado e que DE esteja apontando para o byte de atributos correspondente a esse quadrado. (Veja-se mais uma vez a figura 7.1.) É preciso ainda que BC contenha o deslocamento requerido. (Contando FF como um quadrado à esquerda, 0001 como um quadrado à direita, FFE0 como um quadrado acima e 0020 como um quadrado abaixo, isto é o número de quadrados entre o início e o final.) Esta sub-rotina tem uma característica muito interessante no fim:

	MOVE	
7D		LD A,L
CB1C		RR H
CB1C		RR H
CB1C		RR H
09		ADD HL,BC
CB14		RL H
CB14		RL H
CB14		RL H
EB		EX DE,HL
09		ADD HL, DE
EB		EX DE,HL
AD		XOR L
CB67		BIT 4,A
C8		RET Z
37		SCF
CB6F		BIT 3,A
C8		RET Z
7D		LD A,L
17		RLA
AD		XOR L
CB67		BIT 4,A
C8		RET NZ
37		SCF
C8		RET

A sub-rotina parte do princípio de que nunca quereremos mover mais do que sete quadrados em qualquer direcção de uma só vez.

Além do efeito sobre HL e DE, no retorno o *carry* será zero se o deslocamento for aceitável. Se o deslocamento tiver acidentalmente cruzado o extremo esquerdo ou direito do *écran*, o *carry* será um. Repare-se no uso da instrução EX DE, HL (*EXchange* — troque — DE com HL) e a maneira como foi utilizada para somar BC a DE. Este é um efeito muito útil. A lógica desta sub-rotina é a seguinte:

Se o *bit* quatro não for alterado, o deslocamento é permitido. Caso contrário...

Se o *bit* três não for alterado, o deslocamento não é permitido. Caso contrário...

Se o *bit* três for diferente do *bit* quatro o deslocamento é permitido. Caso contrário...

O deslocamento não é permitido.

Será um bom exercício ver, primeiro, como esta lógica funciona e, segundo, como esta lógica é implementada no programa.

Por fim, duas rotinas em código máquina que serão interessantes. A primeira faz *scroll* do *écran* e a segunda, a mesma operação mas em sentido contrário. Nenhuma destas duas rotinas modifica a posição de impressão (como acontece com RST 10) mas ambas apagam a linha não desejada, ou no topo ou na base, conforme o caso. A figura 7.1 ajuda muito a compreender o funcionamento deste programa.

Primeira parte: fazer *scroll* para cima. USR deve indicar o endereço do label «UP».

```

C5      UPLD      PUSH BC
D5      PUSH DE
E5      PUSH HL
EDB0    LDIR
E1      POP HL
24      INC H
D1      POP DE
14      INC D
C1      POP BC
C9      RET
212040  UP        LD HL,4020
110040  LD DE,4000
01E01A  LD BC,1AE0
EDB0    LDIR

```

```

21E047  LD HL,47E0
11E040  LD DE,40E0
0E20    LD C,20
3E10    LD A,10
CD7777  U_LOOP   CALL UPLD
3D      DEC A
20FA    JR NZ,U_LOOP
62      LD H,D
1EE1    LD E,E1
0B      DEC BC
3E08    LD A,08
3600    U_BLANK  LD (HL),00
CD7777  CALL UPLD
3D      DEC A
20F8    JR NZ,U_BLANK
265A    LD H,5A
54      LD D,H
3A485C  LD A,(BORDCR)
77      LD (HL),A
EDB0    LDIR
C9      RET

```

Segunda parte: fazer *scroll* para baixo. USR deve indicar o endereço do label «DOWN».

```

C5      DOWNLD   PUSH BC
D5      PUSH DE
E5      PUSH HL
EDB8    LDDR
E1      POP HL
25      DEC H
D1      POP DE
15      DEC D
C1      POP BC
C9      RET
21DF5A  DOWN     LD HL,5ADF
11FF5A  LD DE,5AFF
01E01A  LD BC,1AE0
EDB8    LDDR
211F50  LD HL,501F
111F57  LD DE,571F
0E20    LD C,20

```



```

3E10      LD A,10
CD7777    D LOOP
3D        CALL DOWNLD
DEC A
20FA      JR NZ,D__LOOP
62        LD H,D
1E1E      LD E,1E
0B        DEC BC
3E00      LD A,00
3000      D__BLANK
CD7777    CALL DOWNLD
3D        DEC A
20FB      JR NZ,D__BLANK
265B      LD H,5B
54        LD D,H
3A8D5C    LD A,(ATTR__P)
77        LD (HL),A
EDB8      LDER
C0        RET

```

Repare-se na parte de código máquina no fim das rotinas que apaga as linhas não desejadas. É também na diferença entre as variáveis de sistema BORDCR e ATTR\_\_P. O último guarda os atributos para a linha superior, enquanto BORDCR guarda os atributos para a linha inferior. O programa BASIC que se segue destina-se a mostrar ambas as rotinas de *scroll* em funcionamento. Não é um jogo terrivelmente emocionante ou um programa para produzir padrões artísticos geniais, mas mostra exactamente o que faz o código máquina de que estivemos a tratar. Podemos, é claro, inserir estas rotinas em qualquer programa; há um ou dois jogos gráficos que muito beneficiarão se os inserirmos. Este programa produz um padrão às riscas a atravessar o *écran*, com cada riscas composta por um carácter ao acaso do conjunto de caracteres do Spectrum. O padrão no *écran* «congelará», à espera que se lhe indique o que fazer. Premindo a tecla *cursor up* faz-se com que o padrão se mova para cima, enquanto que a tecla *cursor down* fará mover o padrão para baixo. Não é necessário premir a tecla *shift*.

```

10 DIM A$(22,36)
20 FOR I=1 TO 22
30 LET B$=CHR$(INT (96*RND)+32)

```

```

40 FOR J=0 TO 5
50 LET B$=B$+B$
60 NEXT J
70 LET A$(I)=CHR$(16+CHR$(INT (8*RND)+CHR$(17
+CHR$(INT (8*RND)+B$
80 PRINT A$(I)
90 NEXT I
100 LET A=1
110 PAUSE 0
120 LET B$=INKEY$
130 LET B=A+1:IF B=23 THEN LET B=1
140 LET C=A-1:IF C=0 THEN LET C=22
150 IF B$="6" THEN PRINT AT 0,USR down:A$(C):LET A=C
160 IF B$="7" THEN PRINT AT 21,USR up:A$(A):LET A=B
170 GO TO 110

```

Nota-se a instrução INPUT\* na linha 170, que tem o efeito de apagar as duas linhas inferiores do *écran*.

## UM dicionário de código máquina

### REGISTOS EM CÓDIGO MÁQUINA

Além dos registos A, B, C, D, E, H e L e dos *flags* PV e *carry*, existem ainda alguns outros registos e *flags*, apesar de nem todos serem úteis. Vamos falar primeiro dos registos.

IX é um par de registos; no entanto não podemos separá-lo como fazemos com HL. Todas as instruções em código máquina que envolvam HL (sem parêntesis) podem ser escritas com IX em vez de HL. (Há três excepções a esta regra: EX DE, HL, ADC HL e SBC HL.) O código hex destas instruções é DD seguido do código da instrução correspondente usando HL. Todas as instruções em código máquina que envolvam (HL) (com parêntesis) podem ser escritas com (IX + dd) em vez de (HL) — o dd representa qualquer *byte*. Por exemplo, uma vez que há uma instrução LD (HL), 03, também há uma instrução LD (IX + 2A), 03. O *byte* de deslocamento 2A pode ser muito útil. (Há uma excepção a esta regra. A instrução correspondente a JP (HL) é JP (IX) e não JP (IX + dd).) O código hex para estas instruções é DD seguido do código hex da instrução correspondente para (HL), com o *byte* de deslocamento colocado sempre no terceiro *byte* do código hex, mesmo que isto signifique inseri-lo entre dois *bytes* do código da instrução com (HL). Por exemplo, o código hex para LD (HL), 03 é 3603; portanto o código hex para LD (IX + 2A), 03 é DD 362A03.

IY é também um par de registos. Utiliza-se exactamente da mesma maneira que IX, excepto que os códigos hex das instruções com IY requerem o *byte* FD em vez de DD. Apesar do facto de ambos estes nomes de registos começarem com I, não têm a parte alta em comum e são completamente independentes um do outro. F é o registo dos *flags*, por vezes chamado «registo de estado» (*status register*). De vez em quando este registo coabita com A na esperança de passar despercebido.

Cada *bit* de F tem uma função específica. Já vimos alguns. São eles:

- Bit 7 : o *flag* de sinal ou S
- Bit 6 : o *flag* zero ou Z
- Bit 5 : não é utilizado
- Bit 4 : o *half carry* ou H
- Bit 3 : não é utilizado
- Bit 2 : o *flag* de paridade/overflow ou PV ou só P
- Bit 1 : o *flag* de subtracção ou N
- Bit 0 : o *flag carry* ou C (não confundir com o REgisto C)

O *flag half carry* testa a ocorrência de *carry* do *bit* três para o *bit* quatro no decurso das instruções aritméticas sobre quantidades de oito *bits*, ou, no caso das instruções sobre pares de registos, do *bit* onze para o *bit* doze, será um se houver *carry*, zero se não houver.

O *flag* de subtracção é afectado por qualquer instrução que envolva subtracção, caso em que se torna um, ou adição, caso em que se torna zero. Note que não há instrução que permita testar directamente estes *flags*. Tem por finalidade principal permitir a instrução DAA (ver adiante).

Não existem instruções para alterar directamente o valor de F; no entanto, podemos fazer com que F tenha um valor de, digamos, xx usando LD C,xx/PUSH BC/POP AF. Do mesmo modo, podemos ler os *flags* H e N usando PUSH AF, POP BC e examinar então os *bits* de C.

Há ainda mais um *flag* chamado IFF1. Não está incluído nos *flags* de F. Só pode ser posicionado por meio das instruções EI e DI. Sugerimos que, para mais informações sobre o assunto, se estude o seguimento neste capítulo.

SP é o ponteiro de pilha. É um par de registos como BC ou DE, no entanto, os seus dois *bytes* componentes não podem ser separados. SP aponta sempre para a parte superior da pilha. Se se alterar o valor de SP cria-se uma nova pilha no endereço dado. Endereços imediatamente abaixo do valor corrente de SP terão muito provavelmente os seus conteúdos alterados sem aviso prévio, devido a uma coisa que se chama «rotina de processamento de interrupções do Z80» (ver DI).

A é um registo que o leitor já deve conhecer muito bem. Também se lhe chama por vezes acumulador, e tem uma ou duas utilizações que os outros registos não possuem (exemplo ADD A, 06).

B, C, D, E, H e L. Estes são registos com os quais já devemos estar totalmente familiarizados.

A' (repara-se na linha: A' não é o mesmo que A). É um registo útil para guardar temporariamente o valor de A quando não nos é conveniente utilizar a pilha. Só há uma instrução em código máquina que usa A' — EX AF, AF' — que troca o valor de A com A'.

F' é um registo muito estranho. Só temos acesso a ele por meio da instrução EX AF, AF'; mas nenhuma instrução lhe altera o valor. Quando se executa a instrução EX AF, AF', o registo F' é trocado pelo registo dos *flags* F. Portanto este registo não é muito útil, excepto para guardar temporariamente os valores dos *flags*.

B', C', D', E', H' e L' são registos de um só byte. Não têm acesso directo; no entanto, a instrução EXX troca B com B', C com C', D com D', E com E', H com H' e L com L'. Escrevemos por vezes BC', DE' e HL' para representar os pares de registos B'C', D'E' e H'L'. No *Spectrum* o par de registos HL' tem de ter o valor 2758 antes de podermos tentar o retorno a BASIC; de outro modo o *Spectrum* entrará em quebra (com o que não precisamos de preocupar-nos se não alterar HL', já que o seu valor inicial é 2758).

I e R são dois registos simples, mas nem um nem o outro têm muita utilidade. Destinam-se antes de mais ao *hardware* interno do *Spectrum*.

## O CONJUNTO COMPLETO DAS INSTRUÇÕES

Já vimos até agora um bom número de instruções do Z80, mas vamos ampliar um pouco mais o vocabulário. Eis a lista pormenorizada de todas as instruções de que dispomos. Apresentá-la-emos por ordem alfabética de modo a que este capítulo represente uma espécie de dicionário de instruções em código máquina. Precisamente por esta razão vamos rever aquelas que já foram apresentadas anteriormente. Devem ser fixadas o melhor que pudermos.

ADC aparece de duas formas: ADC A,r e ADC HL,s. O r, aqui, representa A, B, C, D, H, L, ou uma constante numérica ou o conteúdo de um endereço (HL), (IX + d) ou (IY + d). ADC A,r é

uma instrução de um só byte, excepto ADC A, (IX + dd) e ADC A, (IY + dd), ambas de três bytes, que calcula a soma A mais r mais *carry*. O resultado é guardado em A. ADC HL,s é uma instrução de dois bytes que calcula HL mais s mais *carry* e guarda o resultado em HL. s representa aqui BC, DE ou HL. Compreenda-se porque é que, ignorando os *flags*, ADC A,A faz o mesmo que RLA?

ADD é muito semelhante a ADC, excepto que o valor inicial do *flag carry* não é utilizado no cálculo. É no entanto alterado pelo resultado da operação. Existem apesar disso duas diferenças grandes entre ADC e ADD. Primeiro o conjunto das instruções ADD HL,s (onde s tem o mesmo significado que o descrito em ADC) tem um só byte e em segundo é possível utilizar mais dois conjuntos de instruções ADD IX,s (em que s representa BC, DE ou IX) e ADD IY,s (neste caso s representa BC, DE ou IY).

AND só tem uma forma: AND r. O valor do registo A é alterado *bit a bit*. Se esse *bit* for zero, mantém-se inalterado; de outro modo toma o valor do *bit* correspondente de r. Assim, AND 00 dá sempre zero e AND FF deixa A inalterado. AND altera cada um dos *flags*, o *flag carry*, em particular, será sempre tornado zero.

BIT é escrito sob a forma BIT n,r, onde n é um número entre zero e sete. Esta instrução altera apenas o *flag zero*, dependendo do valor do *bit* de r em questão. Se o *bit* for zero, o *flag zero* será um, se não, será zero. Este facto aproveita-se por meio de instruções como JR Z (que provoca um salto se o *bit* testado era zero), ou RET NZ (que retorna se o *bit* não era zero). BIT não altera o valor de nenhum dos registos, nem o de *flag carry*. É uma instrução de dois bytes [excepto BIT n,(IX + dd) e BIT n,(IY + dd), que são de quatro bytes] que apesar de não ser empregada com frequência consegue, mesmo assim, ser muito útil.

CALL já nós vimos que é semelhante a GO SUB. É uma instrução de três bytes. A sua acção exacta é a seguinte: PUSH o endereço de retorno (isto é, o valor corrente de PC) na pilha e depois salta para o endereço indicado.

Já que o endereço de retorno (agora na pilha) é empregado pela instrução RET, é muito importante que uma sub-rotina não altere a pilha. Só pode fazer PUSHes dentro de uma sub-rotina se em seguida fizer POPs em igual número antes de retornar. CALL também pode ser empregado com condições; por exemplo, CALL

Z, pq (pq é um endereço absoluto), que significa se o *flag* zero é um, então CALL pq; senão, prossiga com a próxima instrução.

CCF ou *complement carry flag*. Se o *flag carry* era zero, passa a ser um, se era um passa a zero.

CP escrita na forma CP r calcula o resultado da subtração A menos r mas o resultado não é guardado em lado algum. O valor anterior de A (e, é claro, de r) mantém-se sem alterações. Por outro lado esta instrução altera todos os *flags* (tal como a subtração, ver SUB r) e assim, instruções condicionais como JP Z ou JP C podem ser empregadas em seguida. CP r, seguida de JR Z, fará um salto se A for igual a r (uma vez que A menor que r, neste caso, é zero) e assim por diante.

CPD pode ser visto como CP (HL) seguida de DEC HL e seguida ainda por DEC BC. O *flag* PV torna-se zero ou um, conforme o valor final de BC seja igual ou diferente de zero. O *flag* zero é posicionado conforme o resultado de CP (HL) — torna-se um se A = (HL), zero caso contrário.

CPDR é basicamente o mesmo que CPD excepto que a instrução é repetida sucessivamente — por assim dizer uma espécie de ciclo automático. CPDR significa Compare com Decremento e Repetição. O ciclo terminará num dos dois casos possíveis: 1.º ou a comparação encontra um conteúdo de (HL) igual ao de A e o *flag* zero torna-se um; note-se que neste caso (HL) aponta para o endereço anterior, isto é, A = (HL + 1); 2.º ou BC alcança zero e nesse caso o *flag* PV é reset.

CPI é semelhante a CPD, excepto que HL é incrementado em vez de decrescer.

CMR é semelhante a CPDR, excepto que HL é incrementado em vez de decrescer. Neste caso se o *flag* Z termina como um, isso indica que A = (HL - 1). — HL aponta para o endereço seguinte.

CPL é uma abreviatura de *complement*. O registo A é alterado *bit* por *bit*.

Se qualquer *bit* começa como zero, termina em um e vice-versa. Por exemplo se A vale 11010101 (binário), CPL muda-o para 00101010 (binário).

Isto é equivalente a subtrair A de FF. Esta instrução não afecta os *flags*.

DAA é uma instrução um tanto complicada. Como exemplo, vamos admitir que queremos somar dezasseis a vinte e seis sem converter os números em hex. LD A,16 e depois ADD A,26 parece plausível. Infelizmente, como a máquina trabalha em hex o valor final de A será 3C e não 42. DAA (*Decimal Adjust Accumulator*, acumulador de ajuste decimal) executado imediatamente a seguir vai mudar A de 3C para 42. O seu funcionamento é bastante complicado — torna em atenção o valor dos *flag* *meio carry* e N (isto é, se a operação anterior foi adição ou subtração) e ajusta o valor de A em função destes elementos. Isto funciona sempre. Por exemplo, a sequência LD A,42 e depois SUB 06 deixa A novamente com 3C mas desta vez DAA muda A para 36, já que quarenta e dois menos seis são trinta e seis. A instrução altera todos os *flags* da maneira apropriada.

DEC é mais uma instrução que apresenta duas formas: DEC r (um só registo) ou DEC s (um par de registos). DEC r é muito simples de compreender: o valor do registo r é decrementado (diminui de um ou, se o valor inicial for, 0), para FF, o *flag* *carry* não se altera e o *flag* zero, como seria de esperar, posiciona-se conforme o resultado. DEC s, no entanto, é diferente porque o *flag* zero não sofre alteração; aliás, nenhum dos *flags* é alterado. Assim, DEC BC/JR NZ, -3 é ou um ciclo infinito ou não tem efeito! É necessário lembrarmo-nos disto, para evitar que muitos dos nossos programas falhem.

DEFB não é, em rigor, uma instrução em código máquina; é o que chamamos uma directiva. A palavra DEFB tem de ser seguida por um ou mais *bytes* de dados, cada um deles separado por uma vírgula. Estes valores estão geralmente em hex, o que nem sempre é necessário. Por exemplo, DEFB 3A,C1,45d,1101110b,"f", *amarelo*, é válido. Estes *bytes* são inseridos no programa na altura em que ocorrem e na ordem em que estiverem escritos. Deve haver o cuidado de nunca tentar executar esses *bytes*, uma vez que o Z80 não os sabe distinguir do programa.

DEEM é semelhante a DEFB, excepto que os dados que seguem a palavra DEEM têm de ser uma cadeia de caracteres (sem aspas). As próprias vírgulas do texto serão interpretadas como caracteres e não como separadores. Por exemplo, DEEM SOL STICE fará com que os *bytes* 534F4C5354494345 sejam inseridos no programa. Também se podem inserir caracteres de controle numa directiva DEEM.

desde que os tornem distintos dos vulgares (isto é, se estiverem sublinhados ou em itálico) DEFM HELLO *enter* THERE e DEFM *int line* WHAT? são ambas válidas, apesar de ser necessário estabelecer uma convenção acerca dos espaços de cada lado das palavras de controle. É costume deixarem-se espaços por uma questão de clareza, de modo que DEFM X *enter* significaria 580D e DEFM X *space enter* significaria 58200D.

DEFM é a abreviatura de DEFina a Mensagem, em oposição a DEFB, que quer dizer DEFina Bytes.

DEFS é mais uma directiva. Significa DEFina eSpaço. A palavra DEFS deve ser seguida de uma constante numérica (só uma). Esta directiva provoca a inclusão no programa desse número de bytes, sem lhes atribuir nenhum valor concreto. Assim, DEFS 08 irá inserir oito bytes no programa mas sem querer saber o que esses bytes são. DEFS emprega-se essencialmente para definir «variáveis» na RAM; por exemplo, FRED DEFS 02 (FRED é um label) e mais adiante, no programa, LD (FRED),HL.

DEFW é, por agora, a última directiva. DEFW significa «define a palavra» (*Word*) e é usada de uma maneira muito semelhante a DEFB excepto que as quantidades a inserir têm o comprimento de dois bytes: por isso, DEFW 4000 é equivalente a DEFB 00,40. Repare-se em que os bytes foram trocados. São permitidos labels (etiquetas) e expressões em DEFW. DEFW 7000,FRED,ERIC-3 é válido.

DI é a abreviatura de «desligue as interrupções» (*Disable Interrupts*) e, apesar de parecer confuso, é na realidade muito simples de utilizar. No Spectrum, cinquenta vezes por segundo é enviado um sinal a um dos pinos, o pino INT (de INTERRUPT — interrupção) do Z80. Há um flag chamado IFF1 que significa 1.º flip-flop de interrupção, e o efeito de DI representa RES IFF1. Quando o Z80 recebe um desses sinais de interrupção, verifica o valor do flag IFF1. Se for um, o computador age como se tivesse aleijado uma instrução RST 38 (ou CALL 0738), sendo o endereço de retorno colocado na pilha, e a instrução que estava para ser executada, ao ser recebida a interrupção. Se, no entanto, IFF1 for zero, o sinal de interrupção não tem efeito e a execução do programa prossegue normalmente. O flag IFF1 deve estar set antes de tentarmos retornar ao BASIC, caso contrário o Spectrum não responderá quando as teclas forem premidas.

DJNZ é a abreviatura de *decremen* B e *Jump* se não zero. Assim, se B é 7, DJNZ reduzi-lo-á a 6 e depois dará um salto para o endereço de destino. Se B é 0, DJNZ torná-lo-á FF e mais uma vez haverá um salto. Se B for um, DJNZ torná-lo-á zero e não dará qualquer salto, antes a execução continuará com a próxima instrução. A forma desta instrução é DJNZ e, sendo e um só byte. Se B é decrementado para zero, e é ignorado. Se não, e indicará o comprimento de salto. O deslocamento calcula-se como em JR. (Notar que esta instrução não afecta os flags.)

EI significa «ligue as interrupções» (*Enable Interrupts*) e é o oposto de DI. Esta instrução é equivalente a SET IFF1. Veja-se DI para uma explicação mais completa.

EQU é a abreviatura de *EQU*ale (igual). Não se trata de uma instrução de código máquina mas sim de uma directiva. Cada directiva EQU necessita de ser acompanhada de uma etiqueta e a palavra EQU tem de ser seguida de um número (dentro do limite de 0000 a FFFF) ou uma expressão como ERIC+2. Esta directiva não produz a inserção de quaisquer bytes no programa, portanto não interessa em que parte do programa EQU aparece, apesar de estar convencionalmente colocarem-se todas as directivas EQU no princípio do programa. O seu efeito é atribuir um valor numérico (o valor dado) à etiqueta que a acompanha. Por outras palavras, se tiver ANNIE EQU 9000 e depois, mais tarde, LD HL,(ANNIE) a instrução será compilada como LD HL,(9000).

EX é a abreviatura de *EX*change (troca). Esta instrução provoca a troca dos valores contidos em certos pares de registos. Existem cinco instruções EX — são elas EX AF,AF',EX DE,HL,EX (SP),HL,EX (SP),IX e EX (SP),IY. Estas instruções não alteram nenhum dos flags. EX DE,HL substitui DE pelo valor inicial de HL e HL pelo valor inicial de DE. As últimas três são bastante interessantes — o valor anterior de HL (ou IX ou IY) é trocado com o valor no topo da pilha, logo LD BC,0123/PUSH BC/LD HL,4567/EX (SP),HL/POP BC deixará BC com 4567 e HL com 0123. EX (SP), HL não altera o ponteiro da pilha. SP é claro está, EX (SP),IX ou EX (SP),IY também não. É preciso ter em atenção que após a execução de EX AF,AF' se troca o conjunto de flags activo. Assim, os flags anteriores, embora não modificados, não são acessíveis. Por exemplo, a sequência CP 1A/RX AF,AF'/JP Z,3000 não actua em função da comparação inicial, mas do valor do



flag Z inicialmente em F'.

EXX representa EX BC,B'C' seguida de EX DE,D'E' seguida ainda de EX HL,H'L'. Basicamente, cada um dos registos comuns (excepto A) é trocado com o registo correspondente alternativo. Tome-se atenção, no entanto, a que o par de registos HL tem de ter o valor 2758 antes de retornar ao BASIC e, assim, se o alterar de qualquer maneira, deve voltar a carregá-lo com esse valor.

HALT é uma instrução que, uma vez executada, suspende a continuação do programa até ser recebida a próxima interrupção. Quando isto acontece, a instrução RST 38 (CALL 0038) será executada (no *Spectrum*) sendo o endereço de retorno o da primeira instrução a seguir a HALT. Note-se que o flag IFF1 tem de estar set se se quiser executar HALT sem perigo, senão o processador nunca reconhecerá o sinal de interrupção. Se isto acontecer, HALT provocará a paragem para sempre. Não haverá saída dessa situação a não ser que desliguemos a ficha. O efeito de HALT, naquilo a que se refere a nós, é esperar pelo início da emissão do próximo quadro de imagem para a TV, mais ou menos equivalente a PAUSE 1 em BASIC. Veja-se D1 para uma explicação sobre o uso de IFF1.

IM. Perigo! Em circunstância alguma utilize esta instrução<sup>2</sup>.

IN é bastante semelhante à instrução IN de BASIC. Apresenta duas formas. A primeira é IN A,(n), onde n é uma constante numérica. Esta é equivalente à instrução BASIC LET A=IN (256\*A+n). A segunda forma é IN r,(C), onde r é um registo. Equivale à instrução BASIC LET r=IN (256\*B+C). O argumento de IN refere-se a um dispositivo *hardware* exterior ao próprio processador 780 — um número diferente para cada dispositivo diferente. Na forma IN A,(n) os flags não se alteram; mas são alterados por IN r,(C) excepto o carry, que não é afectado.

INC. Já conhecemos esta instrução. INC r aumenta o valor do registo r de um, posicionando os flags excepto o flag carry, que não se altera. INC s aumenta o valor de s de um mas não altera nenhum flag.

IND significa IN com Decremento. Podemos pensar em IND como IN (HL),(C) seguida de DEC HL, seguida de DEC B. O flag carry não é alterado mas o flag zero reflecte o novo valor de B.

INDR é como IND, mas a instrução repete-se as vezes necessárias para B atingir zero.

INI é como IND excepto que HL é incrementado em vez de decrescer.

INIR é como INDR excepto que HL é incrementado em vez de decrescer.

JP é o código máquina equivalente a GO TO. Se compreendemos GO TO 10 também compreendemos JP 7300. O destino é um endereço, não um número de linha, mas o princípio é exactamente o mesmo. Dispostos também de saltos condicionais, por exemplo JP NZ, 7300 significa IF não zero THEN salte para o endereço 7300 (por outras palavras se o zero flag não estiver set). Há uma outra forma de JP que também tem uma análoga no BASIC do *Spectrum*: saltos com destinos variáveis. Se compreendemos GO TO N também compreendemos JP (HL). JP (HL) significa GO TO HL. Nesta forma não pode haver condições: por exemplo, JP NC,(HL) não é possível. Apenas três pares de registos podem ser empregados como destinos variáveis: são eles HL, IX e IY. Representam, mesmo assim, instruções muito poderosas: HL pode conter o resultado de um cálculo, talvez mesmo gerado ao acaso.

JR é idêntica a JP, apenas um pouco menos forte e com um byte menos. Só quatro das oito condições podem ser empregadas: Z, NZ, C e NC. Isto significa, por exemplo, que JR PO é impossível. É também impossível JR (HL). JR não utiliza um endereço absoluto, o R significa relativo. Escrevemos a instrução como JR (ou JR Z, ou qualquer outra condição permitida), onde e é uma constante de byte que nos indica o número de bytes a saltar. JR 0 não tem efeito, uma vez que faz um salto para a frente zero bytes. JR FE é um ciclo infinito porque o controle saltará para a própria instrução JR FE. O deslocamento começa a contar a partir da instrução imediatamente a seguir à instrução JR e. Se o byte se encontra entre 80 e FF, o salto é para trás. Veja-se a tabela número 2 do Apêndice 1.

LD é a instrução mais utilizada em código máquina. Transfere informação de um lugar para outro. Apresenta muitas formas, a mais simples das quais é LD r1,r2, que transfere bytes de um registo para outro. Outras formas: LD A,(BC); LD A,(DE) e LD A,(HL); e os opostos LD (BC),A; LD (DE),A e LD (HL),A. Recordemos que os parêntesis significam o conteúdo de um endereço. Os registos simples (excepto I e R) e os pares de registos podem ser carregados com constantes numéricas, os pares de registos com o conteúdo de



qualquer endereço e inversamente todos os endereços podem ser carregados a partir de um par de registos (nota-se que os pares de registos guardam dois bytes, não um, e estes são transferidos de e para o endereço indicado na instrução e o endereço imediatamente superior). Também é possível fazer LD A,(pq) e LD (pq),A (onde pq representa um endereço) e SP pode ser carregado a partir de HL, IX, e Y ou (pq). (pq pode ser carregado a partir de SP mas HL, IX e Y não). Por outras palavras não podemos, por exemplo, dizer LD HL,DE (é preciso fazer LD H,D, LD L,E ou vice-versa). Felizmente, uma vez que LD se emprega com tanta frequência, é muito fácil familiarizarmos-nos com as suas muitas formas. Nenhuma destas instruções tem qualquer efeito sobre os *flags*. Existem ainda as seguintes instruções envolvendo os registos I e R: LD I,A; LD R,A; LD A,I e LD A,R. As duas primeiras permitem carregar os registos I e R a partir de A. As duas últimas permitem obter em A os conteúdos de I e de R. Estas duas instruções são as únicas instruções LD a alterar os *flags*, excepto *carry*, que não é afectado. Em particular o *flag P/V* toma o valor do *flag IFF*.

LDD significa *Load* com Decremento. É efectivamente LD (DE),HL seguida de DEC HL, DEC DE e DEC BC todos de uma só vez. O *flag carry* e o *flag zero* não se alteram, assim como o *flag sign*, o *flag P/V*. no entanto, torna-se zero se e apenas se o valor final de BC for zero. Logo, JP PO só fará o salto se BC for zero a seguir à instrução.

LDDR é semelhante a LDD mas a instrução é repetida até BC atingir zero.

LDI é semelhante a LDD excepto que DE e HL são ambos incrementados em vez de decrementados. BC ainda decrece.

LDIR é semelhante a LDI mas a instrução repete-se até BC atingir zero.

NEG significa torna NEGativo o acumulador (ou registo A). Funciona executando a subtracção 0 menos A e todos os *flags* são alterados de maneira correspondente. Assim, S reflecte o sinal do resultado. Z será um se e apenas A for zero. NEG é equivalente a CPL seguida de INC A (ignorando os *flags*).

NOP é a abreviatura de Nenhuma OPeração. Tem uma função muito simples, que é consumir tempo. NOP não faz nada. Emprega-se para introduzir atrasos ou para substituir código máquina anterior quando corrigimos um programa. O seu equivalente R4-

SIC mais próximo seria um REM em branco. Esta instrução é praticamente indispensável.

OR, apresentado na forma OR r, é quase o oposto a AND r. O valor do registo A é mudado *bit* por *bit*. Se um *bit* for um, permanece inalterado, senão toma como valor o do *bit* correspondente de r. Se A contém 00 logo (ignorando os *flags*) OR r é o mesmo que LD A,r. OR IF é na realidade LD A,FF. Todos os *flags* mudarão conforme o resultado, PV testa a paridade e o *carry* torna-se zero. ORG é uma directiva que não pode ser acompanhada de uma etiqueta. A palavra ORG deve ser seguida de um número entre 0000 eFFFF. Isto quer dizer que todo o código máquina que se seguir deve ser escrito a partir do endereço dado. Assim, ORG 7000 seguido de LD A,01 significa que a instrução LD A,01 irá para o endereço 7000. A não ser que a próxima instrução seja outra vez uma directiva ORG, a instrução seguinte será depositada no endereço 7002 (uma vez que LD A,01 é uma instrução de dois bytes).

OUT já nos é familiar do BASIC. Está escrita a vermelho na tecla marcada «O». O código máquina para a instrução OUT tem duas formas. A primeira é OUT (n),A — que é equivalente à instrução OUT 256\*B+n,A do BASIC. A segunda é OUT (C),r que é equivalente em BASIC a OUT 256\*B+C,r. OUT retira números do interior do Z80 e envia-os para o *hardware* exterior. Não tem efeito nos *flags*.

OUTD significa OUT com Decremento. É equivalente a OUT (C),HL seguida de DEC HL seguida de DEC B. O *flag carry* não é alterado, mas o *flag zero* reflecte o novo valor de B.

OTDR significa OUT com Decremento e Repetição. Mudámos a ordem alfabética para manter a consistência. É equivalente a OUTD repetido até que B seja zero.

OUTI é semelhante a OUTD excepto que HL é incrementado em vez de decrecer.

OTIR é semelhante a OTDR excepto que HL é incrementado em vez de decrecer.

POP retira dois bytes do topo da pilha e carrega-os num par de registos. Os pares de registos BC, DE, HL, IX e IY podem ser utilizados. A instrução POP AF pode ainda ser utilizada, sendo AF um pseudo-registo construído a partir do acumulador (parte alta) e

dos *flags* (parte baixa). A seção de POP é a seguinte: a parte baixa do registo de destino é carregada com o conteúdo do endereço apontado por SP; seguidamente, SP é incrementado e o conteúdo do endereço apontado é carregado na parte alta do registo de destino; SP é incrementado uma segunda vez, de forma que no final o seu valor é de duas unidades superior ao valor inicial. (Note-se que RET é equivalente a POP BC.)

**PUSH** é o oposto de POP. Guarda o conteúdo de um qualquer dos pares de registo AF, BC, DE, HL, IX ou IY. A parte alta do registo é guardada em primeiro lugar, seguindo-se-lhe a parte baixa. O valor de SP é diminuído em duas unidades, apontando para a parte baixa do valor no topo da pilha. (PUSH HL, por exemplo, é equivalente a DEC SP/LD (SP),H/DEC SP/LD (SP), L.)

**RES** é a abreviatura de RESet, que significa «torna zero», portanto RES é a instrução que posiciona a zero qualquer *bit* de um registo ou posição apontada por (HL),(IX+dd) ou (IY+dd). Com esta instrução alteraremos *bits* individuais de qualquer registo. Por exemplo, para fazer o *bit* 3 de D igual a zero, bastará dizer RES 3,D. RES não afecta nenhum dos *flags*.

**RET** emprega-se para retornar de uma sub-rotina. Funciona fazendo POP de um endereço no topo da pilha para o contador de programa, provocando portanto um salto para esse endereço. É possível alterar o endereço para o qual uma sub-rotina retornará, alterando o valor do topo da pilha. Por exemplo, POP HL/INC HL/PUSH HL aumenta o endereço de retorno de um. Podemos, por exemplo, guardar um *byte* de dados imediatamente a seguir à instrução CALL e, dentro da sub-rotina, fazer POP HL/LD A, (HL)/INC HL/PUSH HL, que vai guardar esse *byte* em A ao mesmo tempo que assegura o retorno da sub-rotina ao endereço a seguir ao *byte* referido. Um outro truque é fazer *push* de um endereço de retorno «artificial» na pilha e então JP (ou JR) para uma sub-rotina, em vez de CALL. Agora, retorna-se a qualquer endereço. Se necessário, RETorne emprega-se com condições. Não altera os *flags*.

**RETI** não pode ser aplicado ao Spectrum<sup>4</sup>.

**RETN** não pode ser aplicado ao Spectrum<sup>5</sup>.

**RL** tem a forma de RL r. Cada *bit* do registo especificado move-se uma posição para a esquerda. O *bit* mais à esquerda muda para o

*carry* e o *bit* mais à direita toma o valor anterior do *carry*. Assim, roda à esquerda (*left*). Por exemplo, se B contiver 10010101 e o *carry* contiver zero, RL B deixa B com 00101010 e o *carry* com um. RL altera todos os *flags*. O *flag* PV testa a paridade do resultado.

**RLA** (note-se que não há espaço entre o L e o A). RLA é um modo mais eficiente de utilizar RL A! Esta instrução tem menos um *byte* e só altera o *flag carry*.

**RLC** significa Rode à esquerda (*Left*) sem *Carry*. É quase o mesmo que RL r. De facto, cada *bit* do registo em questão é movido uma posição para a esquerda. Aqui, no entanto, o *bit* inicialmente mais à esquerda torna-se tanto o novo valor de *carry* como o novo *bit* mais à direita. O anterior valor de *carry* não entra neste processo e todos os *flags* são alterados.

**RLCA** é uma instrução de um *byte* em vez de dois (ou quatro). RLCA é semelhante a RLC A, só que mais rápida; além disso, só o *flag carry* é alterado pela instrução.

**RLD** não deve confundir-se com o RL D, porque é completamente diferente. Funciona da seguinte maneira: escreve-se o valor de A e o conteúdo do endereço (HL) em hex. O segundo dígito — o da direita — hex de (HL) muda para a esquerda, de maneira que se torna o novo primeiro dígito de (HL). O valor anterior deste primeiro dígito substitui o segundo dígito — o da direita — de A, que por seu turno se torna no segundo dígito de (HL). Assim, se começarmos com A contendo 25 e (HL) contendo A3, RLD mudará as coisas para A=2A, (HL)=35. RLD é a abreviatura de Rode à esquerda (*Left*) Decimal.

**RR** é como RL, excepto que os *bits* se movem para a direita em vez de para a esquerda.

**RRCA** é como RLA excepto que os *bits* se movem para a direita em vez de para a esquerda.

**RRC** é como RLC excepto que os *bits* se movem para a direita em vez de para a esquerda.

**RRCA** é como RLCA excepto que os *bits* se movem para a direita em vez de para a esquerda.

**RDD** é como RLD excepto que os dígitos hex se movem para a direita em vez de para a esquerda.

RST é o mesmo que CALL excepto que esta instrução só tem um *byte* de comprimento. É muito menos forte, no entanto, por duas razões: primeira, não podemos usar condições (por exemplo RST 10 é possível mas RST NZ,10 não é); e segunda, o RST conduz-nos apenas a um dos oito endereços seguintes: 00, 08, 10, 18, 20, 28, 30 e 38. Uma vez que o *Spectrum* começa a executar a ROM a partir do endereço 0000 para a frente, RST 00 tem o mesmo efeito que desligar e tornar a ligar a ficha.

SBC, tal como ADC, tem duas formas. A primeira é SBC A,r, que primeiro subtrai r de A e depois o *carry*. Identicamente, SBC HL,s subtrai tanto s como o *flag carry* de HL. SBC A,A é uma instrução muito útil — deixa o *carry* sem alterações mas altera A para 00 se inicialmente não houver *carry* ou para FF se houver *carry*.

SCF significa *Set Carry Flag*. Todos os outros *flags* ficam inalterados.

SET é o oposto de RES. SET 4,H tornará um o *bit* 4 do registo H (por exemplo). Qualquer *bit* da qualquer registo ou posição de memória apontada por (HL),(IX+dd) ou (IY+dd) pode ser set.

SLA significa *Shift à esquerda (Left) Aritmético*. A forma desta instrução é SLA r. É semelhante a RL r excepto que o *bit* mais à direita é sempre substituído por zero. SLA r tem por efeito multiplicar o registo r por dois.

SRA quer dizer *Shift à direita Aritmético*. Qualquer registo ou posição de memória apontada por (HL),(IX+dd) ou (IY+dd) pode ser deslocado para a direita utilizando a forma SRA r. A instrução é semelhante a RR r excepto que o *bit* mais à esquerda se mantém inalterado. SRA r divide o conteúdo do registo r por dois, se esse número for visto como um número com sinal (na forma de complemento a dois — entre -128 e +127). (Apêndice 1, tabela 2.)

SRL quer dizer *Shift à direita Lógico*. Mais uma vez, semelhante a RR excepto que aqui o *bit* mais à esquerda é sempre substituído por zero. SRL r divide o número contido no registo r por dois se esse número for considerado como número sem sinal (isto é, entre 0 e 255). (Apêndice 1m, tabela 1.)

SUB escreve-se como SUB r (mas às vezes também como SUB A,r). Esta instrução subtrai r do registo A. Note-se que, ao contrário de ADD, não há instrução correspondente SUB HL,s. Querendo subtrair s de HL, temos antes de mais nada de pôr a zero o *flag*

*carry* (geralmente através da instrução AND A) e então usar SBC HL,s.

XOR, que tem a forma XOR r, muda o valor de A *bit* por *bit*. Se qualquer *bit* de A é idêntico ao *bit* correspondente de r, esse *bit* torna-se igual a zero, de outro modo torna-se um. XOR altera todos os *flags* e o *flag carry* é sempre *reset*. Note-se que XOR FF é o mesmo que CPL (ignorando também os *flags*).

\$, a directiva final<sup>6</sup>. Na verdade não é exactamente uma directiva, é só um símbolo especial que se emprega, por exemplo, numa directiva EQU. No entanto, se o cifrão for usado numa directiva EQU, a própria palavra EQU pode ser omitida! \$ apenas significa o endereço do próximo *byte*; assim, FRED \$+2 (que é uma maneira encurtada de escrever FRED EQU \$+2) onde FRED é uma etiqueta, "define FRED como significando o próximo endereço mais dois". Um exemplo da sua utilização pode ser: LD (HL), 00/CHEAT \$+1 (*cheat* é uma etiqueta) e, mais tarde, LD (CHEAT),A, que forma o princípio de um programa auto-alterável. Percebe-se, claro, que a etiqueta *cheat* foi definida como significando o endereço do segundo *byte* da instrução LD (HL),00. Interessante, não é?

## Mais lugares onde guardar código máquina

Guardar código máquina acima de RAMTOP, como fizemos até agora, protege-o de ser apagado por NEW ou sobreposto por um programa, mas tem também a desvantagem de ser necessário fazer dois SAVES separados se quisermos guardar tanto o código máquina como algum programa de suporte em BASIC. Existem várias possibilidades alternativas que vamos explorar neste capítulo.

### UTILIZANDO REM

Um lugar onde podemos guardar o código máquina é numa linha REM. Se num programa BASIC fizermos 1 REM seguido de um certo número de bytes, pode-se guardar código máquina no lugar desses bytes — isto é, o código máquina pode ser guardado entre a palavra REM e o fim da linha um. Vejamos como isto é possível. Admitindo que queremos guardar uma rotina de código máquina que tem o comprimento de cinquenta bytes, fazemos a primeira linha do programa:

```
1 REM 1234567890123456789012345678901234567890123456789012345678901234567890
```

É uma REM com cinquenta bytes de comprimento depois da palavra REM. Se a rotina tivesse sessenta bytes de comprimento, precisaria de sessenta caracteres; se só tivesse três bytes, só precisaria de três caracteres a seguir à palavra REM. Não importa que caracteres são, mas contar de um a um para cima é uma boa maneira de não nos enganarmos a meio da contagem.

Aqui, querendo, utilizaremos HEXLD 3, mas para isso temos de lhe fazer algumas alterações. Primeiro, no entanto, só uma palavra ou duas de explicação. A linha dois de BASIC deve ser:

Com isto, a função FN I(X) calculará o endereço do carácter número (X+1) a seguir à palavra REM — o que é muito útil saber, como é óbvio. Se juntarmos então só mais uma linha a HEXLD 2:

```
255 LET X=FN I(X)
```

estaremos prontos. O número hex a introduzir como endereço inicial deve ser agora não um endereço absoluto mas um deslocamento em relação ao primeiro carácter a seguir à palavra REM de maneira que introduzindo "0000" se referirá ao primeiro carácter. Agora podemos introduzir um programa de código máquina como antes e será escrito, não na RAM vaga mas sim na REM linha um. Este código máquina correrá por meio de RUN 700 (usando HEXLD 2) ou como um comando directo RANDOMIZE USR FN I(0).

Uma vez que esse programa em código máquina esteja em condições de funcionar, apaga-se o programa totalmente, excepto as linhas um e dois. Isto deverá fazer-se não através da introdução de NEW, mas pela introdução dos números de linha, um de cada vez. O programa em código máquina pode ser corrido por meio da instrução RANDOMIZE USR FN I(0) de BASIC. Ou, se quisermos controlá-lo a partir do quinto byte, por exemplo, RANDOMIZE USR FN I(4).

Há vantagens e desvantagens no uso de REMs — estudá-las-emos uma a uma. Primeiro as desvantagens.

A primeira desvantagem é que a linha um nunca pode ser listada — pelo menos não deve. Algumas instruções em código máquina farão com que a listagem seja «sabotada». Por exemplo, LD B,n (hex 06) provocará espaços estranhos, DEC C (hex 0D) produzirá efeitos curiosos, DJNZ e LD DE,nn frequentemente provocarão a mensagem «error K Invalid colour» e assim por diante. O resto do programa é facilmente listado (utilizando LIST 2, por exemplo).

Não se pode, numa REM destas, referir qualquer endereço absoluto dentro do programa em código máquina, porque o programa BASIC tem tendência a mover-se para cima e para baixo na memória se, por exemplo, o Spectrum estiver ligado a uma

microdrive Sinclair. FN J(Ø) pode dar respostas diferentes em diferentes ocasiões.

Outra desvantagem é que o comando NEW apaga-o.

A vantagem, no entanto, é que o código máquina faz parte integrante do programa BASIC. Assim, carrega-se ou guarda-se em fita simultaneamente com ele e não é necessária nenhuma instrução LOAD separada. VERIFY<sup>™</sup> verificará tanto o programa como o código máquina de uma só vez. Ao usar REM para guardar código máquina surge por vezes o seguinte problema aflitivo: que fazer quando, por exemplo, depois de introduzir uma longa sequência de códigos, verificamos que não há caracteres suficientes a seguir à palavra REM para guardar o nosso código máquina completo? Se algum do nosso código máquina já aí se encontra, não nos é possível prolongar o comprimento da linha por meio de EDIT, como seria de esperar.

Praticamente todas as vezes que aparecer o carácter 1Ø (e mais alguns outros) ouvir-se-á um besouro irritante se tentarmos editar a linha, que será invisível a partir desse ponto. Qualquer ocorrência do byte OE na linha original será apagada automaticamente pela ROM, assim como os cinco primeiros bytes a seguir a ØE. Na listagem (se conseguirmos ter uma listagem) o byte ØE e os cinco primeiros bytes que o seguem são invisíveis, mas na verdade eles estão lá — se usarmos EDIT, por outro lado, eles desaparecerão sem deixar rasto.

O Spectrum emprega o byte ØE para dizer «segue-se um número em vírgula flutuante». Sempre que se usar um número decimal ou binário (com BIN) na listagem de um programa, a ROM automaticamente fará seguir este número por um byte ØE, seguido de cinco outros bytes que conterão o número, convertido em vírgula flutuante. Tanto o byte ØE como os cinco bytes que o seguem não são visíveis na listagem. É isto que causa tantos problemas em editar REMs com código máquina.

O único meio prático de prolongar o comprimento de uma REM é juntar duas ou mais. No princípio de cada linha de programa existem dois bytes invisíveis que guardam o comprimento dessa linha e portanto é necessário modificar-lhes os valores para conseguirmos o efeito desejado. A pequena rotina que se segue permite aumentar o comprimento de uma REM na linha um.

O primeiro passo é mudar o número de linha de DEF FN J para qualquer valor excepto um ou dois e então juntar uma nova linha dois, consistindo da palavra REM seguida de um número de caracteres arbitrário. Em qualquer altura do programa inserem-se as seguintes seis linhas (de qualquer modo, elas em breve serão apagadas):

```
LET B = FN J(-3)
LET A = B + PEEK B + 256 * PEEK (B + 1) + 4
LET A = A + PEEK A + 256 * PEEK (A + 1) - B
POKE B, A - 256 * INT (A / 256)
POKE B + 1, INT (A / 256)
STOP
```

A linha LET B = FN J(-3) pode, é claro, ser substituída por LET B = PEEK 23635 + 256 \* PEEK 23636 + 2. Correndo esta rotina, a linha dois tornar-se-á automaticamente parte da linha um. Pode-se agora apagar a rotina — a sua função já está cumprida. LISTe a linha um — a linha dois ainda parece estar separada, mas experimente-se deslocar o cursor para baixo: ele salta por cima da linha dois. Experimente-se apagar a linha dois, escrevendo o seu número de linha — ver-se-á que não se consegue porque agora o computador não reconhece a sua existência! Independentemente do aspecto da listagem a ROM ignorará por completo a linha dois, tomando-a como parte da linha um. Pode-se agora escrever por cima do marcador de fim de linha (o carácter ØD), no fim da linha um, sem sofrer más consequências.

Contrariamente, a seguinte rotina encurtará uma REM pelo menos em seis bytes:

```
LET A = FN J(-3)
LET B = PEEK A + 256 * PEEK (A + 1)
LET C = o número de bytes que se deseja preservar mais 2
POKE A, C - 256 * INT (C / 256)
POKE A + 1, INT (C / 256)
LET A = A + C + 1
LET C = B - C - 4
POKE A, 13
POKE A + 1, Ø
```



```
POKE A+2,2
POKE A+3,C 256*INT (C/256)
POKE A+4,INT (C/256)
STOP
```

Corre-se de novo a rotina e apaga-se. Agora LISTe o programa e vê-se aparecer uma nova linha dois. Apagando-a ao escrever o seu número de linha, a REM será tão curta quanto precisarmos que o seja.

## USO DA ÁREA DE MEMÓRIA DESTINADA AO PROGRAMA

A figura 9.2 mostra a área de RAM a que nos referimos. As vantagens de utilizar esta área são as mesmas que para a REM. Há, no entanto, mais uma vantagem, a de não precisarmos de nos preocupar com a listagem. O código máquina será totalmente invisível mas mesmo assim formará parte integrante do programa.

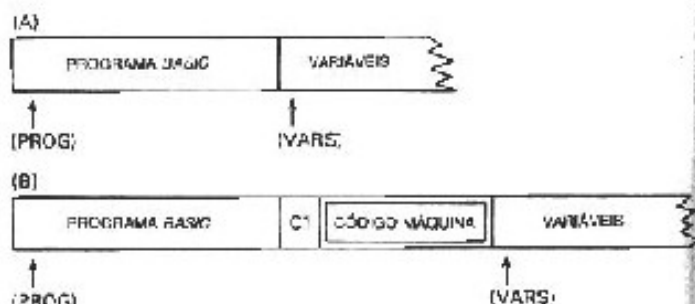


Figura 9.1

Para estabelecer esta área com, digamos, cinquenta bytes, é preciso fazer o seguinte:

102

```
CLEAR
DIM A$(45) 45=50 menos 5 (decimal)
LET A=PEEK 23627+256*PEEK 23628+51 51=50 mais 1 (decimal)
LET B=INT (A/256)
PRINT B
POKE 23627,A-256*B
POKE 23628,A número impresso
```

O número na instrução DIM deve ser sempre menos cinco que o número de bytes que se deseja guardar. O número no fim da instrução seguinte é mais um que o número de bytes a guardar. O processo está agora completo e só precisamos de um meio de acesso ao código máquina. Isto consegue-se juntando a seguinte instrução BASIC ao programa BASIC (qualquer número de linha servirá):

```
DEF FN I(X)=PEEK 23627+256*PEEK 23628-S0+X
```

O número cinquenta refere-se ao facto de termos reservado cinquenta bytes. Se desejássemos reservar cem bytes, a instrução DIM anterior seria DIM A\$(95), a próxima instrução deveria terminar com +101 e a linha DEF FN deveria terminar com -100 + X. FN I funcionará do mesmo modo que anteriormente para RM, de modo que FN I(0) dá o endereço do primeiro byte do código máquina, FN I(1) o endereço do segundo byte e assim por diante até FN I(49) para o último byte (ou 99, se reservarmos cem bytes, etc.).

O código máquina guardado nesta área será carregado, guardado e verificado juntamente com o programa BASIC; assim, só precisaremos de um SAVE. Devemos dar uma explicação a propósito do byte C1 no diagrama [figura 9.2(B)]. Não é preciso introduzi-lo directamente; é lá colocado automaticamente, pelo processo que utilizámos. C1 é o byte que o computador usa para representar o nome da matriz string A\$. Se tivéssemos utilizado DIM B\$ em vez de DIM A\$, este byte seria C2. Não interessa qual o byte que se emprega para separar o BASIC do código máquina, desde que esse byte seja maior ou igual a hex 40.

103



## PASSAGEM DE PARÂMETROS PARA ROTINAS EM CÓDIGO MÁQUINA

Vamos mudar de assunto. Vimos já um uso de FN e vamos ver agora mais outro; considere-se a instrução:

DEF FN U(X) = USR 28672.

(Se existe uma rotina em código máquina guardada na RAM a partir do endereço 28672.)

É interessante, não? Claro que o número em causa não precisa de ser 28672 — só é necessário que seja o endereço de um programa em código máquina. Agora, sempre que utilizamos FN U, chamaremos o programa de código máquina. Até agora tudo bem, mas não tirámos nenhuma vantagem em relação ao simples uso de USR. Mas agora pense-se no "X" entre parêntesis — o que lhe acontece?

Uma das variáveis de sistema é chamada DEFADD e guarda o endereço dos argumentos de um cálculo FN. Estes argumentos são guardados de um modo muito estranho (aliás como sempre). Em vez de passarmos horas em explicações, o melhor será entrarmos pelo fim sem hesitar e tentarmos então compreender.

Considere-se esta instrução BASIC:

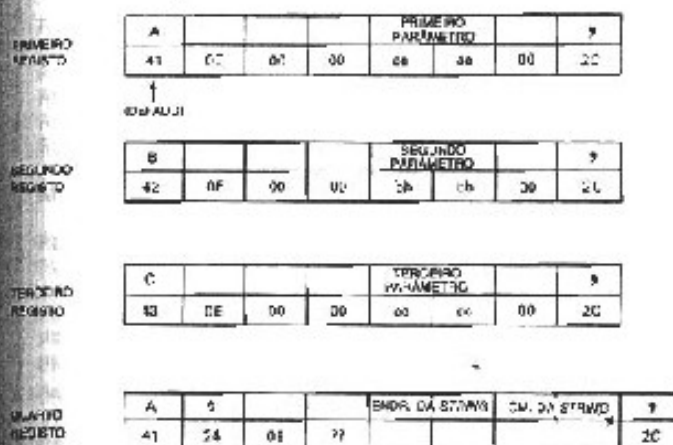
DEF FN A(A,B,C,A\$,B\$,C\$) = USR um número.

Há seis argumentos entre parêntesis e assim a ROM guarda seis registos destes valores. O endereço do primeiro registo é indicado pela variável de sistema DEFADD. Veja-se agora a figura 9.3, que mostra como estes registos estão organizados. Registos numéricos ocupam oito bytes, e registos string ocupam nove bytes. No caso de registos numéricos o primeiro byte é o nome do argumento, como aparece em DEF FN; o segundo byte é sempre o byte 0E. Os próximos cinco bytes guardam o número calculado entre os parêntesis de FN — por exemplo, FN A (3 + 3), etc., é permitido mas o resultado calculado é seis. No entanto, se este resultado estiver dentro dos limites hex 0000 a FFFF e for positivo, podemos ler o seu valor directamente como o quinto e sexto bytes do registo — o terceiro, quarto e sétimo bytes serão sempre zero e o oitavo byte será sempre 2C (vírgula) a não ser que o registo seja o último do conjunto, caso em que o oitavo byte será 29 (fechar parêntesis da

direita). Os registos de string são igualmente simples — os primeiros dois bytes guardam o nome do registo tal como aparece em DEF N; no entanto, uma vez que o nome acaba sempre em cifrão (ou dólar) então o segundo byte é sempre 24 (cifrão); o terceiro byte conterá sempre o valor 0E, o quarto byte não é utilizado e conterá «lixo», o quinto e o sexto bytes conterão o endereço a partir do qual a string resultante da avaliação da expressão em DEF FN efectivamente começa, os sétimo e oitavo bytes guardam o comprimento da string e finalmente o nono byte guarda a vírgula na parêntesis da direita e dependendo de o registo ser ou não o último no grupo.

O essencial disto tudo é que DEF FN U(X) = USR qualquer coisa em conjunto com, digamos, FN U(X+Y) irá chamar uma rotina de código máquina. O valor de X + Y pode ser passado para a rotina em código máquina por LD HL,DEFADD;TNC HL/INC HL/INC HL/TNC HL/LD C,(HL);IN LD B,(HL).

### DISPOSIÇÃO DOS REGISTOS PARA FN A (A,B,C,A\$,B\$,C\$)



B	S			ENDR. DA STRING	CM. DA STRING	9
42	24	0E	77			2C

C	S			ENDR. DA STRING	CM. DA STRING	9
43	24	0E	77			29

Figura 9.2

Deixemos isto e passemos ao próximo capítulo.

## CAPÍTULO DEZ

### Um programa auxiliar

Agora que já sabemos mais ou menos o que é o código máquina, chegou a altura de aprendermos a maneja-lo um pouco melhor. Vamos escrever um novo programa, HEXLD 3, com o qual faremos dez coisas: 1.º, introduzir código máquina; 2.º, inserir código máquina entre rotinas já previamente existentes sem as estragar; 3.º, apagar o código máquina e tapar o buraco que ficou; 4.º, guardar em *cassette* e verificar código máquina; 5.º, listar código máquina; 6.º, substituir segmentos já existentes em código máquina por outros novos; 7.º, correr código máquina; 8.º copiar blocos de código máquina de um endereço para outro; 9.º, introduzir texto como dados; 10.º, converter decimal em hexadecimal e vice-versa. O mais importante deste programa é que as suas partes principais estão também escritas em código máquina, embora o restante seja em BASIC. Para fazê-lo funcionar, uma vez escrito, só é preciso introduzir um dos seguintes comandos:

RUN	P. listar o nosso código máquina.
RUN 100	Para escrever código máquina.
RUN 200	Para inserir código máquina.
RUN 300	Para apagar código máquina.
RUN 400	P. gravar e vfr. cód. máq.
RUN 500	Para cancelar todo o código máquina e começar de novo.
RUN 600	Para substituir código máquina por novo código.
RUN 700	Para correr código máquina.
RUN 800	Para copiar código máquina de um endereço para outro.
RUN 900	Para introduzir texto como dados.
PRINT FN H(A\$)	Para converter hex em decimal.
PRINT FN H\$(A)	Para converter decimal em hex.
PRINT FN P(A)	Para fazer um «PEEK duplo» em decimal.
PRINT FN P\$(A\$)	Para fazer um «PEEK duplo» em hex.

RANDOMIZE FN Q(X,Y)

RANDOMIZE FN R(A\$,B\$)

Para fazer um «POKE duplo» em  
cucima.

Para fazer um «POKE duplo» em  
hex.

Para carregar HEXLD 3 necessita-se de HEXLD 2. Os endereços empregados neste capítulo destinam-se às máquinas de 48 K. Nas outras, de cada vez que houver um endereço começado por F, deve usar-se 7. Por exemplo, usa-se 7FFE em vez de FFFE.

Vamos construí-lo aos poucos. Primeiro, para reservar algum espaço, escreve-se

16K: CLEAR 28671

48K: CLEAR \$1439

Por agora, vamos escrever por cima de parte da zona de caracteres gráficos definíveis; não tem importância, porque não é permanente. Os endereços FFB6 a FFFF serão utilizados como «variáveis de sistema»; assim, escreveremos a primeira sub-rotina nos endereços imediatamente inferiores.

Esta sub-rotina tem o nome de C\_PRINT (*Character Print*) e a sua função é escrever um qualquer carácter procedido de um espaço. A directiva ORG FFED quer dizer apenas «escreva esta sub-rotina no endereço FFED».

```
F5      C_PRINT      ORG FFED
F5      PUSH AF
3E20    PUSH AF
D7      LD A, «espaço»
F1      RST 10
D7      POP AF
F1      RST 10
C9      POP AF
C9      RET
```

A sub-rotina requer que o carácter a escrever esteja no registo A. A sub-rotina de que precisaremos a seguir permite-nos escrever o valor do registo A em hexadecimal. Esta sub-rotina tem dois pontos de entrada (*entry-points*): H\_PRINT (*Hex Print*), que serve para escrever o valor hex do registo A, e SH\_PRINT (*Space Hex*

*Print*), que serve para imprimir também o valor de A em hexadecimal, precedido de um espaço. Vamos escrever estas sub-rotinas:

```
F5      SH_PRINT      ORG FFCB
3E20    PUSH AF      Empilha o byte a
D7      LD A, «espaço» escrever.
F1      RST 10      Escreve um espaço.
F1      POP AF      Recupera o byte a
                        escrever.
F5      H_PRINT      PUSH AF      Guarda A p. uso
                        posterior.
E6F0    AND F0      Isola o primeiro dígito.
1F      RRA          Desloca o primeiro
IF      RRA          dígito para a posição
IF      RRA          conveniente no registo
                        A.
1F      RRA          Converte em carácter
C630    ADD A, "0"   ASCII.
FE3A    CP 3A        Está este dígito entre A
                        e F?
3802    JR C,HP__H   Se sim, determina o
C607    ADD A, 07     valor correcto.
                        Escreve este dígito hex.
D7      RST 10      Recupera o valor original
F1      POP AF      de A.
E60F    AND 0F      Isola o segundo dígito.
C630    ADD A, "0"   Converte em carácter
FE3A    CP 3A        ASCII.
3802    JR C,HP__L   Corriga se necessário.
C607    ADD A, 07
D7      RST 10      Escreva este dígito hex.
C9      RET
```

Agora que já temos uma sub-rotina para escrever o registo A em hex, que tal uma sub-rotina que escreva todos os registos em hex? É o que faz a próxima sub-rotina. Tem o nome de REGS:

F5	REGS	ORG FF99 PUSH AF	Empilha o registo dos flags.
CDD0FF		CALL H__PRINT	Escreve o registo A em hex.
78		LD A,B	
CDCBFF		CALL SH__PRINT	Escreve o registo B em hex.
78		LD A,C	
CDCBFF		CALL SH__PRINT	Escreve o registo C em hex.
7A		LD A,D	
CDCBFF		CALL SH__PRINT	Escreve o registo D em hex.
7B		LD A,E	
CDCBFF		CALL SH__PRINT	Escreve o registo E em hex.
7C		LD A,H	
CDCBFF		CALL SH__PRINT	Escreve o registo H em hex.
7D		LD A,L	
CDCBFF		CALL SH__PRINT	Escreve o registo L em hex.
F1		POP AF	Remove o registo flags original.
3E53		LD A,'S'	
ECEDFF		CALL M,C__PRINT	Escreve «S» se o flag S está set.
3E5A		LD A,'Z'	
CCEDFF		CALL Z,C__PRINT	Escreve «Z» se o flag Z está set.
3E50		LD A,'P'	
ECEDFF		CALL PE,C__PRINT	Escreve «P» se o flag P/V está set.
3E43		LD A,'C'	
DC			
EDFF		CALL C,C__PRINT	Escreve «C» se o flag C está set.
C9		RET	

A sub-rotina seguinte é muito estuta — a sua função é verificar se as interrupções (*interrups*) estão ou não activas. Isto significa uma coisa muito simples: o *Spectrum* tem duas espécies de operações

diferentes, chamadas «interrupções activas» e «interrupções não activas». Podemos mudar de um modo para o outro por meio das instruções *EI* (*Enable Interrupts*) e *DI* (*Disable Interrupts*). Com as interrupções inactivas, o *Spectrum* trabalhará um pouco mais depressa, mas tem a desvantagem de o teclado não ser lido automaticamente cinquenta vezes por segundo (falaremos sobre o teclado no próximo capítulo). As interrupções têm de ser sempre activas antes de retornar ao BASIC. Esta rotina de verificação confia apenas no facto de que, se as interrupções estão activas, a variável de sistema *FRAMES* será incrementada cinquenta vezes por segundo, mas com as interrupções inactivas não será este o caso. Note-se que seria ainda muito mais simples utilizar, em vez da rotina referida, a simples instrução *LD A, I* — ou *LD A,R* — e testar o flag *P/V*:

2A785C	ICHECK	ORG FF89 LD HL,FRAMES	HL = dois bytes mais baixos de FRAMES; isto representa 1/50 de segundo de atraso.
01A00A		LD UC,0AAA	
DB	I_LOOP	DEC BC	
78		LD A,B	
B1		OR C	
20FB		JR NZ,I_LOOP	Espera 1/50 de segundo.
3A785C		LD A,(FRAMES)	A = byte mais baixo de FRAMES.
BD		CPL	Compara com o byte mais baixo anterior.
C9		RET	A sub-rotina retornará com o flag zero indicando o estado corrente das interrupções.

Construímos pouco a pouco a nossa selecção de sub-rotinas; a seguinte tem três endereços de entrada possíveis e a função de escrever um valor hexadecimal de quatro dígitos:

010000	U_ADDR	ORG FF77	
2AF8FF	PR_ADDR	LD BC,0000	
7C	PR_HL	LD HL,(ADDRESS)	
		LD A,H	

```

CDD0FF      CALL H_PRINT
70          LD A,L
CDD0FF      CALL H_PRINT
3E20        LD A,"espaço"
D7          RST 10
C9          RET

```

Note-se que esta rotina pode ser chamada do BASIC usando PRINT USR 65399 (ou 32631 se a máquina for de 16 K — tendo, neste caso, de subtrair 32768 a todos os endereços dados). O zero a mais que aparece escrito é o valor final de BC (uma vez que utilizamos USR). Pode-se no entanto eliminá-lo escrevendo PRINT USR 65399;CHR\$8;" "(CHR\$ 8 é o espaço atrás).

Um outro artifício útil, que utilizaremos em breve, é a instrução RST 08 (que significa CALL 0008) seguida do byte FF. Isto provoca um retorno imediato ao modo de comando do BASIC sem ter em conta a pilha e o valor de HL'. A rotina seguinte de código máquina utilizará este artifício. Infelizmente, há um pequeno problema que aparece sempre que se usa RST 08 — é que o registo IY tem de conter o valor 5C3A antes de o podermos usar, senão entraremos em quebra (mas será espantoso o uso de LD IY,1234/RST 08/DEFB FF).

Há também umas precauções a tomar no uso de RST 10. Tal como RST 08, o registo IY tem de conter o valor 5C3A para que o sistema não entre em quebra. Mais ainda, RST 10 corrompe os valores dos registos A, A', B', C', D' e E' e ainda os registos dos flags F e F' e, portanto, temos de tomar cuidado. Tudo o que temos dito tem aplicação na próxima rotina...

Chamamos-lhe rotina de *break point* (ponto de paragem) e empregamo-la como ajuda à correcção dos erros no programa. Destina-se a escrever todos os registos e flags, incluindo os alternativos e também os registos IX e IY e o endereço corrente. Feito isto, provocará um retorno ao modo de comando BASIC. Para utilizar esta rotina basta escrever CALL BREAKPT em qualquer programa de código máquina e em qualquer altura.

```

FDE5      BREAKPT      ORG FF2A
FD213A5C  PUSH IY
          LD IY,5C3A

```

Isto para que RST 10 possa funcionar

```

DDE5
08
F5
08
D5
C5
D5
E5
D9
F5

```

```

3E78
328F5C

```

```

AF
323C5C

```

```

3E0D
D7
F1
CD99FF
3E9D
D7
E1
D1
C1
F1
CD99FF

```

```

3E0D
D7

```

```

E1
CD7DFF
E1

```

```

PUSH IX
EX AF,AF'
PUSH AF

EX AF,AF'
EXX
PUSH BC
PUSH DE
PUSH HL
EXX
PUSH AF

```

Porque RST 10 corrompe A' e F'

Preserva BC  
Preserva DE  
Preserva HL

Porque RST 10 corrompe F.

```

LD A,78
LD (ATTR_T),A

```

Assegura impressão em preto sobre branco brilhante.

```

XOR A
LD (TVFLAG),A

```

Assegura que a impressão esteja na parte alta do ecrã.

```

LD A,"enter"
RST 10
POP AF
CALL REGS
LD A,"enter"
RST 10
POP HL
POP DE
POP BC
POP AF
CALL REGS

```

Carriage return.  
Restauro os flags.  
Escreve os registos.  
Carriage return.

Elimina todos os registos alternativos.

```

LD A,"enter"
RST 10

```

Escreve um carriage return

```

POP HL
CALL PR_HL
POP HL

```

HL: = IX original.  
Escreve o registo IX.  
HL: = IY original

CD 7DFF E1	CALL PR__HL POPHL	Escreve o registo IY. HL: = endereço do retorno da sub-rotina
2B 2B 2B CD 7DFF	DEC HL DEC HL DEC HL CALL PR__HL	
CD 89FF	CALL I__CHECK	Escreve o endereço do qual a sub-rotina foi chamada. Flag zero se as int. estão inactivas. «D» significa Disabled.
3E44 2B01 3C	LD A,"D" JR Z,BC__ INCA	Se activas, muda A para «E» do Enabled
D7 BC__	RST 16	Escreve «D» ou «E» conforme necessário. Assegura que RST 08 funciona, se a rotina for chamada à etiqueta EXIT.
DD 213A5C EXIT	LD IX,5C3A	Interrupções activas para voltar ao BASIC.
FB	EI	
CF FF	RST 08 DEFB FF	Retorna ao modo de comando BASIC

Pode-se experimentar agora esta rotina, escrevendo R10N 790 e introduzindo FF2A como endereço de partida. FF2A é o endereço da instrução inicial da rotina BREAKPT. Se a rotina funcionar, aparecerá o seguinte escrito no *écran* (o valor DE pode variar):

```
2A FF 2A 77 77 2D 2B Z P
00 17 21 36 8B 27 58 Z P
03D4 5C3A 2D28 E
```

As primeiras duas filas de números representam os valores correntes de todos os registos na ordem A, B, C, D, E, H e L (a seguir os *flags*) e A', B', C', D', E', H' e L' (a seguir os *flags* alternativos). Os símbolos Z e P indicam que só Z e P estão correntemente a um. A fila de baixo contém os valores de IX, IY e o endereço (neste caso na ROM) de qual a sub-rotina que foi

chamada. Note-se que o valor inicial DE pode variar e que o valor inicial de BC é o endereço de chamada de USR, de modo que, empregando 16 K em vez de 48, este valor será na verdade 7F2A e não FF2A.

Vamos tratar agora daquela que é realmente a primeira parte de HEXLD 3 — a rotina de listagem. Esta é uma sub-rotina para listar código máquina em hex utilizando três das nossas variáveis de sistema, que são:

BEGIN (guardada em FFF6) — o primeiro endereço que podemos listar.

ADDRESS (guardada em FFF8) — o endereço a listar em seguida;

LIMIT (guardada em FFFB) — o último endereço a listar, mais um.

Esta é a primeira parte de HEXLD 3 que podemos utilizar visivelmente desde já. Vamos fazê-lo em três partes: primeiro o código máquina; segundo, o BASIC; e terceiro, as variáveis acima indicadas. Vamos escrever o seguinte código máquina:

AF 823C5C	H__LIST	ORG FEFO XOR A LD (IVFLAG),A	
2AF8FF		LD HL,(ADDRESS)	Selecciona a parte superior do dorem.
ED5BF5FF		LD DE,(BEGIN)	HL: = endereço a partir do qual listamos. DE: = primeiro endereço permitido.
A7 ED52 18 3003 2AF8FF		AND A SBC HL,DE ADD HL,DE JR NC,H__A LD HL,(BEGIN)	HL: = primeiro endereço a partir do qual podemos listar.
ED5BF5FF H__A		LD DE,(LIMIT)	DE: = primeiro endereço ilegal.
22F8FF H__LOOP	LD (ADDRESS),HL		Guarda endr. corrente
A7	AND A		
ED52	SBC HL,DE		
18	ADD HL,DE		Teste para ver se o « endereço é permitido.



305F	JR NC,EXIT	Se o livro acabou.
3E0D	LD A,"enter"	
D7	RST 10	Escreve <i>carriage return</i> .
CD7DFF	CALL PR_HI	Escreve o endereço corrente.
7E	LD A,(HL)	A: = byte guardado neste endereço.
CD00FF	CALL H_PRINT	Escreve este byte.
7E	LD A,(HL)	Restaura o byte em A.
FE20	CP 20	Se não for um carácter de controle...
3007	JR NC,HL_NEXT	
FEA5	CP A5	E se o carácter não for uma <i>key word</i> ...
3003	JR NC,HL_NEXT	
CD00FF	CALL C_PRINT	Então escreve este carácter.
23	HL_NEXT INC HL	Aponta o pr. endereço.
18DE	JR HL_LOOP	

E o BASIC:

```

1000 PRINT " LIST ":
1010 GO SUB 8000
1020 RANDOMISEUSR65264      Isto é FEF0 em decimal (H LIST).
8000 LET X = 85528           Isto é FFF8 em decimal (ADDRESS).
8030 INPUT "ENDEREÇO": A$    A numeração das linhas
8040 PRINT "ENDEREÇO": A$    é deliberada.
8050 LET Y = 0
8061 FOR I = 1 TO 4          Ver a numeração das linhas.
8052 LET Z = CODE A$(I) - 48
8053 IF Z > 9 THEN LET Z = Z - 7
8054 LET Y = 16 * Y + Z
8055 NEXT I
8060 POKE X, Y - 256 * INT (Y / 256)
8070 POKE X + 1, INT (Y / 256)
8080 RETURN

```

Precisamos ainda atribuir valores às variáveis BEGIN e LIMIT. Para fazer isto escreve-se RUN e introduz-se (após indicação "WRITE TO") "FFF6", introduzindo seguidamente "F0FE" (isto é FEF0 — o endereço de H\_LIST — com os bytes trocados) "0000", "0000", "F0FF" (que é o endereço FFF6 com os bytes trocados) Faz-se BREAK e está pronto.

Para ver H\_LIST a funcionar, escreve-se RUN 1000. Pode-se introduzir qualquer endereço, mas ver-se á que não se pode listar antes de FEF0 ou depois de FFF5 — podendo agora utilizar-se H\_LIST para listar todo o programa.

Vamos agora ver mais algumas sub-rotinas. A primeira é SET\_UP, que faz duas coisas. Primeiro, atribui a HL o menor dos valores de (ADDRESS) e (BEGIN) e redefine (BEGIN) com este mínimo, se necessário. Tudo isto é muito claro. A segunda função requer, no entanto, um conhecimento mais aprofundado sobre o funcionamento interno da ROM. A sua função é carregar BC com o número de bytes na string A\$ e apontar HL para o byte imediatamente anterior no texto desta string. Para guardar variáveis BASIC a ROM reserva um certo espaço na RAM, que é apontado pela variável de sistema VARS. Se A\$ é a única variável definida, VARS indicará um byte que será, de facto, o byte "A" (hex 41). (Seria "B" para B\$ ou "T" para T\$, e assim por diante). Logo a seguir, vem o comprimento da string e, depois, o próprio texto da string. Tendo isto em conta, eis a sub-rotina — note-se que também pode ser chamada a qualquer LEN\_A\$.

AF	SET_UP	ORG FED1	
323C5C		XOR A	
		LD (TVFLAG),A	Escreve na parte superior do écran.
3E0D		LD A,"enter"	
D7		RST 10	Carriage return
2AF8FF		LD HL,(ADDRESS)	
ED5BF6FF		LD DE,(BEGIN)	
ED52		SBCHL,DE	(Nota-se que RST não faz o flag carry reset.)
19		ADD HL,DE	
3003		JR NC,SU_BEGIN	

```

22F6FF      LO(BEGIN),HL      'BEGIN' = mínimo
                        do 'BEGIN',
                        (ADDRESS)
EB          SU__BEGIN      EX DE,HL      DE = (ADDRESS);
2A4B5C      LLN_A3          LD HL,(VARS;  HL aponta para a
                        variável BASIC A3.

23          INC HL
4E          LD C,(HL)
23          INC HL
4B          LD B,(HL);      BC: comprimento da
                        string A3.

C9          RET

```

A próxima sub-rotina define (LIMIT) como o maior de (ADDRESS) ou (LIMIT). Por outras palavras, se ADDRESS indicar um endereço mais alto na memória de que aquele indicado por LIMIT, este será redefinido:

```

                        ORG FE01
2AF8FF      NEW__LIM      LD HL,(ADDRESS)
ED5BFEFF    NL_2          LD DE,(LIMIT)
A7          AND A
ED62        SBC HL, DE
19          ADD HL,DE
D8          RET C
22FEFF      LD (LIMIT),HL
C9          RET

```

Vamos ver agora outra parte de HEXLD 3, a parte WRITE. Para evitar andarmos depressa de mais, vamos abrandar agora um pouco. Vamos apresentar a listagem do código máquina de uma só vez, mas no fim explicaremos tudo, de forma que cada qual possa voltar atrás e descobrir por si próprio o que faz cada parte.

```

                        ORG FEB7
CDD1FE      WRITE      CALL SET__UP
EB          EX DE,HL      DE = aponta para o
                        primeiro byte antes do
                        teor da string A5, HL =
                        endr. onde escrever.

```

```

CB38        SRLB          Divide BC por dois para
                        obter o número de bytes
                        a escrever.

CB19        RR C          Sai se string está vazia
CA70FF      JP Z.EXIT     Imprime o endereço de
CD7DFF      CALL PR__HL   a string

13          W LOOP      INC DE      Aponta DE ap. para o
                        primeiro dígito hex do pri.
                        byte.

1A          LDA,(DE)      A = este carácter («0»
                        a «9» ou «A» a «F»).
D7          RST 10        Escreve o prim. díg. hex.
1A          LDA,(DE)      Restaura A (RST 10
                        destrói o seu conteúdo).

FE40        CP 40         Salta entre «C» e «9».
3804        JRC,WR1      Puzza p. maiúsculas.
E6DF        AND DF       Corrige o valor
C607        SUB 07        de A.

87          WR1          ADD A,A      Desloca A um dígito hex
87          ADD A,A        para a esquerda (de
                        modo que 3C («C») seja
                        00.38 («3») seja 60 e
                        assim por diante.

87          ADD A,A
87          ADD A,A
E5          PUSH HL      Guarda HL
87          LD H,A        H = primeiro dígito hex
                        vazio vazassels.
13          INC DE        DE aponta para o
                        segundo dígito hex.
1A          LD A,(DE)     A = segundo díg. hex.
D7          RST 10        Escreve o 2.º díg. hex
1A          LD A,(DE)
FE40        CP 40
3804        JRC,WR2      Salta se o dígito está
                        entre «0» a «9».
E6DF        AND DF       Converte em
                        maiúsculas.

```

D607		SUB 07	Corrige o código
E60F	WR2	AND 0F	Considera apenas o segundo dígito hex.
B4		OR H	Combina-o com o primeiro dígito hex.
E1		POP HL	Restaura HL.
77		LD (HL),A	Guarda o byte no endereço requerido.
23		INC HL	
22F8FF		LD (ADDRESS),HL	Guarda o endereço do byte seguinte.
08		DEC BC	
78		LD A,B	
B1		OR C	
20D4		JR NZ,W LOOP	

(O código máquina imediatamente a seguir a este é a sub-rotina NEW LIM.)

Vamos explicar aqui alguma terminologia. HEXLD 3 é um programa em código máquina com a função de criar e correr outros programas em código máquina, o que pode criar muita confusão no simples emprego da palavra «programa»; para contornarmos esta situação, referimo-nos a HEXLD 3 como «programa objecto», e o programa que está a ser editado como «programa sujeito». Em alguns casos limitados, HEXLD 3 examina-se a si próprio, sendo nesse caso programa objecto e sujeito ao mesmo tempo; no entanto é bom mantermos esta distinção e, num sentido muito abstracto, devemos considerar HEXLD 3 como operando sobre um conjunto separado de informação.

Se a *string* estiver varia, saímos — não retornamos somente; retornamos ao modo de comando do BASIC. De outro modo, o endereço no qual desejamos escrever é «impresso» e entramos no ciclo principal.

Cada dois bytes da *string* correspondem a um byte hex. Por exemplo, a *string* conter "2A" implica o byte 2A — no entanto a própria *string* contém os códigos dos caracteres "2", que é 32 seguido de 41 que é o código de "A". Mais ainda, é também possível que a *string* contenha "2a" (isto é, com o a minúsculo), nesse caso, os códigos dos caracteres seriam 32 seguido de 61 — ambos estes

casos dariam como resultado o byte 2A. Para que isto aconteça, é necessária uma conversão pela qual os caracteres com o código superior a 40 (isto é "A" a "F" ou "a" a "f") sejam convertidos em maiúsculas (a instrução AND DF tem esse efeito); compreendo-se porque? A instrução OR 20 converte todas as letras em minúsculas, após o que se subtrai sem ao resultado. Isto realmente fecha o intervalo entre "9" e "A", de modo que "9" produz ainda o resultado 89 mas "A" produz agora o código 3A (tal como "a"). Será agora bastante fácil acompanhar o programa até à instrução LD (HL), A, logo a seguir à etiqueta WR2, onde o byte resultante é finalmente calculado e depositado no endereço requerido.

Depois de o endereço seguinte ter sido guardado, faz-se nova verificação. A variável LIMIT guarda o endereço do primeiro byte a seguir ao fim do programa sujeito, pelo que se escrevermos para um endereço maior ou igual a (LIMIT), este limite terá de ser alterado.

Mais um ponto a ter em conta — a instrução DEC BC não altera o flag zero, de modo que, para verificar se acabamos ou não, temos de empregar LD A,B/OR C. Passemos agora ao BASIC.

Faz-se RUN 1000 para verificar que a listagem da rotina WRITE está correcta. Escreve-se RUN para ler o valor a atribuir à variável BEGIN — para o fazer, deve-se introduzir "PPP6" e a seguir "00FF".

Faz-se BREAK agora, e quando estiver tudo em ordem, altera-se o BASIC de modo que se segue:

```

10 PRINT "List ";
20 GO SUB 8000
30 RANDOMIZE USR 65264
100 PRINT "Write ";
110 GO SUB 8000
120 CLEAR
130 INPUT LINE A$
140 RANDOMIZE USR 65150
150 GO TO 130

```

Devem-se também apagar todas as outras linhas entre 1 e 199 e também entre 1000 e 7999. Algumas das linhas na sub-rotina a partir de 8000 devem ser mudadas por razões estéticas.

```
8030 INPUT "ENDEREÇO": LINE A$
8040 PRINT " ";A$
```

Agora faz-se SAVE deste programa antes de tentar corré-lo. Para fazer isto, apagam-se as linhas 400 e 410 e muda-se 440 para SAVE "M/CODE" CODE 61440,4196 e depois RUN 430. De agora em diante, RUN listará código máquina e RUN 100 escrevê-lo-á. Já agora, repare-se que a instrução CLEAR no BASIC foi aí colocada para assegurar que A\$ é a primeira variável existente na área das variáveis. Sem este CLEAR o código máquina não pode funcionar.

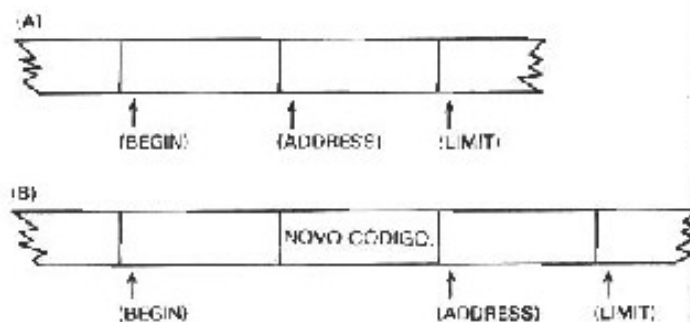


Figura 10.1

O código máquina seguinte executa uma tarefa bastante inteligente. Veja-se a figura 10.1: mostra o programa sujeito antes e depois de chamada a rotina. A rotina chama-se INSERT e esperamos que se perceba porquê. A variável ADDRESS funciona como uma espécie de cursor, de modo que aquilo que escrevemos é inserido na posição do cursor e o próprio cursor se desloca para o fim dos bytes recém-inseridos. Nenhum código máquina é destruído por este processo, já que todo o código à direita do cursor (isto é, com o endereço superior) se move para cima na memória. Segue-se o código máquina para realizar tal tarefa. Para iniciar a inserção emprega-se RUN 100. Note-se que premindo "enter", só por si, se provoca BREAK.

CDE8FE	INSERT	ORG FE09	
C838		CALL LEN_A\$	
C819		SRL B	BC: = número de bytes a inserir.
		RR C	Termina se a string a introduzir é vazia.
CA78FF	JP Z,EXIT		Empilha o número de bytes a inserir.
C6	PUSH BC		HL: = aponta p. o primeiro byte p. além do programa sujeito.
2AFEFF	LD HL,(LIMIT)		DE: = endereço no qual vamos inserir
ED5BFF	LD DE,(ADDRESS)		
A7	AND A		
ED52	SBC HL,DE		HL: = número de bytes de programa sujeito que precisam ser movidos.
23	INC HL		Mais um, para evitar crash se o número de bytes a mover for zero.
44	LD B,H		
4D	LD C,L		BC: = número de bytes a mover.
E1	POP HL		HL: = número de bytes a inserir
ED58FEFF	LD DE,(LIMIT)		DE: = valor anterior de LIMIT.
19	ADD HL,DE		HL: = novo valor de LIMIT.
22FEFF	LD (LIMIT),HL		Guarda este valor.
E9	EX DE,HL		DE: = novo LIMIT.
EDB8	LDDR		HL: = velho LIMIT. Muda todos os bytes necessários.

Observe-se que não existe instrução de retorno no fim desta rotina e também que a rotina acima apresentada não altera o valor de ADDRESS, conforme o prometido. Isto resulta de o endereço a seguir à rotina ser o da instrução em código máquina, início da rotina WRITE, que substituirá os bytes agora sem utilidade no

espaço recém-inserido, redefinindo ADDRESS e retornando. Precisamos de mais algum BASIC agora e para isso escreveremos:

```
500 PRINT "BEGIN ADDRESS":
510 INPUT A$: PRINT A$
520 LET X=0
521 FOR I=1 TO 4
522 LET Y=CODE A$-48: IF Y>9 THEN LET Y=Y-7
523 LET X=16*X+Y
524 NEXT I
530 LET Z=INT(X/256)
540 LET Y=X-256*Z
550 POKE 65520,Y      Este é o endereço de BEGIN em decimal
560 POKE 65527,Z
570 POKE 65534,Y      Este é o endereço de LIMIT em decimal
580 POKE 65535,Z
590 STOP
```

Agora, que esperamos ter a possibilidade de inserir código, é muito importante assegurarmos-nos que HEXLD 3 nunca esteja a apontar para si próprio quando testarmos essa inserção (de outro modo será uma grande complicação) e por isso a rotina que escrevemos na linha 500 tem a função de fazer com que os apontadores BEGIN e LIMIT se mantenham afastados de HEXLD 3 apontando para qualquer lugar seguro. Voltemos à rotina INSERT.

Apagam-se todas as linhas de BASIC entre 200 e 299 e introduza-se o seguinte:

```
200 PRINT "Insert ":
210 GO SUB 8000
220 CLEAR
230 INPUT LINE A$
240 RANDOMIZE USR 65123
250 GO TO 230
```

O nosso único problema agora é que a rotina SAVE não funcionará devidamente (porque apagamos a sub-rotina anterior em 200) e, assim, teremos de fazer mais alterações. Para isso, apagam-se todas as linhas entre 400 e 490 e recomeça-se:

```
400 SAVE "Hexld 3" LINE 450
410 SAVE "Hexld 3 mc" CODE 63488,2048 (isto irá guardar todo o
F800 código de F800 a FFFF.)
420 SAVE " " CODE FN PI65526, FN PI65534 - FN PI65526 + 1
430 VERIFY " ": VERIFY " " CODE VERIFY " " CODE
440 STOP
450 CLEAR 61439      (isto liberta a memória de F800 para cima.)
460 PAPER 7: INK 0
470 LOAD " " CODE: LOAD " " CODE
480 STOP
```

E para completar...

```
9000 DEF FN P(X) = PEEK X + 256*PEEK (X + 1)
```

Agora escrevemos RUN 400 para fazer SAVE do programa. Nesta fase estamos prontos para uma pequena demonstração. Escreve-se RUN 500 para afastar os apontadores para longe de HEXLD 3 e introduz-se "F000". Vê-se a mensagem «9 STOP statement 500:1» aparecer na parte de baixo do ecrã. Escreve-se agora RUN 100 para escrever novo código e introduz-se novamente o endereço F000. Veremos o ecrã ficar completamente em branco, por causa da instrução CLEAR na linha 120. Agora introduzimos a sequência 00/01/02/03/04/05/06/07/08/09/0A/0B/0C/0D/0E/0F (onde «/» significa ENTER). Prima-se ENTER só por si para terminar. Agora, se escrevemos RUN e introduzimos F000 vemos aparecer a listagem deste código máquina. Agora uma parte interessante: escrevemos RUN-00 e desta vez introduzimos o endereço F004. A seguir escrevemos os seguintes bytes: 20/3432/20 (mais uma vez «/» significa ENTER). Suímos carregando ENTER só por si. Para vermos o que aconteceu, escrevemos RUN e introduzimos F000:

Os quatro bytes introduzidos na rotina INSERT foram inseridos sem destruir o código anterior.

E agora uma coisa totalmente diferente...

Observe-se a Figura 10.2, que mostra as condições requeridas para o processo DELETE. Como se vê, aparece aqui uma nova variável - ADD2, que é, neste caso, o último endereço a apagar. Todo o código máquina de (ADDRESS) a (ADD2) deve ser

apagado e o intervalo tapado com o restante código de endereço superior a ADD2, deslocado para baixo na memória:



Figura 10.2

O código máquina é:

2AFEFF	DELETE	ORG FE49	
ED5BF		LD HL,(LIMIT)	HL: = primeiro byte p. além do programa sujeito.
AF		LD DE,(ADD2)	DE: = último byte a apagar
13		INC DE	DE: = primeiro byte a mover.
A7		AND A	
ED52		SBC HL,DE	HL: = número de bytes a mover.
44		LD B,H	
4D		LD C,L	BC: = número de bytes a mover.
03		INC BC	Mais um para evitar crash ao for feita uma tentativa de apagar o último byte.
2AF8FF		LD HL,(ADDRESS)	HL: = endereço para onde deslocar dados.

EB	EX DE,HL	DE: = endr. p. onde deslocar dados, HL: = endr. do 1.º byte a mover.
EDB0	LDIR	Mova todos os bytes necessários.
16	DEC DE	DE: = aponta o primeiro byte para além do programa sujeito actual.
ED53FEFF	LD (LIMIT),DE	Guarda este novo limite.
C9	RET	

E o BASIC é:

```

300 PRINT " Delete ";
310 GO SUB 330
320 STOP
330 GO SUB 8000
340 PRINT "vários espaços Ter";
350 GO SUB 8020
360 RANDOMIZE USR 65597
370 RETURN
8010 GO TO 8030
8020 LET X=65530

```

Sim, há um espaço antes do G.

Com RUN 100 introduziremos o novo código máquina, mas é necessário escrever RUN 500 e introduzir "P000" de modo a, depois, mudar os apontadores. Uma pequena demonstração apenas para se observar que funciona.

Escreve-se RUN 500, introduz-se "P000". Escreve-se RUN 100 e a seguir P000/00/01/02/03/04/05/06/07/08/09/0A/0B/0C/0D/0E/0F/ (onde \*/ representa ENTER). Sai-se carregando ENTER só por si. RUN 300 — a parte crucial — e introduza-se então P005 seguido de P008. RUN seguido de F000 será suficiente para provar que temos razão.

Como se pode observar, LDIR foi empregado na rotina de inserção e LDIR em DELETE. Ao mover blocos de memória para cima ou para baixo é importante começar na extremidade certa. Por exemplo, supondo que queríamos mover um bloco de nove bytes de F001 a F00A, se fizermos HL=F001 e DE=F000, podemos empregar LDIR sem problemas. No entanto, partindo do outro lado,



com HL contendo inicialmente F009 e DE F008 e a seguir transferindo de F008 (o qual foi agora mesmo substituído) para F007, a seguir de F007 (o qual mais uma vez acaba de ser transferido) para F006 e assim por diante, o resultado seria «ligeiramente» incorrecto! Vamos agora aumentar HEXLD 3 sem acrescentar mais nenhum código máquina. Esta é a rotina REPLACE:

```
500 PRINT "Replace ":
610 GO SUB 330
820 GO TO 220
```

Afortunado, não? REPLACE funciona chamando DELETE seguida de INSERT. Ao correr o programa são solicitados dois endereços, o primeiro e o último endereços do bloco de código que queremos substituir. O novo código então introduzido será inserido, automaticamente, neste ponto. Vamos experimentar procurando cada qual inventar a sua própria demonstração, o que não é difícil.

Agora vamos deixar fora todo o «lixo» da linha 500, escrevendo o seguinte código máquina:

```
2AF8FF BEGINMC      ORG FE3E
22F6FF              LD HL,(ADDRESS;
2B                LD (BEGIN),HL
22FEFF              DEC HL
CB                LD (LIMIT),HL
C9                RET
```

Apagamos agora todas as linhas de BASIC entre 500 e 599 e substituímo-las pelo seguinte:

```
500 PRINT "Begin ":
510 GO SUB 8000
520 RANDOMISE USR 65000
530 GO TO 120
```

A rotina em 500 tem agora o seguinte efeito: cancelar qualquer programa sujeito anterior e começar de novo. Note-se que a rotina fica automaticamente à espera que se introduza novo código.

Como se vê, já conseguimos completar a maior parte do que em princípio queríamos de HEXLD 3. Vamos agora ver a rotina na linha 700.

Primeiro o código máquina. É bastante complicado e difícil de compreender tudo de uma só vez.

E6	HL_RUN	ORG FE10 PUSH HL	Empilha o valor inicial de HL para o caso de o programa depender dele.
2110FE E3		LD HL,R_CH EX (SP),HL	Restaura HL e empilha o endereço de retorno «artificial» R_CH. RCH: = endereço de chamada de USR.
ED4BF8FF		LD BC,(ADDRESS;	A: = endr. de chamada de USR (parte baixa) caso o programa sujeito dependa dele.
79		LD A,C	Empilha o endereço de chamada de USR.
C8		PUSH BC	Chama a sub-rotina USR.
C9		RET	Empilha o registro dos flags.
F5	R_CH	PUSH AF	Selecciona o conjunto de registros alternativos.
D9		EXX	Empilha o valor de DE'.
D5		PUSH DE	
115827		LD DE,2758	
A7 ED52		AND A SBC HL,E	Flag zero set se HL' for igual a 2758.
19		ADD HL,DE	Restaura HL'.
D1		POP DE	Restaura DE'.
D9		EXX	Rest. tdo. os registros.
200B		JR NZ,R_EXIT	Salta se HL' <> 2758.
C5		PUSH BC	
E5		PUSH HL	

CD89FF	CALL L_CHECK	VI. se as interrupções estão ou não activas.
E1	POP HL	
C1	POP BC	
2802	JR Z,R_EXIT	
F1	POP AF	Elimina o CIL. Retm na pilha.
C9	RET	Retorna a BASIC.
F1	R_EXIT POP AF	Restaura A e os flags
E3	EX (SP),HL	Faz o valor no topo da pilha ser 0003 de modo que o terceiro item na terceira linha da saída de BREAKPT seja 0003.
210300	LD HL,0003	
E3	EX (SP),HL	
C32AFF	JP BREAKPT	

E o BASIC que acompanha esta rotina é:

```

700 PRINT "Run ";
710 GO SUB 8000
720 RANDOMIZE USR 65040
730 STOP

```

Devemos apagar todas as outras linhas de BASIC entre 700 e 799. Vamos agora tentar explicar o esquema deste complexo código máquina.

A primeira parte do programa (de H\_RUN a R\_CH menos um) assegura-nos que o endereço de retorno do programa sujeito é a etiqueta R\_CH (RUN CHECK), mas de maneira que os registos contenham os mesmos valores iniciais que teriam se o programa sujeito fosse directamente chamado utilizando USR. Repare-se no modo pelo qual a sequência PUSH BC/RET é empregado para simular "JP (BC)". Ao retornar do programa sujeito, o controle estará no endereço R\_CH, onde se fazem duas verificações separadas para ver, primeiro, se HL contém o valor 2758 e, segundo, se as interrupções estão activas. Se qualquer destas verificações falhar, a rotina BREAKOUT toma o controle, escre-

vendo o conteúdo de todos os registos e flags, incluindo os alternativos, os registos IX e IY e o número de referência 0000, que indica que o teste do programa sujeito falhou. Efectua-se então um retorno ao modo de comando do BASIC.

A razão destas verificações é simples: se uma dessas duas condições falhar e houver uma tentativa de retorno ao BASIC teremos *crash*! Para verificar este facto, pode-se fazer correr os programas BXX/RET e D/RET.

Agora, um caso interessante: vamos modificar (usando EDIT) duas das linhas do BASIC do modo que se segue:

```

130 INPUT USR 65399;CHR$ 8;LINE A$
230 INPUT USR 65399;CHR$ 8;LINE A$

```

Quando correr, veremos um efeito interessante. Vamos escrever RUN 500, e a seguir F000 e introduzir algum código. Repare-se na informação extra ao fundo do *screen*. Aparece porque USR 65399 é o endereço da rotina U\_ADDR que carrega BC com zero e em seguida escreve (ADDRESS) em hex seguido de um espaço. Porque não fazemos XOR A/LD (TVFLAG),A, este texto é escrito na zona inferior do *screen* e não na zona superior, como de costume. Como efeito secundário de ser uma instrução INPUT, o valor final de BC é também escrito (zero) e CHR\$ 8 (espaço atrás) está lá para o apagar. A rotina COPY vem a seguir. (Não é caso para admiração: estamos quase a acabar.) Eis-la:

ORG FDD6

ED5BF8FF	H_COPY LD DE,(ADDRESS)	DE = primeiro byte a mover.
2AF AFF	LD HL,(ADD2)	HL = último byte a mover.
23	INC HL	HL = primeiro byte para além deste.
A7	AND A	
ED62	SBC HL,DE	HL = número de bytes a mover.
44	LD B,H	
4D	LD C,L	BC = número de bytes a mover.

2AF0FF		LD HL,(ADD3)	HL = endereço para onde deslocar os dados.
A7 ED52 19 3006		AND A SBC HL,DE ADD HL,DE JR NC,HC_1	Dada se a deslocção foi para endereços superiores na memória.
EB		EX DE,HL	DE: = endereço para onde deslocar os dados. HL: = endereço do primeiro byte a mover Mova o bloco dos dados conforme requerido.
EDB0		LDIR	
D5 1808 00 E5 2B	HC_1	PUSH DE JR HC_2 ADD HL,BC PUSH HL DEC HL	HL: = endereço do últ. byte da nova posição para o código a mover. DE: = endr. do últ. byte do código na posição final. HL: = endr. do 1.º byte a ser movido
EB		EX DE,HL	
09 2B		ADD HL,BC DEC HL	HL: = endereço do último byte de dados Mova o bloco dos dados conforme requerido.
EDB8		LDDR	
2AF0FF	HC_2	LD HL,(ADD3)	HL: = endereço do início do bloco deslocado.
EDB8F6FF		LD DE,(BEGIN)	DE: = primeiro byte do programa sujeito.
A7 ED52 19 3003 22F6FF		AND A SBC HL,DE ADD HL,DE JR NC,HC_3 LD (BEGIN),HL	Redefine (BEGIN); se necessário.

E1 C0C4FE	HC_3	POP HL CALL NL_2	Recalcula (LIMIT) se necessário
C370FF		JP EXIT	
800		PRINT " Copy "	
810		GO SUB 8000	
820		PRINT "Until "	
830		GO SUB 8020	
840		PRINT "três espaços Tab"	
850		LET X=85532	
860		GO SUB 8030	
870		RANDOMIZE USR 84981	

E finalmente a secção TEXT:

CDD1FF	TEXT	ORG FDB9 CALL SET_UP	BC: = comprimento da string A\$, DE: = endr. a partir do qual iremos escrever a string. HL: = endr. anterior ao texto.
78 81 CA70FF E5 C07AFF E1 23		LD A,B OR C JP Z,EXIT PUSH HL CALL PR_ADDR POP HL INC HL	Com string vazia, volta. Escreve o endr. corrente. HL aponta para o texto da string. A: = próximo carácter do texto.
7E	T_LOOP	LD A,(HL)	
D7 EDA0		RST 10 LDI	Escreve este carácter. Transfere este byte p o programa.
EAC7FD ED59F8FF C3C1FE		JP PE,T_LOOP LD (ADDRESS),DE JP NEW_LIM	Repete até terminar. Guarda o endr. final. Ajusta (LIMIT) se necessário.

Repare-se no ciclo bastante estranho que aparece no processo. LDI seguido de JP PE. LDI pode ser visto como um passo de LDIR, ou alternativamente, como LD (DE), (HL), além de decrementar BC. O flag P funciona de uma maneira invulgar neste caso. Olhando rapidamente o que vem no Apêndice Quatro sobre LDI, vemos que o flag P se torna zero se e só se BC atingir finalmente zero. Precisamos portanto de uma instrução que signifique «salte se P é um»; JP PE faz exactamente isto. Note-se que neste caso não existe instrução JR PE, o que nos obriga a empregar um endereço absoluto. LDI foi usado em vez de LDIR pela necessidade de incluir RST 10 no ciclo.

O BASIC para acompanhar este código máquina é:

```
900 PRINT "Text ":
910 GO SUB 8000
920 CLEAR
930 INPUT USR 32631;CHR$ 8;LINE A$
940 RANDOMISE USR 64953
950 GO TO 930
```

Agora, uma curta sub-rotina para nos preparar o caminho antes de passarmos às funções definidas pelo utilizador. É uma sub-rotina que extrai o primeiro argumento de uma fracção definida pelo utilizador. Para recordar como as registos na área das funções definidas pelo utilizador são constituídas, é conveniente recapitular, lendo o fim do capítulo anterior.

2A0B5C	FN_ARG	ORG F0AE LD HL,(DEFADD)	HL aponta p. a zona de parâmetros da função.
23		INC HL	
23		INC HL	
23		INC HL	
23		INC HL	
5E		LD E,(HL)	
23		INC HL	
56		LD D,(HL)	DE = prim. argumento.
C9		RET	

A primeira função que vamos definir empregando esta sub-rotina será chamada FN\_H; a sua função é converter hexadecimal em decimal:

CDAEFD	FN_H	ORG F0BF CALL FN_ARG	DE = aponta p. a string.
23		INC HL	
46		LD B,(HL)	B = em. da string.
210200		LD HL,0000	HL = total (inicialmente qual a zero).
1A	FNH_LOOP	LD A,(DE)	A = próximo carácter ASCII.
13		INC DE	DE = aponta para o próximo carácter.
FE40		CP 40	
3B04		JR C, FNH - CHR	Salta se o carácter estiver entre «0» e «9».
E5DF		AND DF	Converte em maiúscula se necessário.
D807		SUB 07	Corrige o código.
D630	FNH_CHR	SUB 30	A contém agora o dígito hex necessário.
29		ADD HL,HL	
29		ADD HL,HL	
29		ADD HL,HL	
29		ADD HL,HL	Multiplica HL por dezessete.
B5		OR L	
6F		LD L,A	Soma o novo dígito hex.
10EC		DJNZ FNH_LOOP	Repete até terminar.
44		LD B,H	
4D		LD C,L	
C9		RET	BC = valor calculado.

E o BASIC é apenas:

```
9040 DEF FN H(A$)=USR 64911
```

Se não se conseguin compreender o seu funcionamento — toda aquela evolução na área das funções definidas pelo utilizador — sugerimos uma nova leitura do fim do capítulo anterior. O processo

contrário é um pouco mais complicado, uma vez que não é possível retornar uma *string* como valor de USR. Temos de o fazer em duas fases. Chamaremos à primeira FN K\$.

CDAEFD	FN_K\$	ORG FD69 CALL FN_ARG	DE: = primeiro argumento da função.
010700		LD BC,0007	
09		ADD HL,BC	
46		LD B,(HL)	B: = segundo argumento da função.
04		INC B	
7B		LD A,E	
05		DEC B	
280B		JR Z,FNK_2	
05		DEC B	
2804		JR Z,FNK_1	
7A		LD A,D	
05		DEC B	
2804		JR Z,FNK_2	
1F	FNK_1	RRA	
1F		RRA	
1F		RRA	
1F		RRA	
E00F	FNK_2	AND OF	A: = dígito a retornar.
FF0A		CP 0A	
3002		JR C,FNK_3	Solta-se entre «0» e «9».
C807		ADD A,07	
C630	FNK_3	ADD A,30	Converte um carácter ASCII.
4F		LD C,A	
0600		LD B,00	BC: = cód. do cr.
C9		RET	

E agora algumas funções úteis:

```

9010 DEF FN P$(A$) = FN H$(FN P(FN HIA$))
9050 DEF FN H$(X) = FN K$(X,3) + FN K$(X,2) + FN K$(X,1)
+ FN K$(X,0)
9060 DEF FN K$(X,Y) = CHR$(USR 64873)

```

Por fim os POKEs duplos:

CDAEFD	FN_Q	ORG FD6A CALL FN_ARG	DE: = endr. de POKE.
010700		LD BC,0007	
09		ADD HL,BC	
4E		LD C,(HL)	
23		INC HL	
46		LD B,(HL)	BC: = argumento de POKE.
EB		EX DE,HL	HL: = endr. de POKE.
71		LD (HL),C	
23		INC HL	
70		LD (HL),B	POKE número de dois bytes.
C9		RET	

```

9020 DEF FN Q(X,Y) = USR 64858
9030 DEF FN R(A$,B$) = FN Q(FN I$(A$),FN I$(B$))

```

E agora um pouco de animação!

Se quisermos escrever *REM gráfico A gráfico B gráfico C ... gráfico U* teremos uma surpresa muito desagradável: todos os caracteres de gráficos foram corrompidos. (Na realidade foram substituídos por código máquina de HEXLD 3.) Podemos remediá-lo e ao mesmo tempo dar uma boa amostra de algumas das funções do nosso programa da seguinte maneira:

```

RUN 800
Copiar desde endr. 3E00
até endereço 3EAF

Para endereço FCB2
RANDOMIZE FNRI"5C7B",
"FCB2")

```

Estes bytes são as memórias de pixels das maiúsculas A a U. Isto é FAM livre.

POKE duplo que carrega o número hex FCB2 (o endr. acima) nos endrs. 5C7B e 5C7C (a variável de sistema JDG) = endr. do início da zona dos caracteres gráfcs. «p. uso do utilizador».

Agora se escrevermos REM gráfico A gráfico B gráfico C gráfico U, obteremos na realidade letras maiúsculas de A a U. Podemos utilizar agora os gráficos definidos pelo utilizador exactamente do mesmo modo de sempre, lembrando, é claro, querendo fazer POKE directamente (em vez de USR "A", etc.), que a zona correspondente começa no endereço FCB2.

Vamos tentar embelezar um pouco as coisas, mas não juntaremos mais nada — apenas queremos dar-lhe uma aparência mais bonita. Começaremos por melhorar a rotina em 8000. Apagamos todas as linhas de 8000 até 8999 e em seu lugar escrevemos o seguinte:

```
8000 GO SUB 8060
8010 RANDOMIZE FN R("FFFF",A$)
8020 RETURN
8030 GO SUB 8060
8040 RANDOMIZE FN R("FFFA",A$)
8050 RETURN
8060 INPUT "ENDEREÇO", LINE A$
8070 IF LEN A$ <> 4 THEN CLEAR: GO TO 1E4
8080 PRINT "ENDEREÇO": A$
8090 RETURN
```

Melhoramentos são, primeiro, o uso de FN R para fazer um POKE duplo ou em ADDRESS ou em ADD2; segundo, a verificação do comprimento de A\$ — note-se o procedimento se a verificação falhar: CLEAR limpará a pilha GO SUB (obviamente muito importante, uma vez que nesta altura estamos com pelo menos dois GO SUB pendentes) e também limpa o écran e GO TO 1E4 (que significa GO TO 10000) é apenas um meio de voltar ao modo de comando (STOP teria feito exactamente a mesma coisa, mas o código de erro zero é mais estético que um código 9); e terceiro, não são referidas quaisquer outras variáveis na rotina, além de A\$.

Porque a sub-rotina 8000 não requer senão A\$ e também para fazer as listagens mais bonitas, apagamos as linhas 120, 220 e 920 (todas as que anteriormente diziam CLEAR).

Porque a rotina para definir ADD2 foi movida de 8020 para 8030, precisamos mudar:

```
350 GO SUB 8030
830 GO SUB 8030
850 GO SUB 8060
880 RANDOMIZE FN R("FFFC",A$)
```

E, para embelezamento da rotina SAVE:

```
410 SAVE "Hexdd 3 mc" CODEB4090,846 Não há necessidade
de guardar a mais, agora que sabemos o comprimento do programa.
440 GO TO 1E4 Porque é mais bonito que STOP.
450 CLEAR 64689 Porque não é preciso reservar
muito memória que é necessária.

460 LET P = 7: LET I = 0 Define cor e fundo
481 INK I
462 PAPER P
463 BORDER P
464 POKE 23624,I + 8 * P
465 FLASH 0
488 BRIGHT 0
467 OVER 0
468 INVERSE 0
469 CLEAR
470 LOAD "" CODE: LOAD "" CODE
471 RANDOMIZE FN Q(23675,64690) POKE duplo na variável
UDG. de sistema UDG.
480 GO TO 1E4 Em vez de STOP.
```

Sempre que usarmos HEXLD 3 para criar um novo programa devemos mudar as linhas 420 (para reflectir o nome do novo programa), 430 se precisarmos de reservar memória e 460 se quisermos um esquema de cores diferente.

Disponemos agora de um programa completo para editar código máquina. RUN 400 fará SAVE e VERIFY de tudo o que for necessário, incluindo os gráficos definidos pelo utilizador. Temos uma desculpa por avançarmos demasiado depressa: embora ainda não sejam de fácil compreensão algumas partes deste capítulo, o que interessa é que agora há uma ferramenta com a qual podemos



criar e manipular o nosso código máquina. Para referência, incluímos aqui uma lista de todos os endereços usados neste programa.

16K		48K	
7CB2	31922	FCB2	64690
7D5A	32090	FDBA	64658
7D69	32105	FD69	64673
7D8F	32143	F08F	64911
7DAE	32174	FDAE	64942
7DB9	32185	FDB9	64953
7DD5	32213	FDD5	64981
7E10	32272	FE10	65040
7E1C	32284	FE1C	65052
7E3E	32318	FE3E	65086
7E49	32329	FE49	65097
7E63	32355	FE63	65123
7E87	32391	FE87	65159
7EC1	32449	FEC1	65217
7EC4	32452	FEC4	65220
7EDI	32465	FEDI	65233
7EE8	32488	FEE8	65256
7EF0	32496	FEF0	65264
7F2A	32554	FF2A	65322
7F70	32624	FF70	65392
7F77	32631	FF77	65399
7F7A	32634	FF7A	65402
7F7D	32637	FF7D	65405
7F89	32649	FF89	65417
7F99	32665	FF99	65433
7FCB	32715	FFCB	65483
7FD0	32720	FFD0	65488
7FED	32749	FFED	65517
7FF6	32758	FFF6	65526
7FF8	32760	FFF8	65528
7FFA	32762	FFFA	65530
7FFC	32764	FFFC	65532
7FFE	32766	FFFE	65534

Carac. gráf. definíveis  
 FN\_Q  
 FN\_K0  
 FN\_H  
 FN\_ARG  
 TEXT  
 H\_COPY  
 H\_RUN  
 R-CH  
 BEGIN\_MC  
 DELETE  
 INSERT  
 WRITE  
 NEW\_LIM  
 NL\_2  
 SET\_UP  
 LEN\_A0  
 H\_LIST  
 BREAKPT  
 EXIT  
 U\_ADDR  
 PR\_ADDR  
 PR\_HL  
 L\_CHECK  
 REGS  
 SH\_PRINT  
 H\_PRINT  
 C\_PRINT  
 A variável BEGIN.  
 A variável ADDRESS.  
 A variável ADD2.  
 A variável ADD3.  
 A variável LIMIT.

## CAPÍTULO ONZE

# Exploração do teclado

Chegou agora a altura de vermos como se utilizam algumas das outras sub-rotinas, tão bem escondidas na ROM. Falaremos de três dessas sub-rotinas, que nos permitirão a leitura do teclado e localização da tecla, se houver alguma, que está a ser premida. Veremos também os processos pelos quais estas sub-rotinas funcionam, porque é sempre muito útil um pouco de conhecimento sobre o fundo das questões.

A primeira destas sub-rotinas que realiza uma leitura do teclado começa no endereço 0287. Podemos ter-lhe acesso chamando simplesmente esse endereço, isto é CALL KEY SCAN ou CD 8E02 em hex. Dá uma resposta satisfatória mas que ainda não é aquela que esperaríamos. Vamos ver exactamente o que ela faz. Esta rotina retorna um valor no par de registos DE. Na verdade, ela retorna valores separados e independentes, um para D e outro para E. Eis como estes valores são interpretados:

A figura 11.1 mostra o teclado do Spectrum. Como se vê, cada tecla está associada a um número. Todos os números se encontram entre 00 e 27, e uma vez que existem exactamente 28 teclas (em hex, note-se) e nenhum número se usa duas vezes, cada valor



Figura 11.1

associado a uma tecla é único e exclusivo dessa tecla. Este número é o código de tecla (*Key code*); por exemplo, o código de tecla de «A» é 26 e o código de tecla de «U» é 0A. Se experimentarmos ligar os pontos por uma linha, veremos que os números estão dispostos numa forma de espiral, em sentido contrário ao do andamento dos ponteiros de relógio, para fora, começando em «B». É um método muito útil de lembrar o código de teclado para qualquer tecla sem ter de voltar atrás à tabela a todo o momento.

O valor deixado em DE pela sub-rotina KEY SCAN baseia-se neste código de teclas. Se nenhuma tecla estiver premida, o valor em DE será FFFF. Suponhamos no entanto que uma, e só uma, estaria premida na altura em que se fez CALL KEY SCAN. Neste caso o valor de D continua a ser o mesmo FF, mas o valor de E será o código dessa tecla. Um ponto importante é que as teclas *caps shift* e *symbol shift* não são tratadas de modo diferente das outras teclas: *symbol shift* só por si produz FF1B da mesma maneira que «S» só por si produz FF1B.

Suponhamos agora que *caps shift* se mantém premida enquanto premimos uma outra tecla. Neste caso, o valor de D não será FF mas sim 27; note-se que este é o código da tecla *caps shift*. O registo E conterá o código da outra tecla que está a ser premida. Veja-se que, apesar de neste caso *caps shift* receber um tratamento diferente das outras teclas, o mesmo não se passa com *symbol shift*. Por outras palavras, *caps shift* e *symbol shift* carregados simultaneamente dão 271B, do mesmo modo que *caps shift* e «3» produzem 2714.

Por fim, se *symbol shift* mantiver premida enquanto premimos outra tecla que não *caps shift*, o registo D conterá 18 e o registo E conterá o código da tecla em questão. Repare-se que 18 é o código da tecla *symbol shift*. Como *caps shift* é considerado «mais importante», ambos premidos ao mesmo tempo darão 2718 em vez de 1827.

A sub-rotina retorna mais um elemento importante de informação: o *flag zero*. Todos os casos acima mencionados terão como resultado o *flag zero* estar *set* (isto é, de modo que JR Z dará um salto), mas, se premirmos demasiadas teclas ao mesmo tempo, o *flag zero* estará *reset*. Se for este o caso, o valor retornado pelo par de registos DE será, em geral, sem sentido. É sempre prudente

verificar o *flag zero* antes de tomar em consideração o valor retornado em DE.

Deve já ser bastante claro que cada tecla individual produz um código único no par de registos DE, com ou sem qualquer dos *shifts*; no entanto, infelizmente não podemos determinar se, digamos, «Q», «B» e «T» estão todos premidos ao mesmo tempo. Em código máquina até isto é possível, por isso temos uma grande vantagem sobre o BASIC, onde só podemos utilizar INKEY\$. Aprofundaremos a forma de utilizar este facto um pouco mais adiante no capítulo.

A sub-rotina KEY SCAN tem, no entanto, uma grande desvantagem: destrói por completo os valores anteriores de todos os registos! Se quisermos guardá-los temos de utilizar a pilha da seguinte maneira:

FB	PUSH AF
CB	PUSH BC
E5	PUSH HL
CD0E02	CALL KEY_SCAN
E1	POP HL
C1	POP BC
F1	POP AF

Queremos agora tornar estes números, um tanto obscuros, em verdadeiros códigos de carácter. Estes códigos de carácter são guardados numa tabela na ROM, começando no endereço 205. Na realidade existem aqui diversas tabelas, mas é a primeira que nos interessa. Chama-se KEY TABLE (código de tecla) e contém a lista das teclas dispostas de uma maneira já nossa conhecida:

```
0205 DEFMBHYGSTGV
020D DEFMNJL74RFG
0215 DEFMMKI83EOX
021D E-contrôleLO92SZ
0225 enterespaçoP01Q4
```

É a mesma ordem da numeração dos códigos de tecla, de modo que, para obtermos um resultado já com bastante sentido, basta interligar a sequência de instruções LD HL,0205/LD D,00/ADD

HL, DE/LD A, (HL) que actua em A o código de um carácter. Repara-se, no entanto, em dois pormenores desta tabela. Primeiro, as letras da tabela são apenas maiúsculas, às teclas numéricas correspondem apenas códigos de números (e não códigos das funções de edição); é um pouco como quando ligamos *caps lock*. Em segundo lugar, o carácter apresentado na posição correspondente à tecla *symbol shift* é *E-control*, que é o carácter 0E (ver o Apêndice Cinco). Isto por duas razões: 1.ª, *symbol shift* não tem um código de carácter; 2.ª, as teclas *shift* são por vezes utilizadas para mudar para o modo E (modo de extensão).

Tendo feito uma leitura válida do teclado e decidido que não foram premidas demasiadas teclas, o problema seguinte é decidir se alguma tecla *real* foi premida. Lembremo-nos que nenhuma tecla produz FFFF, *caps shift* só por si dá FF27, enquanto *symbol shift* por si só dá origem a FF18. Estas três condições devem ser rejeitadas. A sub-rotina KEY TEST, a partir do endereço 031E, resolve este problema. Desde que DE comece com o resultado de uma leitura válida do teclado (como se descreveu um pouco acima), CALL KEY TEST fará uma série de coisas:

- 1.º B conterá o conteúdo anterior de D;
- 2.º D conterá zero.

Após o que uma de duas ações terá lugar:

- 1.º Se DE começar como FFFF, FF27 ou FF18, o registo A terminará com FF27 ou 18 respectivamente e o *carry* será zero;
- 2.º Se DE não começar como FFFF, FF27 ou FF18, o registo A terminará com o código do carácter de base para a tecla desejada (isto é, o carácter apropriado, tirado da tabela KEY TABLE acima referida) e o *flag carry* será set.

Esta é portanto uma rotina bastante útil, mas existe uma terceira sub-rotina na ROM ainda mais útil. Esta sub-rotina chama-se KEY CODE (chave de código) e converte o carácter de base de qualquer tecla num verdadeiro código de carácter do Spectrum. Requer que os registos contenham os valores certos; as regras são:

O registo E tem de conter o carácter de base correcto.

Sem *shifts*: B tem de conter FF.  
Com *caps shift*: B tem de conter 27.  
Com *symbol shift*: B tem de conter 18.

Para o modo G: C tem de conter 02.  
Para o modo E: C tem de conter 01.  
Para o modo K: C tem de conter 00 e D 00.  
Para o modo L: C tem de conter 00, D tem de conter 08 e o *bit* número três da variável de sistema FLAGS 2 tem de ser zero.  
Para o modo C: C tem de conter 04, D tem de conter 08 e o *bit* número três da variável de sistema FLAGS 2 tem de ser um.

Obtemos uma leitura correcta do teclado carregando C com a variável de sistema MODE e D com a variável de sistema FLAGS (não importa que D contenha ou não 08; qualquer que seja o seu valor, só o *bit* número três é tomado em consideração).

Estando na posse de toda esta informação, podemos escrever uma sub-rotina, muito curta, em código máquina que faz tudo aquilo que queremos (pelo menos em termos de leitura de teclado, utilizando estas sub-rotinas da ROM).

Eis a listagem:

CD8E02	SCAN	CALL KEY SCAN
206F		JR NZ, VOID
CD1E93		CALL KEY TEST
300A		JR NC, VOID
8F		LD E, A
0E00		LD C, 00
1608		LD D, 08
CD3303		CALL KEY CODE
A7		AND A
C9		RET
37	VOID	SCF
C9		RET

Se escrevermos esta sub-rotina em qualquer ponto da RAM, fazemos uma leitura imediata do teclado em qualquer momento empregando CALL SCAN, e lá se o código do carácter no registo A. A sub-rotina retornará o *carry* em um se o resultado da leitura do teclado for nulo, isto é, se demasiadas teclas estavam premidas ou se uma das teclas *shift* estava premida isoladamente ou ainda se nenhuma tecla estava premida.

O endereço de KEY CODE é 0333.

Observemos este caso por meio de um exemplo (que é a melhor maneira ou, pelo menos, a mais interessante). Vamos escrever um programa para imprimir no *écran* caracteres em tamanho grande. Para relembrar como é que os padrões dos caracteres são guardados na ROM, basta ler o Capítulo Sete; podemos agora dedicar-nos a uma programação a sério.

Devemos reparar que os códigos dos caracteres gráficos foram arrançados de uma forma bastante engenhosa. Como se sabe, cada símbolo gráfico é composto de quatro quartos de quadrado. Se atribuirmos a cada um quarto um número, 1, 2, 4 ou 8 (ver a figura 11.2), calcularemos o código de qualquer carácter gráfico somando apenas os números correspondentes aos quartos que têm a cor *ink* e somando 80 ao resultado. Por exemplo, o carácter gráfico 6 tem o quarto superior esquerdo e o quarto inferior direito ambos de cor *ink* (sendo 2 e 4 os números correspondentes a estes quartos); portanto o seu código é 2 + 4 + 80 ou 86. Se lermos o manual *Sinclair* ou o Apêndice Cinco deste livro veremos que é isso que se passa.

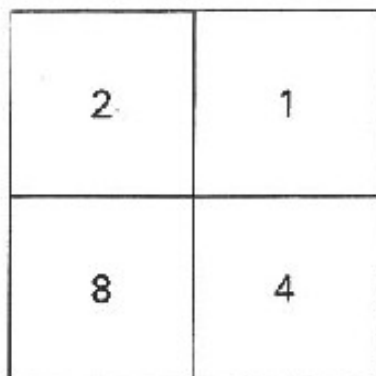


Figura 11.2

Vamos escrever a sub-rotina SCAN, listada acima, começando em qualquer endereço conveniente, e vamos introduzir o seguinte programa (imediatamente a seguir a SCAN, por exemplo):

AF	LARGE	XOR A	
323C5C		LD (TVFLAG),A	Substitua para PRINT a parte superior do écran
210040	AT_0_0	LD HL,4000	
22845C		LD (DF_CC),HL	
212118		LD HL,1821	
22885C		LD (S_POSN),HL	PRINT AT 0,0.
CD7777	WAIT	CALL SCAN	Leitura do teclado.
38FB		JR C,WAIT	Espera que uma nova tecla seja premida
FE20		CP 20	
08		RET C	Retorna ao BASIC se for premido um carácter não imprimível.
FE00		CP 80	
D0		RET NC	
6F		LD L,A	
2800		LD H,00	HL = código do carácter premido.
29		ADD HL,HL	
29		ADD HL,HL	
29		ADD HL,HL	Multiplica o código do carácter por oito.
11000C		LD DE,3C00	
19		ADD HL,DE	Soma 3C00 a este número (ver capítulo 7 acerca deste assunto).
0E04		LD C,04	
0E04	OUTER-LOOP	LD B,04	
56		LD D,(HL)	
23		INC HL	Transfere duas bits de pixels para DE.
5E		LD E,(HL)	
23		INC HL	
3E00	INNER-LOOP	A,00	(DE tornar-se-á 00 ao ir quatro vezes à esquerda.)
CB13		RL E	Calcula qual o carácter gráfico a ser escrito.
17		RLA	
CB13		RL E	
17		RLA	
CB12		RL D	
17		RLA	

CB12	RLD	
17	RLA	
D7	RST 10	Escreva este carácter.
10EF	DJNZ INNERLOOP	Pr. posição a escrever.
3E0D	LD A, "enter"	
D7	RST 10	Fim da linha corrente.
0D	DEC C	
20E3	JR NZ, OUTERLOOP	
18BE	JR AT_0_0	

Repare-se naquelas instruções no início, a escreverem nas variáveis de sistema. Carregar DF\_CC com 4000 e S\_POSN com 1821 equivale a fazer (em BASIC) PRINT AT 0,0; na realidade o que acontece quando se encontra PRINT AT 0,0; é que se mudaram DF\_CC e S\_POSN. É a rotina RST 10 que utiliza estes valores para decidir onde imprimir.

Agora, se correremos este programa, escrevendo RANDOMIZE USR 2222 (onde 2222 é o endereço em decimal da etiqueta LARGE), o *screen* permanece inalterado. Carreguemos na tecla G e vejamos o que acontece. Agora carreguemos na tecla A.

É interessante, não é verdade? Se, por acaso, correremos este programa com *caps lock* ligado, não será tão divertido como se o tivéssemos desligado. Pode-se sair do programa premindo ambos os *shifts* juntos ou, na verdade, qualquer coisa que não possa ser impressa no espaço de um carácter; por exemplo, STOP.

Vamos por momentos pôr de parte a programação e dedicar-nos um pouco à aprendizagem. Como dissemos no início do capítulo, vamos aprofundar um pouco mais o processo de leitura do teclado, de modo a escrevermos as nossas próprias rotinas de leitura do teclado sem ter de recorrer às da ROM. A vantagem, claro está, é poder reescrevê-las de modo a permitir que várias teclas sejam premidas ao mesmo tempo. Isto passa-se como a seguir descrevemos.

O teclado está dividido fisicamente, apesar de não vermos essas divisões, em oito segmentos diferentes. Vamos como estes segmentos estão constituídos na figura 11.3. Cada segmento corresponde a um porto de entrada diferente, o que significa que temos de empregar instruções IN nas nossas rotinas.

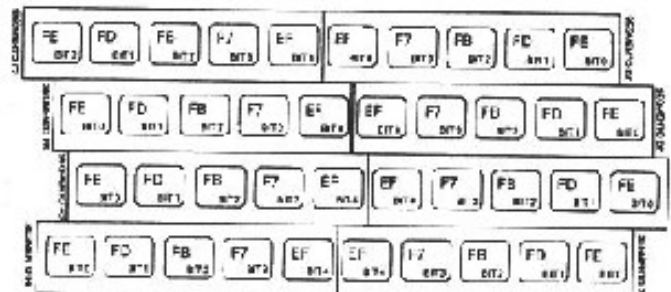


Figura 11.3

Gostaríamos de realçar bem o seguinte: na explicação que se segue, as teclas *shift* são consideradas exactamente em pé de igualdade com qualquer outra tecla. O código máquina não faz distinções. É o programa da ROM que trata e trata de maneira diferente estas teclas; sem empregar a ROM os *shifts* não são privilegiados. A tecla *symbol shift* deve ser a partir de agora vista como uma entidade física exactamente como, por exemplo, a tecla «X» — na verdade, se quiséssemos, podíamos muito bem programar uma rotina que faça uma leitura do teclado e considere a tecla «X» como um *shift*!

O teclado está portanto dividido em oito secções e só podemos ler uma delas de cada vez. Podemos fazê-lo de dois modos:

1.º Carregar A com o número de secção e depois utilizar a instrução IN A, (FE);

2.º Carregar B com o número de secção, C com o número FE e empregar a instrução IN r, (C) (onde r é um dos seguintes registos: A, B, C, D, E, H ou L).

Para fazermos uma leitura da secção BF, o método mais simples é LD A, BF e em seguida IN A, (FE). Esta acção deixa no registo A um valor. O significado desse valor é o seguinte: os bits sete, seis e cinco deste resultado não têm interesse e, para nos descurarmos deles, utilizamos a instrução OR E0. Se nenhuma das teclas da secção BF estivesse premida na altura do IN A, (FE), após OR E0 A

ficaria com o valor FF. Se uma e uma só tecla estivesse premida na secção BF, quaisquer outras teclas das outras secções poderiam estar premidas, mas de momento não são consideradas. O valor agora contido no registo A é o número hex escrito na figura 11.3 na tecla premida. Se mais de uma tecla da secção FB estiver premida, o registo A conterá o resultado de um AND entre os valores para as diferentes teclas carregadas. Suponhamos que a tecla «J» esteja premida. A figura 11.3 atribui a esta tecla o número F7, de modo que se fizer a leitura do segmento BF como foi descrito, A terá o valor F7. Se em vez disso estiver premida a tecla «L», A fica com o valor FD. Agora, se «J» e «L» estiverem premidas simultaneamente, A conterá o valor F5 (=F7 AND FD).

Como se vê, a cada tecla está associado um *bit*. Para a tecla J é o *bit* 3 e para a tecla L é o *bit* 1. Quando fizermos a leitura de qualquer secção empregando IN, o resultado será, em binário, ???b4b3b2b1b0. Os «b» serão um se a tecla correspondente não estiver carregada; caso contrário, serão zero. Uma vez desembarçados dos três primeiros *bits* (com OR E0), uma maneira simples de ver as coisas é imaginar que A começa com FF e depois tem um *bit* reset por cada tecla dessa secção que esteja premida.

## GRAFFITI

É necessária apenas uma pequena modificação na versão original para obtermos um programa verdadeiramente interessante, demonstrando a imensa rapidez que o código máquina nos proporciona relativamente ao BASIC. Neste programa GRAFFITI, ao carregarmos numa tecla aparecerá no *écran* uma versão muito aumentada do carácter requerido.

Um outro aspecto interessante neste programa é que se utiliza PRINT AT de um modo geral em vez de definir as variáveis de sistema, como no anterior. Para obter PRINT AT D,E; só são necessários os seguintes passos: LD A,"control-AT"/RST 10/LD A,D/RST 10/LD A,E/RST 10. Note-se que este processo é muito semelhante à versão BASIC: PRINT CHR\$ 22;CHR\$ D;CHR\$ E;. Segue-se a listagem do programa.

```
AF      GRAFFITI XOR A      Selecciona p. PRINT a
223C5C      LD (TVFLAG),A    parte superior do écran.
```

ED62		SBC HL,HL	HL = 0000 (as coordenadas do PRINT AT).
E5	MAIN	PUSH HL	Empilha coordenadas AT.
CD7777	PAUSE	CALL SCAN	(Já listadas neste capít.)
30FB		JR NC,PAUSE	Espera que o deco largue a tecla.
CD7777	WAIT	CALL SCAN	
38FB		JR C,WAIT	Espera que uma nova tecla seja premida.
FE20		CP 20	
3848		JR C,EXIT	Termina se um carácter de controle for premido.
FE80		CP 80	
3044		JR NC,EXIT	Termina se um token for premido.
0F		LD L,A	
2600		LD H,00	HL = add. do carácter.
20		ADD HL,HL	
29		ADD HL,HL	
29		ADD HL,HL	
11003C		LD DE,3C00	
19		ADD HL,DE	HL = aponta para a expansão em pixels do carácter requerido.
0E04		LD C,04	
D1	OUTER-LOOP	POP DE	DE = coordenadas de PRINT AT.
3E18		LD A,"control-AT"	
D7		RST 10	PRINT AT...
7A		LD A,D	
D7		RST 10	D,...
7B		LD A,E	
D7		RST 10	E.
14		INC D	Aponta p. a pr. linha abaixo.
D6		PUSH DE	Empilha as coords. AT mais uma vez.
0604		LD B,04	
56		LD D,(HL)	Transfere duas linhas de pixels para DE.
23		INC HL	
5E		LD E,(HL)	
23		INC HL	



3E08	INNER LOOP	LD A,08	Isto tomar-se-á 80 quando deslocado
CB13 17		RL E	
CB13 17		RLA	
CB12 17		RL E	
CB12 17		RLA	
CB12 17		RLD	Calcula qual o carácter gráfico a escrever.
CB12 17		RLA	
CB12 17		RL D	
CB12 17		RLA	
D7		RST 10	Escreve este símbolo
10EF		DJNZ INNERLOOP	
0D		DEC C	
20DC		JR NZ,OUTERLOOP	
E1		POP HL	HL = coordenadas AT.
7D		LD A,L	At = n° de coluna do quad. mais à esquerda do cr. grande, já escrito.
FE1C 2003		CP 1C	
		JR NZ,NEXT__CHR	Salta a não ser que seja o último carácter permitido nesta linha.
2E00		LD L,00	Número de coluna igual a zero. O número de linha já é o correcto.
7C FE14 C8		LD A,H	A = número da linha
		CP 14	
		RET Z	Retorna se cinco linhas de caracteres grandes tiverem sido escritas.
18AF		JR MAIN	Resete para o próximo carácter.
1104FC	NEXT__ CHR	LD DE,FC04	
19		ADD HL,DE	Mova as coordenadas AT para o pr. carácter.
18A9		JR MAIN	E outra vez para o próximo carácter.
F1 C9	EXIT	POP AF	«Limpa» a pilha.
		RET	

## Damas – primeira parte

Podemos agora introduzir e editar código máquina. Chegamos assim à altura de fazer qualquer coisa de útil e (esperamos) interessante: um jogo de damas. Devemos ter certos cuidados com este programa. Eis como deverá ser a parte em BASIC.

```
10 RANDOMIZE USR qualquer coisa
20 INPUT LINE A$
30 RANDOMIZE USR qualquer coisa
```

Como se pode ver, a grande maioria do programa estará escrita inteiramente em código máquina. Queremos guardar o nosso código máquina no endereço mais baixo que pudermos. Se escrevermos RUN 790 e introduzirmos o endereço da rotina BREAKPT de HEXLD 3 (7F2A ou 7F24), veremos imediatamente os valores iniciais de cada um dos registos. O valor inicial de DE é o endereço do primeiro byte livre da RAM (pode-se verificá-lo, juntando um byte ao programa BASIC — um espaço, por exemplo — e experimentando mais de uma vez: DE apontará um byte acima), o que é, obviamente, muito útil.

Uma vez que a área do BASIC está sujeita a frequentes variações de tamanho, não podemos utilizar este endereço para começo do nosso programa, pois se o fizermos será certamente destruído logo que carregarmos qualquer botão. Portanto, sugerimos que se guarde o código máquina de damas (DRAUGHTS) a partir do endereço 6800. Para iniciar, PRINT FN H ("6800") diz-nos que esse endereço inicial é, em decimal, 26624 e, portanto, vamos ajustar HEXLD 3 para nos prepararmos para este programa. Escreva-se ou edite-se o seguinte:

```
420 SAVE "Damas" CODE FN P(32758),FN P(32768) - FN
P(32758) + 1 (para aqueles que têm 16 K)
420 SAVE "Damas" CODE FN P(65526),FN P(65534) - FN
(65526) + 1 (para aqueles que têm 48 K).
450 CLEAR 26623
```

CLEAR 26623

460 LET P=5:LET I=0

RUN 460

(como um comando directo).

(para fazer fundo cyan e cor verde).

Será necessário carregar na tecla de espaço (para sair na linha 470) antes de podermos fazer mais qualquer coisa.

Por fim, vamos fazer RUN 500, introduzir 6800 e escrever qualquer coisa — 00, por exemplo. Saímos premindo a tecla ENTER só por si. Nesta altura, gravamos o programa empregando RUN 400, apesar de na realidade ainda não termos começado, porque é bom guardar em fim o que é, de facto, um programa editor do programa de damas e também porque assim não haverá necessidade de voltar a escrever as linhas acima indicadas.

A primeira parte do programa já nós vimos. É a que, no Capítulo Sete, imprimia um tabuleiro de damas. Em primeiro lugar, será preciso redefinir o carácter gráfico A. Para isto, introduz-se como um comando directo FOR I = 0 TO 7: INPUT X: POKE USR "A" = I,X:NEXT I e em seguida os seguintes números: 0/60/126/126/126/126/60/0. Agora se escrevemos REM gráfico A veremos aparecer a forma de uma pequena gota. Escreve-se RUN 100 e introduz-se o endereço 6837 (note-se: 6837 e não 6800 — por razões que, mais tarde, se tornarão claras). Introduz-se agora a rotina que imprime o tabuleiro de damas, apresentada no Capítulo Sete; teremos de a escrever toda de novo e lembrando que o endereço S\_PRINT é agora 6837 e não 7000, de modo que as instruções CALL S\_PRINT sejam traduzidas por CD3768 e não CD0070.

Podemos facilitar as coisas parando onde começa a zona de dados e depois alterar a linha 930 de modo a que fique INPUT USR 32631;CHRS 8;AS (16 K) ou INPUT USR 65399;CHRS 8;A\$ (48 K) (isto é, apagando a palavra LINE).

Podemos então introduzir todo o texto utilizando RUN 900. Para fazer entrar no texto um carácter enter é necessário mover o cursor para a direita das aspas e escrever +CHRS 13. O endereço de início do texto é 6867.

RUN 900.

Endereço do texto 6867

"espaço 12345678" = CHRS 13

"1 espaço A gráfico espaço A gráfico espaço A gráfico espaço A gráfico 1" = CHRS 13... e assim por diante até... "espaço 12345678" + CHRS 0 R CHRS 1N H("C9").

Agora se fizermos RUN 700 e introduzirmos 6840, veremos aparecer um tabuleiro de damas ainda um pouco primitivo. Juntamos mais uma linha de BASIC: 715 CLS, para nos livrarmos da mensagem "RUN ADDRESS" quando utilizarmos RUN 700. Se fizermos novamente RUN 700 e introduzirmos 6840 veremos a mesma imagem do tabuleiro sem a mensagem "RUN ADDRESS".

Vamos introduzir a seguinte sub-rotina a partir do endereço 6840:

8E24	ROW	LD A,02	
71	ROW_2	LD HL,LC	Define a cor da próxima peça de damas.
23		INC HL	
23		INC HL	HL aponta para a próxima peça de damas.
3D		DEC A	
20FA		JR NZ,ROW_2	
19		ADD HL,DE	Aponta p. a pr. linha.
CB46		BIT 0,L	
2002		JR NZ,ROW_3	
23		INC HL	O ponteiro deve ser ajustado p. as linhas pares.
23		INC HL	Repete para o número necessário de linhas.
10FF	ROW_3	DJNZ ROW	
C9		RET	

Agora introduzimos o seguinte código máquina a partir do endereço 68C5 (imediatamente antes da última instrução RET).

210058		LD HL,ATTRS	HL aponta p. atributos.
111600		LD DE,0016	
0E0A		LD C,0A	
00DA	YELLOW	LD B,0A	
	_1		

3630	YELLOW_2	LD (HL),30	Cor do pr. quadrado: preto em amarelo.
23		INC HL	Aponta p. pr. quadrado.
10FB		DJNZ YELLOW_2	
19		ADD HL,DE	HL aponta p. o começo da pr. linha.
00		DEC C	
20FB		JR NZ, YELLOW_1	
212158		LD HL, ATTRS + 21	HL aponta p. o prim. quadrado do tabuleiro.
1E18		LD E, 18	
0E08		LD C, 08	
0608	WHITE_1	LD B, 08	
3638	WHITE_2	LD (HL), 38	Cor do quadrado: preto sobre branco.
23		INC HL	Aponta p. o pr. quadrado.
10FB		DJNZ WHITE_2	
19		ADD HL, DE	Indica HL p. o prim. quadrado da pr. fila.
00		DEC C	
20FB		JR NZ, WHITE_1	
212258		LD HL, ATTRS + 22	HL aponta para o primeiro quadrado preto.
10		DEC E	
010703		LD BC, 0307	B: = número de linhas com a cor a definir. C: = cor da peça do dama.
CD4068		CALL ROW	Faz três filas brancas.
010002		LD BC, 0200	
CD4068		CALL ROW	Faz duas filas pretas.
010203		LD BC, 0302	
CD4068		CALL ROW	Faz três filas vermelhas.

Se fizermos RUN 799 e introduzirmos 6852, o tabuleiro aparecerá completo, em cores.

Vamos agora tratar do programa; é a *segunda* instrução RANDOMIZE USR. O que queremos que aconteça é que a linha 710 seja repetida logo que o controle retorne a BASIC, além de precisarmos de uma maneira de fazer BREAK. O programa entrará

num ciclo infinito se não encontrarmos um meio, em código máquina, de interromper a sua execução. Vamos continuar com as damas. Eis a rotina de que precisamos e que nos permitirá sair e retornar ao modo de comando do BASIC. Se o primeiro carácter introduzido (na linha 710 do programa BASIC) for STOP — (symbol shift A) e se não for este o caso, asseguraremos que, no retorno ao BASIC, a próxima instrução executada seja a linha 710. Esta rotina, que deve ser escrita a partir do endereço 6901, contém ainda mais uns artificios que iremos ver pormenorizadamente mais adiante.

2A4B5C	MOVE	LD HL, (VARS)	HL aponta para a variável BASIC A\$.
23		INC HL	
5E		LD E, (HL)	E: = comprimento de A\$.
23		INC HL	
23		INC HL	HL aponta p. o texto de A\$.
7E		LD A, (HL)	
FEE2		CP "STOP"	
2002		JR NZ, A\$ _ OK	
CF		RST 08	
FF		DEFB FF	Retorna ao BASIC se A\$ começar com "STOP".
21C882	A\$ _ OK	LD HL, 710d	HL: = o n.º de linha 710.
22425C		LD (NEWPPC), HL	Especifica salto p. linha 710.
3E01		LD A, 01	
32445C		LD (INSPPC), A	Especifica a primeira instrução da linha.
C9		RET	

O BASIC pode agora ser actualizado; de outro modo, saltar para a linha 710 não fará sentido. Corrigem-se todas as linhas BASIC entre 700 e 799 como se segue:

```

700 RANDOMIZE USR 26706
710 INPUT LINE A$
720 RANDOMIZE USR 26881

```

Se escrevermos RUN 700, o que primeiro vamos é aparecer o já familiar tabuleiro de damas e também qualquer coisa de novo — um *prompt* de INPUT. Veremos que, independentemente do que se introduzir, o resultado será novamente o mesmo *prompt* de INPUT. O que se passa é que a linha 710 está a ser executada a cada retorno da rotina USR da linha 720 — imagine-se um GO TO 710 escondido no código máquina. Para interromper o programa, introduzimos STOP (*symbol shift A*). Agora, vamos ver como este "GO TO 710" automático apareceu. Para consegui-lo atribuímos valores a duas variáveis de sistema. A primeira tem o nome de NEWPPC e guarda o número da próxima linha do programa BASIC a ser executada. Se tivéssemos carregado esta variável com, digamos, 10000, ao retomar ao BASIC a próxima linha a executar seria a linha 10000. De facto, podemos ter um controlo ainda mais fino, porque a variável de sistema NSPPC guarda o número da instrução, no interior da linha, a partir do qual a execução continua, de modo que podemos simular "GO TO 1000, instrução 4", se quisermos. É importante notar que este "GO TO" não tem efeito imediato. O *Spectrum* continuará a executar o código máquina até atingir um RET final. Então, e só então, os valores de NEWPPC e NSPPC serão tidos em conta pelo interpretador de BASIC, na ROM, efectuando o salto.

É agora que o programa vai começar a sério. Partimos do princípio de que uma jogada foi introduzida como AS, que é a primeira variável da zona de variáveis. Explicamos como introduzir uma jogada (ver a figura 12.1). Existem 64 quadrados, mas só em 32 deles podemos jogar (os pretos). Cada quadrado tem coordenadas de 11 a 88. Repare-se como são escritos sem vírgulas a separá-los. O primeiro dígito refere-se ao número escrito nos lados do tabuleiro e o segundo, ao número no topo (ou base). Há quatro diferentes direcções possíveis para o movimento das peças. São chamadas A (para cima à esquerda), B (para cima à direita), C (para baixo à direita) e D (para baixo à esquerda). Para introduzir um movimento é só escrever as coordenadas iniciais e uma letra (A, B, C ou D). Deve-se introduzir estes valores sem espaços entre eles. Por exemplo, para nos movermos do quadrado 61 para o quadrado 52 é preciso introduzir 61B. Para introduzir um duplo salto a partir do quadrado 65, primeiro na direcção A e depois na direcção B, introduzimos 65AB.

Para o computador fazer o seu trabalho necessita de uma zona de memória que possa interligar como uma espécie de bloco de notas. A área que escolhemos para este «espaço vago» é a que se encontra entre os endereços 6800 e 6836. Para preencher este espaço de trabalho (que será chamado BOARD\_2) precisamos inserir algum código máquina. Vamos inseri-lo no endereço 6901 e depois passamos à sua explicação.

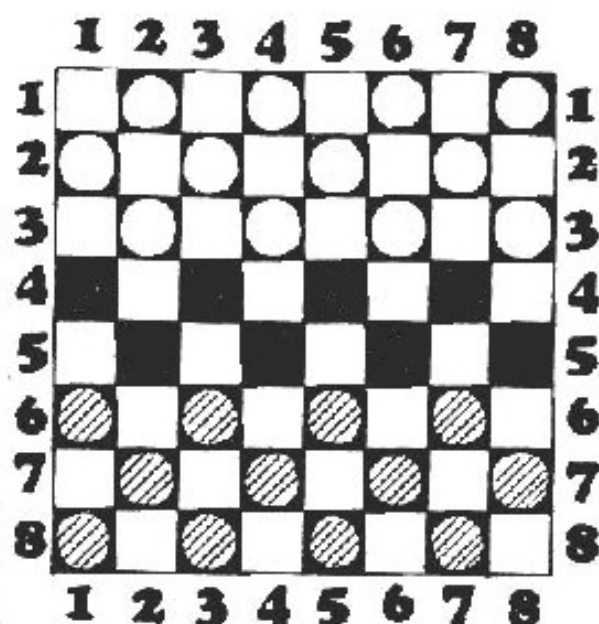


Figura 12.1a

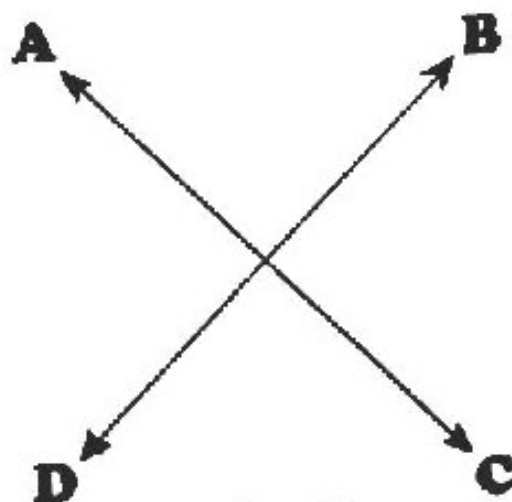


Figura 12.1b

```

212258 COPY__B    LD HL,ATTRS+22  HL aponta p. o prim.
                                quad. onde pode jogar.
11006B            LD DE,BOARD__2+66 DE aponta p. o prim.
                                quadrado útil no
                                espaço de trabalho.

0E04             LD C,04
0604 C__LOOP__A   LD B,04
EDA0 C__LOOP__B   LD I
03              INC BC
23              INC HL
10FA            DJNZ C__LOOP__B
13              INC DE                                Salta um quadrado no
                                                    espaço de trabalho.

D5              PUSH DE
111700           LD DE,0017
19              ADD HL,DE                                Aponta para o pr.
                                                    quadrado no écran.

D1              POP DE
0604            LD B,04
EDA0 C__LOOP__C   LD I                                Transfere um quadrado

```

```

23              INC BC                                Restaura BC.
29              INC HL                                Aponta o pr. quadrado.
10FA            DJNZ C__LOOP__C
13              INC DE                                Salta dois quadrados
                                                    no espaço de trabalho.

D6              PUSH DE
111900           LD DE,0019
19              ADD HL,DE                                Aponta o próximo
                                                    quadrado no écran.

D1              POP DE
0D              DEC C
20DE            JR NZ,C__LOOP__A

```

Para compreendermos esta sub-rotina é necessário conhecer tudo acerca da área de memória que chamamos «espaço de trabalho» e da forma como o programa a utiliza. Vejamos agora a figura 12.2, que mostra claramente o que acontece. Cada quadrado do écran, pelo menos os pretos, corresponde a um quadrado do espaço de trabalho, de modo que o computador tem, na realidade, uma cópia do tabuleiro numa outra parte da memória. Como se vê, além de haver um *byte* para cada quadrado, existem também *bytes* representando quadrados «fora das margens» — quadrados ilegais. Destinam-se a impedir que as peças saiam dos limites do tabuleiro. Nestas circunstâncias, a rotina acima dada não tem muita utilidade, porque se não preenche os quadrados vazios, também não os apaga, de modo que temos de a ajudar um pouco. Empregando RUN 100, preenchemos todos os *bytes* entre 6800 e 6836 com FF. Feito isto, corremos o programa (RUN 700) e interrompemo-lo introduzindo STOP. Se, a seguir, listarmos a área de memória entre 6800 e 6836, veremos que corresponde exactamente ao diagrama da figura 12.2 com FF representando os quadrados ilegais, 07 as peças brancas, 02 para as peças pretas (ou vermelhas) e 00 para os espaços vazios. Esta demonstração deve provar que a rotina acima dada está a cumprir a sua função. Vamos tentar acompanhar o seu funcionamento e ver o que acontece. Um ponto importante a notar é que a posição das peças é dada através da zona dos atributos, e não do *display file*. Cada quadrado que se possa jogar no *display file* contém um carácter gráfico A, de modo que seria inteiramente inútil

procurá-los aí; é preferível olhar para a zona dos atributos e assim distinguir as diferentes peças e os quadrados vazios apenas pelas cores que contém.

	00	01	02	03	04		
05	06	07	08	09	0A		
	0B	0C	0D	0E	0F		
10	11	12	13	14	15		
	16	17	18	19	1A		
1B	1C	1D	1E	1F	20		
	21	22	23	24	25		
26	27	28	29	2A	2B		
	2C	2D	2E	2F	30		
31	32	33	34	35	36		

Figura 12.2

Há no entanto um ponto invulgar nesta rotina: as instruções INC BC, que são necessárias porque LDI não só carrega de (HL) a (DE), incrementando ambos os pares de registos, mas decrementando também BC, pelo que as instruções INC BC vêm logo a seguir para restaurar o seu valor inicial: o que se vai fazer a seguir parece muito estranho. É isto: PRINT AT 1,11: TAB 0. Tem por fim apagar a segunda linha do *screen* a partir do décimo segundo carácter para a

frente. Mas porquê? Já o veremos. Uma vez que devemos fazer isto mesmo no início da parte principal do nosso código máquina, inserimos o seguinte a partir do endereço 6901:

AF	BLANK	XOR A	
323C5C		LD (TVFLAG),A	Escreve na parte superior do <i>screen</i> .
3E16		LD A, «atributo AT»	
D7		RST 10	
3E01		LD A,B1	
D7		RST 10	
3E0B		LD A,0B	
D7		RST 10	PRINT AT 1,11.
3E17		LD A, «controlo TAB»	
D7		RST 10	
AF		XOR A	
D7		RST 10	
AF		XOR A	
D7		RST 10	PRINT TAB 0;

Segue-se mais um refinamento. Recordemos que a parte de código máquina do fim do programa, que introduzimos até agora e que prepara GO TO 710 se AS, não começa com STOP. A parte do programa que vamos escrever em seguida depende de HL apontar o início do texto de AS e, portanto, se quisermos que tudo isto funcione, precisamos de salvarguardar HL. Para o fazer, escrevemos o que se segue. É útil verificar se os endereços estão correctos.

RUN 200/694D/F5//	(F5 significa <i>version</i> . E5 é o código hex para PUSH HL.)
RUN 200/6954/E1//	(E1 é o código hex para POP HL.)

E agora estamos prontos para a próxima acção, que se destina a verificar a velocidade das entradas. 1.º que a *string* tem pelo menos três caracteres de comprimento; 2.º que tanto o primeiro como o segundo caracteres são ambos dígitos entre um e oito. Paralelamente, será calculado o número do quadrado, segundo a convenção da figura 12.2. Esta rotina segue-se imediatamente à que verifica se AS=STOP e assim torna-se no último código máquina do programa. Insere-se o seguinte a partir do endereço 695A:



7B	VALID__CH LDA,E	A: = comprimento da string AS.
FE03 381A	CP 03 JRC,INVALID	Erro se LEN AS for menor que três.
7E	LD A,(HL)	A: = primeiro carácter da string.
FE31 3815 FE39 3811	CP "1" JR C,INVALID CP "9" JR NC,INVALID	Erro se o c. não for um díg. entre «1» e «8».
47 87	LD B,A ADD A,A	Multiplica o código do carácter por dois.
87	ADD A,A	... por quatro.
80	ADD A,B	... por cinco.
87	ADD A,A	... por dez.
80	ADD A,B	... por onze.
47	LD B,A	
23	INCHL	Aponta para o segundo carácter.
7E	LD A,(HL)	A: = segundo carácter.
FE31 3804 FE39 3817	CP "1" JR C,INVALID CP "9" JR C,VALID	Erro se não for um dígito entre «1» e «8».
CD3768 16010B 1106	INVALID CALL S__PRINT DEFM AT 1,11d DEFM fundo amarelo	Escreve mensagem.
454E545241444120 494C4547414C 00 C9	DEFM ENTRADA DEFM ILEGAL DEFB 00 RET	Fim de mensagem.
80 CB3F C6E0 C9	VALID ADD A,B SRL A ADD A,E0 RET	

Decerto se observou, ao correr o programa, que qualquer entrada cujos primeiros dois dígitos sejam ambos números de «1» a «8» é aceite e quaisquer outros não, aparecendo no *écran* a mensagem INVALID ENTRY. Percebe-se agora o porquê de PRINT AT 1,11; TAB 0; no início da rotina. A mensagem anterior tem de ser sempre apagada. O código construído no registo A é o número do quadrado introduzido. Veja-se como ele é calculado. Consiste no código de carácter do primeiro dígito multiplicado por onze (porque a largura do tabuleiro no espaço de trabalho é de onze quadrados) mais o código de carácter do segundo dígito. Este número é então dividido por dois (porque só os quadrados pretos têm números) e finalmente é adicionada a constante E0, que acontece ser o número certo para converter «11» em 06, o número correspondente na área de trabalho.

A rotina seguinte é uma outra verificação — desta vez, se o quadrado é de facto um quadrado negro. Começa logo a seguir à instrução SRL A no fim da rotina anterior. Empregamos WRITE (RUN 100) para fazer entrar o seguinte, com ou sem RUN 900. Deve ser introduzido a partir de 6993:

381C CD3768 16010B 1106 4553534120 43415341204520 4252414E4341 00 C9 C6E0 C9	JR C,SQ_BLACK CALL S__PRINT DEFM AT 1,11d DEFM fundo amarelo DEFM ESSA DEFM CASA E DEFM BRANCA DEFB 00 RET SQ_BLACK ADD A,E0 RET
--	---

Se correremos agora o programa, veremos ambas as verificações em acção. Experimente o leitor quebrar uma das regras para ver o que acontece. Segue-se a verificação de que o quadrado indicado contém, realmente, uma das suas peças, de modo que não possa fazer batota movendo uma peça do computador em vez de uma sua. Escreva-a a partir do endereço 69B3:

E5	PUSHHL	Empilha ponteiro para o segundo cr. da A5.
6F 2668	LD L,A LD H,68	HL aponta p. o quadrado do tabuleiro cópia, no espaço de trabalho. A: = conteúdo deste quadrado.
7E	LD A,(HL)	
D67F 201F	AND 7F JR NZ,PIECE	Salta se o quadrado estiver ocupado.
CD3768 16010B 1106	CALL S__PRINT DEFM AT 1,11d DEFM tudo amarelo	
45535341204341534120	DEFM ESSA CASA	
4553544120	DEFM ESTA	
56415A4041	DEFM VAZIA	
00 E1 C9 FE02 281A	DEFB 00 POP HL RET CP 02 JR Z,PIECE__OK	Salta se uma peça do homem for escolhida.
CD3768 16010B 1107	CALL S__PRINT DEFM AT 1,11d DEFM tudo branco	
41205045	DEFM A PEÇA	
204527204D494E4841	DEFM É MINHA	
00 E1 C9 E1 C9	DEFB 00 POP HL RET POP HL RET	

Feito o que havia a fazer no que respeita ao quadrado de partida, chegou o momento de pensarmos nas direcções de movimento. O código seguinte vai para 69F9 (apagando as últimas instruções, POP HL e RET).

1D	DEC E	
1D	DEC E	E: = número de movimentos a fazer.

1D 2007 1D E3	DEC E JR NZ,NOT_ZERO DEC F LOOP_PI NOT_ZERO	EX ISPI,HL	HL: = aponta para o byte anterior ao da próxima direcção do movimento. HL: = aponta para a nova direcção. A: = dir. do movimento. Converte em maiúscula.
23	INC HL		
7E E6DF FE41 3804 FE45 381C	LD A,(HL) AND DF CP "A" JR C,INV_DIR CP "E" JR C,VAL_DIR		Erro se a dir. não ter "A", "B", "C" ou "D".
CD3768 16010B 1106	INV_DIR CALL S__PRINT DEFM AT 1,11d DEFM tudo amarelo		
20444952454343414F20	DEFM espaço DIRECÇÃO		
494C4547414C20 00 E1 C9 E1 C9	DEFM ILEGAL espaço DEFB 00 POP HL RET POP HL RET		

Observe-se o tratamento curioso dado ao registo E no início dessa rotina. E começa, como já dissemos, com o comprimento da string A5. Ora, o número de movimentos introduzido é simplesmente este comprimento menos dois, e por isso antes de mais são-lhe subtraídas duas unidades. No entanto, acontece em seguida que E é decrementado uma outra vez e, mais ainda, se E contivesse 00, o seu valor mudaria para FF. Isto significa, na prática, que para movimentos e saltos normais E conterá FF, mas para saltos múltiplos E conterá um, menos que o número de saltos a fazer. Isto destina-se a verificar se o jogador não está a fazer batota. Se, por exemplo, decidisse fazer um movimento múltiplo no qual nem todos os movimentos fossem saltos, detectá-lo-íamos com muita facilidade.

A direcção é agora «A», «B», «C» ou «D». É óbvio que não é esta a forma final na qual a desejamos. O que queremos saber é o deslocamento do quadrado inicial ao quadrado final. Por exemplo, suponhamos que a direcção do movimento era «C» — neste caso a deslocação seria 06, já que somando 06 ao número de qualquer quadrado (figura 12.2) obteremos o número do quadrado resultante do movimento na direcção C. Os deslocamentos de que necessitamos são: «A»=FA, «B»=FB, «C»=06 e «D»=05.

Há ainda uma outra verificação a fazer nas direcções: saber se uma peça é movida para a frente ou para trás. Neste jogo, só as damas podem andar para trás. Na sua versão do jogo, as damas são representadas por caracteres a piscar — isto é, caracteres com o bit sete do seu byte de atributos set. A rotina seguinte faz aquilo que queremos. Escrevemo-la a partir do endereço 6A28:

1005		LD D,06	D conterá a deslocação
3D		DEC A	A: = 40,41,42 ou 43
CB3F		SRL A	A: = 20 ou 21
3001		JR NC,DIS__1	Salta se a direcção for «A» ou «C»
15		DEC D	D: = 06 para «A» ou «C», 05 para «B» ou «D»
FE20	DIS__1	CP 20	
7A		LD A,D	
2002		JR NZ,DIS__2	Salta se a direcção for «C» ou «D»
ED44		NEG	A: = dest. correcto.
57	DIS__2	LD D,A	D: = dest. correcto.
E3		EX (SP),HL	HL: = aponta p. quad. no espaço de trabalho.
E680		AND 80	A: = 80 p. um movimento p. a frente ou 00 se for p. trás.
B8		OR (HL)	
FE82		CP 82	Verifica se existe um movimento p. trás ilegal.
2819		JR Z,DIS__OK	
CD3768	B__MOVE	CALL S__PRINT	
16010B		DEFM AT 7,77d	
1107		DEFM tudo branco	
205041524120		DEFM espaço PARA	

5452412753203F20	DEFM TRÁS? espaço
00	DEFB 00
E1	POP HL
C9	RET
E1	POP HL
C9	RET

Pouco a pouco, estamos quase a ficar sem coisas para eliminar. A rotina seguinte esperamos que seja evidente. Escrevemo-la a partir do 6A59:

4E		LD C,(HL)	C: = peça humana.
3600		LD (HL),00	Apaga a peça da posição inicial.
70		LD A,L	
82		ADD A,D	
6F		LD L,A	HL: = aponta o quadrado de destino.
7E		LD A,(HL)	A: = conteúdo do quadrado de destino.
FEFF		CP FF	
2019		JR NZ,ON__BOARD	
CD3760	OFF__BOARD	CALL S__PRINT	
16210B		DEFM at 7,77d	
1106		DEFM tudo amarelo	
2050414920		DEFM espaço SAI	
444F20		DEFM DO espaço	
4A4F474F2120		DEFM JOGO? espaço	
00		DEFB 00	
E1		POP HL	
C9		RET	
E67F	ON__BOARD	AND 7F	Ignora o status da dama.
FE82		CP 02	Procura peça humana
2019		JR NZ,M__1	
CD3768	SQ__BL	CALL S__PRINT	
16810B		DEFM at 1,11d	
1107		DEFM tudo branco	
4341534120		DEFM CASA	

424C4F515545414441 DEFM BLOQUEADA

```

00      DEFM 00
F1      POP HL
C9      RET
E1      M__1
C9      POP HL
C9      RET

```

A rotina seguinte completa a acção de movimentos, transferindo a peça para o lugar onde desejamos movê-la, embora, neste momento, esta nova posição seja guardada na cópia do tabuleiro. A rotina faz ainda duas verificações finais: que cada um dos passos numa sequência de saltos múltiplos é na verdade um salto e não uma simples deslocação: o que uma peça que tenha acabado de atingir o grau de dama não pode fazer um movimento para trás na mesma jogada em que chegou a dama. Este segmento praticamente completa DAMAS — PRIMEIRA PARTE. Deve ser escrito a partir do endereço 6A9C:

```

A7      AND A
2024    JR NZ,JUMP      Movimento ou salto?
7B      LD A,E
3C      INC A
2B2C    JR Z,CONTINUE
CD3768  CALL S_PRINT
16010B  DEFM at 1,11d
1401    DEFM inverso 1
4F414F20504F444520 DEFM NÃO PODE
53414C54415220 DEFM SALTAR
41474F5241 DEFM AGORA
00      DEFB 00
E1      POP HL
C9      RET
3500    JUMP LD (HL),00      Apaga a peça do comp.
7D      LD A,L
02      ADD A,D
8F      LD L,A
7E      LD A,(HL)
          HL = quad. de destino,
          A = conteúdo do
          quadrado de destino
3C      INC A
2898    JR Z,OFF_BOARD      Erro se quad. fora do tab.

```

```

3D      DEC A
20B4    JR NZ,SC__0L      Erro se quad. bloqueado.
71      CONTINUE LD (HL),C      Coloca a peça do jogador
                                humano no novo quad.
1C      INC E
2804    JR Z,EP__1
1D      DEC E
C2FE69  JP NZ,LOOP_P1
E1      EP__1
C9      POP HL
C9      RET

```

E chegamos agora ao fim da primeira parte. Esta secção encarrega-se da promoção a dama das peças chegadas à última linha e em seguida (equilíbrio que já esperávamos) termina, escrevendo o tabuleiro actualizado. Escrevemos o seguinte a partir do endereço 6AD7:

```

E1      POP HL
210668  LD HL,BOARD__2      «Equilíbrio» a pátia
          +6
          HL aponta p. o prim.
          quad. do tabuleiro.
0604    LD B,04
7E      KING LD A,(HL)
          A = conteúdo do
          quadrado
FE02    CP 02
2002    JR NZ,M__2
3682    LD (HL),82
          Se existir uma peça
          simples na última fila
          transforme-a em dama.
          Aponta p. o pr. quadrado,
          Aponta para todos os
          quad. da última fila.
          HL aponta p. o prim.
          quad. preto do écran (na
          zona dos atributos).
23      M__2 INC HL
16F0    DJNZ KING
          HL aponta p. o prim.
          quad. preto do écran (na
          zona dos atributos).
212258  LD HL,ATTRS - 22
          DE aponta p. o prim.
          quadrado no tab. negro.
110668  LD DE,BOARD__2
          +6
0604    LD C,04
0604    LD B,04
1A      PRL__1 LD A,IDEI
          A = conteúdo do *
          próximo quadrado
          PRL__2

```

13		INC DE	DE aponta para o próximo quadrado.
77		LD (HL), A	Escreve o próximo quadrado no tabuleiro.
23		INC HL	
23		INC HL	HL aponta p. o pr. quadrado.
10F9		DJNZ PRL_2	
13		INC DE	Salta sobre a «margem».
D5		PUSH DE	
111700		LD DE, 0017	
19		ADD HL, DE	HL aponta p. o prim. quadrado da pr. linha.
D1		POP DE	
0804		LD B, 04	
1A	PRL_3	LD A, (DE)	A: ← conteúdo do próximo quadrado.
13		INC DE	Aponta p. o pr. quadrado.
77		LD (HL), A	Escreve o pr. quadrado no tabuleiro.
23		INC HL	
23		INC HL	Aponta p. o pr. quadrado.
10F9		DJNZ PRL_3	
13		INC DE	
13		INC DE	Salta sobre dois marcadores de margem.
D5		PUSH DE	
111900		LD DE, 0019	
19		ADD HL, DE	HL aponta p. o prim. quadrado da pr. linha.
D1		POP DE	
0D		DEC C	
20DC		JR NZ, PRL_1	
C9		RET	

Na segunda parte das damas veremos o problema de produzir as jogadas do computador e também, é claro, verificar se o jogo acabou ou não. Esta verificação é muito fácil: só precisamos determinar se as peças que restaram no tabuleiro são ou não da mesma cor. De qualquer modo, vamos fazer uma pausa por agora e descansar de todo este esforço mental, dedicando-nos a qualquer coisa mais criativa.

## Um toque de cultura

Será possível obtermos música a partir do *Spectrum*? Todos conhecemos, é claro, a instrução BEEP do BASIC, mas será possível fazer melhor? A resposta é sim.

Como sabemos, BEEP permite tocar uma dada nota durante um certo tempo. Pode-se alterar quer a nota quer a duração «com antecedência», alterando o programa, mas não conseguimos fazer nada em «tempo real» — no próprio instante que está a acontecer. Em código máquina é inteiramente diferente. Em BASIC, ao tocar uma música, uma vez que a rotina de emissão de uma nota começa, o controle manter-se-á nela até que a nota acabe. Então e só então se fará uma nova leitura do teclado.

É possível escrever um programa BASIC que faça BEEP por uns instantes e depois INKEYS para decidir sobre a nova nota a tocar, mas isto ainda não é controle em tempo real. Em código máquina podemos escrever a nossa própria rotina, para substituir BEEP, fazendo a leitura do teclado enquanto a nota estiver a tocar e agindo de acordo com as nossas intenções.

Chamaremos PROGRAMA DE CATY ao programa seguinte, dedicado a uma pessoa que acredita que os computadores devem ser «artísticos» e não apenas capazes de atacar invasores espaciais. Os endereços dados nesta listagem partem do princípio de que o código máquina será escrito no endereço E800 mas, se quisermos, guardamos o programa em qualquer ponto de RAM que nos apeteça acima de 8000, desde que não esqueçamos de mudar as referências aos endereços absolutos NOTES e SOUND. Lembremos que nos países anglo-saxónicos a notação musical, diferente da nossa, é feita por meio de letras: dó=C, ré=D, mi=E, fá=F, sol=G, lá=A e si=B. O sinal # significa sustenido ou seja meio tom acima da nota!.

# PROGRAMA DE CATY

```

9E93464B NOTES G G# G+ F# + Tecla B H Y 6
0050A9B4 - F+ F# F Tecla 5 T G V
8A813D42 A A# A+ G# + Tecla N J U 7
5C5600C1 D# + E+ - E Tecla 4 R F C
78003539 B - B+ A# + Tecla M K I 8
6962CFDD C# + D+ D# D Tecla 3 E D X
70003200 C+ - C+ + - Tecla sym L 0 9
0070ECFD - C+ C# C Tecla 2 W S Z
00000000 - - - - Tecla spc ent P 0
00000000 - - - - Tecla 1 Q A cap

```

```

00 SOUND NOP Esta sub-rotina provoca
um atraso de duração
determinada.

00 NOP
00 NOP
10FB DJNZ SOUND
D3FE OUT(IE),A Produz um impulso (um
elemento de som).

C9 RET

```

Chama-se a rotina neste ponto:

```

3A485C START LDA,(BORDCR) A: = atributo da
moldura.

1F RRA
1F RRA
1F RRA
E607 AND07 A: = cor de fundo do
atributo (cor da moldura
actual).
Set «bit som» (bit 4).

F610 OR 10
4F LD C,A
F3 DI
C5 LOOP PUSH BC
CD8E02 CALL KEY_SCAN DE: = leitura do teclado.
C1 POP BC
212027 LDHL,2720 HL: = cód. de leitura de
caps shift space.

```

```

A7 AND A
ED52 SBC HL,DE
281B JRZ,EXIT Termina se caps shift
space for premido.
A: = leitura do teclado
(ignorando os shifts).

7B LDA,E

3C INC A
28EF JR Z,LOOP Teclas não premidas:
AF XOR A salta.
57 LD D,A DE: = leitura do teclado
(ignorando os shifts).

2100E8 LD HL,NOTES
19 ADDHL,DE HL aponta p. o byte nec.
na tabela NOTES.

46 LDB,(HL) B: = byte necessário
para a nota.

B8 CP B Compara B com zero.
28E5 JRZ,LOOP Salta se não houver nota
nessa tecla.
A: = cor de moldura
com o bit quatro set.

79 LDA,C

C5 PUSH BC
CD28E8 CALL SOUND Prim. meio ciclo da nota.
C1 POP BC
E607 AND07 Reset o «bit do som»
(bit quatro).

CD28E8 CALL SOUND Segundo meio ciclo da
nota.

18D8 JR LOOP
FB EI
C9 RET

```

Agora necessitamos apenas de mais uma instrução para começar a correr o programa. A instrução RANDOMIZE USR 59440, endereço da etiqueta SART (em hex E830). Podemos (e devemos) apagar agora todo o BASIC escrevendo NEW e em seguida, o seguinte programa BASIC.

```

1 RANDOMIZE USR 59440
2 STOP
9999 LOAD "" CODE

```



que pode ser guardado empregando SAVE «MUSIC» LINE 9999 e depois SAVE «MUSIC» CODE 59392,102.



Figura 13.1

Disposmos agora de duas oitavas: o teclado da figura 13.1 mostra onde se encontram as notas. Podemos agora tocar um número razoável de melodias. Se tivermos um desses pequenos adaptadores com uma ficha *jack* de medida adequada ao *Spectrum* de um lado e, do outro, uma que se aplique à nossa aparelhagem estereofônica, o som do *Spectrum* melhorará muito. É indiferente ligar esta ficha ao *Spectrum* em EAR ou em MIC. O manual *Sinclair* diz que se pode fazer isto (para BEEP) mas não salienta muito esse ponto. No entanto, o som do *Spectrum* através de amplificador é bastante bom. Deve-se experimentar.

As teclas individuais podem ser afinadas. A listagem do programa indica também qual o *byte* correspondente a cada nota (no bloco de dados chamado NOTES). Para afinar a nota emitida por uma tecla, basta mudar o valor desse *byte* correspondente. Um zero na tabela significa que a tecla correspondente, quando carregada, só produzirá silêncio. Quanto maior for o *byte*, mais grave será a nota e quanto menor o *byte*, mais aguda será.

Uma vez que o programa esteja a correr, qualquer tecla programada com uma nota irá tocar essa nota assim que retirarmos o dedo. Mas não se podem tocar duas notas simultaneamente. Note-se, já agora, que a tecla *symbol shift* tem uma nota associada, C (dó).

Nunca se poderia detectar esta nota em BASIC como o fazemos em código máquina. Para interromper o programa, é necessário premir *caps shift* juntamente com *space*.

O modo como o programa realmente funciona é, em princípio, bastante simples. A instrução de código máquina OUT (11B), A (e já agora também a instrução BASIC OUT 254,A) é a mais importante. Os *bits* dois, um e zero do *byte* em A devem conter a cor de BORDER, duas é o *bit* quatro que tem a função mais interessante. Este é o «*bit* de som» e quando se faz um OUT, origina um som. Na verdade, o som só é produzido quando o *bit* quatro muda; por isso, querendo produzir uma nota contínua, é preciso mudar o *bit* quatro de um para zero e de zero para um novamente entre OUTs consecutivos. Da velocidade com que se fizer isto depende a frequência (altura) da nota.

A música no *Spectrum* é um assunto fascinante e é possível escrever um programa que leia informação não do teclado mas de uma comprida *siring* de *bytes* contendo o valor e a duração de cada nota de uma melodia. (Estuda o leitor isto sozinho, porque a única maneira de aprender realmente é por meio de experimentação.) A instrução DI no programa, que levanta alguma dificuldade de interpretação, destina-se a fazer com que a velocidade da operação (eliminando a interrupção que, de outra forma, ocorreria cinquenta vezes por segundo, alterando assim a duração da execução de SOUND) seja um pouco mais precisa e bastante mais rápida. É útil omiti-la, para ver o que acontece.

Vamos deixar agora a música e voltar a atenção para um assunto um pouco diferente: desenhos...

## DESENHOS

Éis outro programa que depende da capacidade artística do operador humano. O problema é que, por causa do espaço que o *Spectrum* emprega para guardar na memória o *display file*, este programa só interessa a quem tenha 48 K.

O programa guarda na memória até cinco imagens de *écran* completas, diferentes, e «*encula*» através delas, expondo no *écran* uma de cada vez, o tempo que se quiser. Um «desenho» é qualquer imagem que se crie no *écran* — pelo que se podem usar todas as

cores, gráficos de alta resolução, tudo o que nos apetece. Pode-se utilizar todo o conjunto de caracteres, incluindo os definíveis pelo utilizador PLOT, DRAW e CIRCLE. De facto, qualquer imagem que se consiga criar no *écran* do Spectrum.

Agora que estamos preparados, escrevemos o código máquina seguinte a partir do endereço EF05:

A primeira coisa a fazer é reservar memória para guardar estas imagens. Para isto escreve-se CLEAR 26623, que libertará toda a memória do endereço 6800 para cima.

210040	STORE	ORG EF05 LD HL,D_FILE	Apona para o início do <i>écran</i> .
110060		LD DE,PICTURE1	Apona p. o end. onde guardar a primeira imagem.
01001B		LD BC,1B00	Número de bytes no <i>écran</i> .
EDB0		LDIR	Copia a imagem.
3A485C		LD A,(BORDER)	
1F		RRR	
1F		RRR	
1F		RRR	A: — cor BORDER.
12		LD (DE),A	Guarda a cor BORDER.
C9		RET	

Agora escrevemos um programa — BASIC ou não — que produza a imagem no *écran*. Pode-se fazer NEW porque o código máquina está acima de (RAMTOP) e portanto não será apagado. Fazer NEW não é, claro está, necessário — pode-se sempre juntar mais BASIC a HEXLD 3 (digamos, à linha 1000) ou mesmo utilizá-lo para escrever código máquina. A última linha do programa deve ser RANDOMIZE USR 61189.

É útil saber que, fazendo-se POKE 23659,0 (como instrução de um programa — não como um comando directo) se pode a partir daí escrever em todas as vinte e quatro linhas de *écran*. Até mesmo PRINT AT 23,0,"X" funciona! No entanto, se o fizermos, é absolutamente necessário fazer POKE 23659,2 antes de o programa voltar ao modo de comando (por qualquer motivo; ou por haver mais instruções, ou por fazer BREAK, por execução de uma

instrução STOP, ou por ocorrer qualquer erro que origine uma mensagem de erro) ou o sistema fará *crash*.

Depois de fazer tudo isto, muda-se a instrução LD DE,PICTURE1 para LD DE,PICTURE2, faz-se um novo desenho (e RANDOMIZE USR 61189), etc.

Os endereços de que necessitamos são:

PICTURE1	6800
PICTURE2	8301
PICTURE3	9E02
PICTURE4	B903
PICTURE5	D404

Vamos escrever RANDOMIZE FN B("FFF6",6800) para fazer a variável BEGIN do HEXLD 3 igual a 6800 — o primeiro endereço para SAVE — e depois fazer RUN 400 — o que deve gravar tudo, o que demorará o seu tempo.

Pela primeira vez neste livro vamos utilizar PAUSE. A instrução CALL PAUSE\_BC reproduz exactamente a instrução PAUSE BASIC — suspendendo a execução durante BC frames (cada um durante 20 ms, havendo portanto 50 frames por segundo) ou até que seja premeida uma tecla. Fazemos entrar este programa em código máquina a partir do endereço EF18:

0005	PICTURES	LD B,number of pictures.	
210060		LD HL,PICTURE1	
C5	NEXT_PIC	PUSH BC	
01001B		LD BC,1B00	
110040		LD DE,D_FILE	DE aponta para o começo do <i>écran</i> .
EDB0		LDIR	Copia a pr. imagem.
7E		LD A,(HL)	A: — cor BORDER.
D3FE		OUT (FE),A	Muda a cor BORDER.
23		INC HL	Apona p. a pr. imagem.
ES		PUSH HL	
018400		LD BC,length of pause.	
CD3D1F		CALL PAUSE_BC	Pausa durante o n.º requerido de frames.

E1	POP HL
C1	POP BC
10E8	DJNZ NEXT__PIC
C9	RET

Decerto que o leitor reparou na nova instrução OUT (FE), A. Esta instrução irá mudar a cor da moldura para o valor de A. Se A for maior que sete, então só os três bits mais à direita serão utilizados. Já agora, a instrução OUT (C), r fará o mesmo desde que C contenha FE. Para mudar a cor da moldura permanentemente para o valor contido em A, é necessário empregar as seguintes instruções:

D3FE	OUT (FE),A	Muda imediatamente a cor da BORDER.
17	RLA	
17	RLA	
17	RLA	Multiplica por oito.
E638	AND38	Ignora os bits 7 a 6 e define cor preta.
CB6F	BIT5,A	Esta cor tem uma componente verde?
2022	JR Z,N__BORD	Nesse caso, salta.
F007	OR 07	Define cor branca.
32485C	N__BORD LD (BORDER),A	Guarda a nova cor BORDER.

## LIFE

No último programa deste capítulo as coisas alteram-se um pouco. Nós, humanos, tivemos o monopólio da arte durante muito tempo — chegou a vez dos computadores...

Este programa chama-se LIFE — representa um ciclo de vida, nascimento/crescimento/morte, de uma colónia de células vivendo numa grelha quadrada. Produz resultados fascinantes. Porante os nossos olhos aparece um padrão em constante evolução — começando ao acaso e acabando por vezes com a morte da colónia de células, por vezes com uma estrutura celular fixa e imóvel que atinge o seu equilíbrio e ainda, por vezes, com uma sequência

continuamente repetida, chamada de equilíbrio dinâmico. É uma coisa espantosa de se ver.

LIFE foi inventado em 1970 por John Conway, da Universidade de Cambridge, e é surpreendente que a Tate Gallery ainda não tenha adquirido uma cópia dele. Apesar do tratar, na realidade, do nascimento de células que seguem regras matemáticas rígidas, torna-se, na prática, um algoritmo gerador de imagens bem conseguido.

O princípio de LIFE é muito simples. Uma grelha — geralmente quadrada — está coberta com células em cerca de um quarto dos seus quadrados. Neste programa essas posições são escolhidas completamente ao acaso. Esta configuração da grelha chama-se «geração zero».

Gerações sucessivas são construídas com base num princípio facilmente compreensível. Cada quadrado da grelha está cercado por oito quadrados. Cada um desses quadrados circundantes ou contém outra célula ou está vazio. Cada célula que tem precisamente ou duas ou três células vizinhas atingirá a próxima geração, todas as outras irão morrer. Uma nova célula, no entanto, irá nascer em qualquer espaço vazio que tenha exactamente três células vizinhas. Com estas regras bastante simples, é surpreendente que o programa produza resultados tão elegantes.

Nesta versão de LIFE, a nossa grelha tem dezasseis quadrados por dezasseis porque, é claro, dezasseis é um número muito fácil para trabalhar em hexadecimal. Mais ainda, a nossa grelha está construída, estranhamente, num espaço curvo contínuo, de modo que todos os quadrados do bordo esquerdo estão ligados aos do bordo direito e vice-versa e também todos os quadrados no topo superior estão em contacto com os correspondentes quadrados no topo inferior e vice-versa.

O BASIC auxiliar é:

```
10 RAND USR START
20 RAND USR NEXT__GEN
30 GO TO 20
9999 LOAD "LIFE" CODE
```

Que deve ser guardado utilizando SAVE "LIFE" LINE, 9999. START e NEXT\_\_GEN são endereços no programa em código

máquina. Nesta listagem partimos do princípio de que o primeiro endereço utilizado é 5800 e que o endereço da etiqueta START é 6908 hex. Podemos facilmente alterá-los a nosso gosto.

		ORG 5800	
	DUMP	DEFS 100h	
			Um espaço de trabalho usado p. calcular a pr. geração.
EF010110	TABLE	DEFB EF 01 01 10	Bytes representando as deslocacoes para os quadrados vizinhos.
10F FFFF0		DEFB 10 FF FF F0	
AF	START	XOR A	
323C5C		LD (TVFLAG),A	Seleciona PRINT no cima do écran
328F5C		LD (ATTR_T),A	Temporariamente, faz PAPER e INK ambos pretos.
0E10		LD C,10	
0510	BLACK_1	LD B,10	
3E4F	BLACK_2	LD A,"O"	
D7		RST 10	Escreve a pr. célula.
10FB		DJNZ BLACK_2	
3E0D		LD A,"enter"	
D7		RST 10	Fim da fila.
0D		DEC C	
20F3		JR NZ,BLACK_1	
210058		LD HL,ATTRS	HL aponta para a zona dos atributos.
0E10		LD C,10	
0510	CELL_1	LD B,10	
E5	CELL_2	PUSH HL	
2A765C		LD HL,(SEED)	HL = variavel de sist. SEED (dos n.º aleatórios)
54		LD D,H	
5D		LDE L	DE = variavel de sist. SEED (dos n.º aleatórios)
29		ADD HL,HL	
29		ADD HL,HL	
19		ADD HL,DE	

29		ADD H,,HL	
29		ADD HL,HL	
29		ADD HL,HL	
19		ADD HL,DE	HL = novo número aleatório.
22765C		LD (SEED),HL	
7C		LD A,H	
FEC4		CP C4	
3804		JR C,BLACK	Decide se coloca ou não a célula.
3EE7		LD A,07	
1801		JR C_1	
AF	BLACK	XOR A	
E1	C_1	POP HL	HL = aponta o byte de atributos da célula.
77		LD (HL),A	
23		INCHL	Escreve célula se existe. Aponta a pr. posição na zona dos atributos.
19L1		DJNZ CELL_2	
111000		LD DE,0010	
19		ADD HL,DE	Aponta a prim. célula da linha seguinte.
0D		DEC C	
20D8		JR NZ,CELL_1	
C9		RET	
210058	NEXT_GEN	LD HL,ATTRS	HL aponta para a zona dos atributos.
110008		LD DE,DUMP	DE aponta p. a área ut.
E5		PUSH HL	Empilha a constante 5800.
D5		PUSH DE	Empilha o endereço de DUMP.
011000		LD BC,0010	Número de quadrados em cada fila.
79		LD A,C	Número de filas.
C5	COPY_0	PUSH BC	
E0B0		LDIR	Copia uma fila para a zona de trabalho.
C1		POP BC	BC = 0010.
09		ADD HL,BC	HL aponta a pr. fila da zona dos atributos.

3D 29FB		DEC A JR NZ,COPY__G	Copia toda a grelha na área de trabalho. HL = endereço de saída. DE = 5500
E1 D1 D5 E5 0500	NXT__CELL	POP HL POP DE PUSH DE PUSH HL LD C,00	C conta o número de células vizinhas. DE = aponta a tabela de deslocamentos.
110009		LD DE, TABLE	
0508 1A	NXT__D'S	LD B,08 LD A,DE	A = próximo deslocamento. Aponta para a pr. posição na tabela.
13		INC DE	
85 8F		ADD A,L LD L,A	HL = aponta o pr. quadrado vizinho. A = conteúdo deste quadrado. Este quadrado tem uma célula?
7E		LD A,(HL)	
A7		AND A	
2801 0C 1005	COUNTED	JR Z,COUNTED INC C DJNZ NXT__D'S	Então, incrementa o cont. Repete para todos os vizinhos.
E1		POP HL	HL = aponta p. o quad. corrente em DUP.
79		LD A,C	A = número de células vizinhas.
FE02 380F		CP 02 JR C,NO__CELL	Célula morta com uma ou nenhuma vizinha.
FE04 380B		CP 04 JR NC,NO__CEL	Célula morta com quatro ou mais vizinhas.
FE03 2803		CP 03 JR Z,CELL	Com três vizinhas, uma nova célula é criada.
7E		LD A,(HL)	A = conteúdo presente do quad.

1805 3F07	CELL	JR PUT LD A,07	07 significa «preto em branco» como atributo.
1801 AF	NO__CELL	JR PUT XORA	00 significa «preto em preto» como atributo. HL aponta para a zona dos atributos.
L3	PUT	EX(SP),HL	Escreve conteúdo do quad. Aponta o pr. quadrado.
77 23 7D E81F FE10 2004 111000 13		LD (HL),A INC HL LD A,L AND 11 CP 10 JR NZ,ROW LD DE,0010 ADD HL,DE	HL aponta p. o início da pr. fila se necessário. HL aponta p. DUP. Aponta p. o pr. quadrado.
E3 23 E5 7D A7 28C3	ROW	EX(SP),HL INC HL PUSH HL LD A,L AND A JR NZ,NXT__CELL	Repete até considerar todas as células.
E1 E1 C9		POP HL POP HL RET	«Equilibra» a pilha. Retorna ao BASIC.

Se foram utilizados os endereços da listagem, START é 26888 e NEXT\_GEN é 26956.

A primeira coisa a fazer é escrever RANDOMIZE para colocar um número aleatório na variável de sistema SEED, de que o programa irá necessitar. Pode-se agora fazer RUN.

Um ponto interessante neste programa é que ele é capaz de produzir os seus próprios números aleatórios. A partir a seguir à etiqueta CELL\_\_2 encarrega-se disso. Deve-se estudar a forma como isto se faz e, querendo, utilizarmos o mesmo princípio nos nossos programas.

LIFE produz uma geração zero construída ao acaso; quase instantaneamente, e as sucessivas gerações à espantosa velocidade

de quinze por segundo! Pode-se abrandar esta velocidade juntando uma instrução PAUSE do BASIC. Uma outra maneira é juntar uma linha dentro do ciclo — por exemplo, LET X=0/LET X=X-1/PRINT AT 17,0 "Geração":X — que tem a vantagem adicional de nos indicar o número de gerações já apresentadas.

Por fim, deve-se notar o modo pelo qual este programa, contrariamente a outros programas LIFE, calcula cada nova geração inteiramente baseada na anterior. Não calcula a primeira fila e depois a segunda com base na primeira fila já alterada. A segunda fila é determinada inteiramente tendo em conta a primeira fila anterior à alteração. É para guardar a geração anterior que serve o bloco de memória chamado DUMP na listagem em código máquina. Cada nova geração é então correctamente construída.

Existem muitos outros programas geradores de imagens, alguns muito mais simples, mas nenhum com a elegância matemática de LIFE. Um bom desafio para os novos programadores é escrever uma versão de LIFE com vinte e quatro por vinte e quatro quadrados ou mesmo com vinte e quatro por trinta e dois quadrados.

Pode-se utilizar RST 10 nas duas linhas da parte inferior do ecrã desde que se carregue a variável de sistema DF\_SZ com zero, no início e com dois logo que a impressão esteja feita.

A maior grelha de células que se pode conseguir no Spectrum é de 256d por 192d, empregando pixels brancos para células e pixels pretos para espaços vazios, mas isso seria um programa bastante complicado. Quem se sentir realmente entusiasmado, pode tentar esta obra monumental. A decisão depende de cada um.

## CAPÍTULO CATORZE

### Damas — segunda parte

Este capítulo trata da rotina que escolhe qual o movimento que o computador deve fazer, depois da nossa jogada.

Deve-se seguir muito cuidadosamente o que vamos dizer em seguida. É um resumo sistemático do modo como essa jogada é escolhida.

Inspecionamos o tabuleiro, um quadrado preto de cada vez, e sempre que encontramos uma peça do computador devemos meditar. Para cada movimento possível, atribuímos um valor numérico que é tanto maior quanto melhor esse movimento nos parece em relação aos outros. Segue-se então que para seleccionar um movimento, só precisamos escolher aquele ao qual tivermos atribuído maior valor.

É claro que esta ideia não permitirá que o computador planeie com avanço, pois só pensa uma jogada de cada vez. Para construir esta lista de jogadas e correspondentes valores numéricos não necessitamos de guardar cada um dos movimentos. Uma vez localizada uma jogada possível e calculada a sua pontuação, acontece o seguinte:

Se a pontuação for inferior às listas, é ignorada.

Se a pontuação for igual às da lista, a jogada é adicionada à lista.

Se a pontuação for mais alta que as da lista, então a lista é abolida, sendo incluída uma nova, com a jogada encontrada.

Deste modo a lista é sempre muito pequena. Quando se chega à decisão final, o computador apenas tem de escolher um destes movimentos, que ficaram na lista, ao acaso. A próxima questão é — onde é guardada esta lista?

A resposta é: na pilha. Isto simplifica as coisas mas obriga a que seja necessário manter um registo do sítio onde começa a lista. Vamos guardá-la no endereço 5CB0 (a variável de sistema SPARC2 — dois bytes não utilizados). A esta quantidade vamos chamar L\_BASE (a base da lista). É sempre perfeitamente seguro guardar coisas nesta variável de sistema já que, como o manual diz, ela não é utilizada pela ROM.



A parte destinada a tomar as decisões sobre a jogada do computador começa no endereço 6AE7. A primeira instrução é LD (L\_BASE),SP. O conteúdo da lista fica assim preservado. Podemos agora fazer com a pilha o que quisermos, desde que nos lembremos de restaurar o seu valor antes de retornar a BASIC. A segunda e a terceira instruções "empilham" o número zero na nossa lista, o que irá indicar ao programa que ela se encontra, de momento, vazia.

O ciclo de verificação é como se segue. Observem-se as duas novas variáveis empregadas: L\_COUNT (que guarda o número de entradas na lista) e P\_COUNT (que guarda o número de peças que foram analisadas). Ambas são guardadas na zona de memória correspondente à variável de sistema MEMBOT, geralmente as memórias do computador de vírgula flutuante do Spectrum. Mais uma vez, um bom sítio para guardar números, perfeitamente seguro para utilizar em qualquer programa de código máquina que não exija o uso de números em vírgula flutuante (nem a impressão de caracteres gráficos, que usa mem0 e mem1 — ver Capítulo Dezoito). A rotina, e de facto todas as rotinas subsequentes apresentadas neste capítulo, é para ser *inserida*, porque a rotina que imprime o tabuleiro deve ser a última. O endereço 6AE7 no qual esta rotina deve ser inserida colocá-la, de facto, imediatamente antes da impressão do tabuleiro.

20F2	JR NZ,NXT_CHK	Repete para todos os quadrados do tabuleiro.
ED7BB	LD SP,(L_BASE)	«Esvazia» a lista para evitar crash.
05C		

Como se vê, esta parte é muito clara, mas chama uma sub-rotina que ainda não escrevemos — EVALUATE — que tem a função de calcular todos os movimentos possíveis a partir desse quadro. Como ainda não a escrevemos, modificamos o hex dessa instrução para CALL 2,0052, endereço da ROM no qual se encontra uma instrução RET — fazendo assim com que a instrução seja temporariamente sem ação, servindo apenas para nos lembrar o que se deveria passar neste ponto. A instrução final encontra-se provisoriamente no programa, evitando o crash. Não é difícil compreender como, carregando SP com (L\_BASE), se elimina a necessidade de fazer POP de tudo o que se encontra na pilha antes de retornar. Carregando SP leva-se a máquina a «pensar» que a pilha não foi alterada desde a primeira instrução da rotina.

Repare-se também que a instrução LD (P\_COUNT),HL carregará tanto P\_COUNT como L\_COUNT, já que são variáveis de um byte e HL contém dois bytes. Isto, claro, só funciona quando L\_COUNT e P\_COUNT estão guardadas em endereços consecutivos.

Precisamos pensar agora qual a forma que desejamos que a lista tome. Vejamos o problema em sentido inverso. Qual a forma que gostaríamos que a lista tivesse para podermos examinar a pilha com mais facilidade?

O primeiro item da pilha deve ser o número de passos da jogada — isto é, um para um só movimento/salto, dois para um salto duplo, três para um salto triplo e assim por diante. O segundo item deve ser o valor numérico que foi atribuído aos itens da pilha — a prioridade, como vamos chamar-lhe. Seguindo estes elementos de informação deve vir a própria lista, começando no quadrado a partir do qual nos vamos deslocar, seguido de uma sequência de uma ou mais direcções nas quais o movimento correspondente deverá ser efectuado. Imediatamente a seguir, o segundo item da lista, da mesma forma, depois o terceiro e assim por diante...

Vê-se que cada elemento de que necessitarmos na pilha só precisará de ocupar um byte. O número de passos não pode ser

ED73	BD_SCAN.	LD (L_BASE),SP	Guarda o início da lista.
005C			
210000		LD HL,0000.	
F5		PUSH HL	Inicializa a lista.
22925C		LD (P_COUNT),HL	Inicializa o cont. do n.º de peças e o cont. do n.º de entradas na lista.
210660		LD HL,BOARD	HL aponta p. o prim.
		_2+6	quad. preto do tabuleiro.
7E	NXT	LD A,(HL)_CHK.	A = conteúdo do teclado.
E67F		AND 7F	Ignora o status da dama.
FE07		CP 07	Encontrada uma peça do computador?
CC5200		CALL 2,EVALUATE	(Linha temporária.)
23		INC HL	Avança p. o pr. quadrado.
7D		LD A,L	
FE30		CP 30.	

maior que FF. Escolheremos a prioridade como quisermos — podemos sempre torná-la de um só byte, por exemplo. O quadrado inicial pode ser guardado «empilhando» apenas a parte baixa do seu endereço em BOARD\_2. As direcções em que podemos mover guardam-se do mesmo modo que anteriormente — 05, 06, PA ou LB para mais ou menos cinco ou seis. Para o programa adquirir o máximo de eficiência, justifica-se que usemos uma forma tão condensada de guardar informação. Imaginemos que a lista está agora completa e vamos seleccionar um item daí. A pilha apresenta-se como no diagrama, figura 14.1(A). Se empregarmos a instrução POP BC, B conterá a prioridade e C o número de passos. A prioridade é agora uma informação desnecessária, já que só precisamos dela para construir a lista. C, contudo, é muito importante. No caso do diagrama da figura 14.1(A), C seria um, mas noutros casos pode não acontecer isso. A pilha apresentar-se-á, neste caso, como na figura 14.2(B).

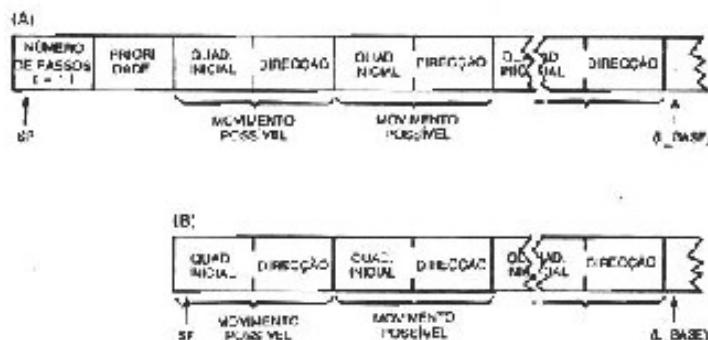


Figura 14.1

Se, em vez disto, existissem dois passos para cada movimento da lista e não um, a pilha seria como na figura 14.2.

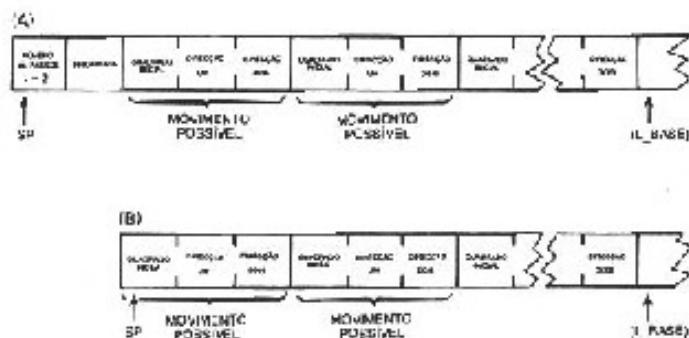


Figura 14.2

Necessitamos nesse caso de remover um número, ao acaso, de itens da pilha, de modo que o movimento que finalmente escolhermos se encontre no topo desta. A rotina seguinte encarregar-se-á disso mesmo e deve ser inserida no endereço 6B03.

C1	CHOOSE	POP BC	C = n.º de passos numa seq. de movimentos.
3A935C		LD A, (COUNT)	A = número de escolhas possíveis.
A7	AND A		
2872	JR Z, CHOICE		Salto se não houver movimentos a escolher.
5F	LD E, A		
3A785C	LD A, (FRAMES)		A = números aleatórios entre 00 e FF.
		low	
83	RANDOM	SUB E	
30FD	JR NC, RANDOM		
83	ADD A, E		A = número aleatório entre 00 e E-1.
2808	JR Z, CHOICE		Se zero não faz nada.
41	NSQ_OFF	LD B, C	B = n.º de passos na sequência de movimentos.
			Apaga o «quadrado» inicial da pilha.
83	INC SP		

33	NDR__OFF	INC SP	Apaga «próxima direção» da pilha.
10FD		DJNZ NDR OFF	Apaga toda a seq. de movimentos.
3D		DEC A	
20F8	CHOICE	JR NZ,NSQ OFF	Apaga «A» itens.
		3.	

O movimento seleccionado encontra-se agora no topo da pilha. Vamos ver como ela se encontra agora. A figura 14.3 mostra-nos isso.



Figura 14.3

A sequência para encontrar o quadrado inicial é DEC SP/POP AF/LD I,A/LD II,68. Como se vê, o «quadrado inicial» é a parte baixa do endereço, sendo 68 a parte alta. É muito importante que o ponteiro da pilha (SP) nunca aponte para nenhum endereço superior ao do último item da pilha. No diagrama da figura 14.3 isto significa que SP não pode ir mais para a direita da imagem que o item do topo (isto é, onde se encontra, no diagrama). Podemos deslocá-lo para a esquerda (com DEC SP ou PUSH) sem perigo, mas não para a direita — nem mesmo temporariamente — excepto se empregarmos a instrução POP. Isto passa-se assim porque sempre que o processador recebe uma interrupção (o que acontece 50 vezes por segundo) a pilha é utilizada para guardar o endereço de retorno e os registos (além de ser utilizada pela própria rotina de interrupção). No retorno da interrupção embora o SP e os registos sejam restaurados nos mesmos valores que anteriormente, os bytes

na pilha imediatamente abaixo de SP estarão modificados, sendo que o que se encontra à esquerda da posição imediata de SP será assim apagado. Uma interrupção pode acontecer entre duas quaisquer instruções. É claro que nada nos impede de fazer um pouco de batota, empregando DI (e de facto, se fizéssemos isso, o nosso programa correria um pouco mais depressa) mas isto não é considerado como uma boa técnica de programação. Não pergunte porque, porque não sabemos.<sup>1</sup>

De qualquer modo, é melhor seguirmos a opinião profissional e sermos cuidadosos com o ponteiro da pilha.

DEC SP/POP AF carrega o byte no topo da pilha no registo A sem pôr a lista em perigo. Agora, é necessário apenas que o movimento seja escrito e executado. Insere-se este novo fragmento a partir do endereço 6B1C. Note-se que desta vez não existem verificações sobre o cumprimento das regras porque partimos do princípio de que o computador não pode fazer batota.

CD3768	CALL S_PRINT	
16330B	DEFM A73,11d	
4555204A4F474F20	DEFM EU JOGO espaço	
00	DEFB 00	
38	DEC SP	
F1	POP AF	A: = quadrado inicial.
F5	PUSH AF	
87	ADDA,A	Multiplica por dois para tomar em conta os quadrados brancos.
3C	INCA	Toma em conta que o primeiro quadrado preto é 12 e não 11.
11FF0B	LD DE,0BFF	DE = «largura» do tabuleiro BOARD_2 (veja a figura 12.2).
1C	MOD	E: = -1.
92	SUB D	E conta as filas.
38FC	JR NC,MOD	E: = primeira coord. do quadrado.

82		ADD A,D	A: = segunda coord. do quadrado dado.
F5		PUSH AF	
7B		LD A,E	
0630		ADD A,30	Converte em carácter ASCII.
D7		RST 10	Escreve a primeira coord.
F1		POP AF	A: = segunda coord.
0630		ADD A,30	Converte em carácter ASCII.
D7		RST 10	Escreve o segundo díg.
F1		POP AF	A: = número do quadrado (figura 12.2).
6F		LD L,A	
2668		LD H,68	HL = aponta o quadrado inicial em BOARD_2.
41		LD B,C	B: = número de passos do movimento.
4E	NXT__STEP	LD C,(HL)	C: = peça do comp.
3600		LD (HL),00	Apaga peça do quad.
38		DEC SP	
F1		POP AF	A: = próxima direcção; FA, FB, 06 ou 08.
F5		PUSH AF	FA para direcção «A».
1647		LD D,47	FB p. direcção «B», etc.
0B7F		BIT 7,A	
2004		JR NZ,DIR__CHR	Salta se a direcção for FA ou FB.
1649		LD D,49	
ED44		NEG	A: = FA para direcção «C», FB para direcção «D».
82	DIR__CHR	ADD A,D	A: = 41, 42, 43 ou 44.
D7		RST 10	Escreve a direcção.
F1		POP AF	A: = direcção FA, FB, 06 ou 08.
57		LD D,A	
85		ADD A,L	
6F		LD L,A	HL: = quad. de destino.
7E		LD A,(HL)	A: = conteúdo do quad.
A7		AND A	
2805		JR Z,SQUARE	É um mov. ou um salto?

3600		LD (HL),00	Apaga a peça «lombaca».
7D		LD A,L	
82		ADD A,D	
8F		LD L,A	HL: = novo quadrado de destino.
71	SQUARE	LD (HL),C	Coloca a peça do comp. na nova posição.
10DE		DJNZ NXT__STEP	
	M__DONE	\$	

Agora faremos o que quisermos menos tentar correr deste já o programa, porque ele tem agora um pequeno bug (erro) (sobre o significado exacto da palavra «bug», ter em conta a seguinte citação: *We call them bugs, because to call them mistakes would be psychologically unacceptable*) que é necessário corrigir. Na secção com a etiqueta CHOOSE (a penúltima) o controle salta para a etiqueta CHOICE se (L\_COUNT) for zero. (Escrevemo-lo assim porque quando o introduzimos o seu verdadeiro destino ainda não existia.) Em vez disso devemos fazer dar um salto à etiqueta M\_DONE da última secção. Vamos introduzir o seguinte para remediar este facto:

RUN 100/6B00/5F

Como as coisas se encontram neste momento, não podemos tentar esta rotina, ou qualquer outra neste capítulo que venha aqui ter, porque a sub-rotina EVALUATE não existe. Sugerimos que se escreva uma «falsa» sub-rotina EVALUATE que, se quisermos realizar qualquer outra acção, se limite a construir na pilha uma lista com o formato conveniente, com valores prefixados por nós. Coloca-se esta sub-rotina «a fingir» a partir do endereço 7CBA (16 K) ou FCBA (48 K) empregando WRITE (RUN 100). É um lugar apropriado; é na realidade o endereço do gráfico «definido pelo utilizador» B. (Lembramo-nos que HEXLD 3 guarda também os caracteres gráficos «definidos pelo utilizador».) O gráfico A já foi usado (uma peça de damas) mas a partir de «B» está tudo livre.

C1	EVALUATE	POP BC	BC = endereço de retorno da sub-rotina
	MOCK		
111105		LD DE,0611	
D5		PUSH DE	Empilha o mov. 32C

13	DEC D	
D5	PUSH DE	Empilha o mov. 32D.
1C	INC E	
D5	PUSH DE	Empilha o mov. 34D.
14	INC E	
D5	PUSH DE	Empilha o mov. 34C.
1C	INC E	
D5	PUSH DE	Empilha o mov. 36C.
15	DEC D	
D5	PUSH DE	Empilha o mov. 38D.
1C	INC E	
D5	PUSH DE	Empilha o mov. 38D.
110101	LD DE,0101	
D5	PUSH DE	Empilha a prioridade e o número de passos por movimento.
110007	LD DE,0700	
ED53925C	LD (P_COUNT),DE	(P_COUNT) = 00 (doze peças no tabuleiro) (L_COUNT) = 27 (nós movimentos à escolha).
C5	PUSH BC	«Empilhar» o endr. do retorno.
C9	RET	

Agora vamos escrever RANDOMIZE FN R ("FFFE", "6BA8") (48 K) ou RANDOMIZE FN R ("7FFE", "6BA8") (16 K) para restabelecer o valor de LIMIT.

Fazendo RUN 100/6AFB/BA7C, muda-se o endereço na instrução CALL Z, EVALUATE; deste modo vemos o programa a funcionar em toda a sua glória.

Note-se que aí a primeira jogada do computador está agora programada correctamente, de modo que só se pode fazer uma única jogada. A verdadeira sub-rotina EVALUATE é algo que iremos ver na terceira parte de damas. Por enquanto, temos ainda de nos preocupar com a verificação do fim de jogo.

A rotina seguinte é dada sem mais explicações. Mas devemos compreender como funciona. Vamos escrevê-la a partir do endereço 6BA7 (no fim do programa):

3A925C	GAME-OVER	LD A,IP_COUNT	A = número de peças do computador.
A7		AND A	
2036		JR NZ,GO_2	
CD3768		CALL S_PRINT	
16220B		DEFM AT 2, 11d	
1107		DEFM fundo branco	
1201		DEFM «flash» activo	
204D5549544F		DEFM espaço MUITOS PARABÉNS espaço	
53205C415241		espaço	
42454E53202D20			
16030B		DEFM AT 3, 11d	
47414E484F5520		DEFM GANHOU	
4F20		DEFM O	
4A4F474F212121			
202020		DEFM JOGO! mas espaços	
00		DEFB 00	
CF		RST 08	
FF		DEFB FF	Retorna ao modo de comando BASIC.
210668	GO_2	LD HL,BOARD_2	
		+ 6	HL aponta o prim. quad.
002A		LD B,2A	
7E	GO_LOOP	LD A,(HL)	A = conteúdo do quad.
23		INC HL	Aponta o pr. quadrado.
E07F		AND 7F	Ignora o status da dama.
F02		CP 02	É uma peça humana?
C8		RET Z	Se sim, retorna ao BASIC.
10F7		DJNZ GO_LOOP	
CD3768		CALL S_PRINT	
16020B		DEFM AT 2, 11d	
1107		DEFM fundo branco	
1201		DEFM «flash» activo	
20415A41522E2E2E		DEFM espaço AZAR...	
2020		DEFM dois espaços	
2D20		DEFM espaço	
16030B		DEFM AT 3, 11d	
56454E4840		DEFM VENCEI	
204F20		DEFM espaço O espaço	
4A4F474F2120		DEFM JOGO! espaço	
00		DEFB 00	
CF		RST 08	
FF		DEFB FF	Retorna ao modo de comando BASIC.

Acabámos a primeira parte com uma rotina que verificava se alguma das nossas peças se tornava dama. Vamos terminar esta parte com uma rotina que faz o mesmo para as peças do computador. A rotina deve ser inserida imediatamente antes da rotina que escreve o tabuleiro actualizado — no endereço 6B6C:

212068		LD HL,BOARD_2+2C	Aponta p. o prim. quadrado da última fila.
0604		LD B,04	
7E	W_KING	LD A,(HL)	A: = conteúdo do quad.
FE07		CP 07	É uma peça do computador?
2002		JR NZ,WK_2	
3687		LD (HL),87	Muda a peça p. dama.
23	WK_2	INC HL	
10F6		DJNZ W_KING	

No próximo capítulo vamos ver alguns jogos completos (e curtos) escritos com a intenção de demonstrar o que o código máquina pode fazer em termos de velocidade a, comparativamente ao BASIC, em muito menos bytes.

## Jogos gráficos

### ESPIRAIS

Neste jogo gráfico rápido e em tempo real, somos colocados no princípio de uma espiral quadrada e temos de chegar ao fim dela num mínimo de tempo. A pontuação está constantemente à vista — começa em 99999 e decresce continuamente, mas é impossível fazer barata, interrompendo quando se tem uma alta pontuação, porque o programa não o permite. De vez em quando, a pontuação atingirá zero antes de chegarmos ao fim da espiral. Se isso acontecer, é porque, obviamente, precisamos praticar mais.

É fascinante observar este jogo — ver a pontuação diminuir tem um efeito surpreendente. Podemos tornar o jogo tão difícil quanto quisermos, bastando para isso alterar o valor inicial da temporização, conteúdo em 10C. Neste caso demos-lhe o valor de 0800, mas podemos usar 1000 para um jogo mais lento, 0400 para um jogo mais rápido e assim por diante.

Existe no entanto uma dificuldade — se batermos numa parede não saltamos para trás, na realidade ficamos presos a ela, e a única maneira de sair dessa situação é inverter o sentido. Isto pode tornar-se bastante complicado.

Bem, leitor, boa sorte nesta corrida; mantenha um registo de pontuações altas (sem barata) e veja se consegue dominar o jogo.

As teclas movem-no do seguinte modo: «I» para cima; «J» para a esquerda; «K» para a direita e «M» para baixo. Estas teclas formam uma espécie de cruz no teclado, de modo que é muito fácil lembrar que tecla move para que lado. É preferível utilizar estas teclas como teclas de direcção em vez das teclas de cursor «5», «6», «7» e «8» pela razão de que é por vezes muito difícil lembrar-se qual a tecla para cima e qual a para baixo, se o «6» se o «7».

Segue-se a listagem do programa, que está escrito supondo-o guardado a partir do endereço 6800. Pode, no entanto, ser recolocado em qualquer outro endereço, desde que todos os endereços



absolutos referentes ao programa que nele aparecem sejam também alterados. O programa deve ser chamado a partir da etiqueta START.

```

E0FF 'SPIRAL' DEFW 1111 1111 1110 0000 b Estes dados
20A0 DEFW 1010 0000 0010 0000 b representam o
A0AF DEFW 1010 1111 1010 0000 b formato da
A0AB DEFW 1010 1000 1010 0000 b espiral
A0AA DEFW 1010 1010 1010 0000 b quadrada, com
A0AE DEFW 1010 1110 1010 0000 b os uns
A0A0 DEFW 1010 0000 1010 0000 b representando
A0BF DEFW 1011 1111 1010 0000 b paredes e os
2080 DEFW 1000 0000 0010 0000 b zeros, espaços.
E0FF DEFW 1111 1111 1110 0000 b
00 'SCORE' DEFW 0000 DEFW 0000 Estes dados
4F5320 DEFW 0000 DEFW 0000 representam a
5345556320 DEFW 0000 DEFW 0000 mensagem a
504F4F544F53 DEFW 0000 DEFW 0000 ser escrita com
3939393030 DEFW 0000 DEFW 0000 a pontuação no
momento.

```

```

100B0F SCORE_C DEFW AT 110,15d;
323030 DEFW 000

```

Estes bytes serão usados p. dar a pontuação no momento.

Chame aqui:

```

AF 'START' XOR A
32305C LD (TVFLAG),A

066A LD B,0A
210068 LD HL,SPIRAL
5E S_LOOP LD E,(HL)
23 INC HL
56 LD D,(HL)

23 INC HL
EB EX DE,HL

29 P_LOOP ADD HL,HL

```

Escreve na parte superior do ecrã

Apona p. dados da espiral.

DE: = próxima word de dados.

HL: = próxima word de dados.

```

3926 JR C,WALL
FD36553F LD (ATTR_T),3F

```

Coras escolhidas: branco em branco.

```

1804 JR PR_SQ
FD365500 WALL LD (ATTR_T),00

```

Seleciona preto em preto.

```

3E2B PR SQ LD A,"A+"
D7 RST 10
7C LD A,H
B5 OR L
20EC JR NZ,R_LOOP
3E0D LD A,"enter"
D7 RST 10
EB EX DE,HL

```

Escreve.

Escreve "la como sta.

Prepara p. a pr. fila. HL: = aponta para a pr. word de dados.

Escreve estr. completa. A é a seleção de cores preto em branco.

Escreve "a na posição de partida.

Atributos para preto em amarelo.

HL aponta p. os bytes da pontuação inicial.

```

10E1 DJNZ S_LOOP
3E38 LD A,38

```

```

322158 LD (ATTRS+21),A

```

```

FD365530 LD (ATTR_T),30

```

```

211468 LD HL,SCORE_I

```

```

0815 LD B,15
7E SC_LOOP LD A,(HL)
23 INC HL
D7 RST 10
10FB DJNZ SC_LOOP
213939 LD HL,3939
222088 LD (SCORE_C+3),HL
222068 LD (SCORE_C-4),HL

```

Escreve pontuação inicial.

Pontuação de momento = 999/200.

HL aponta para a posição corrente.

Guarda posição corrente.

```

212158 LD HL,ATTRS+21
22825C LD (POSITION),HL
210000 LD HL,0000
22945C LD (LAST_MOVE),HL

```

```

212E68 LOOP LD HL,SCORE_C+5

```

HL aponta o dig. das centenas da pontuação.

```

7E DECIMAL LD A,(HL)
FE0F CP 0F

```

2008		JR NZ, POSITIVE	
0603		LD B, 03	
23	RESET	INC HL	
3630		LD (HL), "0"	
10FB		DJNZ RESET	
C9		RET	
3D	POSITIVE	DEC A	Decrementa pontuação.
FE2F		CP 2F	
2005		JR NZ, OK	
3639		LD (HL), "9"	
2B		DEC HL	
18E9		JR DECIMAL	
77	OK	LD (HL), A	
212968		LD HL, SCORE__C	HL aponta p. os bytes da pontuação corrente.
0606		LD B, 06	
7E	CS__LOOP	LD A, (HL)	
23		INC HL	
D7		RST 10	Escreve pontuação corrente.
10FB		DJNZ CS__LOOP	Um atraso temporizado.
010008		LD BC, 0800	Alterar o valor inicial de BC muda a velocidade do jogo.
08	DELAY	DEC BC	
78		LD A, B	
B1		OR C	
20FB		JR NZ, DELAY	
CD8E02		CALL KEY__SCAN	Lê o teclado.
7B		LD A, E	A: = tecla que foi premida.
FE09		CP 09	Vf. se foi a tecla «J».
2811		JR Z, LEFT	
FE10		CP 10	Vf. se foi a tecla «M».
2812		JR Z, DOWN	
FE11		CP 11	Vf. se foi a tecla «K».
2813		JR Z, RIGHT	
FE12		CP 12	Vf. se foi a tecla «L».
20BF		JR NZ, LOOP	
11E0FF	UP	LD DE, FFE0	
180D		JR MOVE	
11FFFF	LEFT	LD DE, FFFF	

1808		JR MOVE	
112000	DOWN	LD DE, 0020	
1803		JR MOVE	
110100	RIGHT	LD DE, 0001	
2A945C	MOVE	LD HL, (LAST__MOVE)	O jogador está preso na parede?
7C		LD A, H	
B5		OR L	
2805		JR Z, MOVE__OK	
19		ADD HL, DE	Se sim, o jogador está a voltar atrás?
7C		LD A, H	
B5		OR L	
20A1		JR NZ, LOOP	
2A925C	MOVE__OK	LD HL, (POSITION)	
7E		LD A, (HL)	
EE07		XOR 07	Redefine o quad. com cor preta ou branca conforme necessário.
77		LD (HL), A	
19		ADD HL, DE	Encontra nova posição.
7E		LD A, (HL)	
EE07		XOR 07	Desenha a cruz em preto ou branco.
77		LD (HL), A	
22925C		LD (POSITION), HL	Guarda a nova posição.
210000		LD HL, 0000	
FE38		CP 38	Atingimos uma parede?
2802		JR Z, FINISH	Se não, salta.
62		LD H, D	
6B		LD L, E	
22945C	FINISH	LD (LAST__MOVE), HL	
2A925C		LD HL, (POSITION)	
118558		LD DE, ATTRS + 85	
ED52		SBC HL, DE	Verifica se o quadrado final foi ou não alcançado.
C8		RET Z	
C37F68		JP LOOP	

Note-se que a antepenúltima instrução SBC HL, DE depende do facto de ser zero o *flag carry*, proveniente da instrução CP 38. É, claro está, essencial que o *flag carry* seja zero antes de uma instrução SBC se quisermos obter uma verdadeira subtracção.

## BREAKOUT

Nesta versão de BREAKOUT movemos uma raquete para a esquerda com a tecla *caps shift* e para a direita com a tecla de espaço. Emprega em muitos pontos as mesmas técnicas que temos empregado até agora — preenchendo o *écran* com o mesmo carácter mas escondendo-o por meio de uma inteligente manipulação da zona dos atributos. Neste jogo, no entanto, precisamos de dois símbolos — um para a raquete, outro para a bola — e precisamos ainda de mostrar tijolos de cores diferentes e a pontuação corrente. Neste programa o que se passa é que todo o *écran* está coberto com símbolos «bola» que são em seguida «escondidos» fazendo o fundo e a cor da tinta da mesma cor em cada quadrado, branco para um quadrado vazio, preto para uma parede, ou qualquer outra cor para um tijolo.

Cada tijolo de cor diferente dará um número de pontos diferente — um para azul, dois para vermelho e assim por diante. A pontuação de cada cor é o algarismo da tecla acima da qual o nome dessa cor aparece.

BREAKOUT é um jogo com quatro partes: 1.ª inicialização de um novo jogo; 2.ª recomeço do jogo com uma nova bola; 3.ª deslocação da bola; e 4.ª deslocação da raquete se necessário. Vamos ver agora cada um destes passos pormenorizadamente.

Primeiro, a parte de inicialização, que envolve a) imprimir o tabuleiro de jogo, b) definir a posição inicial da bola e c) definir a velocidade inicial do jogo e o número de vidas de que se dispõe, etc. Primeiro, vamos ver como imprimir o tabuleiro.

Temos uma sub-rotina cuja função é imprimir uma fila de tijolos em duas cores diferentes:

		ORG 6800	
0608	BRICKS	LD 0,00	
77	BR_LOOP	LD (HL),A	
23		INC HL	
77		LD (HL),A	Escreve o tijolo na primeira cor.
23		INC HL	
0609		ADD A,00	Muda a cor.
77		LD (HL),A	

23	INC HL	
77	LD (HL),A	Escreve o tijolo na segunda cor
23	INC HL	
0509	SUB 00	Muda para a cor anterior
10F2	DJNZ BR_LOOP	
C9	RET	

Seguidamente temos alguns dados para utilização do programa:

18001A	SCORE	DEFM AT &26d;	Dados p. a rotina PRINT SCORE mais à frente
1007		DEFM Bola branca	
1100		DEFM fundo preto	
0000000000		DEFS 05	Espaço para guardar a pontuação corrente.

E uma última sub-rotina, chamada AT\_15\_A e que simula PRINT AT 15h,A;

F5	AT_15_A	PUSH AF	
F5		PUSH AF	
3E16		LD A, «Controle» AT	
D7		RST 10	
3E16		LD A,15	Primeira coordenada AT
D7		RST 10	
F1		POP AF	Segunda coordenada AT
D7		RST 10	
F1		POP AF	
C9		RET	

A partir daqui começa o próprio programa BREAKOUT e o código necessário para preparar o tabuleiro:

AF	START	XOR A	A = zero, CARRY reset.
F5		PUSH AF	
323C5C		LD (TVFLAG),A	Empilha flags. PRINT na linha superior do écran.

326B5C	LD (DF,S2),A	Aumenta a parte sup. do écran p. 24 linhas.
01DF02 3E0D D7	LD BC,02DF LD A,"enter" RST 10	Escreve a partir do início da segunda linha.
3E90 D7 0B 78 B1 20F8 212158	SET_UP LD A,"A-grés'co" RST 10 DEC BC LD A,B OR C JR NZ,SET_UP LD HL,ATTRS + 21	PRINT símbolo «aa». Preenche todo o écran. HL aponta p. o prim. quadrado branco.
363F	LD (HL),3F	Cores branco em branco.
112258	LD DE,ATTRS + 22	Aponta para o segundo quadrado branco.
01DE02 EDB0	LD BC,02DE LDIR	Torna brancos todos os quadrados necessários.
218158 3E09 CD0068	LD HL,ATTRS + 58 LD A,09 CALL BRICKS	HL aponta p. o prim. tijolo. Escreve fila de tijolos azuis e vermelhos.
3E2D CD2068	LD A,2D CALL BRICKS	Escreve uma fila de tijolos cym e amarelos.
3E1B CD2068	LD A,1B CALL BRICKS	Escreve fila de tijolos magenta e verdes.
3E00 CD0068	LD A,09 CALL BRICKS	Escreve fila de tijolos azuis e vermelhos.
AF 210058	XOR A LD HL,ATTRS	Aponta o canto superior esquerdo da parede.
77 110158	LD (HL),A LD DE,ATTRS + 01	Faz este quad. preto. Aponta o segundo quadrado da parede.
011100 C5	LD BC,001F PUSH BC	

E0B0	LDIR	Toma preto o resto da parede superior DE = 001F
D1 0617 23	POP DE LD B,17 INC HL	Aponta o pr. quad. da parede esquerda.
77 19	LD (HL),A ADD HL,DE	Faz este quad. preto. Aponta o pr. quad. da parede direita.
77 10FA 211868	LD (HL),A DJNZ SIDES LD HL,SCORE + 07	Faz este quad. preto. Aponta para o espaço reservado SCORE.
2064 3620	LD B,24 SC_LOOP LD (HL),"espaço"	Preenche com espaços.
28 10FB 3630 2E11	INC HL DJNZ SC_LOOP LD (HL),"0" LD L,11	Pontuação igual a zero. HL aponta p. a etiqueta SCORE.
060C 7E 23 D7	LD B,0C PR_SC LD A,(HL) INC HL RST 10	Escreve a pontuação no écran.
10FB	DJNZ PR_SC	

Observe-se como neste jogo a pontuação está guardada independentemente do écran, sendo, além disso, guardada em decimal, dígito por dígito. Isto porque é mais fácil ler um carácter simples de uma posição de memória fixa do que decifrar um padrão de pixels de oito posições fixas de memória diferentes. Por, fim, para preparar a posição da bola, velocidade e número de vidas, o procedimento é:

21805A 22B05C	LD HL,ATTRS + 0260 LD (BALL_INIT),HL	Guarda a posição de partida da bola.
21000B	LD HL,0B00	

22A85C	LD (SPEED),HL	Guarda a velocidade inicial de jogo.
FD363102	LD (DF_SZI),DZ	Restaura a variável de sistema p. evitar crash.
3E08	LD A,08	
32A85C	LD (LIVES),A	Guarda o número de vidas mais um.

Isto é, na verdade, toda a inicialização de que precisamos. Faltam várias coisas — por exemplo, apesar de definida a posição da bola, ela não é escrita. A raqueta não é sequer mencionada! A razão por que isto acontece é que a raqueta é desenhada de cada vez que o jogo recomeça e a bola também. Então porquê preocuparmo-nos com a posição inicial? Bem, nesta versão a bola começa numa posição ligeiramente diferente de cada vez. Isto assegura a possibilidade de apagar todos os tijolos.

A variável SPEED determina a velocidade do jogo; controla um ciclo de atraso — necessário para abrandar o andamento, uma vez que o código máquina é muito rápido. Em resumo, quanto maior o número mais lento é o jogo e quanto mais pequeno o número mais rápido é o jogo. A velocidade, no entanto, não é constante ao longo do jogo, ao contrário do ESPERAIS. Neste jogo a velocidade aumenta à medida que o tempo avança!

A segunda secção do jogo realiza as seguintes tarefas: a) muda a posição inicial da bola e coloca-a na nova posição; b) faz com que a direcção inicial do movimento seja para cima e para a direita; c) escreve a raqueta e ao mesmo tempo apaga qualquer símbolo da raqueta anterior que pudesse existir; d) decrementa o número de vidas restantes e termina se este número atinge zero; e e) dá ao jogador a hipótese de recuperar da última secção, proporcionando um intervalo de tempo entre o desaparecimento de uma bola e o aparecimento da seguinte. Observe-se, nesta secção, como se descreve a raqueta e se apaga a anterior.

3AA85C	RESTART	LD A,(LIVES)	
3D		DEC A	
2002		JR NZ,L__OK	
F1		POP AF	
CD		RET	«Equilibra» a linha. Retorna ao BASIC se não houver mais vidas.

32A85C	L__OK	LD (LIVES),A	
2A85C		LD HL,(BALL__INIT)	
23		INC HL	Muda a posição de início da bola.
22B05C		LD (BALL__INIT),HL	
22AC5C		LD (BALL__POS),HL	Define a posição actual.
3639		LD (HL),39	Escreve a bola (azul em branco).
21E1FF		LD HL,FFE1	
22AA5C		LD (DIRECTION),HL	Direcção inicial: para cima à direita.
3E03		LD A,03	
32A95C		LD (BAT__POS),A	Centro da raqueta na coluna três.
3E01		LD A,01	
CD1D68		CALL AT__15__A	Print AT 15h,1:.
FD365507		LD (ATTR__T),07	Cores: branco em preto.
0605		LD B,05	
3E8C	BAT__LOOP	LD A, «gráfico-shift 3»	
D7		RST 10	
10FB		DJNZ BAT__LOOP	Escreve o símbolo da raqueta.
FD36553F		LD (ATTR__T),3F	Cores: branco em branco.
0618		LD B,18	
3E90	ERASE	LD A, «A-gráfico»	
D7		RST 10	Apaga o símbolo da raqueta anterior.
10FB		DJNZ ERASE	
0604		LD B,04	
210000	RDL__1	LD HL,0000	
2B	RDL__2	DEC HL	
7C		LD A,H	
85		OR L	
29FB		JR NZ,RDL__2	Entra um longo ciclo de espera p. o jogador recuperar p. a pr. bola.
10FB		DJNZ RDL__1	

Para escrever a bola temos de passar primeiro por um ciclo de temporização (controlado por SPEED — a velocidade de jogo) e depois apagar a posição anterior da bola. É examinando o conteúdo do quadro seguinte na direcção que a bola leva e, se não se encontrar um símbolo de raqueta, inverte-se a direcção mas a bola

não se move; de outro modo a bola mover-se-á na direcção dada, não sendo escrita na nova posição.

São então verificadas uma série de condições. Se o conteúdo da nova posição da bola (note-se que esta não foi ainda escrita nessa posição) for um tijolo colhido, a pontuação aumenta, a componente vertical da direcção da bola inverte-se (embora a componente horizontal se mantenha inalterada) e a velocidade do jogo aumenta.

Se o quadrado seguinte acima ou abaixo (dependendo da direcção que a bola leva) for uma parede ou uma raqueta, a componente horizontal da direcção da bola é invertida. Se o quadrado seguinte à esquerda ou à direita (dependendo do sentido de deslocamento da bola) for uma parede ou uma raqueta, inverte-se a componente horizontal da velocidade.

Estes passos asseguram que o quadrado seguinte na direcção da bola se encontra vazio e que a bola fará sempre ricochete nas paredes e na raqueta com os ângulos correctos. A parte do programa responsável por isto é a que segue:

2AAE5C	LOOP	LD HL,(SPEED)	
2B	DELAY	DEC HL	Ciclo de atraso curto que
7C		LD A,H	controla a velocidade do
			jogo.
B5		OR L	
28FB		JR NZ,DELAY	
F1		POP AF	Recupera o flag carry.
3F		CCF	Complementa-o.
F5		PUSH AF	Forma a guardá-lo.
DA9365		JR C,MOVE__BAT	A bola só se move cada
			duas passagens; assim a
			raqueta move-se duas
			vezes mais depressa que
			a bola.
2AAC5C		LD HL,(BALL__POS)	HL aponta para a bola.
363F		LD (HL),3F	Apaga a posição anterior
			da bola.
ED5BAA5C		LD DE,(DIRECTION)	
19	NEW POS	ADD HL,DE	Calcula a nova posição
			da bola.
22AC5C		LD (BALL__POS),HL	Guarda esta posição.

7E		LD A,(HL)	
FE97		CP 07	A raqueta está nesta
			nova posição?
200D		JR NZ,SQ__FREE	Salta se não estiver,
7B		LD A,E	
ED44		NEG	
5F		LD E,A	
7A		LD A,D	
2F		CPL	Troca o sinal de DE
			(direcção do deslocamento).
57		LD D,A	
ED53AA5C		LD (DIRECTION),DE	Guarda a nova direcção.
18EA		JR NEW__POS	
3639	SQ__FREE	LD (HL),39	Escreve ai a bola vazia
			em branco.
FE3F		CP 3F	Antes, estava um tijolo
			nessa posição?
282A		JR Z,V__CH	Salta se não
FE07		AND 07	A = pontuação por
			atingir o tijolo.
2AAE5C		LD HL,(SPEED)	
01F0FF		LD BC,FFF0	BC := -10.
09		ADD HL,BC	
22AE5C		LD (SPEED),HL	Aumenta ritmo de jogo.
211D88		LD HL,SCORE+0B	HL aponta p. o 2º. dig.
			da pontuação.
66		ADD A,(HL)	A = dig. das novezas.
FE3A	CARRY	CP 3A	O nove dígito é maior
			que novo?
380A		JR C,INC	Salta se não for.
D60A		SUB 0A	Calcula o dig. correcto.
77		LD (HL),A	Guarda este dígito.
2B		DEC HL	Aponta pr. dig. à esquerda.
7E		LD A,(HL)	A = próximo dígito.
FB10		OR 10	Muda de "espaço" p.
			"zero" se necessário.
3C		INC A	Adiciona o carry do
			último dígito.
18F2		JR CARRY	
77	INC	LD (HL),A	Guarda o dígito.
2E11		LD L,11	HL aponta para a
			etiqueta SCORE.



080C		LD B,00	
7E	PR_SC_2	LD A,(HL)	
23		INC HL	
D7		RST 10	Escreve a pontuação.
10FB		DJNZ PR_SC_2	
180F		JR VERT	
D5	V_CH	PUSH DE	Empilha a direcção.
7A		LD A,D	
E6C0		AND C0	
F620		OR 20	
5F		LD D,A	DE: = componente vertical de direcção.
2AAC5C		LD HL,(BALL_POS)	HL: = posição corrente da bola.
19		ADD HL,DE	
7E		LD A,(HL)	A: = byte de atributos do quad. computado. Ignora a cor da tinta.
E6F8		AND FB	DE: = dir. verdadeira
D1		POP DE	Salta a menos que o fundo seja preto (isto é, raqueta ou parede).
200B		JR NZ,H_CH	
7B	VERT	LD A,E	
FEC0		XOR C0	
5F		LD E,A	
7A		LD A,D	
2F		CPL	
57		LD D,A	Inverte a componente vertical de direcção.
ED53AA5C		LD (DIRECTION),DE	Empilha a direcção.
D5	H_CH	PUSH DE	
CB1B		RR E	
CB1B		RR E	
9F		SBC A,A	A: = FF (p. a esquerda) ou 00 (p. a direita).
57		LD D,A	
F601		OR 01	A: = FF (p. a esquerda) ou 01 (p. a direita).
5F		LD E,A	DE: = componente horizontal de direcção.
2AAC5C		LD HL,(BALL_POS)	HL: = posição corrente da bola.
19		ADD HL,DE	

7E		LD A,(HL)	A: = conteúdo do quadrado calculado
E6F8		AND FB	Ignora a cor da tinta.
D1		POP DE	DE: = dir. verdadeira.
200B		JR NZ,L_CH	Salta a menos que o quad. seja parede ou raqueta.
7B		LD A,E	
EE3E		XOR 3E	
5F		LD E,A	Inverte a componente horizontal de direcção.
ED53AA5C		LD (DIRECTION),DE	HL: = posição corrente da bola.
2AAC5C	L_CH	LD HL,(BALL_POS)	
11E85A		LD DE,ATTRS + 02E0	
A7		AND A	
ED52		SBC HL,DL	
3806		JR C,MOVE_BAT	
19		ADD HL,DE	Se a bola está na fila do fundo do ecrã, apaga-a e recomeça com nova bola.
363F		LD (HL),3F	
C3A468		JP RESTART	

Um ponto interessante a observar é o modo como a pontuação é aumentada.

Compare-se o mecanismo utilizado aqui com o empregado em **ESPIRAIS** para diminuir a pontuação. Existem uma ou duas diferenças entre este e os outros. Um primeiro lugar, é claro, a pontuação de **BREAKOUT** aumenta em vez de diminuir e, em segundo, a pontuação pode aumentar qualquer quantidade (inferior a dez) de uma só vez.

Para se compreender a parte de mudança de direcção o melhor é experimentar o seu efeito. Note-se que as únicas direcções empregadas são FFDF (para cima à esquerda), FFE1 (para cima à direita), 001F (para baixo à esquerda) e 0021 (para baixo à direita). Todos estes casos serão convertidos conforme o necessário pelas rotinas acima dadas.

Para movimentar a raqueta, antes de mais lê-se o teclado. Se mais do que uma tecla for premida de uma só vez, a raqueta mantém-se estacionária. Se *caps shift* for premido, a raqueta move-se para a esquerda e se *space* for premido, a raqueta move-se para a direita.

Note-se que a raqueta só se moverá se o quadrado seguinte no sentido do momento estiver livre. Se estiver bloqueado ou por uma parede ou por uma bola (o que acontecerá em ocasiões muito raras mas mesmo assim de considerar), a raqueta não se move.

Vamos estudar esta parte final do programa e observar a maneira como a raqueta se move. Recordemos que a variável BAT\_POS guarda o número da coluna do centro da raqueta.

```

CD8E02  MOVE  BAT
14      CALL KEY_SCAN
2042    INC D
        JR NZ,CYCLE    Raqueta imóvel se
                        premir mais de uma tecla.
7B      LDA,E          A: = cod. da tecla
                        premida (FF se nenhuma).
FE20    CP 20          Tecla premida foi
2808    JR Z,RIGHT     space?
FE27    CP 27          For caps shift?
2039    JR NZ,CYCLE
1601    LEFT          LD D,01
1802    JR M,BAT_1
16FF    RIGHT         LD D,FF
3AA05C  M BAT_1      LDA (BAT_POS)A = n.º de coluna do
                        centro da raqueta.
92      SUB D
92      SUB D
92      SUB D          A: = n.º de coluna do pr.
                        quadrado na linha.
F5      PUSH AF
C6A0    ADD A,A3
6F      LD I,A
295A    LD H,5A        HL: = end. deste quad.
                        na zona dos atributos.
7E      LD A,(HL)
FE3F    CP 3F          Este quad. está vazio?
2803    JR Z,M_BAT_2   Salta se estiver.
F1      POP AF         «Equilibra» a pilha.
181F    JR CYCLE       A raqueta não se move
F1      M_BAT_2        POP AF
CD1D68  CALL AT_15_A  Move a posição de princ.
                        p. este quadrado.

```

```

FD365507 LD (ATTR_TI,07)  Cores: branco em preto.
F5      PUSH AF
3EBC    LDA, «gráfico shift 6»
D7      RST10          Aumenta a raqueta na
                        direcção necessária.
F1      POP AF
02      ADD A,D
82      ADD A,D
32A95C  LD (BAT_POS),A   Guarda a nova posição
82      ADD A,D          da raqueta.
82      ADD A,D
82      ADD A,D
CD1D68  CALL AT_15_A     Move a posição princ. p.
                        outro extremo da raqueta.
FD36553F LD (ATTR_TI,3F)  Cores: branco em
                        branco.
3E90    LD A, «A gráfico»
D7      RST10          Apaga o anterior
                        extremo da raqueta.
C0ED68  CYCLE          JP LOOP      Repete tudo.

```

## Damas – terceira parte

A parte da história que já conhecemos é... Era uma vez um ser humano que introduziu uma jogada num ZX Spectrum. O computador verificava essa jogada para se certificar de que não havia batota e, se houvesse, condenava o pobre humano a um duro castigo (que seria ter de escrever o movimento todo de novo). O movimento foi aceite. O computador começou a procurar no tabuleiro por peças para mover. De repente, depara-se-lhe miraculosamente com a sub-rotina EVALUATE. Para onde é que seguimos a partir daqui? O bom senso diz-nos que a primeira parte é bastante clara. Serve para responder à pergunta «Podemos mover a peça?» e se não, para voltar à parte anterior do programa. Se pudermos mover a peça... deixaremos este problema para mais tarde.

Este é o início da rotina EVALUATE. Como já dissemos a sua função é decidir se um movimento é ou não possível. Vamos escrever a sub-rotina a partir do endereço 6C1A:

E5	EVALUATE PUSH HL	<i>Empilha o addr. que estamos a considerar</i>
FD3458	INC (P_COUNT)	<i>Conta o número de peças do computador no tabuleiro.</i>
0604	LD B,04	
7E	LD A,(HL)	A: = 07 p. uma peça, 07 p. uma dama.
17	HLA	
3802	JR C,EV__LOOP	Salta se for dama.
05	DEC B	
06	DEC B	B: = número de direcções permitidas.
48	EV__	C: = número da pr. direcção a considerar.
0D	LOOP	C: = 00, 01, 02 ou 03.
	LD C,B	
	DEC C	

CB39	SRL C	C: = 00 (sem CARRY), 00 (CARRY), 01 (sem CARRY) ou 01 (CARRY)
3E05	LD A,05	
3001	JR NC,EV__	Salta se o movimento for um ou três
3C	INC A	A: = 05, 06, 05 ou 06.
0D	DEC C	C: = FF, FF, 06 ou 00.
2002	JR NZ,EV__2	Salta se o movimento for um ou dois
ED44	NEG	A: = 05, 06, FF ou FA.
4F	LD C,A	C: = direcção do deslocamento.
85	ADD A,L	
8F	LD L,A	HL: = quad. de destino.
7E	LD A,(HL)	A: = conteúdo desse quadrado.
E87F	AND 7F	ignora o status da dama.
2B11	JR Z,MV__FOUND	Salta com quad. vazio.
FE02	CP 02	
2007	JR NZ,EV__3	Salta, a menos que o quad. tenha peça humana.
7D	LD A,L	
B1	ADD A,C	
8F	LD L,A	HL: = novo quadrado de destino.
7E	LD A,(HL)	A: = conteúdo desse quadrado.
A7	AND A	
2806	JR Z,MV__FOUND	Com quad. vazio, salta.
E1	EV__3	HL: = quadrado original considerado.
E5	PUSH HL	
10DB	EV__DJ	DJNZ EV__LOOP
E1	POP HL	Repete para todas as direcções permitidas.
C9	RET	Restaura valor original de HL.
	MV__FOUND	Fim da sub-rotina.

Eis como funciona: B representa o «número da direcção» a considerar — que é ou um (direcção D), dois (direcção C), três

( direcção B), ou quatro ( direcção A). Note-se que, no caso de uma dama, B terá de percorrer sucessivamente todos estes valores, mas, se for uma peça normal, B só tomará os valores dois e um, porque as peças não podem andar para trás. A direcção do movimento é calculada a partir de B no registo A e guardada, para o que for necessário, no registo C. A partir daí tudo se torna evidente. Considera-se possível um movimento se, 1.º, o quadrado seguinte nesta direcção estiver vazio ou, 2.º, se o quadrado seguinte nesta direcção estiver ocupado por uma dama ou peça normal do jogador humano mas o quadrado a seguir, nessa direcção, estiver vazio. Se for encontrado um movimento válido, o controle salta para a etiqueta MV\_FOUND, parte do programa que ainda temos de escrever; de outro modo o ciclo será repetido até se terem experimentado todas as direcções.

A parte que se segue é a mais interessante porque tem a função de atribuir um valor numérico — uma prioridade — a esta escolha de jogada (quanto mais alto o número, melhor a jogada) e manipular a lista correspondente.

A melhor maneira de o conseguir é fazer uma cópia do tabuleiro (mais uma cópia!) de modo a manipularmos BOARD\_2 tanto quanto quisermos sem perigo de o destruir totalmente. Vamos arranjar um pouco de espaço para esta cópia — que será chamada BOARD\_3. Introduzimos 42 (decimal) espaços a partir do endereço 6C1A de modo que a rotina EVALUATE comece agora no endereço 6C44. Estes espaços serão utilizados para guardar a nossa cópia. O que se segue é, portanto, a primeira parte da rotina MV\_FOUND, que devemos escrever a partir de 6C77:

210668	MV_FOUND	LD HL,BOARD_2	
		+6	HL aponta p. o prim. quadrado jogável.
111A6C		LD DE,BOARD_3	DE aponta p. o prim. espaço reservado.
C5		PUSH BC	
012A00		LD BC,002A	
EDB0		LDIR	Copia o tabuleiro.

E a seguir, para efectuar o movimento «experimental» (escrevendo a partir de 6C83):

C1	POP BC	C: = direcção de deslocação.
E1	POP HL	HL: = quadrado inicial do movimento.
E5	PUSH HL	
C5	PUSH BC	
1E00	LD E,00	Pontuação inicial começa em zero.
46	LD B,(HL)	B: = peça do comp.
73	LD (HL),E	Apaga a peça do comp. do quad. corrente.
7D	LD A,L	
81	ADD A,C	HL: = quad. de destino.
6F	LD L,A	A: = conteúdo deste quadrado.
7E	LD A,(HL)	
A7	AND A	
280D	JR Z,MV_1	Salta excepto se for tomada uma peça.
73	LD (HL),E	Apaga a peça tomada.
1E81	LD E,81	
17	RLA	CARRY: = se for peça, reset, se dama, set.
CB13	RL E	E: = 02 (peça) ou 03 (dama).
CB13	RL E	E: = 05 (peça) ou 07 (dama).
CB 13	RL E	E: = 0A (peça) ou 0E (dama).
7D	LD A,L	
81	ADD A,C	
6F	LD L,A	HL: = novo quadrado de destino.
70	MV_1 LD (HL),B	Coloca peça na nova posição.

Uma sub-rotina agora — sim, é isso mesmo, uma sub-rotina dentro de outra sub-rotina. A função desta é determinar se uma peça do computador está ou não em perigo de ser tomada, de uma direcção dada. A sub-rotina requer que HL aponte para o quadrado em questão e C contenha a direcção 05 ou 06. A sub-rotina deve

ser inserida (já que precisamos de saber o seu endereço absoluto para a chamarmos) no endereço 6C44.

E5	DANGER	PUSH HL	
7D		LD A,L	
91		SUB C	
47		LD B,A	
7D		LD A,L	
81		ADD A,C	
6F		LD L,A	HL aponta o próximo quadrado abaixo.
7E		LD A,(HL)	
E67F		AND 7F	Ignora o status da dama.
2006		JR NZ,DN__1	Salta com quad. não vazio.
68		LD L,B	HL aponta o próximo quadrado acima.
7E		LD A,(HL)	
FE82		CP 82	Este quad. contém dama do jogador humano?
280C		JR Z,DN__3	Se assim for, salta.
FE02	DN__1	CP 02	Este quad. contém peça ou dama humana?
2005		JR NZ,DN__2	Se não, salta.
68		LD L,B	HL aponta o próximo quadrado acima.
7E		LD A,(HL)	
A7		AND A	
2803		JR Z,DN__3	Salta com quad. vazio.
E1	DN__2	POP HL	Restaura valor original de HL.
A7		AND A	Flag carry reset.
C9		RET	
E1	DN__3	POP HL	Restaura original.
37		SCF	Flag carry set, indicando perigo.
C9		RET	

O endereço do início da rotina EVALUATE será agora 6C65, por causa desta inserção. Em seguida vamos debruçar-nos sobre o código máquina que utiliza esta sub-rotina. Observemos a figura 16.1. Ela atribui um valor a cada um dos quadrados de modo que alguns são considerados mais importantes que outros. A rotina

seguinte percorre o tabuleiro, casa por casa, e cada vez que encontra uma peça do computador ajusta a «pontuação até o momento» (registro E) tendo em conta o valor atribuído à casa, e também se a peça está em risco de ser tomada. Escrevemos esta rotina a partir do endereço 6CC1.

	06		07		08		09
	0		0		0		0
0B	0		1		0		1
	11		12		13		14
	0		0		0		0
16	1		17		18		19
		2		2		0	
	1C		1D		1E		1F
	0		2		2		1
21	0		22		23		24
	0		0		0		0
	27		28		29		2A
	0		0		0		0
2C		2D		2E		2F	
0		0		0		0	

Figura 16.1

210668	LD HL,BOARD__2	HL aponta p. o prim. quadrado jogável.
	+ 06	
7E	DN__LOOP LD A,(HL)	A: = conteúdo do pr. quad. a considerar.
E67F	AND 7F	Ignora o status da dama.
FE07	CP 07	Peça do computador?
283B	JR NZ,DN__NS	Salta se não for.
7D	LD A,L	
D60C	SUB 0C	
281B	JR Z,P__1	O quadrado 0C tem * valor 01.

D502 2817	SUB 02 JR Z,P__1	O quadrado 0E tem valor 01.
D606 2813	SUB 06 JR Z,P__1	O quadrado 16 tem valor 01.
3D 280F	DEC A JR Z,P__2	O quadrado 17 tem valor 02.
3D 280C	DEC A JR Z,P__2	O quadrado 18 tem valor 02.
D605 2808	SUB 05 JR Z,P__2	O quadrado 1D tem valor 02.
3D 2806	DEC A JR Z,P__2	O quadrado 1E tem valor 02.
3D 2803	DEC A JR NZ,P__1	O quadrado 1F tem valor 01.
1802	JR P__0	Todos os outros quadrados têm valor 00.
1C 1C 7E 17 1681 CB12	P__2 INC F P__1 INC L P__0 LD A,HL RLA LD D,81 HL D	A = peça do comp.
CB12	RL D	D = 02 (peça) ou 05 (dama).
CB12	RL D	D = 06 (peça) ou 07 (dama).
CB12	RL D	D = 0A (peça) ou 0E (dama).
0E05 CD446C	LD C,05 CALL DANGER	Verifica se há perigo na direcção 05.
3806 0C CD446C	JR C,DN__FOUND INC C CALL DANGER	Peça em perigo: salta.
3003	JR NC,DN__NS	Verifica se há perigo na direcção 06. Peça em segurança: salta.

70	DN__	LD A,E	A = pontuação actual
92	FOUND	SUB D	
5F		LD E,A	Diminui a pontuação conforme o necessário.
7D 23	DN__NS	LD A,L INC HL	HL aponta p. o pr. quadrado a considerar
FE2F		CP 2F	Já considerámos todo o tabuleiro?
29B8		JR NZ,DN__LOOP	Salta se ainda não.

A próxima alteração que temos de fazer à pontuação é atribuir um bónus de sete pontos a qualquer peça que atinja a última fila e se transforme em dama. Este código máquina, que deve ser escrito a partir do endereço 6D0C, encarregar-se-á disso.

0604 28	KCH__LP	LD B,04 DEC HL	Aponta p. o pr. quadrado da últ. fila.
7E FE07		LD A,HL CP 07	Existe uma peça do comp. (ainda não dama) na última fila?
2004 7B D607 5F 18F4		JR NZ,KCH__N LD A,E ADD A,07 LD E,A DJNZ KCH__LP	Salta se não. Se sim aumenta a pontuação.

E para restaurar o tabuleiro original (escreve-se a partir de 6D1A).

D5 211A6C 110568 012A00 EDB0 D1	PUSH DE LD HL,BOARD__3 LD DE,BOARD__2+6 LD BC,002A LDIR POP DE	E = pontuação.
--	---	----------------



7B C680	LD A,E ADD A,80	A: = pontuação. A: = prioridade atribuída ao mov.
57	LD D,A	D: = pontuação atribuída ao mov.
1E21	LD E,01	E: = número de passos no movimento.

Notemos que se somam 50 à pontuação final para evitar que a prioridade seja negativa. Isto destina-se apenas a que a nossa aritmética seja mais fácil. E por fim, para ajustar a lista como queremos, um pedaço de código, vamos escrevê-lo a partir do endereço 6D2D:

D9 C1	EXX POP BC	B: = n.º de direcção. C: = direcção de deslocamento.
E1	POP HL	HL: = endr. do quad. inicial do movimento.
D1	POP DE	DE: = endereço de retorno da sub-rotina.
D9 E1	EXX POP HL	HL: = prioridade dos itens na lista.
A7 ED52 19 280A	AND A SBC HL,DE ADD HL,DE JR Z,L ADD	Acréscimo à lista se a prioridade for a mesma. Rejeita o mov. se não for bastante bom.
3814	JR NC,_OK	Anula a lista anterior. Número de itens na lista igual a zero.
ED7B05C FD385900	LD SP,(L_BASE) LD (L_COUNT),00	
D9 61 E5	L_ADD EXX LD H,C PUSH HL	Empilha o quadrado de início e a direcção.
2588	LD H,68	HL: = endr. do quad. de onde se inicia o mov

D9 D5	EXX PUSH DE	Empilha o número de passos e a prioridade.
FD3459	INC (L_COUNT)	Conta o número de itens na lista.
1801 E5	JR L_EXIT PUSH HL	Empilha o anterior n.º de passos e a prioridade.
215827 D9	L_EXIT LD HL,2758 EXX	HL: = 2758 para evitar crash. B: = n.º de direcção. C: = direcção de deslocamento. DE: = endereço de retorno da sub-rotina. HL: = quad. de onde se inicia o movimento.
D5	PUSH DE	Toma a empilhar o endr. de retorno da sub-rotina.
E5	PUSH HL	Toma a empilhar o endereço inicial.
C3946C	JF EV_DJ	Retoma ciclo de verificação.

Para alterar o endereço a que se refere a instrução CALL Z, EVALUATE, fazemos RUN 190:6AFB/656C. O programa de damas está agora completo, ou pelo menos tão completo quanto pretendemos deixá-lo. Da maneira em que as coisas se encontram, a instrução RUN 700 iniciará um jogo que decorrerá de uma forma muito razoável, mas note-se o seguinte:

1.º Não é obrigatório tomar peças susceptíveis de serem tomadas, portanto uma peça não será retirada do tabuleiro só porque se recusa a tomar outra peça;

2.º O programa, no seu estado actual, admite outros melhoramentos — o que foi deliberadamente deixado para os jogadores. Apesar de o jogador poder efectuar saltos múltiplos, e apesar de o computador jogar bastante bem, a máquina ainda não é suficientemente «esperta» para realizar saltos múltiplos por si própria. O computador dá os seus saltos quando acha conveniente, mas só um salto em cada jogada, mesmo onde é possível saltar três ou quatro

peças de uma só vez. É esse, portanto, o desafio que temos ao leitor. Até aqui, foi-lhe apresentado o trabalho todo feito; agora é a sua vez. O princípio é o mesmo que para fazer saltos simples mas o procedimento exacto necessita de algumas alterações, porque há mais do que uma direcção a guardar durante a avaliação da prioridade (deve guardá-las em RAM em vez de o fazer nos registos) e mais do que uma direcção a «empilhar» na lista.

3.º Não é de momento possível oferecer um empate. A situação de empate (em que um jogador ainda tem peças mas não as pode movimentar) não é verificada ou permitida tanto para o computador como para o humano. No entanto, adaptar o programa para que tal aconteça é bastante simples — deve verificar se a jogada introduzida tem uma forma especial que signifique «empate» (para o humano) e ver simplesmente a variável L\_COUNT (para o computador).

Agora só nos resta fazer um pequeno trabalho de «remação»: RUN 500/3E10/3EAF/7CBA (16 K; aqueles que utilizam 45 K devem mudar o último endereço para FCBA) irá restaurar toda a zona dos caracteres gráficos, de gráfico B a gráfico U, deixando o gráfico A inalterado. RUN 100/604F/1400 muda a instrução implícita «GO 10 710» no código máquina para um «GO 10 20» implícito. Agora vamos escrever o seguinte:

```
NEW
10 RANDOMISE USR 26795
20 INPUT LINE A$
30 RANDOMISE USR 26881
40 LOAD "" CODE
60 LOAD "" CODE USR "A"
SAVE "Damas" LINE 40
SAVE "Dr mc" CODE 26824,1370
SAVE "Dr gr" CODE USR "A",8
```

Temos, é claro, a faculdade de alterar o esquema de cores. Se necessitarmos agora, para começar o jogo, de fazer RUN. É claro que se quisermos melhorar DAMAS, como foi sugerido, precisaremos de HEXLD 3. Neste caso, deve-se deixar esta parte do BASIC do programa de DAMAS como estava, a partir da linha 700. A decisão, no entanto, é problema de cada um!

## Desassemblar a ROM

Existem três «níveis» nos quais podemos desassemblar, cada um deles um pouco mais sofisticado que o anterior. Os primeiros dois níveis não são muito satisfatórios, mas são, em contrapartida, muito fáceis de programar.

O primeiro nível, já o alcançámos — a rotina USR H\_1JST em HEXLD 3, que vimos anteriormente, faz isso precisamente. Isto é, dado um endereço como 15F2, produzirá uma saída como esta:

```
15F2 D9
15F3 E5
15F4 2A
15F5 51
15F6 5C
```

e assim por diante. Isto não é verdadeiramente desassemblar, apesar de podermos, é claro, procurar o significado destes bytes nas tabelas do fim do livro, mas esta tarefa é muito demorada, sendo ainda muito provável que nos percamos a meio caminho. O segundo «nível» não é muito melhor, mas é também muito fácil de programar. Estamos a falar de uma saída como esta:

```
15F2 D9
15F3 E5
15F4 2A515C
15F5 5E
```

e assim por diante. Como se vê, cada instrução aparece sob a forma de uma sequência com o número certo de bytes. Isto produz uma listagem de aspecto muito agradável, havendo poucas ou nenhuma hipóteses de nos perdarmos ao procurar estes bytes nas

tabelas. O nosso objectivo, no entanto, é alcançar o terceiro nível. O que queremos é uma saída como esta:

```
15F2 EXX
15F3 PUSH HL
15F4 LD HL,(5C51)
15F7 LD E,(HL)
....
```

e assim por diante. É talvez bastante fácil de programar; só temos de fazer com que o computador procure as palavras apropriadas numa tabela em vez de sermos nós a fazê-lo. No entanto seria necessário muito espaço só para guardar a tabela (cerca de quatro ou cinco K). O método que vamos descrever permite nos condensar este programa em menos de um K e um quarto, mas consegui-lo é bastante difícil. Existe na realidade um quarto nível de desassembagem, que nem tentaremos tocar, mas que interessa conhecer. Imaginemos uma saída deste género:

```
DD      PRINT_A  EXX
ES                      PUSH HL
2A515C                      LD HL,(CURCHL)
5E                      LD E,(HL)
....
```

Como dissemos, não vamos sequer tocar neste assunto neste nível, só precisamos de mais uma coisa, uma outra tabela, contendo desta vez todas as etiquetas empregadas. Voltando um pouco atrás, vamos agora tratar de coisas mais simples. Começemos por considerar uma versão um pouco melhorada de H\_LIST que atinja o segundo nível de desassembagem e calcule o comprimento de cada instrução antes de escrever os bytes correspondentes. Só necessitamos de uma tabela que contenha dois elementos de informação para cada byte. São eles: 1.<sup>o</sup>, o número de bytes de cada instrução que comece com este byte; e 2.<sup>o</sup>, o número de bytes de cada instrução que comece com DD ou FD seguido deste byte. Como se sabe, surge alguma confusão com as instruções que começam por CD ou ED, mas na realidade não necessitamos de mais nenhuma tabela ou qualquer outra coisa especialmente destinada a estas instruções desde que nos lembremos das seguintes regras:

— todas as instruções que começam com CB têm dois bytes de comprimento;

— todas as instruções que começam com DDCB ou FDCB têm quatro bytes de comprimento;

— todas as instruções que começam com ED têm dois bytes de comprimento, excepto LD BC, (pq), LD DE, (pq), LD SP, (pq), LD (pq), BC, LD (pq), DE e LD (pq), SP. O byte imediatamente a seguir a ED para estas seis instruções é, respectivamente, 4B, 5B, 7B, 43, 53 ou 73. Em binário estes seis números têm a forma 01 \*\* \*611.

Pode estranhar-se a aparente irregularidade na sequência de bytes, onde pareceu faltar 6B e 63. Na realidade as instruções de código ED6B \*\*\*\* e ED63 \*\*\*\* existem, embora raramente sejam empregadas com este código; são, respectivamente, LD HL, (pq) e LD (pq), HL que normalmente são codificadas como 2A \*\*\*\* e 22 \*\*\*\*, que só ocupam três bytes e é mais rápido, além de compatível com os processadores 8080/8085.

Mais nenhuma instrução tem esta forma.

Não há instruções que comecem com DDED ou FDED.

Assim, precisamos de uma tabela com um pequeno número de informação relativa a cada byte. Primeiro, as instruções que não comecem com DD, ED ou FD só podem ter um, dois ou três bytes de comprimento. Isto significa que, para guardar a informação necessária sobre o comprimento, só precisamos de dois bits. Segundo, as instruções que comecem com DD ou ED só podem ter dois, três ou quatro bytes de comprimento, ou ignorando DD ou FD, um, dois ou três bytes. Mais uma vez só precisamos de dois bits, para guardar o comprimento. Isto dá um total de quatro bits e podemos assim representar os comprimentos apropriados para cada byte por um só dígito hexadecimal ou *nibble*, como também se costuma dizer (um *nibble* é o mesmo que um byte, mas mais pequeno: tem quatro bits em vez de oito). Um *nibble* pode ser escrito num só dígito hexadecimal ao contrário de um byte, que precisa de dois. O nosso programa fará então uso da seguinte tabela, chamada LENS e que, neste caso, se encontra a partir do endereço 0800. Pode-se, claro está, guardá-lo em qualquer outro sítio da RAM, desde que todos os elementos da tabela tenham os endereços com a mesma parte alta.

LENS DEFB	5F	55	55	A5	55	55	55	A5
	AF	55	55	A5	A5	55	55	A5
	AF	F5	55	A5	A5	F5	55	A5
	AF	F5	99	E5	A5	F5	55	A5
	55	55	55	95	55	55	55	95
	55	55	55	95	55	55	55	95
	55	55	55	95	55	55	55	95
	99	99	99	59	55	55	55	95
	55	55	55	95	55	55	55	95
	55	55	55	95	55	55	55	95
	55	55	55	95	55	55	55	95
	55	55	55	95	55	55	55	95
	55	FF	F5	A5	55	FE	FF	A5
	55	FA	F5	A5	55	FA	F5	A5
	55	FE	F5	A5	55	F5	FA	A5
	55	F5	F5	A5	55	F5	F5	A5

Como se vê, são dezasseis filas, com dezasseis dígitos hex por fila. Às sequências de *bytes* começando por DD ou FD que não representem um *opcode* válido, como DD00, foi atribuído um número de *bytes* como se DD ou FD não estivessem lá.

O programa seguinte irá fazer uma «desassemblagem» produzindo, para cada instrução, uma sequência de *bytes* com o comprimento correcto. Parte-se do princípio de que a tabela LENS existe (e se encontra em 6800) e também que dispomos de uma sub-rotina chamada H\_PRINT para escrever o conteúdo do registo A em hexadecimal sem alterar nenhum dos outros registos. Esta é, na verdade, a sub-rotina utilizada anteriormente no livro, fazendo parte de H\_LIST em HEXLD 3. Chamaremos a este novo programa H\_LIST\_2 e esta versão começa a partir do endereço 6880.

AF	H_LIST_2	XOR A	
323C5C		LD (TVFLAG),A	Dirige a impressão p. a parte sup. do écran.
2AF8FF (or 2AF87F)		LD HL,(ADDRESS)	HL: = endr. a partir do qual se inicia a listagem.
3E0D	NEXT	LD A,"enter"	
D7		RST 10	Escreve a partir do início de nova linha.

CD7DFF (or CD7D7F)	CALL PR_HL	Escreve HL em hex.
0E00	LD C,00	C é utilizado como <i>flag</i> que nos indica se a instrução começa com DD ou FD ou não.
7E	LDA,(HL)	A: = início da próxima instrução.
FEDD	CP DD	
2804	JR Z,DDFD	
FEFD	CP FD	A instrução começa como DD ou FD?
2006	JR NZ,NORM	
	DDFD	\$
CDD0FF (or CDD07F)	CALL H_PRINT	Escreve «DD» ou «FD».
23	INC HL	Apona o próximo <i>byte</i> .
0C	INC C	Muda o <i>flag</i> C conforme necessário.
7E	LD A,(HL)	A: = próximo <i>byte</i> .
FEED	CP ED	
2011	JR NZ,SIMPLE	Byte começa por «ED»?
CDD0FF (or CDD07F)	CALL H_PRINT	Escreve o <i>byte</i> «ED».
23	INC HL	Apona p. o pr. <i>byte</i>
7E	LD A,(HL)	
E6C7	AND C7	Este <i>byte</i> é da forma 01***011?
FE43	CP 43	
0601	LD B,01	
201E	JR	
	NZ,NXT_BYT	
0603	LD B,03	
181A	JR NXT_BYT	
E5	PUSH HL	
CB3F	SRL A	Divide A por dois.
F5	PUSH AF	Empilha o <i>flag carry</i> .
C600	ADD A,LENS_low	
6F	LD L,A	
2668	LD H,LENS_high	HL aponta para o <i>byte</i> apropriado na tabela.
F1	POP AF	
7E	LD A,(HL)	A: = <i>byte</i> da tabela.
3804	JR C,NIBBLE	Usa o <i>flag carry</i> para decidir se vai utilizar o
1F	RRA	

1F		RRA	primeiro ou o segundo
1F		RRA	dígitos hex.
1F		RRA	
0D	NIBBLE	DEC C	Usa C o. decidir qual dos dois bytes usar.
2002		JR NZ,OK	
1F		RRA	
1F		RRA	
E803	OK	AND 03	Guarda este número em B p. usar como <i>count</i> .
47		LD B,A	Recupera o endereço do byte a ser «desassemblado».
E1		POP HL	
7E	NXT_BYT	LD A (HL)	
23		INC HL	
CDD0FF (or CDD07F)		CALL H_PRINT	Escreva pr. byte em hex.
10F9		DJNZ NXT_BYT	
10B1		JR NEXT	

Chegamos agora ao terceiro nível — e agora é verdadeiramente desassemblar. No entanto, não explicaremos o funcionamento pormenorizado de cada parte do programa; é conveniente cada qual descobri-lo por si próprio. No entanto, daremos a listagem do programa e o algoritmo pelo qual ele funciona.

## DESASSEMBLAR

Eis pois o algoritmo que permitirá desassemblar qualquer código máquina em *assembler*. Isto é — mudar, por exemplo, 69 para LD L,C ou FDCB2A76 para BIT 6, (IX-2A). Uma maneira de o fazer seria guardar na memória uma tabela muito grande, tal como as incluídas nos apêndices deste livro; mas, se esta solução é perfeitamente aceitável, falta-lhe, no entanto, a elegância de um programa de computador bem concebido. Só a informação da tabela iria ocupar cerca de 4 K! Este algoritmo possibilita-nos escrever o nosso programa em código máquina num espaço significativamente menor — inferior a um K e um quarto, na realidade.

Neste algoritmo empregamos as seguintes convenções:

r(0) significa "B", r(1) significa "C", r(2) significa "D", r(3) significa "E", r(4) significa "H", r(5) significa "L", r(6) significa "X" e r(7) significa "A".  
s(0) significa "BC", s(1) significa "DE", s(2) significa "Y" e s(3) significa "SP".  
q(0) significa "BC", q(1) significa "DE", q(2) significa "Y" e q(3) significa "AF".  
n(0) significa "0", n(1) significa "1", n(2) significa "2", n(3) significa "3", n(4) significa "4", n(5) significa "5", n(6) significa "6" e n(7) significa "7".  
c(0) significa "NZ", c(1) significa "Z", c(2) significa "NC", c(3) significa "C", c(4) significa "PO", c(5) significa "PE", c(6) significa "P" e c(7) significa "M".  
x(0) significa "ADD A,", x(1) significa "ADC A,", x(2) significa "SUB espaço", x(3) significa "SBC A,", x(4) significa "AND espaço", x(5) significa "XOR espaço", x(6) significa "OR espaço" e x(7) significa "CP espaço".

Definem-se duas variáveis chamadas CLASS e INDEX e fazem-se inicialmente iguais a zero.

Vamos escrever o *byte* que está a ser desassemblado em binário e dividi-lo em três partes: F, G e H. F consiste dos bits 7 e 6, G dos bits 5, 4 e 3 e H dos bits 2, 1 e 0. Por exemplo, para desassemblar o *byte* 69 (binário 01101001) teríamos de parti-lo, assim, em três partes: 01/101/001/. Neste caso F vale um, G vale cinco e H, um.

Em seguida dividimos G em duas partes, J e K, sendo J constituído pelos bits 2 e 1 e K apenas pelo bit 0. Se G for 101 binário como acima, dividimo-lo do seguinte modo: 10/1/. Neste caso J seria igual a dois e K igual a um.

Reservemos uma área de memória que chamaremos DIS (o princípio da RAM livre é um bom lugar), para conter uma *string* de comprimento desconhecido. Para isto só temos de fazer com que o primeiro *byte* de DIS conte o número de *bytes* da *string* e começar o texto da *string* a partir do segundo *byte* de DIS (só necessita de um *byte*, já que DIS nunca terá um comprimento superior a FF

caracteres). DIS deve ser, inicialmente, uma *string* vazia, isto é, sem conter qualquer texto.

O algoritmo começa a partir daqui:

- 1) Se o *byte* a desassemblar é CF então...  
seja CLASS igual a um, e  
se INDEX for igual a zero, prosseguimos a partir do próximo *byte*,  
se INDEX for não zero, interpretemos os próximos dois *bytes* em ordem inversa.
- 2) Se o *byte* é ED, façamos CLASS igual a dois e continuemos a partir do *byte* seguinte.
- 3) Se o *byte* é DD, façamos INDEX igual a um e continuemos a partir do próximo *byte*.
- 4) Se o *byte* é FD, façamos INDEX igual a dois e continuemos a partir do próximo *byte*.

Se CLASS for igual a zero aplicamos o seguinte:

Se o *byte* é 76, a instrução completamente desassemblada é HALT.

Se F é igual a zero,...

Se H é igual a zero,...

Se G é maior que 3 fazemos DIS igual a JR c(G-4), v.

Se G é menor que 4 escolhemos o item n.º (G+1) desta lista: NOP/EX AF, AI'/DJNZ v/JR v.

Se H é igual a um,...

Se K é zero, fazemos DIS igual a LD s(J),w.

Se K é um fazemos DIS igual a ADD y,s(J).

Se H é igual a dois, fazemos DIS igual a LD seguido do item n.º (G+1) desta lista:

(BC),A/A,(BC),(DE),A/A,(DE),(w),y/y,(w)/(w), A/A,(w).

Se H é igual a três,...

Se K é igual a zero, fazemos DIS igual a INC s(J).

Se K é igual a um, fazemos DIS igual a DEC s(J).

Se H é igual a quatro, fazemos DIS igual a INC r(G).

Se H é igual a cinco, fazemos DIS igual a DEC r(G).

Se H é igual a seis, fazemos DIS igual a LD r(G), v.

Se H é igual a sete, escolhemos o item n.º (G+1) desta lista: RLCA/RRCA/RLA/RRR/DAA/CPI/SCF/CCF.

Se F é igual a um, fazemos DIS igual a LD r(G),r(H).

Se F é igual a dois, fazemos DIS igual a x(G) seguido imediatamente de r(H).

Se F é igual a três,...

Se H é igual a zero, fazemos DIS igual a RET c(G).

Se H é igual a um,...

Se K é igual a zero, fazemos DIS igual a POP q(I).

Se K é igual a um, fazemos DIS igual ao item n.º (J+1) desta lista.

RET/EXX/JP (y)/LD SP,y.

Se H é igual a dois, fazemos DIS igual a JP c(G),w.

Se H é igual a três escolhemos o item n.º (G-1) desta lista: JP w/'OUT (v),A/IN A,(v)/EX (SP),y/EX DE,HL/DI/EI.

Se H é igual a quatro, fazemos DIS igual a CALL c(G), w.

Se H é igual a cinco,...

Se K é zero, fazemos DIS igual a PUSH q(J).

Se K é um, fazemos DIS igual a CALL w.

Se H é igual a seis fazemos DIS igual a x(G) seguido de v.

Se H é igual a sete, fazemos DIS igual a RST seguido do item n.º (G+1) desta lista.

02/08 v/10/18/20/28/30/38.

Porque no *Spectrum*, RST 08 utiliza o *byte* seguinte.

Se CLASS for igual a um, aplica-se o seguinte:

Se F é igual a zero, escolhemos o item n.º (G+1) desta lista: RLC/RRC/RR/SLA/SRA/r/SRI, e seguido de r(H).

Se F é igual a um, fazemos DIS igual a BIT r(G),r(H).

Se F é igual a dois, fazemos DIS igual a RES r(G),r(H).

Se F é igual a três, fazemos DIS igual a SET r(G),r(H).



Se CLASS for igual a dois, aplica-se o seguinte:

F nunca pode ser igual a zero.

Se P é igual a um...

Se H é igual a zero, fazemos DIS igual a  $IN\ r(G), (C)$ .

Se H é igual a um, fazemos DIS igual a  $OUT\ (C), r(G)$ .

Se H é igual a dois, ...

Se K é igual a zero, fazemos DIS igual a  $SBC\ HL, s(J)$ .

Se K é igual a um, fazemos DIS igual a  $ADC\ HL, s(J)$ .

Se H é igual a três,...

Se K é igual a zero, fazemos DIS igual a  $LD\ (w), s(J)$ .

Se K é igual a um, fazemos DIS igual a  $LD\ s(J), (w)$ .

Se H é igual a quatro, fazemos DIS igual a NEG.

Se H é igual a cinco,...

Se K é igual a zero, fazemos DIS igual a RETN

Se K é igual a um, fazemos DIS igual a RETI

Se H é igual a seis, escolhemos o item  $n.^o\ (G+1)$  desta lista:  
IM 0\*IM 1/IM 2.

Se H é igual a sete, escolhemos o item  $n.^o\ (G+1)$  desta lista:

LD I,A/LD R,A/LD A,I/LD A,R/RRD/RLD/\*/\*.

Se F é igual a dois escolhemos o item  $n.^o\ (H+1)$  desta lista.

LD/CP/IN/OT seguido do item  $n.^o\ (G-3)$  desta lista:

LD/IR/DK.

F não pode ser igual a três

Para achar o resultado final

Substituímos todos os x por:

(IIL) se INDEX for igual a zero.

(IX+v) se INDEX for igual a um.

(IY+v) se INDEX for igual a dois.

Substituímos todos os y por:

HI se INDEX for igual a zero.

IX se INDEX for igual a um.

IY se INDEX for igual a dois.

Substituímos todos os v pelo byte que vai ser desassembled, a seguir, em hex.

Substituímos todos os w pelos dois bytes que vão ser desassembled, a seguir em hex e em ordem inversa.

A string DIS contém agora a instrução correctamente desassembleda que vai ser escrita no écran.

Varemos mais adiante um programa em linguagem máquina que desassembla código empregando este algoritmo. Este programa ocupará menos de um K e um quarto da memória. Apesar de isto parecer surpreendente, devemos acrescentar que este programa, embora possível, é muito complicado e recorre a um número razoável de técnicas de programação completamente novas.

O programa é constituído por oito sub-rotinas diferentes, ligadas por uma sub-rotina MASTER que chama cada uma das outras na ordem necessária. Isto consegue-se da maneira a seguir descrita.

Em alguma parte do programa deve encontrar-se uma tabela chamada SUBRTS com oito endereços — os das oito sub-rotinas que executam o programa. O par de registos HL' (note bem: IIL') apontará uma sequência de dados que a sub-rotina principal MASTER interpreta como a ordem pela qual as outras sub-rotinas devem ser chamadas. Os dados desta sequência terminam por um item com o bit sete set. Os bits dois, um e zero indicam exactamente qual a sub-rotina a chamar. Assim, por exemplo, qualquer byte da forma binária \*\*\*\*\*110 irá chamar a sub-rotina seis e qualquer byte da forma binária de \*\*\*\*\*011 irá chamar a sub-rotina três. Um byte da forma binária 1\*\*\*\*\*011 não só irá chamar a sub-rotina três como informar também a sub-rotina MASTER de que esta é a última sub-rotina a chamar.

Assim, qualquer item de dados nesta sequência tem este aspecto: 0\*\*\*\*\*nnn, para todos menos o último item, que será 1\*\*\*\*\*nnn (a parte escrita como nnn significa o número apropriado — de zero a sete, como foi descrito). Algumas destas sub-rotinas exigirão, também, outros dados (que nunca precisarão ocupar mais de três bits). Se representarmos esta informação adicional em binário como «ddd», podemos poupar espaço, guardando-a entre alguns dos bits, até agora não utilizados, do byte de controle, de modo que ele fique com este aspecto: 0^dddnnn para todos os bytes excepto o último,

que será 1 \* dd dnnn. Ao bit seis, que ainda não foi utilizado, atribuímos um sentido à parte — se for um, isto significa que deve ser colocada uma vírgula no fim do DIS, depois de ter sido executada a sub-rotina corrente.

Atendendo à pouca clareza do raciocínio que nos guiou, e para o tornar mais claro, vamos supor que HL' indica um endereço no qual está guardada a sequência de bytes 04 44 25 85. Isto significa, antes do mais, que a sub-rotina quatro deve ser chamada com a informação adicional 000b, em seguida a sub-rotina cinco deve ser chamada de novo (também com a informação 000b), mas desta vez com a indicação de que, depois de executada, deve ser acrescentada uma vírgula ao fim de DIS, depois a sub-rotina cinco deve ser chamada mais uma vez, mas agora com 001b.

A sub-rotina MASTER que realiza tudo isto é a seguinte.

08	MASTER	EXX	
7E		LD A,(HL)	Lê o byte de dados e incrementa o contador.
23		INC HL	
C8		EXX	
5F		LD C,A	E: = este byte (ou bits 7 a 3 serão nulos, depois).
E807		AND 37	A: = n.º da sub-rotina a ser chamada.
17		RLA	Multiplica por dois.
4F		LD C,A	
0500		LD B,00	BC: = número da sub-rotina vezes dois.
217777		LD HL,RETURN	HL: = endr. de retorno das sub-rotinas «menores».
E5		PUSH HL	Empilha este endr.
217777		LD HL,SUBRTS	
09		ADD HL,BC	HL aponta p. o endr. da sub-rotina a chamar.
4E		LD C,(HL)	
23		INC HL	
4B		LD B,(HL)	BC = endr. a chamar.
C8		PUSH BC	
C9		RET	Clama esta sub-rotina.

Podemos aprender muita coisa se estudarmos esta sub-rotina MASTER. Como se chama a sub-rotina apropriada (escolhida de entre oito)? Primeiro, colocamos na pilha o endereço da etiqueta RETURN. Isto significa que se cada uma das sub-rotinas terminar com RET, o controle nessa altura irá saltar para a etiqueta RETURN. Estando o endereço de retorno na pilha, basta agora saltar para o endereço da rotina requerida. É o que faz a segunda parte de MASTER.

O endereço da rotina a chamar é colocado no topo da pilha, por cima do endereço da etiqueta RETURN. Executa-se então uma instrução RET. RET tem o efeito de retirar o endereço no topo da pilha, efectuando um salto para esse endereço. O valor agora no topo da pilha é o endereço da etiqueta RETURN, o que significa que, quando a sub-rotina terminar, com RET, o controle retornará correctamente. Tudo isto é necessário porque não existe a instrução CALL (BC), no BASIC do Spectrum, a instrução GO SUB variável é permitida, mas não em código máquina. Outra maneira de obtermos o mesmo resultado que com PUSH BC/RET é (este é mais rápido) LD H,B/LD L,C/JP (HL).

Todos os registos alternativos (excepto A') têm, neste programa, uma utilização específica. Eis as suas funções:

BC: guarda o endereço do próximo byte a ser desassembled.

D: guarda a variável INDEX.

E: guarda a variável CLASS.

HL: aponta para o byte com as informações sobre a próxima sub-rotina.

O byte a desassemblar é lido e guardado no registo D por meio da sequência EXX/LD A,(BC)/INC BC/EXX/LD D,A. A partir daqui, as quantidades às quais damos os nomes de F, G e H podem ser calculadas. Em alguma parte deste programa encontra-se uma tabela chamada DATADS contendo doze endereços diferentes que correspondem aos casos CLASS=0/F=0,1,2 ou 3, CLASS=1/F=0,1,2 ou 3 e CLASS=2/F=0,1,2 ou 3. O valor inicial de HL' é simplesmente lido a partir desta tabela.

HL' também pode ser alterado pelas próprias sub-rotinas. Por exemplo, a função da sub-rotina zero é redefinir HL' como igual ao endereço número (H+1) numa tabela de oito endereços. Não confundir este último H com o registo H.

Serão também necessárias várias outras sub-rotinas juntamente com as oito de controle. Uma dessas rotinas de grande importância é uma sub-rotina para acrescentar um só carácter ao fim da *string* DIS, estabelecendo a convenção de que a *string* começa no endereço (STKEND) (o início da RAM livre) e que o primeiro byte é o comprimento da *string*. Esta pode ser inicializada pela sequência LD HL,(STKEND);LD(HL),00. Para juntar um carácter (guardado no registo A) a sub-rotina requerida é:

F5	CHR	PUSH AF	Guarda os registos A, B,
C5		PUSH BC	C, H e L para não serem
E5		PUSH HL	corrompidos por esta
			sub-rotina.
E67F		AND 7F	Deixa de parte o bit sete.
2A655C		LD HL,(STKEND)	HL aponta a <i>string</i> DIS.
4E		LD C,HL	C = cm. anterior de DIS.
6C		INC C	C = novo cm. de DIS.
71		LD(HL),C	Guarda novo cm. de DIS.
0000		LD B,00	BC = cm. de DIS.
09		ADD HL,BC	HL aponta p. o novo ult.
			byte de DIS.
77		LD(HL),A	Guarda o car. em DIS.
E1		POP HL	Restaura todos os
C1		POP BC	registos.
F1		POP AF	
C9		RET	Fim da sub-rotina.

A figura 17.2 é um diagrama que mostra mais ou menos o que se passa. As oito sub-rotinas necessárias para esta programação de desassemblar são as que se seguem.

#### SUB-ROTINA ZERO - SPLIT

Esta é a sub-rotina chamada pelo *byte* 00. Se for alguma vez utilizada, será então o *byte* 00 o primeiro da sequência. A seguir ao *byte* 00 encontram-se oito novos endereços. Situação nestes endereços encontram-se oito diferentes sequências de dados. Entre estes endereços a sub-rotina selecciona o de ordem (H+1) e lê os dados subsequentes a partir da nova posição.

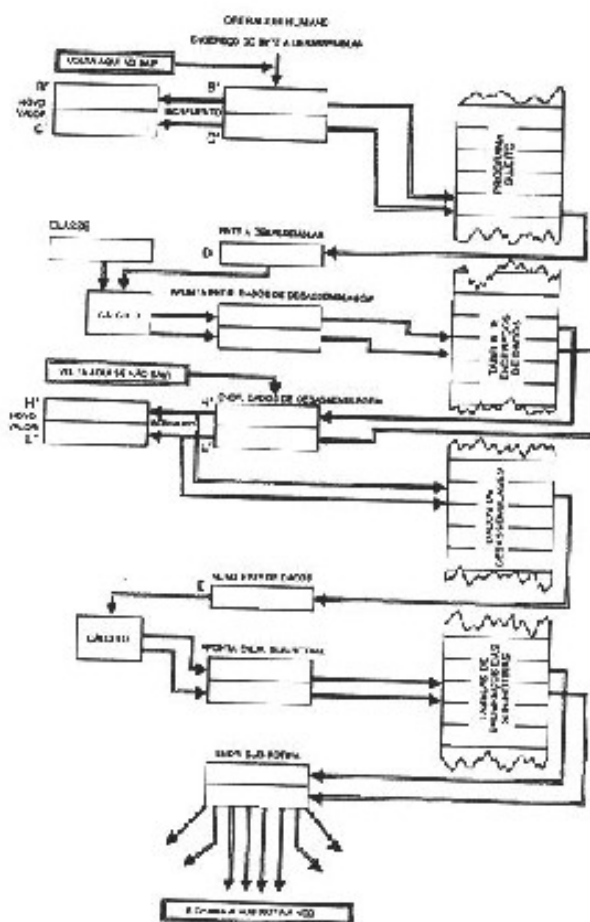


Figura 17.1

### SUB-ROTINA UM – LITERAL

O *byte* de controle é seguido de uma série de caracteres, tais como «N», «O» e «P» que representam parte ou toda a instrução desassemblada. O último carácter desta *string* deve obrigatoriamente ter o *bit* sete *set*. Esta sub-rotina deve detectar este *bit* e utilizá-lo como uma indicação de fim da *string*. A informação suplementar contida no *byte* de controle (isto é, os *bits* 5, 4 e 3) deve ser ou 000 ou 001. Se for 001, significa que a *string* dada deve ser seguida de um espaço. Talvez fosse preferível, em vez de um espaço, acrescentar o número necessário para que os operandos das várias instruções comecem todos na mesma coluna. Como os *opcodes* mais curtos têm duas letras e os mais longos, quatro, isto significa que o número de espaços a acrescentar seria um, dois ou três. (Ou estes números mais um número fixo de espaços.) O número exacto de espaços a acrescentar poderia ser determinado facilmente com base no comprimento de DIS (contido no seu primeiro *byte*): seria igual a cinco menos esse comprimento. A *string* que é especificada por este meio deve ser acrescentada ao fim de DIS.

### SUB-ROTINA DOIS – LIST-G

A sua função é seleccionar o item número (G+1) da lista seguinte. O dado suplementar para esta sub-rotina (*bits*, 5, 4 e 3) deve ser 011 se houver quatro itens na lista, ou 111 se houver oito itens na lista. Por exemplo, o *byte* de controle 3A (binário 0/0111/010) significa «chame a sub-rotina dois para seleccionar o item da ordem (G+1) da seguinte lista de oito». A lista pode, por exemplo, ser RLCA/RRCA/RLA/RRA/DAA/CPL/SCF/CCF. O último *byte* de cada palavra deve ter o *bit* sete *set* para que a sub-rotina saiba onde termina uma palavra e começa outra. Assim, no exemplo dado, se G fosse cinco, a palavra CPL seria acrescentada à *string* DIS. O próximo *byte* a interpretar pela sub-rotina MASTER deverá ser o primeiro *byte* a seguir ao «F» de «cc».

### SUB-ROTINA TRÊS – LIST-H

Semelhante à sub-rotina dois, mas utilizando H em vez de G.

### SUB-ROTINA QUATRO – SELECT-G

A sua função depende dos *bits* 5, 4 e 3 do *byte* de controle:

000 significa selezione r(G).  
001 significa selezione s(G).  
010 significa selezione q(G).  
011 significa selezione n(G).  
100 significa selezione c(G).  
101 não é utilizado.  
110 significa selezione x(G).  
111 não é utilizado.

O item seleccionado deve ser colocado no fim de DIS.

### SUB-ROTINA CINCO – SELECT-H

Como na rotina quatro mas utilizando H em vez de G.

### SUB-ROTINA SEIS – SKIP

Torna zero o *bit* cinco de E (o *byte* a desassemblar). Se o valor anterior do *bit* cinco era um, salte sobre n *bytes* de dados. O número «n» é o valor do *byte* imediatamente a seguir. Se o *bit* cinco era anteriormente zero, este *byte* imediatamente a seguir e que serve apenas para especificar n é ignorado e o *byte* que se lhe segue é interpretado como o próximo *byte* de controle.

### SUB-ROTINA SETE – KSKIP

Substituímos o *bit* três de E pelo *bit* quatro; substituímos o *bit* quatro pelo *bit* cinco e fazemos o *bit* cinco igual a zero. O efeito disto foi o mesmo que LET G=J. Então, se o valor anterior do *bit* três era um, saltamos sobre n *bytes*, tal como na sub-rotina seis. Esta sub-rotina pode ser interpretada como IF K=0 THEN.../IF K=1 THEN...

### O PROGRAMA COMO UM TODO

O programa completo para desassemblar consiste na inicialização das variáveis CLASS e INDEX, atribuir a BC' o valor do endereço

inicial a desassemblar (introduzido pelo operador humano), encontrar o endereço ILL' a partir das tabelas e entrar então na rotina MASTER. Ao sair desta, deve-se substituir todos os x e y e depois todos os v e w como foi estabelecido anteriormente neste capítulo. O resultado calculado pode agora ser escrito e o próximo byte a desassemblar será tratado exactamente do mesmo modo. O programa completo, incluindo todas as sub-rotinas necessárias e todos os dados, ocupa um pouco menos de um K e um quarto da memória.

Por muito bem que este processo tenha sido explicado, tentar interpretar o modo como ele funciona é um desafio. Este programa foi, desta vez, listado deliberadamente sem comentários, de modo a que quem quiser tirar todo o benefício da listagem terá de interpretá-la por si próprio.

Só para provar que o programa realmente funciona ele foi, na verdade, empregado para produzir uma listagem de si próprio. Pode-se ver, portanto, uma amostra do seu funcionamento. O BASIC que deve acompanhar o código máquina consiste apenas em fazer POKE no endereço (ADDRESS) — (7FF6) nesta listagem — do endereço a partir do qual se quer desassemblar e em seguida chamar o código máquina no endereço 69B5 (27961d).

Talvez seja até boa ideia acrescentar este programa permanentemente a HEXLD 3. De qualquer modo o trabalho está todo feito — e é necessário procurar compreendê-lo...

Boa sorte.

6A00 TYPES	Dados para as sub-rotinas quatro e cinco.
69B5 SUBRTS	Endereços das oito sub-rotinas de controle.
6864 DATADS	Endereços das sequências de dados.
687C REPLACL	Sub-rotina para substituir x, y, v e w se nec.
69B4 CHR	Sub-rotina para acrescentar um carácter à string DIS
6A07 HP_BC	Escreve BC em hex.
68CC HP_A	Escreve A em hex.
68D6 HP_AL	Escreve o segundo dígito de A em hex.
68DF PRINT_A	Escreve um carácter ASCII no ecrã.
68E9 INS	Insere novo byte do programa sujeito em DIS.
6903 RETURN	Endr. de retorno das sub-rotinas de controle

6911 DECODE	Descodifica DIS e escreve o resultado final.
69B5 START	Chama a partir deste endereço.
69BF RESTART	Recomeça p. desassemblar a pr. instrução.
69C9 MAIN	Rutina principal.
6A33 MASTER	Seleciona e chama a rotina de controle.
6A4B SPLIT	Sub-rotina Zero.
6A5C LITERAL	Sub-rotina Um.
6A8E FIND	Seleciona item n.º (A+1) da seguinte lista.
6A72 SELECT	Seleciona item n.º (A+1) de qualquer lista.
6A7E LIST-G	Sub-rotina Dois.
6A84 LIST-H	Sub-rotina Três.
6AA1 SELECT-G	Sub-rotina Quatro.
6AA7 SELECT-H	Sub-rotina Cinco.
6ABE KSKIP	Sub-rotina Seis.
6ACE SKIP	Sub-rotina Seis.
6AE2 DATA	Tes. dados req. p. as sub-rotinas de controle.

Os seguintes endereços contêm dados em vez de código máquina:

6800-687D  
6925-6929  
6932-6938  
693E-6944  
6950-6952  
695B-695D  
6963-6965  
6975-6977  
6997-699B  
69F1-69F4  
69E2-6CE6

6A77 POP BX  
6A78 LD DX, 0  
6A79 AND A  
6A80 SBC HL, DE  
6A81 LD A, (DE)  
6A82 SUI  
6A83 INC A  
6A84 PUSH AF













## Aritmética em vírgula flutuante

A aritmética na ROM do *Spectrum* divide-se em duas categorias: inteira e em vírgula flutuante. Ambas têm um ponto em comum — os números nas duas categorias são representados em cinco *bytes*.

A representação em cinco *bytes* dos inteiros é muito fácil de compreender.

Eis uma lista das representações de cinco *bytes* dos inteiros de zero a quatro; facilmente se descobrirá um padrão:

Decimal	Forma de cinco bytes				
0	00	00	00	00	00
1	00	00	01	00	00
2	00	00	02	00	00
3	00	00	03	00	00
4	00	00	04	00	00

E os negativos?

Decimal	Forma de cinco bytes				
-1	00	FF	FF	FF	00
-2	00	FF	FE	FF	00
-3	00	FF	FD	FF	00
-4	00	FF	FC	FF	00

Esperemos que se tenha compreendido como as coisas se passam. Vamos experimentar agora com números maiores.

Decimal	Forma de cinco bytes				
1000	00	00	E8	03	00 (Note que 1000d = 03E8h).
-1000	00	FF	18	FC	00 (Note que -1000d = FC18h).

Por outras palavras, a regra é a seguinte: se o número for positivo, entre 0 e 65535d, representado em hexadecimal por *mmnn*, a sua representação em cinco *bytes* será 00 00 *nn mm* 00. Se

o número for negativo, entre -1 e -65535d, adiciona-se-lhe 65536d e, sendo o resultado mínimo, em hex, a representação em cinco bytes será: 00 FF 00 00 00.

Os números não inteiros, por outro lado, são um problema totalmente diferente. Números como 0.5 ou PI como guardá-los em memória? Pensamos que a compreensão do modo pelo qual a representação de cinco bytes é construída irá ajudar na compreensão da parte que se segue. Vamos ver como se transformam números decimais em "números Sinclair".

Primeiro, é necessário considerar o tamanho de um desses números. O maior que pode ser guardado na forma de cinco bytes é 1.7014118E38. Isto é:

170,141,180,000,000,000,000,000,000,000,000,000,000,000.

O menor número é, claro está, menos essa quantidade. Nenhum número além desse limite pode ser trabalhado pelo Spectrum.

Agora que já nos asseguramos de que o número que desejamos converter está dentro desses limites, devemos seguir uma sequência de passos. Vamos dar a este número um nome — X.

O primeiro passo é ignorar o sinal do número (isto é, LET X1=ABS X) e calcular então a quantidade chamada EXPOENTE, pela seguinte fórmula:

LET EXPOENTE=1+INT (LOG X1/LOG 2).

O primeiro byte da representação de cinco bytes é 80h mais este expoente. Demonstrá-lo-emos com alguns exemplos:

Número	Valor absoluto	Expoente	Forma de cinco bytes
X	X1=ABS X	1+INT(LOG X1/LOG 2)	
0.375	0.375	1	7F
PI	3.1415927	2	82
-1.5E20	1.5E20	68	C4

O segundo passo é computar uma quantidade chamada MANTISSA, por meio da seguinte fórmula:

LET MANTISSA=X1/2 ↑EXPOENTE

Número	Expoente	Mantissa
0.375	-1	0.75
PI	2	0.7853982
-1.5E20	68	0.5082198

Escondidos nalguma parte desta mantissa estão os últimos quatro bytes da representação Sinclair e portanto, precisamos de os extrair daí de qualquer modo. A melhor maneira de compreender isto é imaginar uma rotina BASIC que faça o seguinte:

LET A=MANTISSA

FOR I=1 TO 4

LET A=256\*A

O próximo byte da forma de cinco bytes é INT A sacado em hex.

LET A=A-INT A

NEXT I

As variáveis A e I que aparecem no programa anterior não chegam a ter existência real — são variáveis mudas, destinadas apenas a ilustrar o que se passa. No entanto o valor final de A será utilizado em breve, de maneira que é melhor não o esquecer ainda. Vejamos como este processo afecta os nossos exemplos:

Número	Forma de cinco bytes	+A final
0.375	7F C0 00 00 00	0
PI	82 C0 0F DA A7	0.8314368
-1.5E20	C4 82 1A B0 D1	0.2842112

O próximo passo é chamado "arredondamento" e a sua acção é a seguinte: se o valor final de A for maior ou igual a zero ponto cinco, então deve incrementar, como um todo, os últimos quatro bytes da representação de cinco bytes (por exemplo 00 00 00 29 incrementa para 00 00 00 2A, 23 29 FF FF incrementa para 23 2A 00 00 e assim por diante). Há no entanto um ponto com o qual se deve ter cuidado. Se os quatro bytes conseguem como FF FF FF FF, não devem ser "incrementados" para 00 00 00 00 — em vez disso estes bytes devem transformar-se, na realidade, em 80 00 00 00, sendo incrementado o primeiro byte da representação de cinco bytes. Os nossos exemplos ficam arredondados como se segue:

Número	Forma de cinco bytes
0.375	7F C0 00 00 00
PI	82 C0 0F DA A2
-1.5E20	C4 82 1A B0 D4



O último passo é reintroduzir o sinal do número X inicial. A regra é muito simples: se X é positivo, subtraímos 80h ao segundo *byte* e se X é negativo, não fazemos nada.

Número	Forma de cinco bytes
0.375	7F 40 00 00 00
PI	82 49 0F DA A2
-1.5E20	C4 82 1A 80 D4

O processo está agora completo. Esta é a forma final da representação de cinco *bytes*. Por razões óbvias, o maior expoente que podemos ter é FF e, assim, o maior número que pode ser guardado é FF 7F FF FF FF. Isto é, como já foi dito, 1.7014118E38. O E na notação significa "com o ponto decimal deslocado (neste caso) 38d posições para a direita". Os números guardados segundo esta representação só são precisos até ao nono algarismo decimal.

Há também uma restrição quanto ao menor número positivo que podemos representar, porque se o primeiro *byte* da forma de cinco *bytes* for 00, isto significa que o número é um inteiro (isto é, da forma 00 ss mm 00).

Assim, o expoente mais pequeno que podemos ter é 01 e o menor número positivo é 01 00 00 00 00 ou, em decimal, 2.9387350E-39 (zero não é um número positivo). Para nós, isto é 0.000, 000, 000, 000, 000, 000, 000, 000, 000, 000, 000, 002, 938, 735, 9 — que, podemos dizer, é verdadeiramente microscópico.

Pode-se verificar tudo isto com o seguinte programa BASIC:

```
10 LET A=0
20 LET B=PEEK 23627+256*PEEK 23628
30 FOR I=1 TO 5
40 INPUT AS
50 PRINT AS;" "
60 POKE B+I, 16*FN K(A$;1))+FN K(A$;2)
70 NEXT I
80 PRINT ,A
90 GO TO 30
100 DEF FN K(X$;)=CODE X$-48-(7 AND X$>'9')-(32 AND X$>'F')
```

O programa define uma variável A (a primeira na zona das variáveis) e em seguida substitui o seu valor prévio fazendo POKEs na área das variáveis, um *byte* de cada vez. Se corrermos e introduzirmos "7F"/"40"/"00"/"00"/"00" deve-se obter o número 0.375 como resultado. Do mesmo modo, se introduzirmos "00"/"00"/"00"/"00"/"00" ver-se-á escrito o número três. E assim por diante.

Um pormenor interessante é que, se introduzirmos "00" como primeiro *byte* e qualquer número ímpar, que não FF, como segundo *byte*, obteremos resultados inesperados — por exemplo, "00"/"01"/"01"/"00"/"00" vai resultar, na realidade, em 1023. Uma outra curiosidade é que introduzir "02"/"D9"/"C7"/"DC"/"EC" dá o mesmo resultado que "00"/"FF"/"00"/"00"/"00" (em teoria isto representa menos zero). Não vale a pena entrar em pânico! Isto na verdade não acontece devido a um erro na ROM; aconteceu porque introduzimos uma série de *bytes* sem sentido, que nunca podem surgir de outra maneira. A ROM, na maior parte do tempo, comporta-se com melhor senso que os humanos (apesar de INT -65536 deixar muito a desejar). Deve notar-se que a representação de cinco *bytes* para números decimais permite também representar números inteiros. A representação alternativa para inteiros "curtos", isto é, entre -65535 e +65535, existe apenas para tornar mais rápidas as operações aritméticas com estes inteiros. (O ZX 81, por exemplo, não possui esta representação de inteiros "curtos", empregando sempre a mesma forma de cinco *bytes* para todos os números.) Desde que um inteiro esteja fora desses limites, é utilizada a forma geral para representá-lo. O problema que surge frequentemente com o número -65536 deve-se a um erro na concepção da ROM.

Estando fora dos limites para inteiros "curtos", deveria este número ser representado sempre na forma geral, como 91 80 00 00 00; no entanto, algumas vezes a ROM tenta utilizar a forma 00 FF 00 00 00 para o representar, o que, não sendo permitido, conduz a resultados errados.

## COMO UTILIZAR OS NÚMEROS DE VÍRGULA FLUTUANTE APROPRIADAMENTE

Um número que exige cinco *bytes* de memória para o guardar, não pode, é claro, ser guardado num registo ou mesmo num par de registos. Podemos, se assim o desejarmos, guardar um tal número em vírgula flutuante num registo *quintuplo* (como AEDCB, por exemplo) mas se quisermos realizar alguma aritmética, teremos certamente necessidade de guardar mais que um número de cada vez. Assim, a questão é a seguinte: se não podemos guardar estes números em registos, então onde é que os podemos guardar? Resposta, há uma área da RAM reservada para este fim — a pilha do computador.

A pilha do computador é uma pilha como aquela com a qual já nos familiarizámos ao longo do livro. Existem apenas uma ou duas diferenças: 1.º ela está guardada numa zona diferente da memória (veja o diagrama da página 165 do manual de *Spectrum*); 2.º a pilha do computador «cresce» para cima e não para baixo e assim, o endereço do topo da pilha é mais alto do que o do item imediatamente a seguir; 3.º cada item da pilha do computador ocupa cinco *bytes* e não dois; 4.º ela pode guardar tanto números como cadeias; e 5.º CALL e RET não a alteram de modo algum.

Existem três sub-rotinas diferentes da ROM que são utilizadas para guardar um número na pilha do computador. A primeira é STACK\_A, que toma o inteiro guardado no registo A, converte-o na representação de cinco *bytes*, após o que guarda esses cinco *bytes* no topo da pilha do computador. A segunda rotina, muito semelhante, é chamada STACK\_BC; partindo do inteiro contido no par de registos BC, converte-o na forma de cinco *bytes* e então «empilha» estes cinco *bytes*. A terceira é bastante mais poderosa, já que nos dá total poder sobre os números em vírgula flutuante. Chama-se STACK\_AEDCB e a sua função é «empilhar» o conteúdo do «registo quintuplo» AEDCB na pilha do computador. Esta última sub-rotina não efectua nenhuma conversão porque parte do princípio que o número já está na forma de cinco *bytes*, com o primeiro *byte* encontrando-se em A, o segundo em B e assim por diante. Os endereços são 2D28 (STACK\_A), 2D2B (STACK\_BC) e 2AB6 (STACK\_AEDCB). Em hex:

CD2B2D  
CD2B2D

CALL STACK\_A  
CALL STACK\_BC

CDB02A

CALL STACK\_AEDCB

Incidentalmente, as duas primeiras instruções na rotina STACK\_A são LD C,A e LD B,00. Imediatamente a seguir começa a rotina STACK\_BC. Esta, por sua vez, carrega A e B ambos com zero, muda BC para D e C (a parte baixa em primeiro lugar), carrega B com zero e salta para STACK\_AEDCB. Brilhante. Inversamente, existem sub-rotinas que retiram números da pilha do computador. São elas FP\_TO\_A, FP\_TO\_BC e FP\_TO\_AEDCB. Estas sub-rotinas são bastante gerais e nunca interrompem o programa com uma mensagem de erro, mesmo se o número no topo da pilha for excessivamente grande para caber no registo designado. Eis então uma descrição do que acontece quando são chamados FP\_TO\_A ou FP\_TO\_BC. Suponhamos que o número no topo da pilha é chamado Y. Esse número é então retirado da pilha, independentemente do facto de caber ou não no registo de destino. Se couber sem problemas, o *flag zero* será *set* e o *flag carry* será *reset*. Se houver qualquer problema, os *flags* dirão qual...

Se o *flag carry* é um, isto significa que o valor absoluto do número (ABS Y) era demasiado grande para caber no registo. Por exemplo, se FP\_TO\_A fosse usado e o número no topo da pilha fosse 1000d, como este número não pode ser guardado no registo A só por si, isto levaria o *flag carry* a ser um.

Se o *flag zero* está *reset*, isto significa que o número era negativo, no entanto (e não ser que o *flag carry* seja um), o valor absoluto do número (isto é, ABS Y) será guardado no registo designado.

A sub-rotina FP\_TO\_AEDCB, é claro, nunca irá causar qualquer tipo de problemas, uma vez que qualquer número de cinco *bytes* cabe sempre em cinco registos.

Os endereços são 2DD5 (FP\_TO\_A), 2DA2 (FP\_TO\_BC) e 2BF1 (FP\_TO\_AEDCB). Em hex:

CDD52D  
CDA22D  
CDF12B

CALL FP\_TO\_A  
CALL FP\_TO\_BC  
CALL FP\_TO\_AEDCB

A aritmética com números de cinco *bytes* é muito simples. Os endereços das rotinas são:

3014	ADD	Soma.
300F	SUB	Subtração.
30CA	MULT	Multiplicação.
31AF	DIV	Divisão.

Eles funcionam assim. O número de cinco bytes guardado no endereço especificado por HL (isto é, o número cujos cinco bytes são guardados na RAM nos endereços (HL), (HL+1), (HL+2), (HL+3) e (HL+4)) é somado a, multiplicado por, dividido por, ou tem um outro número a subtrair dele. O segundo número é guardado na RAM no endereço apontado por DE. O resultado do cálculo é guardado no endereço especificado por HL.

Para multiplicar os dois números no topo da pilha do computador, poderia utilizar o seguinte método:

2A655C	LD HL,(STKEND)
11FBFF	LD DE,FFFB
19	ADD HL,DE
E5	PUSH HL
22655C	LD (STKEND),HL
19	ADD HL,DE
D1	POP DE
CDCA30	CALL MULT

Portanto, HL é carregado com o conteúdo da variável de sistema STKEND, que dá o endereço do primeiro byte a seguir ao fim da pilha do computador. DE é carregado com menos cinco e somado a HL, pelo que HL é diminuído em cinco. Este novo valor é carregado de novo em STKEND porque partimos com dois números na pilha e queremos acabar com apenas um. Este é o endereço de um dos números a ser multiplicado. Se se seguir a listagem cuidadosamente ver-se-á que DE acaba por ser carregado com este valor. HL é diminuído de cinco uma vez mais para apontar o início de outro número a ser multiplicado.

Para verificar que isto realmente funciona, crie este programar:

3E06	START	LDA,06
CD282D		CALL STACK_A
3E07		LDA,07
CD282D		CALL STACK_A
2A655C		LD HL,(STKEND)

11FBFF	LD DE,FFFB
19	ADD HL,DE
E5	PUSH HL
22655C	LD (STKEND),HL
19	ADD HL,DE
D1	POP DE
CDCA30	CALL MULT
CD222D	CALL FP_TO_BC
C9	RET

Vamos fazê-lo correr, fazendo PRINT USR START. O que é que se obtém?

Mas certamente que existem maneiras mais fáceis de multiplicar seis por sete. Apesar de tudo, o programa acima apresentado parece muito complicado e muito difícil de recordar. É a partir daqui que vamos começar a tirar todo o partido da ROM. O seguinte programa faz exactamente o mesmo e já vamos ver porquê:

3E06	LDA,06
CD282D	CALL STACK_A
3E07	LDA,07
CD282D	CALL STACK_A
EF	RST 28
04	DEFB 04
38	DEFB 38
CD222D	CALL FP_TO_BC
C9	RET

No *Spectrum*, RST 28 serve para executar aritmética de cinco bytes. Os bytes que se seguem a RST 28 indicam precisamente quais os cálculos que deve fazer. O byte 04 significa «multiplicar os dois números no topo da pilha» — toda a movimentação da pilha do computador é feita automaticamente. O byte 38 é utilizado a seguir à instrução RST 28 para indicar que não há mais cálculos a efectuar a seguir e o próximo byte será uma instrução em código máquina.

Os códigos utilizados por RST 28 são: adição=0F, subtração=03, multiplicação=04 e divisão=05. Estas operações actuam sobre os dois números no topo da pilha. Não devemos esquecer que será preciso um byte 38, também, para terminar a sequência de dados.

RST 28 permite-nos fazer muitas coisas, muito mais que aritmética simples. Todas as funções unárias do *Spectrum* ficam à nossa disposição. O código para qualquer função particular é simplesmente o código de carácter dessa função menos 93. Por exemplo, o código de carácter de SIN é B2, que menos 93 é 1F. Isto significa que podemos encontrar o seno de qualquer número no topo da pilha do calculador utilizando a sequência:

```
EF      RST 28
1F      DEFB 1F (sin)
38      DEFB 38 (end-calc).
```

Para multiplicar dois números (no topo da pilha do calculador) e achar a raiz quadrada do resultado podemos empregar a sequência:

```
EF      RST 28
04      DEFB 04 (mult)
28      DEFB 28 (sqr)
38      DEFB 38 (exit).
```

Para que se veja bem o resultado, vamos correr este programa, que multiplica cinco por vinte e então achamos a raiz quadrada do resultado:

```
3E05    LD A,05
CD282D  CALL STACK_A
3E14    LD A,14
CD282D  CALL STACK_A
EF      RST 28
04      DEFB 04 (mult)
28      DEFB 28 (sqr)
38      DEFB 38 (end-calc)
CDA22D  CALL FP_TO_BC
C9      RET
```

Repare-se que é a primeira vez que utilizamos mais que um código de operação a seguir a RST 28. De facto, podemos utilizar tantos quantos quisermos, desde que se acabe a lista com 38.

Para pouparmos o trabalho de calcular todos os códigos, o Apêndice Seis contém uma lista de códigos RST 28 disponíveis.

Poderá utilizar-se, imediatamente a maioria destes sem ser precisa nenhuma explicação adicional. Algumas das funções que figuram nesta lista são surpreendentes. Por exemplo, temos duas funções — uma chamada «usr-st» e outra «usr-n». «usr-st» é a função USR (*string*) em BASIC que dá o endereço da zona de RAM onde se encontra a matriz de pontos para um qualquer carácter gráfico — para uso do utilizador. «usr-n» é a função USR (número) e isto pode parecer muito estranho. O que acontece quando a ROM encontra o *byte* 2D (usr-n) entre os *bytes* de dados de RST 28, é que o número no topo da pilha do calculador é carregado em BC. Então, a sub-rotina em código máquina a partir do endereço BC é chamada. Ao retornar desta sub-rotina, o valor corrente de BC é «empilhado» no topo da pilha do calculador (em forma de cinco *bytes*, é claro) e, seguidamente, o próximo *byte* na sequência de dados de RST 28 (isto é, a seguir a 2D) é interpretada.

PEEK (*byte* 2B) funciona da mesma maneira, retirando um endereço da pilha do calculador, achando o conteúdo desse endereço e, finalmente, "empilhando" esse valor no topo da pilha do calculador.

Todas as funções, quando empregues deste modo, provocam a remoção do número da momento no topo da pilha do calculador e a sua substituição por um novo. Por exemplo, se o número no topo da pilha é 3.5, se a função INT for chamada, o número 3.5 será removido e substituído pelo número três.

As funções da *string* CODE, VAL e LEN e também VAL\$, STR\$ e CHR\$ precisam de alguma explicação. Repare-se que, além de guardar números, a pilha do calculador também pode guardar *strings* e assim, se começar com o número 2000d no topo da pilha e chamar STR\$ (empregando o código 2E após RST 28), o item no topo da pilha da calculadora será agora a *string* '000'. Podemos demonstrar isto como se vê abaixo. Note-se que a pilha do calculador na verdade não guarda *strings* mas, sim, parâmetros — o endereço do início da *string* e o seu comprimento. Esta informação é guardada em cinco *bytes*, sendo o primeiro sem significado, o segundo e terceiro o endereço do início e o quarto e o quinto, o comprimento da *string*.

```
01D007    LD BC,2000d
CD2B2D    CALL STACK_BC
```

EF	RST 28
2E	DEFB 2E (str\$)
1C	DEFB 1C (code)
38	DEFB 38 (exit)
CDA22D	CALL FP_TO_BC
C9	RET

Isto deve dar o resultado de CODE STR\$ 2000. Mas será que o dá?

## EMPREGO DA MEMÓRIA DO CALCULADOR

Se passarmos uma vista de olhos pelo manual, veremos que uma das variáveis de sistema, MEMBOT, tem trinta bytes de comprimento. Esta é a zona de memória do calculador. Um cálculo rápido, com uma divisão por cinco, mostra que isto é o espaço suficiente para guardar seis números diferentes de cinco bytes. As seis zonas diferentes da memória podem ser, cada uma delas, utilizadas por RST 28 para guardar ou recuperar tanto os números quanto as strings do topo da pilha do calculador. Existem doze códigos diferentes para realizarmos isto, que são:

C0	guarda na memória zero
C1	guarda na memória um
C2	guarda na memória dois
C3	guarda na memória três
C4	guarda na memória quatro
C5	guarda na memória cinco
E0	chama da memória zero
E1	chama da memória um
E2	chama da memória dois
E3	chama da memória três
E4	chama da memória quatro
E5	chama da memória cinco

O efeito de guardar um número é copiá-lo do topo da pilha do calculador (sem o retirar daí) e o efeito de chamar um número é aumentar a pilha de um item, "empilhando" o conteúdo da memória especificada. (Isto sem destruir o número que anteriormente se encontrava no topo.)

Eis, no entanto, alguns avisos a respeito do uso destas memórias. Primeiro, algumas funções, como SIN, COS e STR\$ (só para mencionar algumas), apagam o conteúdo anterior das memórias zero, um e dois, de modo que, para estar realmente seguro, é bom utilizar apenas as memórias três, quatro e cinco.

Há ainda uma outra complicação — sempre que se utilizar RST 10 para escrever os caracteres gráficos obtidos a partir das teclas numéricas (isto é, os caracteres com os códigos de 80 a 8F) as memórias zero e um serão apagadas. Tendo isto em conta, vamos ver o que podemos fazer daqui para a frente.

Suponhamos que queremos calcular  $\text{SIN } X + \text{COS } X$ . Podemos utilizar a seguinte técnica. Partimos do princípio que X está no topo da pilha.

EF	RST 28
C5	DEFB C5 (store 5)
1F	DEFB 1F (sin)
E5	DEFB E5 (recall 5)
20	DEFB 20 (cos)
8F	DEFB 8F (add)
38	DEFB 38 (end_calc)

Note-se que X não precisa de ser chamado imediatamente depois de ter sido guardado, porque o acto de o guardarmos não o retira da pilha. Guardar um número na memória deixa o comprimento da pilha do calculador sem alteração.

Por outro lado, chamar um número da memória aumenta, na realidade, o comprimento da pilha do calculador por lhe acrescentar mais um item. A rotina acima dada funciona começando por guardar X na memória cinco, alterando X para SIN X, tomando a chamar X ao topo da pilha e mudando este X para COS X. Nesta altura encontram-se dois números na pilha: SIN X e COS X. A rotina ADD, chamada a seguir, substitui ambos por um só resultado, aquele que pretendemos,  $\text{SIN } X + \text{COS } X$ .

Realizámos agora um cálculo bastante complexo envolvendo funções trigonométricas, em apenas sete bytes!

Há ainda uma ou duas coisas que podemos fazer com RST 28. Podemos usar as funções lógicas AND e OR (isto é, as funções de BASIC AND e OR). Podemos treçar os dois itens do topo, apagar

o item de topo ou duplicá-lo e assim por diante. Que outras coisas interessantes conseguiremos fazer?

## NÚMEROS ALEATÓRIOS

A seguinte rotina irá colocar um número aleatório decimal entre zero e um (obrigatoriamente menor que um, mas podendo ser igual a zero) no topo da pilha do calculador. Tente-se compreender como ela funciona:

3EA5	LD A,"RND"
CD282D	CALL STACK_A
061D	LD B,1D
EF	RST 28
2F	DEFB 2F (chr3)
1D	DEFB 1D (val)
38	DEFB 38 (end_calc)

E para terminar, a seguinte rotina irá deixar no par de registos BC um inteiro aleatório entre um e o valor inicial de BC.

CD2B2D	CALL STACK_BC
3EA5	LD A,"RND"
CD282D	CALL STACK_A
061D	LD B,1D
EF	RST 28
2F	DEFB 2F (chr3)
1D	DEFB 1D (val)
04	DEFB 04 (mult)
27	DEFB 27 (int)
38	DEFB 38 (end_calc)
CDA22D	CALL FP TO BC
03	INC BC

A seguinte sequência eleva um número à potência de um outro. Depois da RTS 28: 01 25 04 26 31. (Note que o byte 06 realiza só por si aproximadamente os mesmos resultados.)

Podemos fazer muito mais matemática com RST 28 do que com uma só expressão BASIC — calcular séries de Taylor para começar. No entanto, deixaremos tudo isso para outra ocasião.

A continuar...

### CAPÍTULO 8

<sup>1</sup> O processador Z80 admite dois tipos de interrupções: as normais (*maskable interrupts*), que podem ser ignoradas pelo processador, ou atendidas, conforme indicação nesse sentido contida no programa, e as interrupções NMI (*non maskable interrupts*), que são sempre atendidas.

Após receber uma interrupção normal, o processador verifica o estado do flag IFF1. Se for zero, o pedido de interrupção é ignorado, prosseguindo a execução normal do programa; se for um, a interrupção é atendida, sendo efectuado um CALL a uma rotina apropriada, guardando-se na pilha o endereço de retorno (o da instrução que ia ser executada ao ser atendida a interrupção). Note-se no entanto que as instruções «automáticas» (LDIR, LDDR, CPIR, CPDR, INIR, INDR, OTIR e OTDR) podem ser interrompidas. A repetição «automática» consegue-se, nestas instruções, impedindo que o *program counter* seja incrementado, antes do fim da instrução. Ao ser recebida uma interrupção (normal ou NMI) o *program counter* é guardado na pilha e a execução é transferida para a rotina de interrupção conveniente. O retorno dessa rotina faz-se portanto para o endereço da instrução «automática» que estava a ser executada. Desde que a rotina de interrupção salvaguarde os registos utilizados na instrução «automática», a execução desta prossegue sem perturbações. É isto que permite ao Spectrum copiar longos blocos de memória sem perturbação das interrupções que ocorrem cinquenta vezes por segundo. Para impedir a interferência de outras interrupções, o flag IFF1 torna-se zero, até que seja executada uma instrução EI.

Normalmente, uma rotina de interrupção começa por salvar guardar todos os registos a serem utilizados (normalmente na pilha). De forma que, antes do retorno, possa ser estabelecido o estado do processador que existia no altura do atendimento da interrupção.

Se a rotina exige a atenção exclusiva do processador, a instrução EI será colocada imediatamente antes do retorno; se não, é possível fazer EI imediatamente após a salvaguarda dos registos, o que permite o atendimento de outras interrupções de dentro de uma rotina de interrupção.

<sup>2</sup> O processador Z80 pode operar num de três modos de interrupção: modo 0, modo 1 e modo 2.

Modo 0: é aquele em que o processador entra automaticamente, no ser-lhe aplicada a alimentação ou após um sinal RESET. Neste modo, o processador espera receber do exterior o código da próxima instrução a efectuar, em vez de o ler na memória. Esta instrução, cuja execução é intercalada com as instruções do programa, é normalmente um RST, por ser uma instrução de um byte, com a possibilidade de desviar a execução para qualquer um de oito endereços possíveis (00, 08, 10, 18, 20, 28, 30 e 38), guardando um endereço de retorno na pilha. (Este é o modo de interrupção do processador 8080 e existe no Z80 para permitir a compatibilidade entre os dois processadores.)

Modo 1: neste modo é intercalada automaticamente a instrução RST 38; é o modo em que o Spectrum normalmente trabalha. Neste modo, o menos poderoso, destina-se a simplificar o *hardware* dos sistemas pouco complexos, nos quais basta a resposta a um tipo de interrupção e eterna.



Modo 2: esse é o modo mais poderoso. Neste caso, é necessário existir na memória uma tabela de endereços das várias rotinas de interrupção, são possíveis até 128 rotinas. A parte alta do endereço inicial dessa tabela deve ser carregada no registro I (*interrupt vector register*). Ao atender a interrupção, o processador espera receber do exterior um *byte* — a parte baixa de um endereço — que, reunido ao valor do registro I, produz o endereço de uma posição na tabela de interrupção. Nesse endereço, deve estar guardado o endereço da rotina de interrupção requerida, para onde a execução é transferida, após salvaguarda na pilha do endereço de retorno — o da instrução seguinte à que estava a ser executada, ao ser recebida a interrupção.

A escolha de um destes modos de interrupção, dependente do *hardware*, é determinada pelas instruções IM 0, o que selecciona o modo 0 (que é o modo por defeito), IM 1, seleccionando o modo 1, e IM 2, que selecciona o modo 2.

Devido a particularidades de *hardware*, o *Spectrum* opera também no modo 0, sem qualquer cuidado especial (e também sem utilidade), e no modo 2, desde que se proceda da seguinte forma:

1.º carregar numa zona livre da memória a nova rotina de interrupção, tendo o cuidado de incluir na rotina a salvaguarda de todos os registos utilizados e antecedendo o retorno por EI;

2.º achar dois *bytes* livres na memória, de endereços  $256 \cdot n + 255$  e  $256 \cdot (n+1)$  (em que  $n$  é um inteiro  $< 255$ ) e guardar nessas posições o endereço da rotina referida em 1.º (primeira parte baixa, e seguir a alta, como é costume);

3.º carregar o registo I com o número  $n$  por meio de LD A,n/LD I,A;

4.º passar ao modo 2 através de IM 2. O interesse de operar no modo 2, no *Spectrum*, é o de permitir sincronizar certas acções com o relógio interno, que gera cinquenta interrupções por segundo.

\* O registo R (*refresh register* — registo de refrescamento) é um registo de oito bits que se destina a facilitar a utilização das chamadas memórias dinâmicas (o *Spectrum* usa dessas memórias), que necessitam, para manter intacta a informação nelas guardada, de um "refrescamento" pelo menos a cada dois ms.

Os sete *bits* inferiores de R formam um contador que é incrementado de um por cada instrução executada: as primeiras instruções incrementam-no em mais de uma unidade. O *bit* 7, que não participa na contagem, mantém o seu valor — se for inicialmente zero, continua zero; se for um continua sempre um, até ser mudado por meio de LD R,A. De facto, se em algum ponto de um programa houver uma instrução LD A,R, é pouco provável que se esqueça saber antes para onde o valor que A irá conter, ao ser executada a instrução.

Embora destinado essencialmente ao refrescamento da memória, é possível usar este registo para obter um número a random entre 0 e 127, ou entre 128 e 255.

\* A instrução *Return from Interrupt*, que tem a mesma acção que RET, tem por finalidade terminar as rotinas de interrupção, no modo 2. O seu código é reconhecido por certos periféricos, que ficam a saber desta maneira que o processador está livre para aceitar novas interrupções. Isto é necessário se for preciso atender interrupções de prioridade diferentes (no *Spectrum* não tem utilidade).

\* Interrupções NMI. Estas interrupções são sempre atendidas, independentemente

do *flag* IFF1 — podem ocorrer, portanto, dentro de outras rotinas de interrupção. Destina-se a forçar o atendimento a acontecimentos que requerem obrigatoriamente o sem demora a atenção do processador — como por exemplo, falhas no alimentação, tentativas de acesso a zonas protegidas da memória, etc.

Ao ser recebida uma destas interrupções, o processador executa o equivalente a um RST, mas para o endereço 00h, onde deve estar a rotina correspondente.

Para evitar a interferência de outras interrupções (exceto as NMI, é o caso) o *flag* IFF1 é posto a zero. No entanto, uma vez que, ao ser atendido esta interrupção, o processador podia estar num estado em que as interrupções normais eram autorizadas, ou proibidas, isto é, IFF1 podia ter um ou zero, para permitir o restabelecimento total do estado do processador, é guardada uma cópia no valor inicial de IFF1 num outro *flip flop*, chamado IFF2. Uma vez concluída a rotina da interrupção, se for conveniente (por vezes não é, nos casos em que o motivo que provoca a interrupção torna impossível a continuação da operação normal), é possível restabelecer o estado anterior de IFF1 por meio da instrução RETN (*Return from non maskable interrupt*), que provoca o retorno após ter copiado o *flag* IFF2 para IFF1.

Em resumo: a instrução EI torna IFF1 e IFF2 iguais a um. A instrução DI, ou o reconhecimento de uma interrupção normal, torna-os ambos iguais a zero. O atendimento de um NMI faz IFF1 igual a zero, sem afectar IFF2. A execução de RETN provoca, além do retorno, a cópia de IFF2 para IFF1. O valor de IFF2 pode ser testado pelas instruções LD A,I ou LD A,R — este *flag* é copiado para o *flag* IV.

No *Spectrum*, as instruções NMI não são utilizadas pelo *hardware* nem são utilizáveis externamente, devido a um erro na ROM. Sugestão: examinemos a ROM a partir do endereço 66 hex — 102d para ver se descobrimos o erro. Note-se também que a rotina NMI termina por RETN.

\* Um assunto importante que o autor não abordou é o dos tempos de execução das várias instruções, necessários, em muitos casos, para determinar o tempo exacto de execução de certas sequências de instruções.

O processador Z80 "mede" o tempo por meio de um sinal exterior — o *clock* — proveniente de um oscilador (controlado a quartzo usualmente), aplicado ao *pin* *clock*. Os tempos de execução das instruções dependem da própria instrução, que demora sempre um certo número de *ciclos clock* e da frequência deste sinal *clock*. Para calcular em microssegundos o tempo de execução de uma instrução, basta dividir o número de *ciclos de clock* em MHz.

No Z80, as instruções mais rápidas demoram quatro *ciclos de clock* e as mais lentas, vinte e três (sem falar das "automáticas"). É interessante notar que não existe relação directa entre o número de *bytes* de uma instrução e o seu tempo de execução. Assim, por exemplo, a instrução LD IX,0, de quatro *bytes* (LD 21 00 00), demora 14 *ciclos de clock*, enquanto que a instrução EX (SP),HL, de um *byte* (ED), demora 19 *ciclos*.

A excepção de cada instrução estende-se por certo número de "ciclos máquina" — entre um e seis, cada um deles demandando vários *ciclos de clock*.

O "ciclo máquina" fundamental é o que lê a instrução a executar da memória. Este ciclo, chamado M1, demora quatro *ciclos de clock*, sendo os dois primeiros ocupados na leitura da instrução da memória e os dois últimos na decodificação e

eventual execução dessa instrução. (Simultaneamente nestes últimos ciclos ocorre um 'refrescamento' da memória, sendo o registo R incrementado.) No caso de a instrução lida ser um *só byte*, e se a sua execução pode ser completada durante a segunda parte do ciclo M1, não havendo necessidade de acudir à memória, a instrução completa nemora apenas os quatro ciclos de *clock* do ciclo M1.

É este o caso de instruções como LD (registo, registo (do oito bits) excepto I e R, por exemplo.

Se as instruções obrigarem à transferência de informação de e para a memória, ao ciclo M1 juntam-se ciclos suplementares, de três ciclos de *clock* por cada *byte* transferido — por exemplo, ADD A,n ou SUB (HL, demonstram sete ciclos de *clock*: quatro do ciclo M1 e mais três para transferir o *byte* suplementar. Por vezes, além dos ciclos impostos pelas transferências com a memória, a execução de uma instrução exige ciclos internos suplementares para se efectuar. É o caso, por exemplo, de JR C,n: se *carry* igual a zero, a instrução demora, como seria de esperar, sete ciclos *clock*; se *carry* igual a um, no entanto, o número de ciclos passa a ser de 12 — isto porque é necessário adicionar o número n ao *program counter*, o que requer cinco ciclos adicionais. Na tabela em apêndice encontram-se os tempos de execução de todas as instruções do processador.

## CAPÍTULO 13

Os endereços indicados são diferentes dos do original. O autor não se apercebeu de que o programa não funciona correctamente abaixo de 8000, indicando para endereço original 8000; inverte o programa com os endereços alterados, começando em 1000. Isto significa que os possesores do Spectrum de 16 K não conseguirão fazê-lo funcionar correctamente.

## CAPÍTULO 14

O autor certamente não em a falar a sério. Convém desenvolver a técnica de programação de forma a conseguir obter o máximo proveito dos recursos aí postos a alcance sem impor limitações desnecessárias. Nesse caso, o emprego injustificado de DI poderá vir a impôr a um desenvolvimento frutífero do programa (por exemplo, um que, sendo capaz de suportar com avanço as possíveis respostas do adversário, utilize as RAMDIS para impor um tempo máximo de resposta). Convém também ter em conta a generalidade da técnica desenvolvida — se no Spectrum é possível fazer DI sem grandes problemas, nem imagine isso se passa em sistemas mais complexos. Dá-se mesmo o caso, em certos processadores de 16 bits, como o 28389 ou MCY8050, de as instruções equivalentes a DI e EI não sequer serem permitidas a um programa de utilizador, sendo reservadas aos programas de sistema (a propósito: o novo computador Sinclair, o QL, utiliza o processador 68008, que é essencialmente o MC 68000).

Estes apêndices destinam-se a proporcionar uma referência rápida e fácil a um grande número de informações úteis.

Podemos encontrar no Capítulo Oito uma lista minuciosa do efeito preciso de cada instrução Z80. Este deve ser tratado como um apêndice separado.

Os apêndices são os seguintes:

- APÊNDICE UM — Uma tabela de conversão hexadecimal/desimal e vice-versa e outra tabela de conversão hexadecimal/binário e vice-versa.
- APÊNDICE DOIS — As variáveis do sistema.
- APÊNDICE TRÊS — Uma tabela de conversão de hex para *assembly*.
- APÊNDICE QUATRO — Uma tabela de conversão de *assembly* para hex, incluindo o efeito de cada instrução nos *flags*.
- APÊNDICE CINCO — O conjunto de parâmetros do *Spectrum*.
- APÊNDICE SEIS — Significado de alguns dos códigos dos bytes de dados utilizados a seguir a RST 28.

# APÊNDICE UM

	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
0	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
1	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29
2	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39	40	41	42	43
3	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54	55	56	57
4	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71
5	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85
6	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99
7	100	101	102	103	104	105	106	107	108	109	110	111	112	113
8	114	115	116	117	118	119	120	121	122	123	124	125	126	127
9	128	129	130	131	132	133	134	135	136	137	138	139	140	141
A	142	143	144	145	146	147	148	149	150	151	152	153	154	155
B	156	157	158	159	160	161	162	163	164	165	166	167	168	169
C	170	171	172	173	174	175	176	177	178	179	180	181	182	183
D	184	185	186	187	188	189	190	191	192	193	194	195	196	197
E	198	199	200	201	202	203	204	205	206	207	208	209	210	211
F	212	213	214	215	216	217	218	219	220	221	222	223	224	225

	2	3	4	5	6	7	8	9	A	B	C	D	E	F
0	-128	-127	-126	-125	-124	-123	-122	-121	-120	-119	-118	-117	-116	-115
1	-114	-113	-112	-111	-110	-109	-108	-107	-106	-105	-104	-103	-102	-101
2	-100	-99	-98	-97	-96	-95	-94	-93	-92	-91	-90	-89	-88	-87
3	-86	-85	-84	-83	-82	-81	-80	-79	-78	-77	-76	-75	-74	-73
4	-72	-71	-70	-69	-68	-67	-66	-65	-64	-63	-62	-61	-60	-59
5	-58	-57	-56	-55	-54	-53	-52	-51	-50	-49	-48	-47	-46	-45
6	-44	-43	-42	-41	-40	-39	-38	-37	-36	-35	-34	-33	-32	-31
7	-30	-29	-28	-27	-26	-25	-24	-23	-22	-21	-20	-19	-18	-17
8	-16	-15	-14	-13	-12	-11	-10	-9	-8	-7	-6	-5	-4	-3
9	-2	-1	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
A	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25
B	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39
C	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53
D	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67
E	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81
F	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95

0	0000
1	0001
2	0010
3	0011
4	0100
5	0101
6	0110
7	0111
8	1000
9	1001
A	1010
B	1011
C	1100
D	1101
E	1110
F	1111

# APÊNDICE DOIS

Decimal	Hex	Nome
25502	5000	0x-00
25503	5001	LAST_F
25504	5002	REPDEL
25505	5003	REPDEL
25506	5004	REPDEL
25507	5005	REPDEL
25508	5006	REPDEL
25509	5007	REPDEL
25510	5008	REPDEL
25511	5009	REPDEL
25512	500A	REPDEL
25513	500B	REPDEL
25514	500C	REPDEL
25515	500D	REPDEL
25516	500E	REPDEL
25517	500F	REPDEL
25518	5010	REPDEL
25519	5011	REPDEL
25520	5012	REPDEL
25521	5013	REPDEL
25522	5014	REPDEL
25523	5015	REPDEL
25524	5016	REPDEL
25525	5017	REPDEL
25526	5018	REPDEL
25527	5019	REPDEL
25528	501A	REPDEL
25529	501B	REPDEL
25530	501C	REPDEL
25531	501D	REPDEL
25532	501E	REPDEL
25533	501F	REPDEL
25534	5020	REPDEL
25535	5021	REPDEL
25536	5022	REPDEL
25537	5023	REPDEL
25538	5024	REPDEL
25539	5025	REPDEL
25540	5026	REPDEL
25541	5027	REPDEL
25542	5028	REPDEL
25543	5029	REPDEL
25544	502A	REPDEL
25545	502B	REPDEL
25546	502C	REPDEL
25547	502D	REPDEL
25548	502E	REPDEL
25549	502F	REPDEL
25550	5030	REPDEL
25551	5031	REPDEL
25552	5032	REPDEL
25553	5033	REPDEL
25554	5034	REPDEL
25555	5035	REPDEL
25556	5036	REPDEL
25557	5037	REPDEL
25558	5038	REPDEL
25559	5039	REPDEL
25560	503A	REPDEL
25561	503B	REPDEL
25562	503C	REPDEL
25563	503D	REPDEL
25564	503E	REPDEL
25565	503F	REPDEL
25566	5040	REPDEL
25567	5041	REPDEL
25568	5042	REPDEL
25569	5043	REPDEL
25570	5044	REPDEL
25571	5045	REPDEL
25572	5046	REPDEL
25573	5047	REPDEL
25574	5048	REPDEL
25575	5049	REPDEL
25576	504A	REPDEL
25577	504B	REPDEL
25578	504C	REPDEL
25579	504D	REPDEL
25580	504E	REPDEL
25581	504F	REPDEL
25582	5050	REPDEL
25583	5051	REPDEL
25584	5052	REPDEL
25585	5053	REPDEL
25586	5054	REPDEL
25587	5055	REPDEL
25588	5056	REPDEL
25589	5057	REPDEL
25590	5058	REPDEL
25591	5059	REPDEL
25592	505A	REPDEL
25593	505B	REPDEL
25594	505C	REPDEL
25595	505D	REPDEL
25596	505E	REPDEL
25597	505F	REPDEL
25598	5060	REPDEL
25599	5061	REPDEL
25600	5062	REPDEL
25601	5063	REPDEL
25602	5064	REPDEL
25603	5065	REPDEL
25604	5066	REPDEL
25605	5067	REPDEL
25606	5068	REPDEL
25607	5069	REPDEL
25608	506A	REPDEL
25609	506B	REPDEL
25610	506C	REPDEL
25611	506D	REPDEL
25612	506E	REPDEL
25613	506F	REPDEL
25614	5070	REPDEL
25615	5071	REPDEL
25616	5072	REPDEL
25617	5073	REPDEL
25618	5074	REPDEL
25619	5075	REPDEL
25620	5076	REPDEL
25621	5077	REPDEL
25622	5078	REPDEL
25623	5079	REPDEL
25624	507A	REPDEL
25625	507B	REPDEL
25626	507C	REPDEL
25627	507D	REPDEL
25628	507E	REPDEL
25629	507F	REPDEL
25630	5080	REPDEL
25631	5081	REPDEL
25632	5082	REPDEL
25633	5083	REPDEL
25634	5084	REPDEL
25635	5085	REPDEL
25636	5086	REPDEL
25637	5087	REPDEL
25638	5088	REPDEL
25639	5089	REPDEL
25640	508A	REPDEL
25641	508B	REPDEL
25642	508C	REPDEL
25643	508D	REPDEL
25644	508E	REPDEL
25645	508F	REPDEL
25646	5090	REPDEL
25647	5091	REPDEL
25648	5092	REPDEL
25649	5093	REPDEL
25650	5094	REPDEL
25651	5095	REPDEL
25652	5096	REPDEL
25653	5097	REPDEL
25654	5098	REPDEL
25655	5099	REPDEL
25656	509A	REPDEL
25657	509B	REPDEL
25658	509C	REPDEL
25659	509D	REPDEL
25660	509E	REPDEL
25661	509F	REPDEL
25662	50A0	REPDEL
25663	50A1	REPDEL
25664	50A2	REPDEL
25665	50A3	REPDEL
25666	50A4	REPDEL
25667	50A5	REPDEL
25668	50A6	REPDEL
25669	50A7	REPDEL
25670	50A8	REPDEL
25671	50A9	REPDEL
25672	50AA	REPDEL
25673	50AB	REPDEL
25674	50AC	REPDEL
25675	50AD	REPDEL
25676	50AE	REPDEL
25677	50AF	REPDEL
25678	50B0	REPDEL
25679	50B1	REPDEL
25680	50B2	REPDEL
25681	50B3	REPDEL
25682	50B4	REPDEL
25683	50B5	REPDEL
25684	50B6	REPDEL
25685	50B7	REPDEL
25686	50B8	REPDEL
25687	50B9	REPDEL
25688	50BA	REPDEL
25689	50BB	REPDEL
25690	50BC	REPDEL
25691	50BD	REPDEL
25692	50BE	REPDEL
25693	50BF	REPDEL
25694	50C0	REPDEL
25695	50C1	REPDEL
25696	50C2	REPDEL
25697	50C3	REPDEL
25698	50C4	REPDEL
25699	50C5	REPDEL
25700	50C6	REPDEL
25701	50C7	REPDEL
25702	50C8	REPDEL
25703	50C9	REPDEL
25704	50CA	REPDEL
25705	50CB	REPDEL
25706	50CC	REPDEL
25707	50CD	REPDEL
25708	50CE	REPDEL
25709	50CF	REPDEL
25710	50D0	REPDEL
25711	50D1	REPDEL
25712	50D2	REPDEL
25713	50D3	REPDEL
25714	50D4	REPDEL
25715	50D5	REPDEL
25716	50D6	REPDEL
25717	50D7	REPDEL
25718	50D8	REPDEL
25719	50D9	REPDEL
25720	50DA	REPDEL
25721	50DB	REPDEL
25722	50DC	REPDEL
25723	50DD	REPDEL
25724	50DE	REPDEL
25725	50DF	REPDEL
25726	50E0	REPDEL
25727	50E1	REPDEL
25728	50E2	REPDEL
25729	50E3	REPDEL
25730	50E4	REPDEL
25731	50E5	REPDEL
25732	50E6	REPDEL
25733	50E7	REPDEL
25734	50E8	REPDEL
25735	50E9	REPDEL
25736	50EA	REPDEL
25737	50EB	REPDEL
25738	50EC	REPDEL
25739	50ED	REPDEL
25740	50EE	REPDEL
25741	50EF	REPDEL
25742	50F0	REPDEL
25743	50F1	REPDEL
25744	50F2	REPDEL
25745	50F3	REPDEL
25746	50F4	REPDEL
25747	50F5	REPDEL
25748	50F6	REPDEL
25749	50F7	REPDEL
25750	50F8	REPDEL
25751	50F9	REPDEL
25752	50FA	REPDEL
25753	50FB	REPDEL
25754	50FC	REPDEL
25755	50FD	REPDEL
25756	50FE	REPDEL
25757	50FF	REPDEL
25758	5100	REPDEL
25759	5101	REPDEL
25760	5102	REPDEL

[illegible]

270	5.045	03	2	Adição de linha de linha corrente a ser executada.
271	5.051	19	2	Programa de início de fase de programa BASIC.
272	5.052	16	1	End. de fase de implementação p. 1, PRINT da parte da fase ser 999.
273	5.053	57	1	Muito Baixa.
274	5.054	45	1	Coordenada X da posição de lançamento L (PRINT).
275	5.055	74	2	Endereço de linha de fase de lançamento de RAM.
276	5.056	70	2	Programa de início de fase de lançamento de RAM.
277	5.057	78	1	Endereço de lançamento de RAM.
278	5.058	08	1	Dados para a fase de lançamento de RAM.
279	5.059	20	1	Dados para a fase de lançamento de RAM.
280	5.060	35	1	Endereço de lançamento de RAM.
281	5.061	47	1	Dados para a fase de lançamento de RAM.
282	5.062	75	2	Endereço de lançamento de RAM.
283	5.063	29	2	Endereço de lançamento de RAM.
284	5.064	28	2	Endereço de lançamento de RAM.
285	5.065	38	2	Endereço de lançamento de RAM.
286	5.066	66	26	Endereço de lançamento de RAM.
287	5.067	07	1	Endereço de lançamento de RAM.
288	5.068	63	2	Endereço de lançamento de RAM.
289	5.069	30	2	Endereço de lançamento de RAM.
290	5.070	54	2	Endereço de lançamento de RAM.
291	5.071	74	2	Endereço de lançamento de RAM.
292	5.072	02	1	Endereço de lançamento de RAM.
293	5.073	34	2	Endereço de lançamento de RAM.
294	5.074	1	2	Endereço de lançamento de RAM.
295	5.075	27	2	Endereço de lançamento de RAM.
296	5.076	25	2	Endereço de lançamento de RAM.

\*As coordenadas são consideradas em contagem — por exemplo, a primeira coordenada é 243 menos o número de linhas e a segunda coordenada é 330 menos o número de colunas. Essas duas coordenadas são, à priori, guardadas pelo sistema IWBeta no 2017 dos valores de do sistema assim como todos as quantidades de dois bits.

# APENDICE TRÈS

0	1	2	3	4	5	6	7
0	00	01	02	03	04	05	06
1	07	08	09	10	11	12	13
2	14	15	16	17	18	19	20
3	21	22	23	24	25	26	27
4	28	29	30	31	32	33	34
5	35	36	37	38	39	40	41
6	42	43	44	45	46	47	48
7	49	50	51	52	53	54	55
8	56	57	58	59	60	61	62
9	63	64	65	66	67	68	69
10	70	71	72	73	74	75	76
11	77	78	79	80	81	82	83
12	84	85	86	87	88	89	90
13	91	92	93	94	95	96	97
14	98	99					

0	1	2	3	4	5	6	7
0	00	01	02	03	04	05	06
1	07	08	09	10	11	12	13
2	14	15	16	17	18	19	20
3	21	22	23	24	25	26	27
4	28	29	30	31	32	33	34
5	35	36	37	38	39	40	41
6	42	43	44	45	46	47	48
7	49	50	51	52	53	54	55
8	56	57	58	59	60	61	62
9	63	64	65	66	67	68	69
10	70	71	72	73	74	75	76
11	77	78	79	80	81	82	83
12	84	85	86	87	88	89	90
13	91	92	93	94	95	96	97
14	98	99					

0	1	2	3	4	5	6	7
0	00	01	02	03	04	05	06
1	07	08	09	10	11	12	13
2	14	15	16	17	18	19	20
3	21	22	23	24	25	26	27
4	28	29	30	31	32	33	34
5	35	36	37	38	39	40	41
6	42	43	44	45	46	47	48
7	49	50	51	52	53	54	55
8	56	57	58	59	60	61	62
9	63	64	65	66	67	68	69
10	70	71	72	73	74	75	76
11	77	78	79	80	81	82	83
12	84	85	86	87	88	89	90
13	91	92	93	94	95	96	97
14	98	99					

0	1	2	3	4	5	6	7
0	00	01	02	03	04	05	06
1	07	08	09	10	11	12	13
2	14	15	16	17	18	19	20
3	21	22	23	24	25	26	27
4	28	29	30	31	32	33	34
5	35	36	37	38	39	40	41
6	42	43	44	45	46	47	48
7	49	50	51	52	53	54	55
8	56	57	58	59	60	61	62
9	63	64	65	66	67	68	69
10	70	71	72	73	74	75	76
11	77	78	79	80	81	82	83
12	84	85	86	87	88	89	90
13	91	92	93	94	95	96	97
14	98	99					

# APÊNDICE QUATRO

Este tabelo mostra, por a, o código mnemônico e o nome de cada instrução, logo as instruções de 9 a 26 de seus códigos hexadecimais e duas palavras-labels (1 e-label e 2-label). Nesse caso, o código apropriado encontra-se no tabelo de dados. Este apêndice indica também o flag afetado por cada instrução. Os símbolos utilizados para este efeito são os seguintes: S e P.

- S: O flag não é afetado pela instrução.
- P: O flag é alterado da maneira que se pode esperar.
- A: O flag permanece sem.
- I: O flag permanece em.
- Z: O flag é alterado de modo irreversível.
- X: Causa operação sem efeito, sem explicação.

INSTRUCOES		FLAG				INSTRUCOES		FLAG			
Código	Nome	S	Z	P	X	Código	Nome	S	Z	P	X
ADD A, P	ADDP 1	0	0	0	0	BALD	7E	-	-	-	-
ADD B, P	ADBP 2	0	0	0	0	CM 0	CM 0	-	-	-	-
ADD C, P	ADCP 1	0	0	0	0	CM 1	CM 1	-	-	-	-
ADD D, P	ADDP 2	-	0	0	0	CM 2	CM 2	-	-	-	-
ADD E, X, A	ADDP 3	-	0	0	0	CM 3	CM 3	-	-	-	-
ADD E, X, B	ADDP 4	-	0	0	0	CM 4	CM 4	-	-	-	-
ADD E, X, C	ADDP 5	-	0	0	0	CM 5	CM 5	-	-	-	-
ADD E, X, D	ADDP 6	-	0	0	0	CM 6	CM 6	-	-	-	-
ADD E, X, E	ADDP 7	-	0	0	0	CM 7	CM 7	-	-	-	-
ADD E, X, F	ADDP 8	-	0	0	0	CM 8	CM 8	-	-	-	-
ADD E, X, G	ADDP 9	-	0	0	0	CM 9	CM 9	-	-	-	-
ADD E, X, H	ADDP 10	-	0	0	0	CM 10	CM 10	-	-	-	-
ADD E, X, I	ADDP 11	-	0	0	0	CM 11	CM 11	-	-	-	-
ADD E, X, J	ADDP 12	-	0	0	0	CM 12	CM 12	-	-	-	-
ADD E, X, K	ADDP 13	-	0	0	0	CM 13	CM 13	-	-	-	-
ADD E, X, L	ADDP 14	-	0	0	0	CM 14	CM 14	-	-	-	-
ADD E, X, M	ADDP 15	-	0	0	0	CM 15	CM 15	-	-	-	-
ADD E, X, N	ADDP 16	-	0	0	0	CM 16	CM 16	-	-	-	-
ADD E, X, O	ADDP 17	-	0	0	0	CM 17	CM 17	-	-	-	-
ADD E, X, P	ADDP 18	-	0	0	0	CM 18	CM 18	-	-	-	-
ADD E, X, Q	ADDP 19	-	0	0	0	CM 19	CM 19	-	-	-	-
ADD E, X, R	ADDP 20	-	0	0	0	CM 20	CM 20	-	-	-	-
ADD E, X, S	ADDP 21	-	0	0	0	CM 21	CM 21	-	-	-	-
ADD E, X, T	ADDP 22	-	0	0	0	CM 22	CM 22	-	-	-	-
ADD E, X, U	ADDP 23	-	0	0	0	CM 23	CM 23	-	-	-	-
ADD E, X, V	ADDP 24	-	0	0	0	CM 24	CM 24	-	-	-	-
ADD E, X, W	ADDP 25	-	0	0	0	CM 25	CM 25	-	-	-	-
ADD E, X, X	ADDP 26	-	0	0	0	CM 26	CM 26	-	-	-	-
ADD E, X, Y	ADDP 27	-	0	0	0	CM 27	CM 27	-	-	-	-
ADD E, X, Z	ADDP 28	-	0	0	0	CM 28	CM 28	-	-	-	-
ADD E, X, A	ADDP 29	-	0	0	0	CM 29	CM 29	-	-	-	-
ADD E, X, B	ADDP 30	-	0	0	0	CM 30	CM 30	-	-	-	-
ADD E, X, C	ADDP 31	-	0	0	0	CM 31	CM 31	-	-	-	-
ADD E, X, D	ADDP 32	-	0	0	0	CM 32	CM 32	-	-	-	-
ADD E, X, E	ADDP 33	-	0	0	0	CM 33	CM 33	-	-	-	-
ADD E, X, F	ADDP 34	-	0	0	0	CM 34	CM 34	-	-	-	-
ADD E, X, G	ADDP 35	-	0	0	0	CM 35	CM 35	-	-	-	-
ADD E, X, H	ADDP 36	-	0	0	0	CM 36	CM 36	-	-	-	-
ADD E, X, I	ADDP 37	-	0	0	0	CM 37	CM 37	-	-	-	-
ADD E, X, J	ADDP 38	-	0	0	0	CM 38	CM 38	-	-	-	-
ADD E, X, K	ADDP 39	-	0	0	0	CM 39	CM 39	-	-	-	-
ADD E, X, L	ADDP 40	-	0	0	0	CM 40	CM 40	-	-	-	-
ADD E, X, M	ADDP 41	-	0	0	0	CM 41	CM 41	-	-	-	-
ADD E, X, N	ADDP 42	-	0	0	0	CM 42	CM 42	-	-	-	-
ADD E, X, O	ADDP 43	-	0	0	0	CM 43	CM 43	-	-	-	-
ADD E, X, P	ADDP 44	-	0	0	0	CM 44	CM 44	-	-	-	-
ADD E, X, Q	ADDP 45	-	0	0	0	CM 45	CM 45	-	-	-	-
ADD E, X, R	ADDP 46	-	0	0	0	CM 46	CM 46	-	-	-	-
ADD E, X, S	ADDP 47	-	0	0	0	CM 47	CM 47	-	-	-	-
ADD E, X, T	ADDP 48	-	0	0	0	CM 48	CM 48	-	-	-	-
ADD E, X, U	ADDP 49	-	0	0	0	CM 49	CM 49	-	-	-	-
ADD E, X, V	ADDP 50	-	0	0	0	CM 50	CM 50	-	-	-	-
ADD E, X, W	ADDP 51	-	0	0	0	CM 51	CM 51	-	-	-	-
ADD E, X, X	ADDP 52	-	0	0	0	CM 52	CM 52	-	-	-	-
ADD E, X, Y	ADDP 53	-	0	0	0	CM 53	CM 53	-	-	-	-
ADD E, X, Z	ADDP 54	-	0	0	0	CM 54	CM 54	-	-	-	-
ADD E, X, A	ADDP 55	-	0	0	0	CM 55	CM 55	-	-	-	-
ADD E, X, B	ADDP 56	-	0	0	0	CM 56	CM 56	-	-	-	-
ADD E, X, C	ADDP 57	-	0	0	0	CM 57	CM 57	-	-	-	-
ADD E, X, D	ADDP 58	-	0	0	0	CM 58	CM 58	-	-	-	-
ADD E, X, E	ADDP 59	-	0	0	0	CM 59	CM 59	-	-	-	-
ADD E, X, F	ADDP 60	-	0	0	0	CM 60	CM 60	-	-	-	-
ADD E, X, G	ADDP 61	-	0	0	0	CM 61	CM 61	-	-	-	-
ADD E, X, H	ADDP 62	-	0	0	0	CM 62	CM 62	-	-	-	-
ADD E, X, I	ADDP 63	-	0	0	0	CM 63	CM 63	-	-	-	-
ADD E, X, J	ADDP 64	-	0	0	0	CM 64	CM 64	-	-	-	-
ADD E, X, K	ADDP 65	-	0	0	0	CM 65	CM 65	-	-	-	-
ADD E, X, L	ADDP 66	-	0	0	0	CM 66	CM 66	-	-	-	-
ADD E, X, M	ADDP 67	-	0	0	0	CM 67	CM 67	-	-	-	-
ADD E, X, N	ADDP 68	-	0	0	0	CM 68	CM 68	-	-	-	-
ADD E, X, O	ADDP 69	-	0	0	0	CM 69	CM 69	-	-	-	-
ADD E, X, P	ADDP 70	-	0	0	0	CM 70	CM 70	-	-	-	-
ADD E, X, Q	ADDP 71	-	0	0	0	CM 71	CM 71	-	-	-	-
ADD E, X, R	ADDP 72	-	0	0	0	CM 72	CM 72	-	-	-	-
ADD E, X, S	ADDP 73	-	0	0	0	CM 73	CM 73	-	-	-	-
ADD E, X, T	ADDP 74	-	0	0	0	CM 74	CM 74	-	-	-	-
ADD E, X, U	ADDP 75	-	0	0	0	CM 75	CM 75	-	-	-	-
ADD E, X, V	ADDP 76	-	0	0	0	CM 76	CM 76	-	-	-	-
ADD E, X, W	ADDP 77	-	0	0	0	CM 77	CM 77	-	-	-	-
ADD E, X, X	ADDP 78	-	0	0	0	CM 78	CM 78	-	-	-	-
ADD E, X, Y	ADDP 79	-	0	0	0	CM 79	CM 79	-	-	-	-
ADD E, X, Z	ADDP 80	-	0	0	0	CM 80	CM 80	-	-	-	-
ADD E, X, A	ADDP 81	-	0	0	0	CM 81	CM 81	-	-	-	-
ADD E, X, B	ADDP 82	-	0	0	0	CM 82	CM 82	-	-	-	-
ADD E, X, C	ADDP 83	-	0	0	0	CM 83	CM 83	-	-	-	-
ADD E, X, D	ADDP 84	-	0	0	0	CM 84	CM 84	-	-	-	-
ADD E, X, E	ADDP 85	-	0	0	0	CM 85	CM 85	-	-	-	-
ADD E, X, F	ADDP 86	-	0	0	0	CM 86	CM 86	-	-	-	-
ADD E, X, G	ADDP 87	-	0	0	0	CM 87	CM 87	-	-	-	-
ADD E, X, H	ADDP 88	-	0	0	0	CM 88	CM 88	-	-	-	-
ADD E, X, I	ADDP 89	-	0	0	0	CM 89	CM 89	-	-	-	-
ADD E, X, J	ADDP 90	-	0	0	0	CM 90	CM 90	-	-	-	-
ADD E, X, K	ADDP 91	-	0	0	0	CM 91	CM 91	-	-	-	-
ADD E, X, L	ADDP 92	-	0	0	0	CM 92	CM 92	-	-	-	-
ADD E, X, M	ADDP 93	-	0	0	0	CM 93	CM 93	-	-	-	-
ADD E, X, N	ADDP 94	-	0	0	0	CM 94	CM 94	-	-	-	-
ADD E, X, O	ADDP 95	-	0	0	0	CM 95	CM 95	-	-	-	-
ADD E, X, P	ADDP 96	-	0	0	0	CM 96	CM 96	-	-	-	-
ADD E, X, Q	ADDP 97	-	0	0	0	CM 97	CM 97	-	-	-	-
ADD E, X, R	ADDP 98	-	0	0	0	CM 98	CM 98	-	-	-	-
ADD E, X, S	ADDP 99	-	0	0	0	CM 99	CM 99	-	-	-	-
ADD E, X, T	ADDP 100	-	0	0	0	CM 100	CM 100	-	-	-	-
ADD E, X, U	ADDP 101	-	0	0	0	CM 101	CM 101	-	-	-	-
ADD E, X, V	ADDP 102	-	0	0	0	CM 102	CM 102	-	-	-	-
ADD E, X, W	ADDP 103	-	0	0	0	CM 103	CM 103	-	-	-	-
ADD E, X, X	ADDP 104	-	0	0	0	CM 104	CM 104	-	-	-	-
ADD E, X, Y	ADDP 105	-	0	0	0	CM 105	CM 105	-	-	-	-
ADD E, X, Z	ADDP 106	-	0	0	0	CM 106	CM 106	-	-	-	-
ADD E, X, A	ADDP 107	-	0	0	0	CM 107	CM 107	-	-	-	-
ADD E, X, B	ADDP 108	-	0	0	0	CM 108	CM 108	-	-	-	-
ADD E, X, C	ADDP 109	-	0	0	0	CM 109	CM 109	-	-	-	-
ADD E, X, D	ADDP 110	-	0	0	0	CM 110	CM 110	-	-	-	-
ADD E, X, E	ADDP 111	-	0	0	0	CM 111	CM 111	-	-	-	-
ADD E, X, F	ADDP 112	-	0	0	0	CM 112	CM 112	-	-	-	-
ADD E, X, G	ADDP 113	-	0	0	0	CM 113	CM 113	-	-	-	-
ADD E, X, H	ADDP 114	-	0	0	0	CM 114	CM 114	-	-	-	-
ADD E, X, I	ADDP 115	-	0	0	0	CM 115	CM 115	-	-	-	-
ADD E, X, J	ADDP 116	-	0	0	0	CM 116	CM 116	-	-	-	-
ADD E, X, K	ADDP 117	-	0	0	0	CM 117	CM 117	-	-	-	-
ADD E, X, L	ADDP 118	-	0	0	0	CM 118	CM 118	-	-	-	-
ADD E, X, M	ADDP 119	-	0	0	0	CM 119	CM 119	-	-	-	-
ADD E, X, N	ADDP 120	-	0	0	0	CM 120	CM 120	-	-	-	-
ADD E, X, O	ADDP 121	-	0	0	0	CM 121	CM 121	-	-	-	-
ADD E, X, P	ADDP 122	-	0	0	0	CM 122	CM 122	-	-	-	-
ADD E, X, Q	ADDP 123	-	0	0	0	CM 123	CM 123	-	-	-	-
ADD E, X, R	ADDP 124	-	0	0	0	CM 124	CM 124	-	-	-	-
ADD E, X, S	ADDP 125	-	0	0	0	CM 125	CM 125	-	-	-	-
ADD E, X, T	ADDP 126	-	0	0	0	CM 126	CM 126	-	-	-	-
ADD E, X, U	ADDP 127	-	0	0	0	CM 127	CM 127	-	-	-	-
ADD E, X, V	ADDP 128	-	0	0	0	CM 128	CM 128	-	-	-	-
ADD E, X, W	ADDP 129	-	0	0	0	CM 129	CM 129	-	-	-	-
ADD E, X, X	ADDP 130	-	0	0	0	CM 130	CM 130	-	-	-	-
ADD E, X, Y	ADDP 131	-	0	0	0	CM 131	CM 131	-	-	-	-
ADD E, X, Z	ADDP 132	-	0	0	0	CM 132	CM 132	-	-	-	-
ADD E, X, A	ADDP 133	-	0	0	0	CM 133	CM 133	-	-	-	-
ADD E, X, B	ADDP 134	-	0	0	0	CM 134	CM 134	-	-	-	-
ADD E, X, C	ADDP 135	-	0	0	0	CM 135	CM 135	-	-	-	-
ADD E, X, D	ADDP 136	-	0	0	0	CM 136	CM 136	-	-	-	-
ADD E, X, E	ADDP 137	-	0	0							





# APÊNDICE CINCO

Cada carácter de controle — isto é, cada carácter cujo código se encontre entre 00 e 1F — tem dois sentidos diferentes: o controle INPUT (como é lido por INKEYS) e o controle OUTPUT (como é dado por PRINT). Por vezes estas duas coincidem (exemplo, CR) mas, em geral, isto não se passa. Esta tabela apresenta as funções tanto em INPUT como em OUTPUT de cada um dos caracteres de controle.

Abreviações: bs significa «ambos os shifts juntos seguidos de...»  
cs significa «caps shift simultaneamente com...»  
ss significa «symbol shift simultaneamente com...»

CÓDIGO	CONTROLE INPUT		CONTROLE OUTPUT
	COMO SE OBTÉM	SIGNIFICADO	ESCRITO COMO
00	bs cs 8	flash «desligado»	?
01	bs cs 9	flash «ligado»	?
02	bs 8	brilho «desligado»	?
03	bs 9	brilho «ligado»	?
04	cs 3	cores «verdadeiras»	?
05	cs 4	cores «inventadas»	?
06	cs 2	caps lock (só malúsc.)	controle de vírgula tt
07	cs 1	edit	?
08	cs 5	cursor à esquerda	backspace
09	cs 6	cursor à direita	cores comentas
0A	cs 6	cursor para baixo	?
0B	cs 7	cursor para cima	?
0C	cs 8	delete	?
0D	enter	enter	newline (ou CR)
0E†	bs	controle-E	?
0F	cs 9	gráfico	?
10	bs 8	fundo preto	controle INK*
11	bs 1	fundo azul	controle PAPER*
12	bs 2	fundo vermelho	controle FLASH*
13	bs 3	fundo magenta	controle BRIGHT*
14	bs 4	fundo verde	controle INVERSE*
15	bs 5	fundo cyan	controle OVER*
16	bs 6	fundo amarelo	controle AT**
17	bs 7	fundo branco	controle TAB**
18	bs cs 8	tinta preta	?
19	bs cs 1	tinta azul	?
1A	bs cs 2	tinta vermelha	?
1B	bs cs 3	tinta magenta	?
1C	bs cs 4	tinta verde	?
1D	bs cs 5	tinta cyan	?
1E	bs cs 6	tinta amarela	?
1F	bs cs 7	tinta branca	?

† O byte OE, quando ocorre numa listagem de programa BASIC, é interpretado como significando «seguir-se agora cinco bytes de dados». O byte OE e os primeiros cinco bytes imediatamente a seguir tornam-se-ão inválidos numa listagem.

tt O byte 06 (controle de vírgula) pode entrar directamente a partir do teclado, fazendo-se bs 5 cs 6 (fundo amarelo seguido de DELETE).

\* Necessita de um byte de dados adicional a seguir.

\*\* Necessita de dois bytes de dados adicionais a seguir.

Os caracteres cujos códigos se encontram entre 20 e 7F são o conjunto de caracteres ASCII standard\*. Estes são listados na tabela abaixo. Note que o símbolo correspondente ao código 20 é space.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	A	B	C	D	E	F
1	1	2	3	4	5	6	7	8	9	A	B	C	D	E	F
2	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24
3	25	26	27	28	29	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39
4	40	41	42	43	44	45	46	47	48	49	50	51	52	53	54
5	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69
6	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84
7	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99

Os códigos restantes são códigos gráficos ou tokens que escrevem palavras completas. São os que se seguem:

80	gráfico	B	A5	RND	10	BIASE	
81	gráfico	1	A6	INKEY	05	OPEN	
82	gráfico	2	A7	P1	04	CLOSE	
83	gráfico	3	A8	P0	05	MERGE	
84	gráfico	4	A9	POINT	06	VERIFY	
85	gráfico	5	AA	SCREEN	07	BEEP	
86	gráfico	6	AB	ATTN	08	CIRCLE	
87	gráfico	7	AC	AT	09	INC	
88	gráfico	tecla 7	AD	TAB	1A	PAP10	
89	gráfico	tecla 6	AE	VALD	1B	PLASH	
9A	gráfico	tecla 5	AF	CODE	1C	BRIGHT	
9B	gráfico	tecla 4	BO	VAL	1D	INVERSE	
9C	gráfico	tecla 3	B1	LEN	1E	OUT	
9D	gráfico	tecla 2	B2	SIN	1F	CPY	
9E	gráfico	tecla 1	B3	COS	10	LPRINT	
9F	gráfico	tecla 8	B4	TAN	11	LLIST	
			B5	ASN	12	STOP	
90	gráfico	A	B6	ACS	13	READ	
91	gráfico	B	B7	ATN	14	DATA	
92	gráfico	C	B8	LN	15	RESTORE	
93	gráfico	D	B9	EXP	16	NEM	tecla A
94	gráfico	E	BA	INT	17	BOXEND	tecla B
95	gráfico	F	BB	SQR	18	CONTINUE	tecla C
96	gráfico	G	BC	SGN	19	DEM	tecla D
97	gráfico	H	BD	ANG	1A	REM	tecla E
98	gráfico	I	BE	PIBX	1B	FOR	tecla F
99	gráfico	J	BF	IM	1C	GO TO	tecla G
9A	gráfico	K	CO	USR	1D	GO SUB	tecla H
9B	gráfico	L	C1	STY	1E	INPPT	tecla I
9C	gráfico	M	C2	CHPT	1F	LOAD	tecla J
9D	gráfico	N	C3	MOT	10	LIST	tecla K
9E	gráfico	O	CA	RIN	11	LET	tecla L
9F	gráfico	P	C4	OR	12	PAUSE	tecla M
A0	gráfico	Q	C5	AND	13	NEXT	tecla N
A1	gráfico	R	C6	<=	14	POKE	tecla O
A2	gráfico	S	C7	>=	15	PRINT	tecla P
A3	gráfico	T	C8	<	16	PLOT	tecla Q
A4	gráfico	U	C9	>	17	RMV	tecla R
			CA	LINE	18	SAVE	tecla S
			CB	TRIN	19	RANDOMIZE	tecla T
			CC	TO	1A	IF	tecla U
			CD	STEP	1B	CLS	tecla V
			CE	DEF FN	1C	DRAW	tecla W
			CF	CAT	1D	CLEAR	tecla X
			CG	FORMAT	1E	NEWTON	tecla Y
			CH	MOVE	1F	COPY	tecla Z

\*Note-se que os códigos de 7F não são identificados.

\*Note-se que os códigos 06 e 7F são não standard.

# APÊNDICE SEIS

A tabela seguinte dá os códigos a usar depois do RST 26, utilizada para manipular a pilha do computador. Os nomes aqui apresentados os códigos que foram convenientemente mencionados neste livro, já que alguns dos nomes são gráficos e abreviações demasiado longos.

01	exchange	Troca os dois itens no topo da pilha.
02	delete	Apaga o item do topo da pilha.
03	subtract	Apaga os dois itens do topo da pilha e empilha o resultado da sua subtracção.
04	and / or	Apaga os dois itens do topo da pilha e empilha o seu produto.
05	divide	Apaga os dois itens do topo da pilha e empilha o resultado da sua divisão.
06	power	Apaga os dois itens do topo da pilha e empilha o resultado de elevar um a potência do outro.
07	add	Apaga os dois itens do topo da pilha e empilha a sua soma.
11	rad	Como 67 mas soma alonga e não normaliza.
12	rad2	Succede ao item do topo da pilha por $\sqrt{2}$ desse item.
13	rad4	Succede ao item do topo da pilha por $\sqrt{4}$ desse item.
14	negate	Succede ao item do topo da pilha pelo simétrico desse número.
15	odd	
16	val	Substitui o item do topo da pilha pelo resultado de função apropriada aplicada a esse item.
17	len	
18	sin	
19	cos	
20	tan	
21	exp	
22	log	
23	exp2	
24	exp4	
25	ln	
26	exp	
27	ln2	
28	exp4	
29	ln4	
30	exp	
31	ln	
32	exp	
33	ln	
34	exp	
35	ln	
36	exp	
37	ln	
38	exp	
39	ln	
40	exp	
41	ln	
42	exp	
43	ln	
44	exp	
45	ln	
46	exp	
47	ln	
48	exp	
49	ln	
50	exp	
51	ln	
52	exp	
53	ln	
54	exp	
55	ln	
56	exp	
57	ln	
58	exp	
59	ln	
60	exp	
61	ln	
62	exp	
63	ln	
64	exp	
65	ln	
66	exp	
67	ln	
68	exp	
69	ln	
70	exp	
71	ln	
72	exp	
73	ln	
74	exp	
75	ln	
76	exp	
77	ln	
78	exp	
79	ln	
80	exp	
81	ln	
82	exp	
83	ln	
84	exp	
85	ln	
86	exp	
87	ln	
88	exp	
89	ln	
90	exp	
91	ln	
92	exp	
93	ln	
94	exp	
95	ln	
96	exp	
97	ln	
98	exp	
99	ln	

A seguir, nesta colecção:

**As 40 Melhores Rotinas em Código Máquina**  
de John Harman e Andrew Hewson